





MEIO SÉCULO  
DE  
BANDEIRISMO



Série 5.ª + BRASILIANA + Vol. <sup>259</sup>   
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

---

ALFREDO ELLIS JUNIOR



# MEIO SÉCULO DE BANDEIRISMO

EDIÇÃO ILUSTRADA

981  
B823  
v. 259

COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
SÃO PAULO

65

1  
1  
m. amt. 200244.  
leaf. book. n. 38539370  
1

52-1016

1948

---

IMPRESSO NOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
Printed in the United States of Brazil

## INTRODUÇÃO

O fenômeno do bandeirismo só foi realizado nesta parte do continente luso-americano (1). Durante século e meio, a gente habitante desta parte da América portuguesa porfiou contra toda uma série de obstáculos na consecução do seu objetivo, que consistia na preação do selvícola e depois no descobrimento de metais preciosos e pedrarias de valor.

O fenômeno do bandeirismo de apresamento só teve termo definitivo quando o ouro foi explorado em terras das gerais, por paulistas, em fins do século seis-

---

(1) Constataram-se surtos esporádicos de entradismo na Bala, cousa profunda e visceralmente diferente. Foram estes de origem oficial, com o que o nome "entradas" é mais característico para as empresas realizadas sob os auspícios da governança; (Calogeras "*Politica Ext. do Imperio*" 80-82; "*Paulistica*", P. Prado; Basilio de Magalhães, "*Expansão Geografica*").

No Maranhão não houve propriamente bandeirismo embora tivesse havido preocupações de apresamento. Este não era objeto de exportação, mas tinha em vista a satisfação das necessidades locais.

Foi uma tendencia determinada pela necessidade braçal, imposta pela agricultura itoranea, não havendo luta, espopeia, ou nome consagrado de herói.

Pedro Teixeira, que em 1639 penetrou no Amazonas, foi autor de um feito esporádico. Não houve aí, industria de apresamento. Não houve exportação de mão de obra.

No Amazonas, os unicos vultos se sobresaindo da sotoplanura da simples coleta, atividade a que se entregavam os povoadores da região, foram apoucados e citam-se poucos, além de Favela, Arnáu de Vilela, etc.

No Nordéste não houve expansão de vulto, causada pelo apresamento e o antagonismo entre Jesuitas e moradores não atingiu às violentas proporções das que o Planalto testemunhou. Essa é a melhor prova!

E' certo que, no Maranhão houve um diminuto apresamento, que é conhecido por descimento, mas essa atividade de pequena escala se fazia notar apenas para satisfazer as precisões braçais da agricultura local e não para fornecer mão de obra para uma exportação de vulto.

centista. Só então, êstes se desviaram da sua vida de apresadores de índios, para se entregarem à mineração dos filões, que haviam descoberto, mas, mesmo assim, o bandeirismo continuou remansoso, em agonia, até cerca de duas ou três décadas depois do início do novo século.

Mais tarde, com a volta de muitos dos mineradores, em razão do enfraquecimento das lavras de além, foi iniciada, em fins do século XVIII e no princípio do XIX, a lavoura de café no planalto paulista, que é, sem dúvida, o maior repositório de esforço agrícola realizado na face do planeta. Esse fenômeno esplendoroso, testemunhador da imensa eficiência de um agregado humano, perdurou por mais de século e meio, e se manifesta, ainda hoje, na extraordinária situação de São Paulo (Ellis, "*A Evolução da Economia Paulista e suas Causas*" Cia. Editora Nacional, série Brasileira) bem como na criação do maior parque industrial da América do Sul. Essa têm sido a evolução histórica do grupo humano planaltino, sempre a demonstrar, em sucessivos capítulos, uma energia descomunal, um espírito de arrojo inimaginável, uma coragem estupenda, um ânimo alevantado e extraordinário, capaz de um esforço físico notável, e uma eficiência magnífica, que se revela a cada iniciativa em que se engolfa.

Têm realizado os demais grupos humanos, idêntica evolução histórica, demonstradora de tão alto potencial?

Si não têm, porquê? (2)

---

(2) Parece-me que isso é inegável. Houve heterogeneidade na Evolução histórica de cada colônia lusa, na América portuguesa.

E' preciso não se esquecer do que o cearense Capistrano de Abreu já dizia no seu "*Capítulos de História Colonial*":

"Cinco grupos ethnographicos, ligados pela comunhão activa da língua e passiva da religião, moldados pelas condições ambientes de cinco regiões diversas, tendo pelas riquezas naturaes da terra um en-



Sim, porque não houve, nas demais regiões da América portuguesa, capítulos épicos duradouros, como o bandeirismo?

Porque não houve, nas demais partes do continente sul-americano, coisa que se assemelhasse à mineração, às descobertas auríferas, à lavoura de café?

Enquanto isso se dava na miserável São Vicente, que se encontrava na mais absoluta sotoplanura econômica e demográfica, os demais luso-coloniais se limitavam a "*arranhar o litoral brasileiro, quais caranguejos*", na expressão pitoresca de frei Vicente do Salvador, que em 1627 escreveu notável trabalho sobre o Brasil colonial, de então.

Sim, porque, enquanto aqui surge a lavoura de café planaltina, os demais blocos continuam nas logomaquias imperiais e na sotoplanura econômica e social em que hoje estão (Ellis, "*A Evolução da Economia*

thustiasmo estrepitoso, sentido pelo Portuguez, aversão ou desprezo *NAO SE PREZANDO POREM UNS AOS OUTROS DE MODO PARTICULAR* — eis em summa ao que se reduziu a obra de três seculos".

Essas palavras de Capistrano espelham uma verdade, que ainda não entrou bem na intelligencia dos que têm refletido no problema.

Penso que a causa inicial de tudo isso está no ambiente fisico.

Oliveira Vianna parece ser de identico pensar, ao dizer:

"*Mesmo que fossem homogeneos os habitantes e identica por todo o ecumeno a composição ethnica do povo, ainda assim a diferenciação era inevitavel; porque — levando somente em conta os fatores sociais e historicos — é já possivel distinguir, da maneira mais nitida, pelo menos tres historias diferentes; a do norte, a do centro-sul, a do extremo sul, que geram por seu turno, tres sociedades diferentes: a dos sertões, a das matas, a dos pampas, com os seus tres tipos especificos: o sertanejo, o matuto, o gaúcho. E' impossivel confundir esses tres tipos, como é impossivel confundir essas tres sociedades, como é impossivel confundir essas tres historias, como é impossivel confundir esses tres ecumenos*". (O grifo é meu).

Nesse sentido ainda temos:

"*A vida*" segundo Spencer, "*é uma adaptação das energias intimas ás forças externas*" — Capistrano, 156, "*Ensaio e Estudos*".

"*Para que a adaptação se dê*", diz Capistrano, *loc. cit.* "*entre dois elementos, um rijo e crystalizado na immobilidade, e outro fluctuante, amoldavel, caracteristicamente plastico, é preciso que o ultimo ceda*".

2.ª) E u estou no firme pensar que, o Brasil era um todo politico-administrativo, composto de varios grupos, social, economica, ps'cológica, demográfica, moral, étnica, sentimentalmente, etc., diferenciabilimos, entre as quais se destacam:

*Paulista e suas Causas*", série "Brasiliãna", Companhia Editora Nacional).

Qual o motivo disso tudo? Em história humana, todos os transe têm a sua causa, as quais precisam ser esclarecidas afim de bem conhecer-se o fenômeno. A imigração, como já provei alhures, não causou a pujança de São Paulo, (Ellis, *loc. cit.*). Foi, antes, uma consequência, e não uma causa.

Afim de ser bem conhecida a situação passada, como a atual, e mesmo ser antevista a do futuro, é preciso ser feito um diagnóstico seguro das causas, que têm influído para que a evolução humana desta e de outras regiões da América portugueza, tenham tido o curso que conhecemos. Ora, esse diagnóstico deve preocupar todos os curiosos, a respeito de coisas que se referem a esta parte do nosso continente.

I — *Grupo do Nordeste brasileiro*, com as características próprias seguintes:

Agricultura canavieira. — Indústria açucareira. — Latifundio médio. — Prosperidade financeira. — Mono cultura. — Grande escravaria africana e amerindiana. — Aristocracia rcal. — Grande apego à estirpe lusitana. — Índice cultural elevado.

II — *Grupo minerador*.

Grande densidade demográfica. — Grande afluxo reinoj. — Grande apego à estirpe lusitana. — Prosperidade grande. — Gente euro africana. — Democracia.

III — *Grupo pastoril*:

Grandes latifúndios. — População pouco densa. — Patriarcalismo acentuado. — Isolamento. — Estirpes euro americanas.

IV — *Grupo do Planalto paulista*.

Democracia semi-rural. Pobreza intensa. Pequena propriedade. — Absoluto isolamento. Autarquia. Nenhum apego à Portugal. — Policultura. — Estirpe euro-americana. Abandono por parte da Metrópole. — Fraquissimo índice intelectual. Economia do apresamento. — Língua guarani — carater semi-urbano.

Esses diferentes blocos de população viviam ignorados uns dos outros pelas distancias imensas e muitas vezes separados por interesses contrários, mas aproximados, outras vezes pela interdependencia economica, como no caso do Planalto Paulista, que produzia a mercadoria escravo amerindio, que seria consumida pelo Nordeste açucareiro.

Além desse laço econômico, esses blocos caracteristicamente regionais, se uniam pelo laço forte da religião catolica.

Isso tudo fazia resultar a situação politica para as regiões brasileiras, todas elas mais ou menos integradas na comunhão lusitana.

Para se explicarem as causas dos eventos históricos, dois são os agentes possíveis: a) *o homem*, ou o fator intrínseco, ou o agente interno; b) *o ambiente mesológico*, ou ainda o meio objetivo, ou a Ecologia, em que têm vivido esse homem.

O primeiro, o fator *homem*, seria o concernente à raça do mesmo, ao complexo hereditário, à sua educação, à sua eficiência, à sua inteligência, à sua fortaleza física ou fisiológica, à sua etnia, enfim, o conjunto de circunstâncias que definem o componente de um grupo humano qualquer.

O segundo, o fator ambiente mesológico, o ecológico seria o concernente aos conjuntos que cercam o indivíduo, quer os de ordem geográfica, quer ainda os de ordem sociológica. (3)

Além desses dois elementos causadores da evolução histórica, não se encontram outros. (4)

Ora, si analisarmos os dois elementos, em tésse, aplicando-os à hipótese luso-americana, teremos que o primeiro fator — *o homem* — foi o mesmo na colonização dos quatro primeiros séculos, só divergindo na

---

(3) Basilio de Magalhães na sua "*Expansão Geographica*", pag. 70, esposa a mesma maneira de encarar a questão que proponho, attribuindo a causa das diferenças na Historia do Brasil ao ambiente mesológico e não ao fator homem.

Da mesma forma se manifesta Theodoro Sampaio, na "*Rev. Inst. Hist. de S. Paulo*", vol. V., 86-87.

(4) O acaso poderia causar fatos isolados, capitulos breves, fenomenos esparsos, seriação de acontecimentos, que poderiam determinar uma certa orientação, na evolução de um grupo humano, mas orientação curta, porque cessada a causa cessaria automaticamente o efeito. Essa orientação seria curta e sem sistematização, e uma evolução determinada exigiria para a sua continuidade circunstâncias que não fossem baseadas unicamente em coincidencias.

Os fenomenos, que causam orientações na evolução historica de um agregado humano qualquer, só podem ser baseados em motivos continuados que persistam através de varias circunstâncias demoradas, as quais só podem ser oriundas do ambiente externo, que rodela o homem ou do interno, que o imbue.

Assim, por exemplo, o fenomeno da implantação do café no planalto paulista, poderia ter sido casual, pois o café por uma feliz circunstância poderia ter sido introduzido no planalto. Mas se em vez do café

última fase do oitocentismo e de então para cá. De fato o material humano trazido por Duarte Coelho foi o mesmo que o que acompanhou Martim Affonso ou Tomé de Souza.

Nos séculos quinhentista, seiscentista, setecentista, e na maior parte do oitocentismo, o planalto paulista recebeu a mesma gente, para aqui portadora das mesmas seleções, trazendo para a América os mesmos complexos hereditários, as mesmas formas psíquicas, físicas, fisiológicas ou morais.

Enfim, o homem que veio para cá era, mais ou menos, o mesmo que Portugal enviou para sedimentar-se sobre todos os seus núcleos coloniais na América. Era a mesma gente rude, audaciosa, ardorosa, corajosa, cheia de espírito aventureiro, filiada à estirpe "*meridionalis*", adaptada às regiões menos frias do sul da Europa, eincasulando almas alevantadas e cheias de alento, que jamais descaíam por desilusões fáceis, a-pesar-de muitos antolhos e obstáculos arestados que teriam de vencer. (5)

---

fosse outro qualquer produto ou genero de trabalho agricola, o effeito, ou o resultado não teria sido muito diverso, uma vez que o tipo económico do produto se sincronisasse bem com as demais condições dos ambientes interno e externo. Este logo, favorecido pelas circunstâncias ambientais, teria proporcionado a prosperidade a população planaltina, a qual em progressão geometrica ia caminhando para a vitoria económica.

A prova disso está na vida planaltina através de quatro seculos. No inicio houve o povoamento, a penetração e a resistencia vitoriosa contra os assaltos dos indios: no segundo século o bandeirismo de prea em offensiva; no terceiro seculo a mineração do ouro, a qual não teve lugar no pianalto, tendo havido decadencia da estirpe paulista; no quarto século a plantação da lavoura do café; no quinto assistimos varios episódios da pujança do paulista, como a criação do parque industrial, do algodão, etc.

(5) Não creio que o povoamento do Brasil tenha sido feito com os pe'ores elementos sociais. Estribo o meu modo de pensar em dois motivos:

a) *Os degredados, que vieram, foram em proporção minima à das colônias;*

b) *A noção do crime daquela época era muito diversa da atual.*

Sustentando a mesma ordem de ideias, Calogeras no vol. I, 285 de seu "*Politica Exterior do Imperio*" diz:

Era a mesma gente que produzira os Afonso Henriques, Gonçalo Mendes, Nun'Alvares, Duarte Pacheco Pereira, Henrique-o-Navegador, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Magalhães, Albuquerque, Dom João de Castro, — e tantos mil outros, que elevaram a gloriosa estirpe lusitana às alturas nimbadas da mais alta

“Os degredados primitivamente abandonados na costa, e aos quaes alguns historiadores tem querido dar incomprehensivel relevo eram pouquissimos.

Contam-se pelos dedos das primeiras frotas, sendo apenas dous os que Cabral desembarcou.

Cita-se, mais tarde, numero elevado, seiscentos vindos com Thomé de Sousa ao Brasil. Que era isso as migrações crescentes de gente trazida pelos donatarios, e, depois, a corrente espontanea que abicava às praias occidentaes do Atlantico? Elementos anti saciaes, quantos fundariam casas no territorio dos selvícolas, caso escapassem à sanha e á amthropophagia do Indio?

Factor de mestiçagem, talvez, em escala pouco extensa. Fundador de raças parece excessivos”.

Mais adiante na pag. 285, Calogeras diz:

“Degredavam-se os que peccassem contra a natureza. Igual pena, por peccados que variavam entre cinco annos e a vida inteira, conforme a gravidade do caso, applicava-se por entrar em mosteiro tirar freira, dormir com ella ou a recolher em casa. Mesma sancção, por cohabitar com mulher que andasse no Paço, ou entrar em casa de alguma pessoa para dormir com mulher virgem ou yluva honesta ou escrava branca de guarda. Dormir com parentes ou affins, com orphãs, ou menores que estivessem a seu cargo, casar sem licença ou dormir com parente, criada ou ascrava branca daquelle com quem vivesse: dormir com mulher casada, de direlto, ou de facto ou tida por tal; tudo isso acarretava para o delinqüente equal sorte. Barrogãs de clerigo ou de outros religiosos; alcoviteiros; violentos que matassem, ferissem ou tirassem um arcabuz ou besta, tinham de fazer a viagem ultramarina, bem como o marido que matasse a mulher adúltera ou seu cumplice, e não pudesse pravar o casamento na forma da Ordenação.

Mas, igualmente vinham para a terra de Santa Cruz setencados por crimes menores. Arrancar da arma em Egreja ou procissão; fazer desafio; promover assuada, ou quebrar portas ou fecha-las por fora, à noite; resistir, ou insultar ou desobedecer aos officiaes de justiça; engostar pedras falsas ou contra feitas; falsificar obras de ourivesoria, ou mercadorias; medir ou pesar falsamente; molhar ou lançar terra ao pão venddo; furiar ou trazer artificios para abrir portas; tomar algumas cousas por força; ser bulcão ou inilçador; levantar-se contra fazenda alheia; fallir no commercio, e levantar-se com a fazenda alheia; como Official D'el-rei, receber serviços ou peltas, ou, coma patos, pagal-as ou promete-las; ultrapassar as quantias marcadas nos regimentos; todas essas falhas de importancia inferior soffriam o castigo de degredo quasi sempre perpetuo.

Si o experimentava quem falsificasse signal ou sello d'el-rei ou outros signaes authenticos; quem prestasse ou insinuasse testimunho falso, ou consentisse em seu dizer ou seu uso; quem se prestasse a parles supposios e delles se valesse; tambem fulminava a mema sentença aos que davam ajuda ou encobrissem aos escravos captivos para fugi-

pujança física, mental, moral, — e que iria produzir aqui, os Souza d'Eça, os Diogo de Campos, os Rapposo Tavares, os Manuel Preto, os Matias d'Albuquerque, etc. (6)

Foi esse o homem, que recebemos de além, nesses primeiros quatro séculos de povoamento ibérico. Ele foi, mais ou menos, o mesmo, por toda parte da América portuguesa.

*rem. Cortar arvores fructíferas ou sobretiros ao longo do Tejo; matar bestas comprar colmeias para lhes matar as abelhas; jogar dados ou cartas, fazer-las ou vender; dar tavolagem; jogar jogos dejesos; violar a prohibição de accellar navegação fora do reino; levar para India e Mina e Guiné cousas prohibidas ou sem licença d'el-rei para all navegar ou mandar outrem; violar os regimentos de taes viagens; tr sem licença a terra de mouros ou para all conduzir cousas defesas; expor-tar do reino mercadorias prohibidas; eram tantas cousas de vida à America.*

*Fração apenas da população branca no primeiro seculo da descoberta, ve-se quanto viarlava o conceito de criminalidade do que hoje é acceto. Entre os condemnados muitos haveria que, segundo as idéias de nosso tempo, seriam considerados innocentes, pelo respeito que tributamos à liberdade de pensar, ou mesmo benemeritos, por se não admitir mais o Instituto servil.*

*Si considerarmos a licção decorrente dos processos da Inquisição, ultimamente editados por Capistrano de Abreu (Primeira visitação do Santo Officio as partes do Brasil, serie Eduardo Prado), grandes atenuantes encontraremos ainda na noção do peccado, que justificaria as sentenças pelas quaes os delinquentes eram bandidos.*

*Acrescentemos que fugaz foi o influxo da norma de fazer do Brasil uma colonia penal, melo seculo, talvez um seculo quando muito. Donatarios e população repelliam a pratica funesta para o novo agremiado humano. Pode-se portanto tranquillamente por de lado a influencia málefica que teria exercido na nacionalidade em formação tal processo de selecção inversa".*

*Ainda dessa opinião é Oliveira Vianna na sua "Evolução do Povo Brasileiro" 67, bem como Varnhagem, vol. I, pg. 464-5.*

*João Francisco Lisboa, "Obras" edição de 1865, 246, citado por Arthur Orlando, (Rev. Inst. Hist. de S. Paulo, vol. XIV, 133 diz sobre isto: "Ha na Ordenação do Livro V, duzentos e cincoenta e seis casos de degredo, sendo cento e quarenta e dois para a Africa, oitenta e sete para o Brasil, os mais para Castro Marim e outros logares".*

*"A legislação portugueza punia com a prisão, com o degredo, com acoltos e com a morte não os crimes sómente, mas tambem os peccados, os maus costumes, a simples imoralidade, as opinões e os pensamentos e até o exercicio de qualquer industria honesta e pacifica, por isso só que o individuo de um sexo se applicava a alguma especie, que parecia mais propria do sexo diferente".*

(6) Os ambientes externos brasileiros são: Fisicos e Sociais.

Todo ser orgânico está sujeito a esses dois tipos ecológicos de ambientes. Quanto mais esse ser orgânico se aperfeiçoa, menos ele fica submetido às forças pressionaes desse ambiente físico.

Então, si não devemos atribuir a essa causa o desnível na evolução histórica dos coloniais luso-americanos, temos de encontrá-la no segundo fator, isto é, no ambiente mesológico. Mas, o ambiente mesológico, no Brasil, não é aparentemente maravilhoso?

Não é isso o que transpira nos escritos, desde a memorável carta de Pero Vaz Caminha, passando pelo famoso Sebastião da Rocha Pita?

Não o dizem, em prosa e verso, a mentalidade de "meufanismo", decantada pelo conde de Afonso Celso, os declamadores da "minha terra têm palmeira", com o maior rio do mundo, as belezas da feérica Guanabara, as maravilhas estupefacientes de Paulo Afonso, o maior parque industrial da America do Sul, a sonoridade do nosso idioma?

---

Tambem, quanto mais o ser orgânico se aperfeiçoa, se faz complexo, ou se civiliza, se se trata de um ser humano, mais éle sujeita às forças pressionaes, oriundas de ambiente social.

Assim sintetizando o raciocínio acima, temos que, são de duas naturezas as forças que pressionam os grupos humanos, as moldando:

a) as físicas

b) as sociais (compreendendo as econômicas).

O homem está sempre sujeito a elas, que formam a ecologia. A medida que esse homem se civiliza, escapa das forças físicas, mas se submete às sociais. Os ambientes físicos encaram a situação de acordo com o seguinte:

Ambiente físico	{	Ouros factores
		Nutrição
		Solo
		Clima

Os climas, analisados no livro "A Evol. da Economia paulista e suas causas", se diversificam imenso. Quanto mais para o Norte, as temperaturas são mais quentes e mais uniformes. O Piauíto apresenta grandes indices de amplitude termometricas, as quais não podem deixar de influir de certa maneira no homem.

O mesmo se poderia dizer quanto à humidade ou à pressão barométrica.

Assim os ambientes físicos deveriam produzir influencias sobre os grupos humanos na mesma relação da variação dos mesmos, nas colônias luso-americanas.

Todo ser orgânico, e portanto o homem, forma um conjunto do aparelhos fisiológicos delicadíssimos, os quais funcionam, sob certas condições externas. Se estas se alteram, é natural e evidente que esse funcionamento tambem e altera.

Os ambientes sociais tambem variariam. Temos por exemplo o norte rico e sul pobre, a formar ambientes profundamente diversos.

Não, nada disso é verdadeiro! Ou, antes, é exagero declamatório!

Precisamos compenetrar-nos de que o Brasil não possui riquezas faceis, si não as que se concentram nas energias másculas de sua gente.

Essa, sim, é formidável!

E' preciso que, se procure ressaltar que é essa gente soberba, que realiza o único fenômeno de civilização equatorial, que mantém a única nação independente sôbre a linha de calor máximo, pois, si perlustarmos o mapa-mundi, veremos, na África, o Congo, a Nigéria, a Costa de Marfim, e, na Oceania, a Sonda, Bornéu, Celebes, a Nova Guiné, etc. (7).

Isso é que, precisamos evidenciar, para que o nosso homem tenha consciencia do seu próprio valor e saiba que, a despeito de todos os obstáculos que, uma natureza difícil lhe antepõe, êle consegue realizar e que testemunhamos. (7-A).

Claro que, o que verificamos em relação ao Brasil não o coloca na primeira fila, entre as nações vanguardieras do progresso humano. Os Estados Unidos, 100 anos mais jovens do que o Brasil, a França, o Império Britânico, a Argentina, a Alemanha,

---

(7) Paulo Prado, no "Retrato do Brasil", acha que a colonização do Brasil foi empreendida por gente já amolecida, em virtude da demoralização lusitana, não sendo o português mais o "faguelro abstermio, de imaginação ardente, propenso ao mysticismo", o tipo heróico do seculo XV.

Entretanto o "Paulística" do mesmo autor contradiz essas afirmações, (pg. 17-21 do "Paulística").

Creio, sim, que, a decadencia desse tipo heróico do Portugal quatrocentista se tenha operado. Mas essa decadencia só se teria realizado na segunda metade de quinhentismo. A aventura da India só tendo começado em 1498, uma só geração não daria para corromper a solida estrutura lusitana.

Alfredo Pimenta no seu "D. João", isso faz certo.

(7-A) No Brasil e na sua evolução histórica, é o fator subjetivo ou biológico, que tem se revelado em elevadissimo grau.

Caso fossemos encarecer o fator ecologico ou ambiental, teriamos de inferiorisar o biológico ou individual. Isso não seria apenas anti-nacional. Seria, também contrariar a verdade evidente.



a Itália, o Japão, o Canadá, a Inglaterra, a África do Sul, a Tchecoslováquia, a Austrália, a Índia, avançam-se ao Brasil, sob certos aspetos, mas devemos considerar que, essas nações todas estão situadas em ambientes mesológicos, que exigem muito menos esforço das suas respectivas populações, para realizar aquilo que, a nossa gente é invocada a fazer em circunstâncias muito peiores.

Isso, sim, pode envaidecer e habitante desta parte da América sulina.

E' preciso que, êle saiba que, sem o combústivel, em plena éra da máquina, sem carvão, tendo de importar tudo e de que necessita a civilização atual, em plena época do aço e do petróleo, a realização do que está feito representa um repositório de esforço inigualável no mundo!

Saibamos essas verdades, que só nos podem orgulhar! (7<sup>b</sup>).

O bandeirismo teve duas fôrças a impulsioná-lo: a) a decorrente da necessidade imperiosa de quem, como o planaltino, não tinha fonte de riqueza econômica e se via obrigado a conseguí-la na ação continua de apresamento de braços, que vendia às (8) demais

(7-B) Essa mentalidade enganadora do "meufanismo", que tem feito tanto mal ao país, está sendo combatida com imenso sucesso, na geografia.

E' preciso, porém se lazer a mesma cousa, em relação à História do Brasil, cuja ciência, ainda está intoxicada de chavões ditirâmicos, os quais, ainda que muito agradáveis não correspondem à verdade!

A nossa história tem sido, até agora, confundida com hinos patrióticos, feitos de seriações de pangericos encadelados com ditirâmbos louvaminheiros, em que o piegismo nacional se embriaga em declamações aitisonantes, mas ócas e não condizentes com a verdade.

O patriotismo não deve se valer dos capitulos históricos para ser exaltado. Outros melos existem para esse fim.

(8) S. Vicente não possuía o pau brasil, e sobre a causa disso Gandavo dizia: "o qual se mostra, claro, ser produzido de quentura de sol e creado com a influencia de seus raios, porque quanto mais proximo da torrida zona e quanto mais perto da linha equinoxial tanto é mais vivo e da melhor qualidade.

E' esta a causa porque o não ha na Capitania de São Vicente nem dahl para o sul". (Tratado da Terra do Brasil").

**Bandeirismo contra os Jesuítas**

████████████████████	Bandeira de Nicolau Barreto . . . . .	1602 - 1604
████████████████████	Bandeira de Martim Rodrigues . . . . .	1607
████████████████████	Bandeira de Belchior Dias Carneiro . . . . .	1608
████████████████████	Bandeira de Garcia Rodrigues Velho . . . . .	1613
████████████████████	Bandeira de Lazaro da Costa . . . . .	1616
████████████████████	Bandeira de Pedro Vaz de Barros . . . . .	1611
████████████████████	Bandeira de Sebastião Preto . . . . .	1612
████████████████████	Bandeira de Manoel Preto . . . . .	1619
████████████████████	Bandeira de Henrique da Cunha . . . . .	1624
████████████████████	Bandeira de Manoel Preto . . . . .	1624
████████████████████	Bandeira de Raposo Tavares . . . . .	1628
████████████████████	Bandeira de Manoel Preto . . . . .	1629
████████████████████	Bandeira que destruiu Villa Rica . . . . .	1632
████████████████████	Bandeira que destruiu Itatines e Xerez . . . . .	1633
████████████████████	Bandeira de Aracambi . . . . .	1635
████████████████████	Bandeira de Raposo Tavares . . . . .	1636
████████████████████	Bandeira de Francisco Bueno . . . . .	1637 - 1639
████████████████████	Bandeira de Fernão Dias . . . . .	1638
████████████████████	Bandeira de Jeronymo Pedroso de Barros . . . . .	1641

**BANDEIRISMO DE APRESAMENTO NOS ESTABELECIMENTOS JESUITICOS**

Algumas expedições de apresamento com suas datas, volumes presumíveis e distâncias percorridas.

As datas são documentalment seguras; os volumes são hipotéticos, deduzidos do vulto das respectivas nomenclaturas; as distâncias são conhecidas pelo que medela do planalto aos pontos atingidos por essas empreitadas.

capitanias e com que supria o seu minúsculo e misérrimo campo agrícola; b) a decorrente dos acicates contínuos, que o grupo humano planaltino recebia, principalmente dos governantes reinóis, para engolfar-se nas pesquisas mineralógicas, com o fito de encontrar, em terras lusas da América, um "pendant" das riquezas esplendorosas que a Espanha recolhia no seu quinhão americano. (9).

Não há dúvida de que, o planaltino não tinha fonte básica de riquezas. A única e essa bem magra consistia em fornecer mão de obra indígena ao Nordeste.

O açúcar enriquecia o Norte, mas não bafejava, sequer, o Sul. Ai está o magnífico trabalho de Simonsen, "*História Econômica do Brasil*", a demonstrá-lo, com insistência.

---

(9) Basílio Magalhães diz na sua "*Expansão Geographica*" 92:

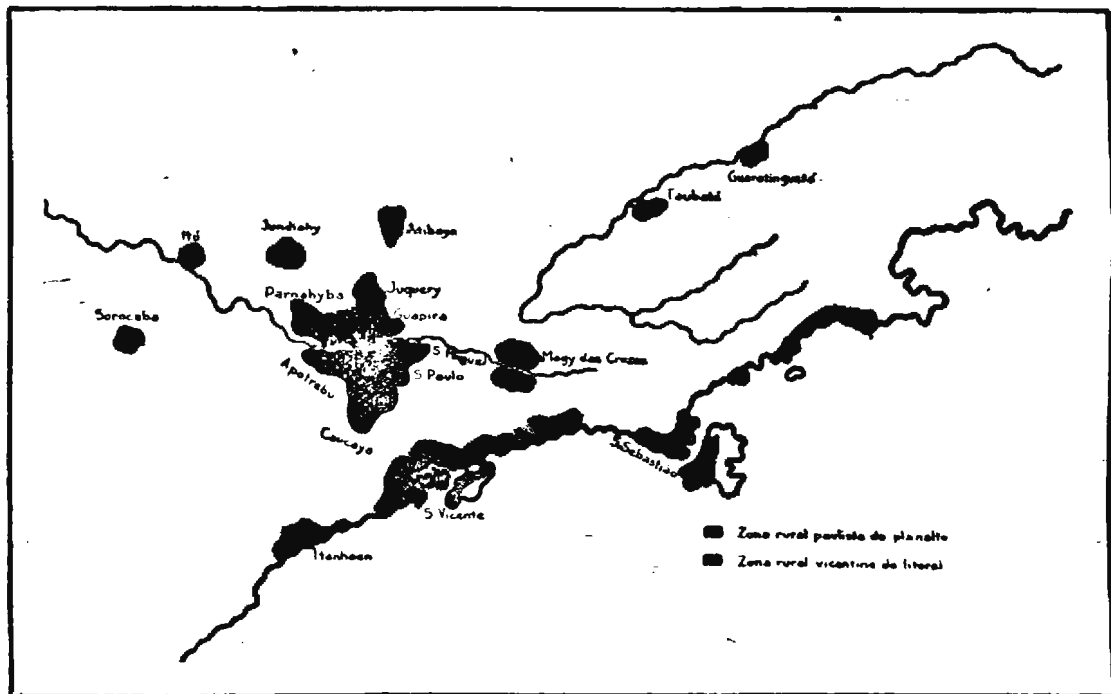
"Nisto sobreveio a restauração de Portugal. A D. João IV deputou a Camara de São Paulo, Luiz da Costa Cabral o Belchior de Borba Gato, os quaes além das felicitações devidas ao soberano, a este declararam também (Taqes "INFORMAÇÕES", 14), que os certons da Capitania de S. Paulo eram ricos de haveres encobertos e ficavão distpostos os Vassallos Paulistas a penetrarem-os para os descobrimentos de ouro e prata, porque esperavão que S. Magestade tivesse nesta America outro Potocci, como a coroa de Castella".

"Esse indice de pobreza", diz Roberto Simonsen, na sua "*História Econômica do Brasil*", manifestou-se nos celebres motins da moeda. O TOTAL DA PRODUÇÃO DO OURO DE LAVAGEM NAS CAPITANIAS PAULISTAS, EM TODO O PERIODO COLONIAL, ESTÁ AVALIADO POR ESCHWEGE EM 930 ARROBAS, CERCA DE ..... 1.900.000 £".

Resta a saber o que Eschwege entende por capitanias pauistas, pois Minas só foi separada de S. Paulo em 1720; Ooiaz e Mato Grosso só o foram em 1748. Além disso como OURO DE LAVAGEM pode ser compreendido o ouro das redondezas paulistanas e o ouro paranaense? Ou sómente aquele?

O calculo não é exagerado se apenas comprehende o paranaense, mas é demasiado se só comprehende o do Jaraguá e cercanias.

A proposito dessa necessidade, de viver em preamento, os planaltinos intimaram o loco Tenente do Donatario por meio de uma representação em que era ameaçado: "Si não pusesse cobro a semelhante abuso, largariam a terra para irem viver onde tivessem remedto de vida, porquanto não se podiam sustentar sem escraveria". E que, a gente do Rio de Janeiro cruzava os sertões vicentinos, aprisionando indios, que levavam para vender em sua cidade. Isso em 1588. Taunay "*Hist. Geral das Bandeiras*", I, 157.



Zonas cultivadas da Capitania vicentina, no fim do século XVII

A distância mais curta, de 2 milhares de quilômetros dos centros consumidores da Europa, as cargas, de importação, causando um frete muito mais baixo; um clima mais quente; terras massapés, talvez mais ubertosas para o plantio da cana, — tudo isso deu ao Nordeste a primazia econômica; e, logo na primeira metade do quinhentismo, foi o Sul varrido da opulência, que só befejava o Nordeste feliz.

O pau-brasil só prosperava, orgânicamente, do Cabo Frio para o norte, já favorecido pela distância dos centros consumidores dessa matéria-prima tintorial.

Assim, a região vicentina ficou sem base de riqueza econômica.

Foi, pois, obrigada a buscar, na indústria de apresamentos do gentio, o elemento que lhe desse poder aquisitivo, para que não fôsem os civilizados lusovicentinos obrigados a tornar à selvajeria. Com quê haveriam êles de comprar os objetos que a civilização requeria, como tecidos, calçados, armas de fogo, etc.? E' claro que, havia necessidade imperiosa de uma fonte de riqueza. E esta foi a indústria dos apresamentos. (10).

---

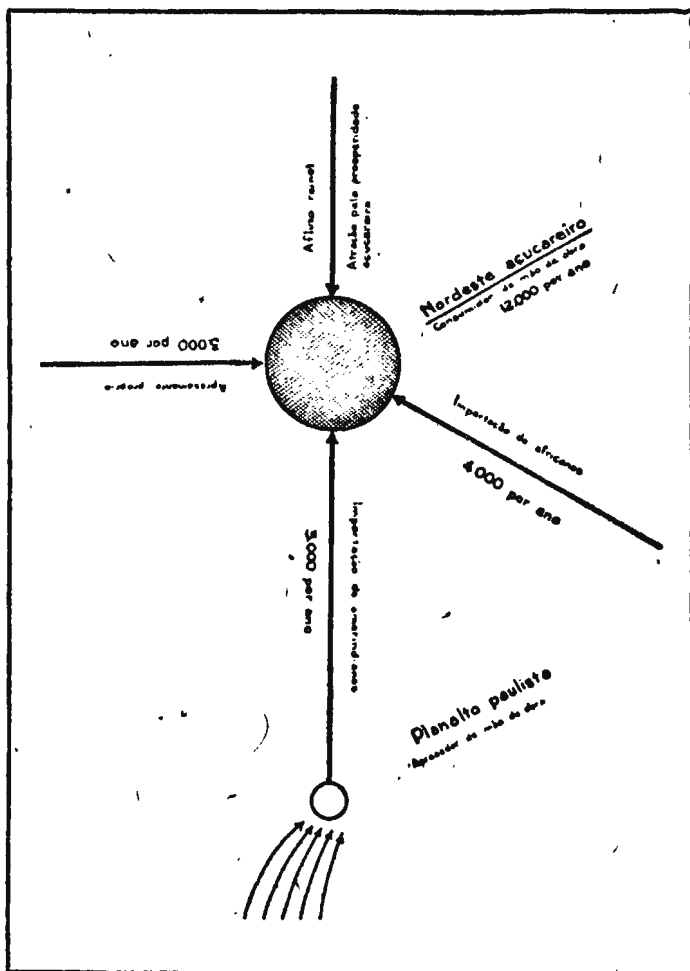
(10) A indústria paulista de apresamento de índios forneceu à gente planaltina o seu poder aquisitivo, muito mais obscuro, que o das ricas capitâneas do Nordeste açucareiro, como transparece dos documentos constantes em "*Inventários e Testamentos*", de publicação oficial.

Os planaltinos vendiam escravos apresados, até em terras de além-mar, como nos autorizam a afirmar os escritores espanhóis. Um autor argentino contemporâneo, Enrique de Gandia, acaba de publicar um livro, intitulado "*Las Misiones Jesuíticas y los Bandeirantes Paulistas*", que confirma, na seguinte passagem, o que estamos asseverando:

*"Han llegado hasta Lisboa y otros lugares de Portugal con tan rigurosa esclavitud como si fueron negros de Guino o Berberiscos"*.

Por aí se vê que, os planaltinos não se contentavam em fornecer escravos às demais capitâneas, mas iam vendê-los até mesmo em Portugal.

*"A pobreza da villa"*, diz Simonsen, na sua "*Historia Economica do Brasil*" 1, 335, "*se manifesta em tudo; as Igrejas em nada se assemelham às existentes no Norte da colonia. Já em 1556 o padre Nobrega escrevia a Santo Ignacio de Loyola "QUE SENDO A TERRA POBRÍSSIMA NÃO PODIA ESTA CASA VIVER DE ESMOLAS"*.



Abastecimento de escravos no Nordeste, durante a ocupação holandesa. Como se vê o Planalto paulista era região abastecedora. Não fosse o seu concurso não teria havido, no Nordeste, a indústria rural do açúcar.

Dai, o bandeirismo de apresamento! Dai, a magna importância de fazer-se luz sobre esse capítulo do nosso passado.

E' de suma conveniência não continuar a se considerar o bandeirismo como se este fôsse uma desconexa seriação de quixotescas aventuras, sem causas, que não fossem o ânimo idealistico e ardoroso do planaltino, desinteligentemente considerado de alargador de fronteiras, que elles nem conheciam, como se elles fossem sem causa verosimil que os impulsasse! Isso seria persistir no nefasto "*meufanismo*"!

Vemos esses disparatos repetidos até por gente de responsabilidade intellectual!

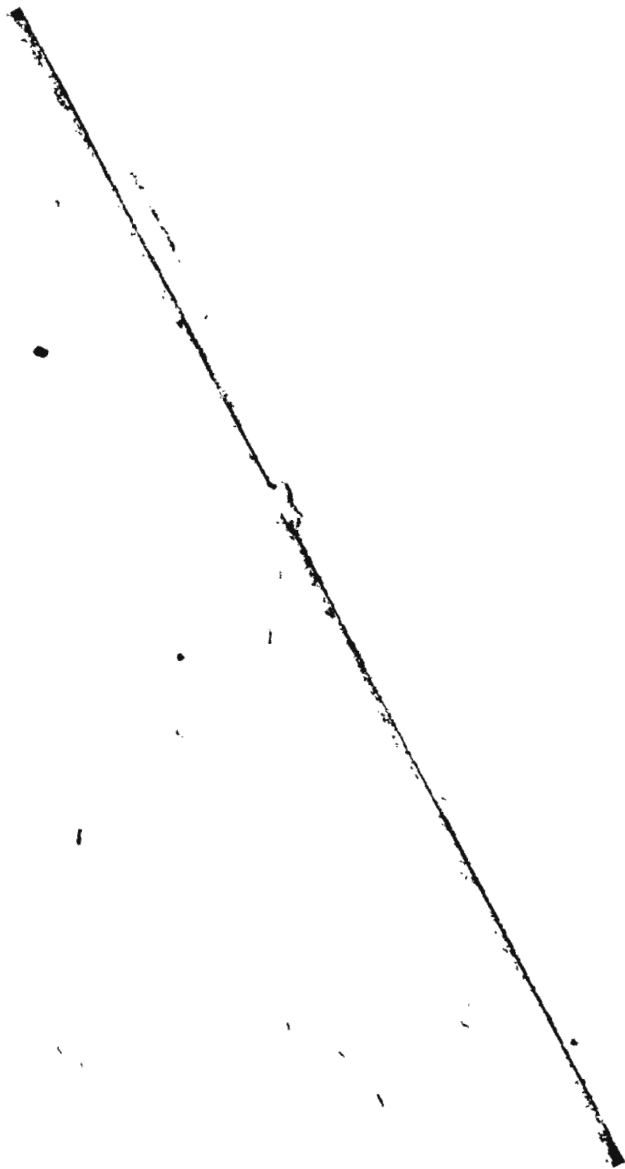
Entretanto, urge rever essa mentalidade, feita à custa das repetições de cousas já impressas.

Precisamos fazer pesquisas novas e próprias que corrijam essas sandices à propósito do bandeirismo!

---

*Assinala-se, na epoca seiscentista, alguma exportação de trigo para o Rio de Janeiro. A conserva de marmelo foi, porem, o maior artigo de exportação. Alcantara Machado cita exportações individuais de 1700 a 2200 calxetas. Vallam de 320 a 400 réls, baixando mais tarde, no seculo XVIII., a 100 réls".*

Vamos convir, entretanto que, qualquer intercambio mercantil do Planalto era difficilissimo. A asperrima travessia da "*serra do mar*" era tão onerosa que, tornava impraticavel qualquer exportação. Os productos planaltinos chegariam aos mercados consumidores, em situação de não poderem suportar a concorrência com congeneres de outras regiões menos isoladas e mais proximas.





PARTE I

A bandeira de Nicolau Barreto  
e sua época



## CAPITULO I

# A CHEGADA DE DOM FRANCISCO DE SOUSA

Dom Francisco de Sousa, que havia sido nomeado governador das terras novas, em 1591, em substituição à junta governativa, que terminava o período, em virtude do falecimento de Manuel Telles Barreto, ocorrido em 1587, — depois de haver desanimado, na Baía, de encontrar as riquezas esplendorosas — com as entradas de Gabriel Soares de Sousa e de Belchior Dias Moreya, resolveu campeá-las alhures, fazendo partir do sul as expedições de Diogo Martins de Cão (Dr. F. L. Leite Pereira, "*Revista do Arquivo Público Mineiro*"; Carvalho Franco, "*Os Companheiros de Dom Francisco de Sousa*"), de João Pereira de Sousa Botafogo e, de Martim de Sá.

A expedição de Diogo de Cão partiu do Espírito Santo, devendo ter seguido o mesmo roteiro de Antônio Dias Adorno, o mameluco de sangue genovês, que, em 1574, havia subido o rio Doce, na demanda das pedras verdes (Eng. José Luiz Baptista, "*História das Entradas — Determinação das Áreas que Exploraram*", tomo esp. da "*Revista do Instituto Histórico Brasileiro*", parte II, pág. 197; Carvalho Franco, *loc. cit.* 9).

A expedição de Martim de Sá partiu do Rio de Janeiro em 1597, isto é um ano depois da de Botafogo, a 14 de outubro desse ano, — segundo relata Knivet,

— levando cerca de 700 portugueses e 2.000 índios (Basílio Magalhães, "*Expansão Geographica do Brasil até Fins do Século XVIII*", tomo esp. da Revista do Instituto Histórico Brasileiro, parte II, pág. 94) para o interior de Minas Gerais, — segundo o Dr. José Higinio Duarte Pereira, — coisa aceita pelo Dr. Orville Derby.

A expedição do João Pereira de Souza Botafogo partiu de São Paulo no ano anterior (Ellis, "*O Bandeirismo e o Recúo do Meridiano*", Carvalho Franco, *loc. cit.*).

Essas três expedições deveriam ter formado sistema pois tinham um comum objetivo, que era a descoberta da famosa SERRA DE SABARABUÇÚ, que obcecava a escaldante imaginação do cavalheiresco governador Francisco de Sousa. (Carvalho Franco, *loc. cit.*), (10.<sup>a</sup>).

Para mais cuidar da descoberta em que porfiava, desenvolvendo para isso febril atividade, Dom Francisco transportou-se à capitania vicentina, aonde chegou em 1599.

Três anos antes, havia partido, em outubro, a grande expedição de Botafogo, talvez ordenada por Dom Francisco de Sousa. Eu apenas consegui, graças ao exame atento dos documentos, assinalar os seguintes companheiros do que dera o nome ao elegante bairro carioca ("*Inventários e Testamentos*", vol. I, pág. 77): cap. João Pereira de Sousa Botafogo (cab

---

(10-A) Eu estou hoje convencido de que a bandeira de João Pereira de Sousa Botafogo não trilhou regiões mineiras, mas sim paranaenses. É que essa empresa apresou índios temiminós. Ora índios temiminós se localizavam no Paraná, em território que mais tarde foi Guairá.

Ao tratarmos da bandeira de Nicoláu Barreto, vamos encontrar textos documentais, que isso asseguram. Por outro lado, não há nada que nos indique ter a empresa de Botafogo se dirigido para o norte. É possível que a tese contenha audácia, mas eu me limito a relatar aquilo que se depreende dos documentos!

da tropa), cap. Francisco Pereira, João do Prado-o-velho, seu genro Miguel de Almeida Miranda, Sebastião de Freitas, Gaspar Colaço Vilela, Estêvão Martins, Simão Borges de Cerqueira (o fato dêste nome figurar entre os componentes da expedição é bem significativo, dadas as suas ligações com Dom Francisco) (Carvalho Franco, *loc. cit.* 16), João Bernal, Francisco Farel, Vasco da Mota, Antônio Pinto, João de Santana, Manuel Gonçalves, Diogo Ramires, Ascenço Ribeiro, Francisco da Gama, Braz Gonçalves-o-velho, Tristão de Oliveira, Antônio Pereira e cap. Domingos Rodrigues, (11).

(11) A propósito de João Prado, que, talvez, tenha vindo com Martim Afonso em 1532, o que o faria pelo menos septuagenário, diz Silva Leme, na sua monumental "*Gencalogia Paulistana*", vol. III, pág. 90:

"Foi progenitor dessa família na capitania de S. Vicente e S. Paulo, João do Prado, natural de praça de Olivença, da provincia de Alentejo, de Portugal, de nobreza al muito conhecida, que veio nos principios da povoação de S. Vicente com muitos outros nobres povoadores NA COMPANHIA DO DONATARIO MARTIM AFONSO DE SOUSA, pelos anos de 1531.

"Casou-se nessa villa com Filipa Vicente, filha de Pedro Vicente e de Maria de Faria, naturais de Portugal, que fôram tambem dos primeiros povoadores e que, em 1534,, eram lavradores de grandes canaviaes e ilham parte no engenho de açucar de S. Jorge dos Erasmos. Fez entradas no sertão, onde conquistou muitos indios bravios e com elles se estabeleceu em S. Paulo, onde serviu os cargos do govêrno, inclusive o de juiz ordinário, em 1558 e 1592. Depois de fazer o seu testamento, em 1594, resolveu-se a fazer nova entrada ao sertão para augmentar o número de Indios a seu serviço, e efetivamente o fez, vindo falecer em 1597, no arralal do capitão-mor João Pereira de Sousa Botafogo; e sua mulher faleceu em 1627, em S. Paulo".

A versão de Silva Leme, consubstanciada nessas palavras acima, é calcada em Pedro Taques, que errou muito. Eu acho muitissimo perigoso o que afirma esse cronista setecentista, que foi mais um coleto de lendas, fixando a tradição oral como se fosse história ("*Informação sobre as minas de São Paulo*" Pedro Taques; prefacio de Taunay, 50 e 38).

Acho tão inverosímil o que êle diz de João Prado, que penso ter case povoador vindo em época muito posterior a de Martim Afonso.

Sim, porque se êle veio em 1532, com Martim Afonso, que idade êle teria, ao morrer no sertão em 1597?

Pelo menos 65 anos! Ter penetrado no sertão com essa idade é inverosímil! Vê-se por aí que, Pedro Taques é muito tendencioso (Paulo Prado, "*Paulistica*". Veja-se o que diz, a respeito, Americo de Moura,

Eu achava plausível a idéia levantada por Carvalho Franco (*loc. cit.*), de ter a expedição de Botafogo feito sistema com as do Diogo de Cão que partira

no seu trabalho, "Os Povoadores dos Campos de Piratininga", *Rev. do Arquivo Municipal XXV.*

• • •

A respeito do sertanista Miguel de Almeida Miranda, que foi genro de João Prado, diz Silva Leme, *loc. cit.*, pág. 362:

*que foi sertanista e dos sertões levou para o grêmio da igreja 120 Indios, que conservava sob a sua administração. Foi pessoa de autoridade e respeito, gozou de estima e foi da governança da terra; possuía fazendas de cultura e de criação de gados vacuns e cavalaes. Com seus indios armados, tomou o partido dos Pires contra os Camargos, como sogro dos irmãos Pires; Henrique da Cunha Gago, o neto, e João da Cunha Lobo".*

E' o próprio Silva Leme, com essas palavras sobre Miguel Almeida Miranda, quem se incumbem de desmentir Pedro Taques, à propósito da sua versão sobre João do Prado.

Sim, porque se Miguel de Almeida Miranda morreu em 1659, deveria ter nascido em 1579 mais ou menos, para ter atingido os oitenta anos. Ora, João do Prado, para ter vindo com Martim Afonso, em 1532, como diz Pedro Taques, quando se teria casado? Quando teria nascido sua filha, que foi casada com Miguel de Almeida Miranda?

Vê-se facilmente como é inverosímil e fantástica a versão de linha-gista sobre o meu antepassado João do Prado!

Sebastião de Freitas, povoador vindo da Europa, com Dom Francisco de Sousa, em 1591 (Carvalho Franco, *loc. cit.*, pág. 28; e Silva Leme, vol. VII, pág. 169), e chegando ao planalto em princípios da década, é assim referido por Carvalho Franco, *loc. cit.*:

*"Exerceu os cargos de almotacel (1596-1598), juiz da Câmara (1600), vereador (1604-1609) o capitão da villa de S. Paulo: a primeira vez por provisão de 22 de junho de 1606, e a segunda vez pela provisão dotada de 12 de janeiro de 1609. Obteve varias datas de chão e uma sesmaria concedida pelo capitão-mor Pedro Vaz de Barros. Por alvará de 6 de junho de 1600, foi armado cavaleiro por Dom Francisco de Sousa, e neste documento se fazem referências aos serviços que prestara.*

*"Assim, no ano de 1594, acompanhou o capitão-mor Jorge Correia ao sertão desta Capitania a dar guerra ao inimigo, tendo vindo a esta villa de S. Paulo a dar-lhe guerra e por-lhe cerco. E no anno de noventa e cinco (1595) acompanhou ao capitão Manoel Soeiro ao sertão, todo o tempo que lá andou e, no anno de noventa e seis (1596), acompanhou ao capitão João Pereira de Sousa a sertão sua pessoa e escravos a uma guerra que para bem da dita Capitania, foi dar; e no anno de noventa e nove (1599) acompanhou ao capitão Diogo Gonçalves Laco, indo de socorro desta villa de São Paulo para o porto e villa de Santos a um rebate que houve de quatro velas (Van Noord?) inimigas que allí andavam e allí assistiu todo o tempo que o dicto capitão esteve até se torpar para estavilla. E outrosim me acompanhou com suas armas e escravos ao descobrimento das minas de ouro e prata e mais metais à serra de Biracoyaba e às mais partes por onde andei e, depois disto me acompanhou até o porto e villa da Sanctos, indo eu de socorro por ter novas andarem na ilha de S. Sebastião quatro velas in-*

nesse mesmo ano do Espírito Santo, e de Martim de Sá, que partira do Rio de Janeiro no ano imediato, todas sob as ordens de Dom Francisco de Sousa. Tudo

migas... "Sebastião de Freitas parece ter falecido depois da bandeira inicial de ataque ao Guairá (1628)".

O nome desse povoador emérito figura na lista dos expedicionários que destruíram Guairá. Depois disso nada mais se sabe de Sebastião de Freitas, sendo provável o que êle diz Carvalho Franco. Creio que, Sebastião de Freitas nasceu, aproximadamente, em 1570.

\* \* \*

A respeito de Simão Borges de Cerqueira, outro emérito povoador, encontramos em Carvalho Franco, *loc. cit.*, o seguinte:

"Dos seus antigos chefados em jornadas, cujos nomes achamos desnecessário aqui citar lembraremos apenas, como companheiro de Dom Francisco de Sousa, com êle vindo do reino em 1591," a Simão Borges Cerqueira, o velho.

"Silva Leme, escrevendo sobre este personagem, diz que era filho de Beichlor Borges de Sousa Louzada, fidalgo da casa real e cavaleiro de São Tiago, tendo nascido em Mezanfrio.

"Atende-se, porém, ao seguinte documento que Simão Borges Cerqueira registou em 25 de agosto de 1601, na Câmara de S. Paulo:

"...havendo respeito aos muitos serviços que me tem feito e me vae fazer das partes da Índia, Simão Borges Cerqueira, filho de Antonio Martins Cerqueira, hei por bem e me apraz de o tomar por meu moço da Camara, com quatrocentos mil reis de moradia... etc.

"Lucas Alvares o fez em Lisboa aos doze de Março de mil quinhentos e noventa annos. João de Gusmão o fez escrever. O cardeal.

"Em seguida a este registo, vem outro:

"El-Rei Nosso Senhor ha por bem que o alvará acima se cumpra assim e da maneira que nelle se contem, posto que Simão Borges Cerqueira nelle declarado não fosse à Índia o ano passado de noventa, porquanto vae servir das partes do Brasil neste de noventa e um, etc."

"Tendo, assim, vindo do Reino, com Dom Francisco de Sousa, passou Simão Borges Cerqueira para São Paulo acompanhando João Pereira de Sousa Botafogo, por ordem de Dom Francisco, que o distinguu, em seguida, com os cargos de escrívão do julzo de índios, escrívão da ouvidoria e alcaidaria, e escrívão da Câmara (1601), provisões que foram renovadas, pelos capitães-mores, em 1602 e 1607, sendo que, em 1609, Dom Francisco de Sousa lhe fez a nomeação de escrívão do público, judicial, notas orçãos e almotacaria.

"Serviu em todos esses cargos quasi até o fim da vida.

"Tomou parte na bandeira de Nicolau Barreto. Essa expedição, como é sabido, foi das maiores do século XVII, pois levou duzentos e setenta brancos, três capitães e milhares de índios. Dom Francisco de Sousa achava-se em São Paulo, quando ela partiu, como simples particular, enojado no seu sonho de ouro. Aguardou o seu regresso, mas a bandeira cuidou apenas de caça ao índio, que foi abundante, junto à antiga Vila Rica do Espírito Santo, na provincia jesuítica do Guairá.

"Simão Borges Cerqueira teve um filho homônimo que o substituiu em cartorio, quando êle se internava no sertão, a exemplo de sua ida ao Guairá, em 1629, na célebre investida de Antônio Raposo Tavares.

no-lo fazia crer, e o ilustre homem de letras, que escreveu "*Os Companheiros de Dom Francisco de Sousa*", argumenta muito bem a esse respeito. (11-a).

Divirjo, porém, do emérito historiador paulista, quando ele, à página 18 do seu magnífico trabalho, premiado pela benemérita Sociedade de Capistrano de Abreu, diz que:

"Já então bem informado das minas de ouro de lavagem e de ferro descobertas por Afonso Sardinha-o-Moço, em São Paulo (1598), apressou Dom Fran-

---

*"Foi casado em São Paulo com D. Leonor Leme, filha de Fernando Dias Pais (não confundir com o caçador de esmeraldas) e faleceu nessa vila, bastante idoso, em novembro de 1632".*

• • •

Ascenço Ribeiro foi um dos mais ativos sertanistas, pois o seu nome figura em muitas listas de bandeiras. Acredito que tenha nascido, aproximadamente, em 1575 a 1580 para que pudesse tomar parte nos sucessos de vinte anos depois. Foram seus pais os povoadores portugueses Estêvão Ribeiro Bayão Parente, natural de Beja, no sul de Portugal, — não sendo de estranhar que tivesse ligações de parentesco, em Portugal, com o famoso Bento Maciel Parente, que se ilustrou na história do norte do Brasil, — e de Madalena Feijó de Madureira, que Silva Leme, no volume VII da sua "*Genealogia*", página 166, dá como natural do Porto.

Ascenço figura, ainda, na nominata da bandeira de Nicolau Barreto, realizada no início do século seguinte, já devendo estar casado com Domingas Luiz, tendo feito seu testamento no sertão (Azevedo Marques, "*Apontamentos*").

Infelizmente não se conseguiu descobrir essa peça documental, que parece ter sido vista por Azevedo Marques.

Aqui, há um mistério a respeito desse paulista. Figura ele na lista dos bandeirantes, que, em 1628, acompanharam Raposo Tavares na destruição de Guairá. E' o que afirma Taunay, na sua "*História Geral das Bandeiras Paulistas*", vol. II, pág. 115, onde se encontra uma nominata baseada em documentos publicados pelo padre Pastells.

Ficamos neste dilema: ou Ascenço Ribeiro não faleceu no decorrer da bandeira de Barreto, limitando-se a fazer, nessa ocasião, o seu testamento, ou possuía um filho de igual nome, que nem sequer foi mencionado por Silva Leme, o portentoso linhagista. Prefiro a primeira hipótese, porque, do contrário, o segundo Ascenço Ribeiro não teria escapado à argúcia do eminente genealogista paulista.

(11-A) Deixará de ter razão o emérito historiador paulista Carvalho Franco, caso concretise-se a minha suspeita veemente, de que a bandeira de Botafogo trilhou o território guairenho.

Sim, porque se os índios talados por Domingos Rodrigues e portanto por Botafogo eram da nação Guairá, estes tendo o seu habitat no Guairá, pois seriam também guaianases ("*Inv. e Tests*", II, 6) não poderiam ter ido para o Norte e deveriam forçosamente ter ido para o Sul.



cisco de Sousa a sua projetada viagem àquela capitania, enviando para ali, imediatamente, como administrador das minas o capitão da vila, a Diogo Gonçalves Laço-o-velho, o qual veio trazendo o alferes Jorge João, os mineiros Gaspar Gomes Moalho e Miguel Pinheiro Zurara, e o fundidor Domingos Rodrigues, já então novamente na Baía".

Eis que, Domingos Rodrigues estava no sertão ainda quando Dom Francisco, nos primórdios de 1599, aportou ao vilarejo paulistano, Quem nos assegura tal coisa é o documento que encontrei nos "*Inventários e Testamentos*", vol. I, pág. 339, segundo o qual Domingos Rodrigues, em fevereiro de 1600, arrolava no sertão os bens deixados por Francisco da Gama (12). Nesse mesmo inventário, encontra-se uma peça documental que diz:

"...porquanto havia perto de quatro anos que havia ido à guerra da Parnaíba e não havia novas dêle..." (22-7-1600).

Ora, dêesses documentos se conclue que: a) Domingos Rodrigues, que saíra de São Paulo em 1596, ali permanecendo por ocasião do falecimento de Francisco da Gama; b) a expedição perdurou no sertão longuissimo tempo, pois o documento fala em 4 anos, durante os quais ela poderia ter percorrido um imenso trato de terras, não sendo impossivel que tenha ido à Baía, mas, certo, voltou a São Paulo por terra, pois o arrolamento dos bens de Francisco da Gama foi acostado e o seu inventário judicialmente feito em São Paulo, a 23 de dezembro de 1600, como provei em "*O Ban-*

---

(12) A propósito da bandeira de Domingos Rodrigues eu delxei firmado que, teria ido a Colaz ("*O Bandeirismo Paulista*", pág. 65, 3.ª edição).

Estou porém convencido que o território paranaense é que foi trilhado por essa bandeira, pois os indios que ela apresou se localizavam no Paraná e não em Colaz.

*deirismo Paulista e o Recúo do Meridiano*", pág. 61, 3.<sup>a</sup> ed.

Dom Francisco, após sua aventura em Santos, a propósito do "*Gulden Wereldt*", — segundo relata Knivet, citado por Carvalho Franco, *loc. cit.*, pág. 20, — chegou à São Paulo nos primórdios de 1599, trazendo como companheiros, segundo Carvalho Franco (*loc. cit.*, pág. 21): Diogo Lopes de Castro, Geraldo Betting, Jacques Palte, Pedro Taques, Baccio de Filicaya, Antônio Coelho, José Serrão; diversos cortesãos, entre os quais Jácome Rodrigues Navarro, Domingos Gomes Pimentel, Diogo Gonçalves Laço, João Jorge, Gaspar Gomes Moalho e Diogo Arias de Aguirre. (13).

A nominata de Carvalho Franco cala-se a propósito de Cornélio de Arzem e de João de Santa Maria, o que me leva a crer que o ilustre perquiridor do nosso passado não os considera como tendo vindo com o governador "das manhas", entretanto, Silva Leme, ao referir-se a Santa Maria e a Arzam, diz, várias vezes, que os mesmos vieram em companhia de Dom Francisco de Sousa, de quem era secretário um deles, e o outro "mestre fundidor". Seria outra cincada de Pedro Taques, que teria indusido em erro o emerito Silva Leme?

Seja, porém, como fôr a verdade é que o governador, ao chegar a São Paulo, se deu pressa em verificar

---

(13) Pascoal Leite não era possível

Ele era avô de Fernão Dias Paes por sua filha Maria Leite, que fôra casada com Pedro Dias Paes Leme. Pascoal era genro de João do Prado (Silva Leme, "*Goncalogia Paul.*"), tendo se casado com Isabel do Prado.

O casamento de Pascoal deveria se ter realizado em 1590, para que sua filha Maria Leite em 1605 pudesse se casar com Pedro Leme e ter filhos em 1606 em diante, (Fernão Dias nasceu em 1608 e Pascoal Leite Paes nasceu 1606). Assim, não seria possível, Pascoal, tendo se casado com a filha de João do Prado em 1590, vir com D. Francisco em 1599, apesar disso dizer Silva Leme na sua "*Goncalogia Paulitana*" IV, 91.

o estado da mineração, na qual encontrava o núcleo de portugueses-paulistas.

Visitou, nos primeiros meses de 1599, as jazidas do Jaraguá e de Biraçoiba, de Afonso Sardinha-o-moço, o mesmo que, em 1593, fôra ao sertão e que, nesse mesmo 1599, também para ali voltaria, segundo afirma convictamente Basilio de Magalhães, *loc. cit.*, pág. 96. (14).

Parece que, ainda nesse ano de 1599, o ativo Dom Francisco, não encontrando, nas minas de Biturunas, do Jaraguá, de Caativa e Biraçoiba, as riquezas, que supunha e que formariam o pendant das espanhólas de Potosí, em terras portuguesas da América oriental, — ainda cheio de esperanças e de ilusões galopeantes, — fez partir a entrada chamada de Itapuzik, constante dos escritos de Knivet e recordada pelo mesmo Carvalho Franco (*loc. cit.*, pág. 23). (15) (16).

---

(14) Carvalho Franco parece concordar com essa entrada de Sardinha, em 1599, no Jetal, mas a atencipa para 1598, afirmando haver o Ins'gne minerador devassado o sul de Minas. E' possível, mas não se sabe porque o ilustre escritor assim agiu!

(15) O Nordéste era a região onde morava a prosperidade, ao passo que o Sul vivia na miséria mais patente. Ainda há pouco, Simonson deu bem a idéa dessa situação, ao traçar sua magnífica "*Historia Económica do Brasil*".

E' que, o Sul não podia fazer concorrência ao Nordéste na produção do açúcar, pois não só o clima do Nordéste era mais favorável para a cultura da cana, como também as suas terras, nesse particular, parecem superiores. As terras do Nordéste eram as famosas massapés calcareas, de longa duração em produtividade, enquanto que as de S. Vicente, contendo grande quantidade de humus, são boas na aparência, mas logo se esgotariam, feitas as primeiras colheitas, coisa que acontece no planalto, às culturas do café; as matas virgens derrubadas, nos primeiros anos as colheitas são de grande abundância, se tornando logo fatigadas.

Assim, o litoral vicentino teve logo de abandonar a primazia ao Nordéste, que rapidamente prosperava. Por outro lado, estando o Sul mais distante, 2.000 quilômetros dos centros consumidores, ficava o Nordéste com a exclusividade.

Esse foi o resultado da primeira batalha do açúcar!

Além desse motivo, o Sul não pudera enriquecer-se com o pau-brasil, porque esse vegetal tem o seu habitat ao norte de Cabo Frio. E' produzido ao Sul, mas não encontra o optimum para as suas condi-

Nesse mesmo ano de 1599, parece que houve séria correria no planalto, a propósito de 4 velas flamengas, que andavam pela costa. Seria Van Noord, que, por essa época, perlongava o litoral luso-espanhol?

A Holanda, então, se desgarrava violentamente da Espanha de Filipe II, que falecera no Escorial em 1598

ções ambientais, de maneira que, não atinge as proporções, que o Norte podia testemunhar.

Assim, sem fonte de riqueza apreciável, o Sul não pôde acumular capitais e desenvolver-se, contentando-se em subsistir. Por este motivo, o Sul era pobre e não atraía a cobiça dos flamengos, que teriam preferido as opulências do Nordeste.

A demografia estava nas proporções desse desnível, pois o padre Anchieta, em suas "Informações", apresenta o seguinte recenseamento, calculado em relação ao médio quinhentismo:

	Branços	Índios	Negros
Baía .....	12.000	8.000	3 a 4.000
Pernambuco .....	8.000	2.000	10.000
São Vicente .....	1.500	1.000	—
Rio de Janeiro .....	750	3.000	100
Espírito Santo .....	750	4.500	—
Pôrto Seguro .....	750	—	—
Ilhéus .....	750	—	—
Itamaracá .....	250	—	—

O total d população subia, no Brasil, a 57.000 habitantes, dos quais 25.000 brancos, 188.000 índios e 14.000 negros.

(16) A respeito desse povoador e escritor do primeiro século, diz Carvalho Franco, *loc. cit.*:

"Antônio Knivet engajou-se como marujo de Tomaz Cavendish, que com cinco velas saiu, em agosto de 1591, do pôrto de Plymouth a fim de recomeçar nos mares do Novo Mundo, a sua guerra de corso. Dirigiu-se para as Canárias, atravessou o Atlântico, e daí veio em direitura ao Cabo Frio, onde capturou um navio mercante, cujo piloto, Gaspar Jorge, deu informações sobre a costa brasileira. Fez, em seguida, Cavendish seguir, para o pôrto de Santos, a nau vice-almirante, "Roebuck", com seu comandante de nome Cocke, e outra nau, as quais desembarcando gente, tomaram o povoado, em 25 de dezembro de 1591. Cavendish, então, também ali veio desembarcar, demorando-se até fevereiro do ano seguinte, tendo feito o saque da vila, incendiando e matando o quanto pôde. São conhecidas as demais peripécias de Cavendish, após a sua partida de Santos. Abandonado na ilha de São Sebastião, com vinte e oito de seus companheiros, que pereceram, à exceção de Henrique Barroway, foi Antônio Knivet aprisionado pelos portugueses que o levaram para o Rio de Janeiro onde ficou prisioneiro e servo do governador Salvador Correia de Sá. Ai, tomou Knivet parte em diversas expedições para a captura de selvícolas, tendo também feito parte da grande entrada de Martim de Sá, em outubro de 1597. Nessa bandeira, tomaram parte seicentos portugueses e dois mil índios, seguindo como capitão de vanguarda, o velho João de Sousa. Segundo alguns historiadores, as regiões percorridas foram trechos dos atuais Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo,

e deixára a corôa na cabeça ôca, de seu filho Filipe III. Ela, que, desde a famosa Maria de Borgonha, bisavô de Filipe II, espôsa de Maximiliano I de Habsburgo, se acomodára no Império, movia uma guerra vitoriosa à fanática Hespanha. Dessa norma de ação, a Holanda dera em preferir atacar as colônias portuguesas, então acorrentadas ao domínio hispânico pela sinistra aventura africana do falecido Dom Sebastião.

Das colônias portuguesas, a Holanda preferia as mais opulentas, nesse Nordêste açucareiro, onde a prosperidade bafejava a população, mais próxima dos mercados de consumo. Então, a Holanda e todos os Países Baixos, com a industrial Flandres, haviam engordado com os capitais ibéricos, para ali emigrados, com a expulsão dos judeus, decretada em 24 de dezembro de 1495 pelo pouco atilado Dom Manuel-o-Afortunado, e com as perseguições do inicio do quinhentismo, em Portugal, contra essa infeliz estirpe. (17).

---

*sendo que a bandeira tendo começado na costa de São Francisco, terminou na aldeia de Peruibe.*

*Após a entrada de Itapucú a que já nos referimos, Antônio Knivet regressou para a Europa, em companhia de Salvador Correia de Sá, agosto de 1601. eD seu compatriota, Henrique Barroway, que o acompanhou em quasi todas as suas peregrinações, sabe-se que ficou em São Paulo, ondes e casou com Francisca Alvares, filho de Marcos Fernandes, dêle procede o apelido de Baruel. Faleceu anos após, na vila de São Paulo'.*

(17) O ato inacreditável do rei Dom Manuel, em 24 de Dezembro de 1495, eliminando do reino uma fração importante de seu capital material, intelectual e demográfico, levou a gente de Israel, os renomados sefardim, a espalhar-se pela Europa. Mas, êles concentraram-se, de preferência, nos Países Baixos, fazendo com que aumentasse o ativo material, intelectual e demográfico dessa região da Europa. Isso deveria tomar imenso impulso na segunda metade do quinhentismo, justamente quando deveria estar produzindo consequências o impensado ato de Dom Manuel, que, nesse ponto, foi menos afortunado. (Lucio d'Azevedo, "Historia dos Christãos Novos"; Simonsen: "Historia Economica do Brasil" Cia. Editora Nacional, série Brasileira).

Assim sendo, deveriam existir nos Países Baixos, os vestígios dessa gente luso-israelita, que a cegueira fanatizada de Dona Isabel de Castela induziu Dom Manuel a eliminar do seu reino feliz.

Quem nos assegura que, em pleno século XVII, estava a Holanda cheia desse elemento, é Pedro Calmon, no seu "Historia da Civilização Brasileira" série Brasileira, Companhia Editora Nacional, n.º XIV, pág. 62.

Nem por isso, entretanto, o Sul deixava de ser acochado, de vez em quando, por cosários flamengos, que causavam sobressaltos, ainda que não se importassem em atacar a colônia.

O bandeirismo, que até à bandeira de Botafogo estivera em defensiva, já dava mostras de que iria iniciar o período da ofensiva. Era o seu período heróico a desenhar-se no horizonte seiscentista que se aproximava (18), (19).

(18) O paulista, como já dissemos, não tinha nenhuma fonte de riqueza, sendo obrigado a buscar nos sertões um elemento que servisse de sustentáculo básico à sua economia. Esse foi tráfico de escravos vermelhos, os quais eram a mercadoria que a capitania vicentina exportava para todas as demais colônias lusas. Simonsen, no seu livro citado pág. 325, calcula que, o tráfico indígena de escravos tenha rendido aos paulistas cerca de 240.000 contos, ou 2.000.000 de libras, dando-se ao dinheiro o poder aquisitivo atual.

Diz Simonsen, a esse respeito:

*"Existem algumas referencias de jesuitas e outros ao numero dos aprisionados em suas missões ou nos sertões bravios. Dellas, não se pode inferir que tenha esse total de incolas aprisionados e escravizados ultrapassado em muito umas 300.000 peças, em todo o cyclo despovoador. Representaria menos de £ 2.000.000, ou seja menos de 1% do que vendeu em igual periodo o cyclo do assucar e pouco mais de 1% do valor de 70 annos de intensa mineração. As peças exportadas para fora da Capitania talvez não alcançassem 30% dos apresamentos".*

Simonsen, "Hist. Econom. do Brasil", I, 325.

Por aí pode-se verificar a pobreza planaltina, em relação às demais fontes de riqueza.

Eu estou em absoluto desacordo com o ilustre economista-historiador, no que se refere a essas porcentagens.

Vejamos:

Para Simonsen, os planaltinos, apresando 300.000 índios, consumiram in loco 70%, ou 210.000 e exportaram 90.000, ou 30%.

Isso é um tal absurdo que logo transparece a sua inverosimilhança!

De fato, o Planalto, com uma diminuta agricultura não poderia manter em atividade nem um decimo do imenso total de 210.000 índios. Gerson Costa e Eli Picolo realizaram interessantíssimas pesquisas nos documentos paulistas e verificaram pelo número das ferramentas inventariadas que, a agricultura planaltina era mínima, (*Bolet. n.º XLII, da Fac. de Filos. Ciências e Letras*). Como poderia o Planalto, cuja população era apenas de 2.000 civilizados e 4.000 índios, absorver cifras e porcentagens de apresados tão elevadas?

Vê-se claramente o erro de Simonsen!

Além disso, 210.000 índios, trabalhando no Planalto, iriam produzir tal quantidade de generos agrícolas que, haveria fatalmente super-produção e exportação.

A super-produção não é confirmada pelos documentos, que analisei.

A exportação teria sido impossível pela Serra do Mar. E para onde seria ela? — Quem a consumiria?

Se exportação tivesse havido, o Planalto teria sido pobre!

O paulista, sem recursos para fazer vir da África elementos de trabalho, e necessitando de uma fonte de riqueza qualquer, lançava-se nos sertões em busca do "remédio para a sua pobreza" e, ante a ausência de páu-brasil e de açúcar, para retirar-lhes um elemento básico de sustentação econômica. (20).

Com êsse motivo econômico a acicata-los, realizaram os paulistas, no decorrer da sua Idade-Média, que para São Paulo foi o seiscentismo, o capítulo heróico que teve uma duração secular e que se não deteria, não fôra o ouro por êles descoberto nas Gerais, em 1695.

---

Ve-se a enorme serie de impossibilidades que rodelam as percentagens de Simonsen.

Elas não se sincronizam com a verdade dos fatos.

(19) Essa timidez defensiva fazia-se sentir nos últimos anos de quinhentismo, porque, só na última década, baqueia o elemento aborígene no planalto. Este decidia-se pelo branco civilizado e bania o índio, que se retirou para os recônditos sertanejos, onde o foram procurar as algáras planaltinas, no decorrer dêsse meio século de bandeirismo.

A tímida defensiva em que se colocava a população planaltina, em face do gentio, explica-se pelo fato de que, até ao ano de 1590, a villa anchietana vivia em constantes sobressaltos, em virtude dos ataques dos índios que, naquele ano, ameaçaram os civilizados. Foi, porém, a deradeira ameaça, pois os índios hostis, a seguir, se retiraram, corridos para os sertões, e os civilizados, mais animados, começaram, a alongar o raio de sua penetração, premidos imperiosamente por motivos econômicos.

(20) Se a situação econômica do Planalto era essa, pergunta-se com que recursos iriam os planaltinos importar a caríssima mão de obra africana? Sim, porque, se os planaltinos eram pauperrimos, não teriam tido meios pecuniarlos para comprar escravos africanos, os quais custavam muito, não só pela sua superior qualidade, mas também porque era mercadoria onerada com despesas não pequenas da travessia atlântica em navegação custosa. Além disso, pergunta-se: o Planalto, em razão de suas atividades, precisava de mão de obra? Sim, porque as atividades agrícolas planaltinas eram resumidas à sua diminuta população, à sua minúscula area cultivada e ao seu illiputeano número de ferramentas agrícolas, constatadas nos documentos analisados.

E, importar a mão de obra africana, não seria promover concorrência à unica industria organizada da gente planaltina, qual era a do apresamento do ameríndio? Se outra mercadoria congenere fôsse importada, não iria ela concorrer com a da terra?

Seria o mesmo que se fossemos atualmente importar café da Lombardia!

Não seria isso um absurdo?

Por isso é que os documentos não registram africanos no Planalto, senão em proporções mínimas.

Enquanto isso, Dom Francisco sonhava com a sua Sabarabuçú, a serra de prata, em cujos cimos massiços, a rebrilhar, via êle, agora, esmeraldas fulgidas que cegavam, ao longe, os que fixavam o olhar guloso nas portentosas maravilhas.

E nada de extraordinário que isso acontecesse no interior brasileiro.

Pois não havia sido a natureza tão pródiga com a Espanha, a quem, além de facilíma penetração no continente sul-americano, com as duas portas fluviaes do Amazonas e do Prata, ambos navegaveis, dera minerais tão opulentos que mantinham em atividade as frotas da prata, que anualmente iam abarrotadas de preciosidades para a metrópole cansada dos Filipes, a esvair-se num fanatismo curto em resultados?

O sonho de Dom Francisco não era sinão a sequência promissora do devaneio, que havia feito partir Francisco Bruzza de Spinoza, em 1553, Rodrigues Caldas, em 1561, Braz Cubas e Luiz Martins, em 1560, Martim de Carvalho, em 1569, Fernandes Tourinho, em 1573, Dias Adôrno, em 1574, Gabriel Soares, em 1591, Belchior Dias Moreya, em 1593. E não era, porventura, êsse mesmo sonho que havia espicaçado a cobiça dos portuguezes, quando, em 1531, nos saudosos tempos martim-afonsinos, fizeram partir Pero Lôbo, para a hiante Tarpéia, que era êsse mágico sertão sul-americano?



## CAPÍTULO II

### ANDRÉ DE LÊAO

Os paulistas tinham de ir buscar o seu remédio no sertão, em decimentos de gentios, que constituíam a sua única indústria, ou a sua única fonte de atividade econômica. Era a sua fonte de renda, o alimento do seu minguadíssimo comércio, o saldo de suas contas, com que se mantinham, nesse planalto, que ainda não havia começado a produzir os resultados de sua superioridade ecológica, a qual iria se ressaltar no decorrer do futuro, com seus efeitos acumulados.

Trabalhavam sob a cortina de fumaça dos sonhos das descobertas metalíferas e tamborilavam nos sertões, numa faina bandeirantista escravagista, que, cada vez mais, lhes dilatava o raio de ação.

A princípio, da timidez das incursões, sobressai apenas o surto de Pero Lôbo, ou o de Aleixo Garcia, segundo nos relata a "*Argentina*", de Ruy Diaz de Gusmán.

Eram razias em tórno dos povoados, dos quais voltavam peçadas de escravos índios, que eram vendidos para fôra da capitania vicentina, acarretando, para os moradores do planalto e do litoral, elementos de poder aquisitivo, com os quais importavam o que se fazia necessário para o seu sôbrio e morigerado viver.

Foi assim que, aos poucos, se foi escasseando a mercadoria humana em tôrno do vilarejo piratinin-gano; mas, o planaltino havia aguçado, em 1562, a sua belicosidade, no famoso ataque tamoio a São Paulo. Então, os paulistas se bateram pela vida.

A fundação do Rio de Janeiro, em 1565 e em 1567, com a expulsão definitiva dos franceses da Guanabára, foi a continuação dêsse surto memorável. Depois, foi o auxílio, que os paulistas deram a Salema, em 1574. Com os nossos maiores, o governador da repartição Sul deu enérgica o exterminadora batida nos tamoios. Depois, foi a expedição militar de Jerônimo Leitão, em 1585, aos carijós. Os luso-paulistas, no Paraná, vingavam a audácia de Moschera, que, tempos antes, viera assaltar São Vicente. Alguns anos depois, em 1592, Sebastião Marinho teria ido até Goiaz, com gente planaltina, (20-a).

No ano seguinte, é o já mencionado Afonso Sardinha, que vai, segundo o vol. II, pág. 47, das "Atas", com "*çen índios chrispão e levarão intento de ir á guerra e saltos e corer a terra cõ intensão de irem tirar ouro e outros metaes*". Creio que o minerador do Jaraguá, segundo se vê de um documento dos "*Inventários o Testamentos*", vol. I, pág. 270, realizou essa sua entrada até aos índios "pés largos", dos quais surgiu abarrotado no povoado. E' possível que, êsses índios se localizassem no oeste de São Paulo e fôsem os mesmos "biobebas". (21).

20-A) Confesso que tenho dúvidas quanto a essa expedição.

Que iria Sebastião Marinho fazer tão longe em Goiaz?

Apresiar índios? Para isso êle precisaria ir a zona tão distante? Não havia índios apresaveis a distância muito menor? Nesse caso qual teria sido seu objetivo?

Será que êle foi a Goiaz unicamente para realizar um "raid" aventureiro, sem fim prático?

21) A propósito dêsse Afonso Sardinha, escreve o já citado Carvalho Franco, *loc. cit.* págs. 24 e 25, o seguinte:

"O pequeno ciclo das minas aparece, em São Paulo, com as entradas de Afonso Sardinha-o-Moço, mameluco, que bateu, anos segul-

Em 1594, segundo a "Nobiliarchia" de Taques, citado por Basilio de Magalhães, *loc. cit.*, pág. 94, encontramos Jorge Correia apresando índios entre os carijós, êsses, mesmos índios paranaenses, que vinham até Pinheiros e "Emboassava", com suas peles de leopardo e seu ânimo agressivo. Essa aventura de Jorge Correia, porém, está mais restringida, ao menos quanto à região

---

dos, os arredores de São Paulo (1598-1604), descobrindo ouro na serra da Mantiqueira, em Guarulhos, Jaraguá, Ibiluruna e no Ipanema, sendo que, neste último local, também encontrou ferro, de que valeu a construção de dois fornos catalães para o seu preparo (1591).

"Esse Afonso Sardinha era filho do lusitano de igual nome, sobre o qual escreveu Taques que era um dos homens mais ricos do seu tempo, dono de um trapiche de açúcar no Cubatão, tendo exercido os principais cargos de confiança na administração da capitania.

"Um dos fornos que construíra, junto ao Araçotaba, Afonso Sardinha-o-Moço, cedeu a Dom Francisco de Sousa, que, com o felto de facilitar e desenvolver a fabricação do ferro, fundou, nas imediações uma povoação a que deu o nome de São Felipe e que, originariamente, foi conhecida pelo nome de Itavuvú ou Itapebossú.

"Afonso Sardinha-o-Moço residiu em seu sítio de Emboacava, junto do rio Pinheiros, tendo também um estabelecimento de mineração aurífera no Jaraguá, de onde, segundo o seu testamento, extralou oitenta mil cruzados de ouro em pó. (Oitenta mil cruzados, segundo Roberto Simonsen, "História Econômica do Brasil", são 12.800 contos em poder aquisitivo de hoje, o que é, evidentemente, exagerado). (Essa citação de Simonsen é minha).

"Esse estabelecimento, construído junto com seu filho Pedro Sardinha, substituiu as infrutíferas tentativas por parte de Braz Cubas, associado ao capitão Jerônimo Leitão, e, ainda em 1636, era explorado com resultado pelo seu neto Gaspar Sardinha.

"Além de suas bandeiras em busca de metais, Afonso Sardinha-o-Moço capitaneou algumas de descimentos, como, entre outras, a realizada em 1598, a qual, segundo alguns entendidos, operou no sertão de Itical e, depois, devassou a zona do sul mineiro.

"Dessas bandeiras e outras, formou Dom Francisco de Sousa a aldeia de índios ministrados de Barueri.

"Parece ter falecido no sertão, em 1604, pois desta data é o seu testamento, escrito pelo capelão do bando sertanejo, padre João Alvares. Em 1601, conforme se lê no Regimento dado a Diogo Gonçalves Laco, Dom Francisco de Sousa ordenava, particularmente, aos dois Afonsos, uma entrada pela qual estimulava.

"Descobrindo os ditos Afonso Sardinha alguma coisa de novo que seja alguma importância e querendo se me avisar, ordenarei que vá o dito aviso pela maneira atrás dita". Nessa entrada, foi que, provavelmente, faleceu Afonso Sardinha-o-Moço, que a ia chefiando (1604).

"Esse sertanista teve como companheiro, em todas suas entradas a Clemente Alvares que se casou, depois, com Maria Tenório, filha do grande conquistador e povoador Martim Rodrigues Tenório de Agullar".

percorrida, em que se tendo em conta um documento de Sebastião de Freitas, passado quando êste ilustre guerreiro algarviano, da expedição de Gabriel Soares, foi armado cavaleiro por Dom Francisco de Sousa, em 1600.

Por êsse documento, citado por Carvalho Franco, *loc. cit.*, pág. 28, foi êle, com Jorge Correia, ao "*sertão desta Capitania a dar guerra ao inimigo, tendo vindo a esta vila de São Paulo a dar-lhe guerra e po-la em cerco*".

No ano seguinte, foi ao sertão o cap. Manuel Soeiro.

Não sei por onde teria andado a sua expedição, mas creio que foi um dêsses muitos surtos de preamento de que São Paulo se mostrava tão farto.

No ano seguinte, foi a expedição de João Pereira de Sousa Botafogo, à qual já nos referimos como devendo ter feito parte de um sistema com as que o governador Dom Francisco fazia partir do Espírito Santo e do Rio de Janeiro, esta sob o comando de Martim de Sá e com a participação de muitos elementos do planalto. (22).

Há quem pense que essa expedição teve em mira completar, contra os índios, a chefiada, em 1574, pelo Dr. Antônio Salema, então governador do Sul, e à qual já haviam pertencido muitos moradores do planalto, com Jerônimo Leitão à frente. Creio, porém, que a expedição de Martim de Sá, ainda que só tenha tido resultados quanto ao preamento do gentio, levou, ao partir, como objetivo, ao menos na aparência, o descobrimento de metais em terras mineiras do Alto São Francisco, onde se devia encontrar a famosa serra resplandecente de Sabarabuçu.

---

(22) Em contrário de que a expedição de Botafogo fez parte do mesmo sistema que a de Martim Correia de Sá, temos que aquela foi em 1596 e esta em 1597, não coincidindo as datas portanto.

Contra êsse objetivo, encontro um indício no vulto imenso da expedição, que assim parecia fugir aos objetivos primaciais da exploração metalífera exclusiva. Para achar metais preciosos ou pedrarias de valor, não havia precisão de que se reunissem cêrca de 700 portuguezes e 2.000 índios, como diz Knivet! Um número bem mais reduzido de componentes bastaria. Não estamos vendo as expedições de Pero Lôbo, Aleixo Garcia, Bruzza de Spinoza, Vasco Caldas, Braz Cubas, Martim de Carvalho, Sebastião Tourinho, Dias Adôrno, Gabriel Soares, Belchior Dias Moreya e outras, em flagrante contraposição às bandeiras guerreiras de Jerônimo Leitão, Botafogo, Salema, Sardinha, Jorge Correia e outros que, pelos fins a que se destinavam, tinham precisão de levar aos sertões exércitos em miniatura, porque o índio, para ser apresado, precisava, antes, ser dominado pela violência, mesmo porque se defendia? Para a exploração metalífera, não haveria precisão de que o arcabuz funcionasse, a não ser em casos excepcionais de defesa! Seria mais necessário o alvião do pesquisador, de modo que não haveria precisão de grandes massas de combatentes!

Acredito que a expedição do descendente de Mem de Sá, ainda que, com toda essa aparência bélica, teria tido por escopo, também, as descobertas metalíferas. Teria sido, pois, como a de Botafogo, uma expedição mista?

Seja, porém, como for. Dom Francisco fazia partir de São Paulo, no último quartel de 1600, a expedição de André de Leão.

Sejam-me permitidas duas observações, ao tratar dessa empreitada.

Em primeiro lugar, a demora. Dom Francisco era homem extraordinariamente ativo, chegando, mesmo, às raias da vibratilidade a sua ação febril, nos desco-

brimentos das riquezas. Como aceitar ter êle levado inerte todo o resto do ano de 1500 e bôa parte do ano de 1600? Durante êsse período de tempo, talvez êle se tenha ocupado em alguma empreitada sertaneja, que não se sabe ainda qual tenha sido. Empolgava-o a idéa da prata de Sabarabuçu, agora reunida à das esmeraldas, que supunha jazerem no alto São Francisco, tanto que, nessa direção, timbraram as suas buscas aflitas. Eis as numerosas expedições, que fez partir, em demanda de um velocinio, que lhe escaldava a imaginação cavalheiresca e ardorosa.

Não me satisfaz a explicação de que, durante êsse lapso de tempo, o senhor de Beringel esteve preocupado com a mineração do Jaraguá, de Biraçoiaba, de Biturunas, de Caativa, etc., ou cuidando do inimigo externo da região brasileira, todo empolgado em repelir os corsários na costa vicentina. Van Noord, ou o "Gulden Wereldt", de Lourenço Bitter, ou a sombra de frota de Leyssen, por certo, deram margem a que o governador se ocupasse em alguma coisa. O mesmo teria ocorrido em relação a Diogo Gonçalves Laço, no qual êle ministrára um famoso Regimento, que tem a data de 19 de Julho de 1601, portanto quasi na ocasião em que Dom Francisco esperava, em São Paulo, a gente de Leão.

Creio que, Diogo Gonçalves, antes de haver recebido as instruções de Dom Francisco, contidas no Regimento, havia já realizado uma empreitada de bandeirismo, pois Carvalho Franco reproduz uma carta de doação da Câmara Municipal de São Paulo, com a data de 26 de janeiro de 1599 (Carvalho Franco. *loc. cit.*, pág. 21), que diz:

"... nos enviou a dizer Jorge João, alferes da Companhia do capitão Diogo Gonçalves Laço, QUE

ELLE VEIU NO DESCOBRIMENTO DAS MINAS DE OURO E PRATA E MAIS METAES em serviço de sua magestade..."

Ora, Diogo era um dos mais incansáveis sertanistas do tempo. Tudo nos leva a crer que, êle não tivesse permanecido com as mãos abanando, em São Paulo, durante tanto tempo!

Mas, a verdade já sabida é que André de Leão partiu à frente de 70 a 80 homens, que eu acredito terem sido os brancos unicamente, no último quartel do ano de 1600 (23). Dessa expedição, resta-nos o roteiro de Wilhelm Josten Glimmer, documento êsse que pernitiu a sua reconstituição.

Não há dúvidas de que a expedição teve em mira o território de além-Mantiqueira.

Segundo a unanimidade dos que se têm ocupado com assuntos bandeirantistas, essa expedição seguiu o curso do Paraíba, penetrando nas Gerais pelo Embaú, ganhando o curso do Alto São Francisco, para atingir o sertão de Pitangui. E' o mesmo roteiro de Braz Cubas, em 1560, e o mesmo que Botafogo teria trilhado em 1596, ainda marcado, na floresta virgem, pela passagem abrupta dos rudes sertanistas de São Paulo.

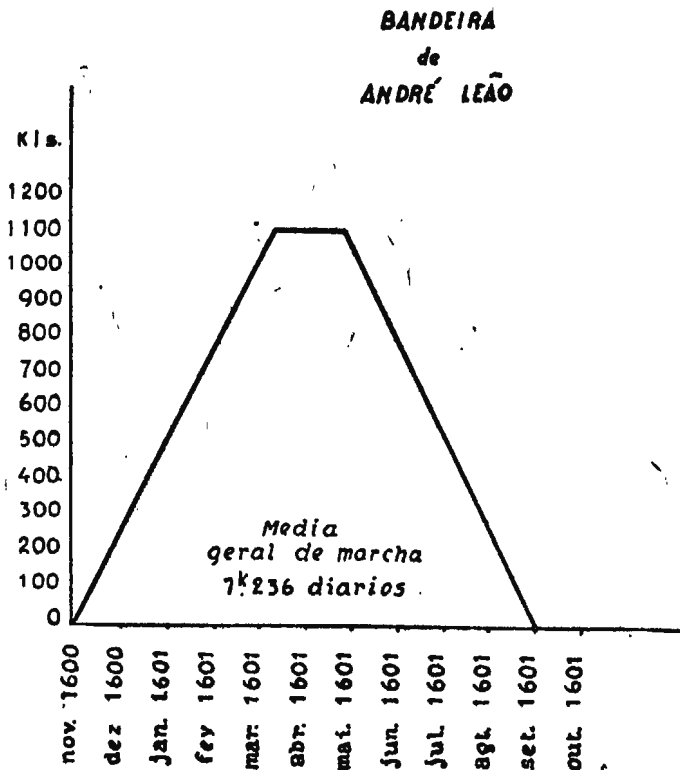
Cêrca de nove meses, levou André de Leão, com a sua gente, no sertão, tempo de sobra para que pudesse atingir o sertão de Pitangui, nas futuras Gerais. (Basilio Mag. "*Expansão Geographica*", 8).

Em julho do ano de 1601, quando Dom Francisco dava o seu Regimento o Diogo Gonçalves Laço, a bandeira de Leão era esperada em São Paulo. Coisa, à primeira vista, de difícil aceitação é ter a expedição

---

(23) Pelo que diz Carvalho Franco, 32, *loc. cit.*, a bandeira de André de Leão deveria ter partido nos últimos dias de Novembro de 1600, pois então ele estava se aprestando, e ter voltado em Agosto ou Setembro de 1601, pois demorou 9 meses fóra do povoado.

de Leão partido para o Norte, em fins de 1600, de modo a ir passar o verão em regiões mais quentes. Isso era de hábito, quando as bandeiras se orientavam para o Sul, pois então, convinha, passado o inverno no



planalto, aproveitar os meses quentes, para perlustrar terras de temperaturas mais baixas, como as sulinas. Entretanto, aí fica o reparo, sem outra qualquer idéia



a respeito de itinerário da expedição, que está bem concretizada no tocante ao seu roteiro, pois o deixado de Glimmer é o suficiente para aclará-la. (V. gráfico da página anterior.

Já com Dom Francisco, a organização das expedições obedeciam a um cunho militar, que as aproximava ainda mais dos exércitos em miniatura, de modo que, mais ainda se aprofunda a minha crença de que esses empreendimentos, pelos seus vultos, não levavam como objetivo unicamente as descobertas metalíferas.

### CAPÍTULO III

## NICOLAU BARRETO (24)

Com a chegada de André de Leão e a sua gente esfalfada, aumentaram as desilusões dos que se empenhavam nas buscas de preciosidades, no centro continental. Dom Francisco, ao que parece, convenceu-se de que de fato não adiantava procurar, tão distante, na América portuguesa, um símile para os ricos mananciais, que davam anualmente, à Espanha, frotas inteiras de opulências inimagináveis.

Para êsse lado é que deveriam as buscas ser orientadas!

Potosí (25) deveria ter substituído, na mente escaudada de fidalgo de Beringel, as rutilâncias de Sabarabuçu, que, pálidas, se sombreavam nas desilusões cinzentas e neblinadas das expedições infrutíferas, que voltavam acabrunhadas e desalentadas dessa região central mineira do Alto do São Francisco.

Além disso, os paulistas não podiam arcar com mais sacrifícios para as descobertas.

---

(24) Nicolau Barreto era irmão de Roque Barreto, que fôra capitão-mor da capitania de São Vicente. Talvez a êsse Roque Barreto diga respeito a anotação contida no livro de Enrique de Gandía, "Las Misiones Jesuíticas", pág. 24:

*"En un proceso, hasta la fecha inédito hecho en Buenos Aires, en ano de 1599, por el gobernador del Pto de Plata, Don Diego Rodríguez de Vales CONTRA ROQUE BARRETO, capitán de un navio portugués apresado en el puerto de los Patos..."*

(25) Potosí só foi fundado em 1545 ano em que as suas riquezas argentíferas foram descobertas.

Queriam persistir continuamente nas suas caçadas ao gentio, que deveria ser buscado no Sul, e não nesse centio mineiro, que tanto trabalho dera a Dom Francisco e tantos desenganos lhe acarretára ao espírito infatigável e tenaz! E a caça ao gentio seria para os planaltinos um objetivo primordial e imediato. Se não fosse a caça ao gentio, como poderiam viver?

Sim, nesse Sul, onde os castelhanos se haviam firmado, desde que, em 1541, Alvar Núñez Cabeça de Vaca, desembarcára em Laguna, em Santa Catarina, e seguira até ao Paraguai, por terra. Êles, os castelhanos, tinham, em 1554 (ano da fundação de São Paulo) com Garcia de Vergara, fundado Ontiveros, dois anos depois, transferida para a fóz do Pequerí; e, em 1570, tinham estabelecido Vila Rica del Espírito Santo, por sôbre o médio Ivaí, com Ruy Diaz de Melgarejo. E' certo que, só em 1607, se havia de organizar a província jesuítica do Paraguai, à qual deveria pertencer Guairá, que é o nosso atual Estado do Paraná. E' certo, ainda, que, só em 1610 deveriam ser semeadas as reduções jesuítico-guairanhas, ao longo dos rios. Mas, é certo, também, que, desde 1586, se haviam estabelecido os jesuítas, com os padres Tomas Fields, João Saloni, Manuel Ortega, Leonardo Arminio e Estevão da Gram, em terras paraguaias, ali iniciando a catequização indígena, com um êxito de pasmar. (26).

Ora, êsse fáto, para os paulistas, era de dar-lhes água na bôca!

Presas facil, situada a tão curta distância!

As populações indigenas do Guairá, aos milhares, eram densas e amansadas!

---

(26) A esse respeito diz Capistrano de Abreu:

*"Não se imagina presa mais tentadora para caçadores de escravos. Porque aventurar-se a terras desvalradas, entre gente boçal e rara, falando línguas travadas e incompreensíveis, si perto demoravam aldeamentos numerosos, iniciados na arte da paz, afeitos ao jugo da autoridade, doutrinados no aba-nheen?"*

Pois então, tendo índios já catequizados e em grande número, iriam ter o trabalho de apresar disseminados selvícolas, ainda em estado de selvajaria? Seria dar-lhes um atestado de inferioridade psíquica. Pois, não é de se pensar que, êles fossem atirar-se ao osso rijo e magro, nos sertões agrestes, que cada vez mais se distanciavam, inflingindo-lhes toda sorte de penas, para o apresamento difícil de populações belicosas e ralas?

Tudo estava a indicar-lhes o fardo manancial do Guairá, onde a gente era já amansada, e já pacífica, em razão dos jesuítas, etc., (26.<sup>a</sup>).

Assim, os sonhos de Dom Francisco, desvanecidos pelas desilusões, que lhes acarretára o resultado da expedição de André de Leão, súbitamente mudavam de direção para o Sul, em demanda de Potosi ou suas proximidades, e tomavam um cunho mais prático e imediato.

Por outro lado, os interesses econômicos planaltinos também corroboravam a repentina guinada de orientação, que mudava de rumo a penetração bandeirantista paulistana.

Teria sido, assim, resolvido que, a expedição seguinte, que Dom Francisco ia organizar, não mais seria em demanda do centro mineiro do Alto São Francisco, nas terras de Além-Mantiqueira. (E' possível também que a mudança de governador geral, tenha influído nisso).

---

(26-A) Não ha dúvida que, os jesuítas, inconsciente e involuntariamente, desempenharam importantíssima função no apresamento. Eles prepararam a matéria prima a apresar. Eles semi-manufaturaram o produto de industria belico-economico, que os planaltinos exploravam. Eles cristianizaram e amansaram as massas de indios, de modo que os planaltinos apresavam material já lapidado e exportavel.

Elimine-se a sua ação, por uma abstração, o bandeirismo de apresamento teria tomado uma feição muito diferente, pois teria sido muito menor e menos intenso do que foi, com profunda repercussão no Nordeste, bem como na produção de açúcar em geral.

Começaram, pois, os aprestos da nova expedição, antes mesmo que, chegassem ao povoado os componentes da entrada de Leão. E, em 1602, — um ano justo depois da volta dos que haviam buscado o velocino de prata e esmeraldas nas serras resplandecentes do centro mineiro, depois mesmo de ter sido Dom Francisco substituído na governança do Brasil, — em agosto de 1602, estava a nova leva pronta para a partida. Só o fato da entrada de Barreto apresentar-se, no fim do ano, para penetrar no sertão, nos traz, pelo menos, um indício longinquo de que a região a ser trilhada pelos expedicionários não seria a de temperatura mais elevada nos meses do verão, que se aproximava, e sim a que tivesse mais amenidade de clima, durante essa fase estacional. Ora, as regiões ao norte do trópico, à medida que se aproximam do Equador, vão tendo mais quentes os meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro. Os paulistas, compreendendo que lhes seria muito mais agradável fugir a essas intempéries, oriundas do calor intenso, faziam suas expedições, buscando as terras sulinas, justamente quando esses meses se aproximavam, e objetivando as plagas do Norte, quando tinham precisão de mais calor nas atmosferas, que iam ser atravessadas.

Assim, logo à primeira vista, temos um indício de que a região a ser atravessada pelos expedicionários paulistas, que Dom Francisco de Sousa ia partir para o sertão, não seria ao norte do vilarejo planaltino.

Ao conhecer-se a composição da bandeira, que seria chefiada por Nicolau Barreto, depara-se com outro indício de que a região a ser trilhada pela expedição não seria a nortista, como até então havia sido do pensamento geral (Azevedo Marques, Silva Leme

e outros), mas a sulina, ou antes, a de sudoeste, porque era nessa direção que se localizava o abundante celeiro de índios mansos de Guairá, região que seria, pela quantidade humana, elevada a uma das províncias do Império teocrático-guarani, que se erigia em território castelhano (27).

Essa bandeira de Barreto compreendia cêrca de 300 lusos, paulistas e mamelucos, além de alguns milhares de índios frecheiros.

Fôram, nessa ocasião, com Barreto, todos os futuros grandes vultos do bandeirismo da primeira metade de seiscentismo, a época heróica dessa epopéia.

Graças à organização militar que Dom Francisco deu às empreitadas de penetração bandeirante, a tropa estava bem repartida, com seus serviços em ordem, desemeilhando-se, nesse particular, do que fôram, no quinhentismo, as expedições dêsse gênero.

Derby, no seu trabalho, a propósito dêsse feito do sertanismo, publicou, na "*Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*", vol. VIII, pág. 401, uma nominata de componentes dessa leva, mas eu, graças à documentação municipal ("*Atas*", vol. II, pág. 126) e ao inventário de Martins Rodrigues Tenório, do qual consta o testamento do mesmo, feito no sertão ("*Inventários e Testamentos*", vol. II, pág. 21 a 27), conseguí elaborar uma nominata um pouco mais completa, que consta dos seguintes nomes (28):

---

(27) Guairá, nessa ocasião ainda não estava salpicada de reduções, as quais, só em 1610, começaram a ser fundadas (Sto. Ignacio menil), mas desde o século anterior os paulistas vergastavam os índios da região, apresando-os, (Taunay, "*Hist. Geral*", vol. 1).

(28) Salvador Pires de Medeiros é um dos expedicionários da bandeira de Nicolau Barreto. Teria nascido, aproximadamente, em 1580, sendo filho de Salvador Pires-o-Moço e de Meclia Ussú (Silva Leme, *loc. cit.*), tendo, portanto, sangue indígena. A propósito dêle, diz Silva Leme, *loc. cit.*, vol. I, pág. 123:

"A seu respeito, escreveu Pedro Taques: "*Foi capitão da gente de S. Paulo pelos annos de 1620 como pessoa das principais da terra, que assim se declara na patente registrada na Camara de S. Paulo. Foi*

Aleixo Leme, Antônio Luiz Grou (28-A), Antônio Bocado, Antônio Pedroso (deve ser o de Alvarenga), Antônio Pinto, Antônio de Andrade, Antônio Rodrigues Velho, André de Escudeiro, Ascenço Ribeiro, Braz Gonçalves-o-Velho e seu filho Braz Gonçalves-o-Moço, Baltasar Gonçalves, Baltasar de Godói, Bento Fernandes, Domingos Barbosa, Domingos Dias-o-moço, Domingos Fernandes (o mameluco fundador de Itú, filho de Manuel Fernandes Ramos?), Domingos Gonçalves, Domingos Pareda, Duarte Machado, Estêvão

*grande Paullista abundante em cabedaeas, estabelecido nas terras ou sítio do Ajuhã, onde teve uma fazenda de grandes culturas uma dilatada vinha, da capella da gloriosa martyr Santa Iñez, cuja devoção tomou por ter este nome sua mulher. Foi casado com D. Iñez Monteiro de Alvarenga, cognominada a matrona. Tit. Alvarengas, cap. II. Esse capitão Salvador Pires, com sua mulher, fez doação, a Bartholomeu Bueno, das terras que o dito Pires herdara de seus pais, por escritura de 1625.*

(28-A) Estou na convicção de que "Grou" teria sido mera corruptela do inglês "Grew".

• • •

Quanto a Aleixo Leme, temos a seguinte anotação a fazer. Foram dois os planaltinos desse apelido, que encontramos nos documentos. O mais velho foi o filho de Braz Esteves e Leonor Leme, a qual faleceu em São Paulo, em 1633, devendo ter nascido, na ilha da Madeira, mais ou menos em 1550, filha de Pero Leme e Luzia Fernandes. Leonor deveria ter nascido na época aproximada de 1550, porquanto Pedro Leme veio da ilha da Madeira, segundo Pedro Taques, no ano de 1550, trazendo sua filha Leonor. Temos que fazer essa ginástica de datas, para não ter de desmentir o linhagista.

Aleixo Leme, da nominata de Barreto, deveria ter cerca de 30 para 40 anos e ter nascido em 1570, ou 1565, pois seu irmão Pedro Leme tinha em 1640, setenta e tantos anos de idade.

O segundo Aleixo Leme, então existente em São Paulo, foi sobrinho do primeiro acima mencionado, filho de Pedro Leme (irmão do primeiro Aleixo) e de Helena do Prado, filha de João do Prado-o-Velho. Deveria esse segundo Aleixo Leme ter, por ocasião da bandeira de Nicolau Barreto, cerca de 20 a 25 anos, tendo nascido, mais ou menos, em 1582 ou 1575. Qual dos dois foi o companheiro de Nicolau Barreto? O segundo reúne mais probabilidades.

• • •

Antônio Luiz Grou, da nominata citada, foi o mameluco desse nome, filho de Domingos Luiz Grou (possivelmente de origem inglesa) e de Fulana Guassú, índia filha do cacique de Carapicuiabas; tio de Luiz Eanes, que deveria falecer em 1628, quando teria cerca de 56 anos. Assim, Antônio Luiz deveria ter, por ocasião da bandeira de Nicolau Barreto, cerca de 40 anos, devendo ter nascido em 1540, aproximadamente.

• • •

Ribeiro, Francisco Alvarenga, Geraldo Correia, Henrique da Cunha Gago-o-Velho, João Bernal, João Dias, João Gago da Cunha-o-Velho, João Morzelho, João Jorge (deve ser Jorge João, ao qual se refere Carvalho Franco, *loc. cit.*, pág. 21), Jorge Rodrigues, José Gaspar Sanches, Lourenço da Costa, Lourenço Nunes, Luiz Eanes, Manuel Afonso, Manuel Chaves, Manuel Mendes Alemão, Manuel de Saveral, Mateus Gomes, Mateus Neto, Nicolau Barreto (cabo da tropa), Manuel Pais, Manuel Preto (o futuro herói de

---

Crelo que, Antônio Pedroso da lista referida, seja o de Alvarenga, pois que, na época, em São Paulo, havia ainda o Antônio Pedroso de Barros, mas, ao passo que, este era pessoa da governança e estacionava no litoral, o de Alvarenga, tendo nascido, aproximadamente, em 1560, teria cerca de 40 a 45 anos de idade. E' certo que, nessa época, houve um Antônio Pedroso de Freitas, mas este deveria ter nascido em 1593, devendo ter no máximo, por ocasião da bandeira do Nicolau Barreto, cerca de 9 anos de idade, o que o impossibilitaria de tomar parte em qualquer empreendimento sertanista (Silva Leme, *loc. cit.*, vol. VII, pág. 22). Antônio Pedroso de Freitas casou-se em 1635 e faleceu em 1672, o que me habilitava a fazer o juízo supra. Nessa expedição, tomaram parte Francisco de Alvarenga e Estêvão Ribeiro de Alvarenga, irmãos do referido Pedroso de Alvarenga, servindo de mais um indício a favor da minha hipótese.

• • •

Tivemos dois Antônio Bicudo em São Paulo. O primeiro, já em 1585, era ouvidor da capitania, e que nos obriga a aceitar o seu nascimento, pelo menos em 1545, de maneira que é improvável que, cerca de vinte anos depois, isto é, com 60 anos de idade, tenha participado da entrada de Nicolau Barreto. Mais aceitável seria atribuir o nome acima a seu filho desse mesmo apelido, o qual teria nascido, aproximadamente, em 1580, contando cerca de 22 anos quando houve a expedição de Barreto. (Silva Leme, *loc. cit.*, vol. VI, pág. 297).

• • •

Ascenço Ribeiro, da lista citada, seria o filho de Estêvão Ribeiro Bayão Parente e de Madalena Fernandes Feijó de Madureira. Teria nascido em 1575 a 1580, mais ou menos; contando, em 1602, cerca de 22 anos. (Silva Leme, *loc. cit.*, vol. VII, pág. 160).

• • •

Antônio Rodrigues Velho teria sido o filho do paulista, que também tinha esse nome e que teria sido filho dos povoadores Garcia Rodrigues e Isabel Velho. Durante muito tempo, estive na crença de que se referia a este, o nome do bandeirante companheiro de Nicolau Barreto, mas cheguei à conclusão de que seria improvável que este paulista tomasse parte em bandeiras, nessa época, quando teria cerca de 70 anos. Seu filho, então com cerca de 40, devendo ter nascido,



Guairá), Nicolau Machado, Pascoal Leite Furtado (o fidalgo que teria sido companheiro da vinda de Dom Francisco de Sousa, segundo Carvalho Franco e Silva Leme "*Genealogia Paulistana*", IV, 91), Paulo Guimarães, Pero Leme-o-Velho (genro de João do Prado), Pero Martins, Pero Nunes, Rafael de Proença Salvador Pires de Medeiros (grande sertanista do século XVII), Simão Leitão, Simão Borges de Cerqueira (que Carvalho Franco inclui, também, entre os companheiros de Dom Francisco), Sebastião Pires Caleiro,

---

provavelmente segundo os meus cálculos, em 1560, poderia, com muito maiores probabilidades, ser o bandeirante de Nicolau Barreto, tanto mais quanto o chefe da bandeira, o capitão Barreto, era casado com Lucrécia Moreira, prima-irmã de Antônio Rodrigues, a quem me refiro. (Silva Leme, loc. cit., vol. VII, pág. 441).

• • •

Domingos Fernandes, seria talvez o fundador de Itú, filho de Manuel Fernandes Ramos e da mameluca Suzana Dias, filha de Lopo Dias e Beatriz Ramalho (filha de João Ramalho), Domingos teria nascido em 1585, contando, por ocasião da bandeira de Nicolau Barreto, cerca de 17 anos. É essa a única maneira de conciliarmos os ensinamentos de Silva Leme, loc. cit., vol. VII, pág. 224, com a fundação de Itú e com a data do falecimento de Domingos, em 1652. Mesmo admitindo essa hipótese, teremos que Domingos Fernandes, ao falecer, estaria com 67 anos, o que é verosímil.

• • •

Creio que o Estevão Ribeiro da nominata citada, deveria ser o de Alvarenga, irmão de Antônio de Alvarenga e de Ana Ribeiro, provavelmente tendo nascido aproximadamente, em 1580.

• • •

João Gago, da nominata referido, deve ter sido João Gago da Cunha, filho de Henrique da Cunha e de Filipa Gago, e ter nascido, mais ou menos em 1560, pois o outro planaltino desse nome, que foi sobrinho do acima nomeado, filho de Henrique da Cunha Gago-o-Velho, deveria ter nascido, mais ou menos, em 1594, estando ainda sem idade para, em 1602, tomar parte na bandeira de Barreto (Silva Leme, vol. V, pág. 4), ao passo que, o que eu acho ter sido o bandeirante de Nicolau Barreto, faleceu em 1648, com cerca de 88 anos, e teria, em 1602, a idade de 42anos.

• • •

O bandeirante de nome Bento Fernandes teria sido um filho de Manuel Fernandes Ramos, escapo às investigações de Pedro Taques e de Silva Leme, pois nada encontrei, nos trabalhos genealógicos desses autores, que se referisse, possivelmente sequer, a Bento Fernandes.

Antônio Gonçalves Davi, Diogo de Oliveira Gago, Francisco de Siqueira, Francisco Ferreira, Francisco Alvares Correia (não nos está dizendo qualquer coisa a similitude com o nome do Caramurú, da Bala, de onde veio Dom Francisco?), Francisco Nunes Cuba (descendente de Braz Cubas, teria sido o genro de Manuel Preto?), Manuel Machado, Miguel Gonçalves e Martim Rodrigues Tenório. (*O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano*, 1.<sup>a</sup> edição, pág. 75).

---

(Silva Leme, *loc. cit.*, vol. VII, pág. 224). E' verdade que, em São Paulo havia outras estirpes, desse nome!

• • •

Creio que, Baltasar de Godói, da lista citada, é o castelhano vindo depois de 1580, que aqui se casou com Paula Moreira (apud Silva Leme, vol. VI, pág. 3, *loc. cit.*), pois o filho desse casal, e que teve esse mesmo nome, só deveria ter nascido depois da chegada da expedição de Barreto, em 1604, porquanto faleceu em 1679 e, segundo todas probabilidades, deveria ter, então, 75 anos de idade.

• • •

O nome de Pedro Leme faz crer que se trate do filho mais velho de Leonor Leme e de Braz Esteves, devendo ter nascido, aproximadamente, em 1570. (Silva Leme, *loc. cit.*, vol. II, pág. 186), para ter, por ocasião da bandeira de Barreto, cerca de 32 anos.

• • •

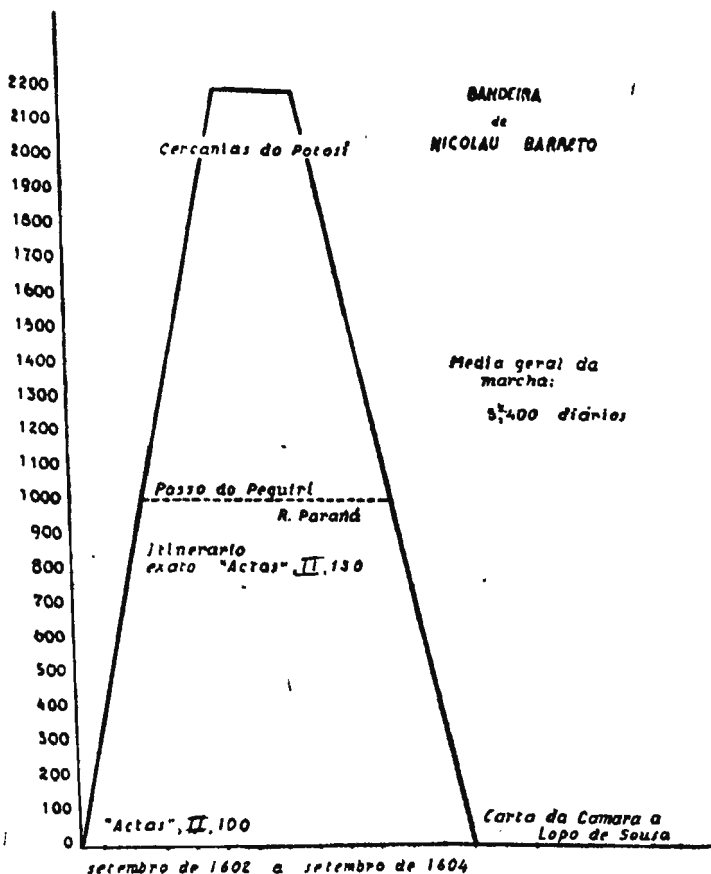
Quanto ao nome de Rafael de Proença, da lista citada, não consegui identificá-lo, pois Silva Leme não menciona esse apelido. E' possível que, se trate de algum filho de Antonio Proença, o moço fidalgo da Camara do Infante Dom Luiz, que se teria casado, entre 1564 e 1565, com Maria Castanho, tendo sido, portanto, irmão de Francisco Proença, que, no governo de Dom Francisco de Sousa, desempenhou importante atividade. Nada encontrei, também, no mesmo autor, em outra parte do seu monumental trabalho (o tit. Cubas), que pudesse conduzir-nos a uma conclusão plausível. E' possível, também, que, esse Proença seja neto de Braz Cubas, filho de Paulo de Proença e de Isabel Cubas.

• • •

Tudo me leva a crer que, o Simão Borges de Cerqueira, da lista citada tenha sido o velho desse nome, aqui aportado com Dom Francisco, em fins do quinhentismo, pois seu filho, desse mesmo nome, só mais tarde ficou em idade de entrar no sertão. Por ocasião da expedição de Barreto teria o filho cerca de 2 anos.

• • •

Quanto a Diogo de Oliveira Gago, penso ter sido o filho mais novo do cavaleiro fidalgo Antônio de Oliveira, cujo nome Silva Leme não pode consignar. Deveria ele ter nascido em 1600, aproximada-



mente, pois seu filho, e portanto neto de Antônio de Oliveira, que teve o nome de Diogo de Oliveira, seria muito jovem para participar, em 1602, de uma expedição sertanista. Enfim, isso não seria impossível, mas não consegui apurar a data do nascimento deste segundo Diogo.

\* \* \*

O Francisco Nunes Cubas, que aventei ter sido genro de Manuel Preto e tetraneto de Braz Cubas, o qual tinha esse apelido, também

Não tenho dúvidas de que essa expedição de Nicolau Barreto deveria orientar-se para o sudoeste e não para o noroeste, como até então eram dirigidos os botes dos civilizados contra o sertão.

A partida foi a 8 de setembro de 1602, o que faz certo o documento que encontrei nas "Atas", vol. II, pág. 100, quando diz: "...por se irem todos mais fora..." (*O Bandeirismo Paulista e o Recuo de Meridiano*, pág. 74, 1.<sup>a</sup> edição).

Logo à saída da vila de Cananéia, por onde talvez tenha andado a expedição, entrou ela em terras castelhanas. Então, já não havia dificuldades políticas na penetração de terras portuguesas na América, porque os dois reinos, depois da morte do cardeal-rei Dom Henrique, se viam reunidos na corôa dos Habsburgos espanhóis, êsses que engrinaldavam com a divisa da "aquila grifagna che por più divorar due becchi porta", os cambalcantes Filipes, que iriam entumular-se na esterilidade, o que daria lugar à guerra de Sucessão da Espanha, no século seguinte, (29).

---

poderia ter sido, talvez com maior número de probabilidades, o filho de Gonçalo Nunes Cubas, e portanto neto de Braz Cubas, que Silva Leme consigna no vol. VI, pág. 221, do seu trabalho citado.

• • •

O Francisco de Siqueira, do rol transcrito, deve ter sido, possivelmente, o casado com Ana Pires de Medeiros, sogro de João Raposo Bocarro e cunhado de Salvador Pires de Medeiros. Devendo ter nascido, aproximadamente, em 1560, teria idade para ser companheiro de Barreto em 1602. (Silva Leme, loc. cit., vol. III, pág. 4).

(29) Não pode restar mais dúvida de que a supressão de fronteiras luso-espanholas, na América sulina, com a união das duas nações ibéricas foi um importantíssimo concurso para que o apresamento tivesse lugar.

Assim, mais tarde, tendo desaparecido a união ibérica, o apresamento declinou!

Isso prova que, se, porventura, não tivesse havido esse fato da supressão das fronteiras luso-espanholas na América do Sul, o bandeirismo de apresamento teria sido muito menor e se apresentaria profundamente desfigurado.

Naturalmente, a expedição trilhou todo o Guairá e transpôs o Paraná na fóz do Pequirí. E' provável que ela se tivesse internado fundo nas terras de Espanha e indo, talvez até ao Potosi, nos Andes, onde existe um rio de nome Guapaí, que é o alto Mamoré, com uma latitude de cêrca de 19 graus.

Dessa região, teria novamente voltado a expedição de Barreto, para só chegar a São Paulo na segunda metade de 1604, (*O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano*, pág. 27, 1.<sup>a</sup> edição).

A página 23 do meu livro acima citado, na 1.<sup>a</sup> edição, dizia eu o seguinte:

“Quanto ao roteiro seguido pela expedição, enganaram-se profundamente o Dr. Derby e os que reproduziram a opinião do notável sábio. Afirmava êle que Nicolau Barreto, com sua bandeira, rumou para o norte, penetrou nas Gerais e, atravessando o rio das Velhas, pelo vale do São Francisco, chegou no Paracatú, nas proximidades de território goiano, ponto extremo, segundo o saudoso historiador americano, atingido pela leva em questão.

“Tivesse sido essa a região percorrida pela bandeira, não se justificaria ser ela detentora, até àquela data, da record de penetração no hinterland vicentino, conforme faz certo a estafadíssima carta de 13 de janeiro de 1606. Marinho e Domingos Rodrigues fôram muito além.

“Existem documentos, porém, que provam, com abundância, ter Barreto tomado o rumo sudoeste, e nunca trilhado as regiões que a miragem do nome de Paracatú levou o Dr. Derby a errar, desviando-se do bom caminho da pesquisa histórica.

Preliminarmente, o habitat dos índios tememinós, apresados em número de 3.000 pelos bandeirantes dessa “razzia”, (30) não era o terreno mineiro, nem tão

---

(30) Basilio de Magalhães na sua “*Expansão Geographica*”, ainda que nada diga quanto à correcção que fiz em 1923, fato deveras inexplicável, diz à pág. 112 da 2.<sup>a</sup> ed.:

“*Calcula o sobredito escritor em 3.000 o número de índios apresados, QUE PARECEM TER SIDO DA TRIBU DOS TEMININÓS (sic;*

pouco o goiano, antes pelo contrário, ficavam êles no sul da capitania de São Vicente, e, para atingir os sertões dessa nação gentilica, era necessário passar pelas cercanias de Vila Rica, no Guairá. Quem isso assegura é um documento municipal, que o Dr. Derby não viu, documento êsse constante das "Atas", vol. II, pág. 184 o segundo o qual: "...enformado que mel. preto troichera tememinós que vinhão de pazes y elle mel. preto vindo de Vila Rica os encontrara no caminho e os troichera a sua casa..."

Ora, a única Vila Rica então existente era no Guairá, território hoje paranaense, o que vem provar que os tememinós que fôram guerreados por Barreto e seus seguidores tinham suas moradas muito distantes das Gerais.

"Além dêsse preciosíssimo documento, existe também um outro, também municipal, publicado nas "Actas", vol. II, pág. 130, eloquente ainda em elucidar a verdadeira região caminhada pela expedição sob exame. Esse documento confirma o supracitado, completando-o.

"Trata-se de uma carta, escrita ao governador-geral Diogo Botelho, pelos oficiais da Câmara paulistana, sôbre a têrça parte dos índios apresados pela bandeira de Nicolau Barreto, a qual, segundo corria, seria tomada pelo govêrno (31).

"Tem essa carta a data de 18 de julho de 1603: "...a cometer entrada tão perigoza e de tão pouco proveito q para se aviarem coaquer pobre fez mais gasto do que se esperava trazer de proveito e anda já tão rota a fama e esta provisão posto q nossa não temos vte q acrescamos se mãde ao sertão recado do conteudo na provisão e eles sabendo corre mto. risco vir nhu de la se não vense caminho do PIQUIRI Q HE

---

*mas um dos documentos fala em tememinós o outro em tapias, talvez tapuias).*

O mestre citado acima identifica — "tapias" — com tapuias, mas eu, divergindo, penso que, eram "tapês" os quais se localizavam desde o Rio Grande do Sul, até o Paraná.

(31) Diogo Botelho fôra o sucessor de Dom Francisco de Sousa, desde o ano de 1602, como governador do Brasil, tendo tomado posse do cargo em Pernambuco, no mês de abril, portanto muito antes da partida da bandeira de Nicolau Barreto. Talvez isso tenha influido na mudança de direção da expedição!

PROVINSSIA DO RIO DA PRATA de que resultaria mto. mal a esta capta..." (32, 33).

Prova êsse documento que, Nicolau Barreto estava para atravessar, um chamado caminho do Pequirí, que é o afluente do rio Paraná, situado na provincia do Rio da Prata, que, por fôrça de Tordesilhas, abrangia o Guairá, hoje Estado do Paraná (34).

(32) "*Relación de las provincias del Rio de la Plata*" de 1581, prova a já existência dessa circunscrição, (Taunay, "*Hist. Geral*", 1, 215).

(33) Já Orville Derby reproduziu êsse documento, mas êle não pode ser decifrado, lustamente na parte, que poderia ser a bandeira bem elucidada, no tocante ao seu roteiro.

(34) Não há dúvidas de que Guairá pertencia à provincia do Rio da Prata.

Vejamos o que sobre isso diz Romário Martins, em sua "*História do Paraná*", 76.

"Até 1617 o território de Guairá, que efetivamente se estendia do Paranapanema ao Iguassú e do rio Paraná ao Tibagy e pretendia prolongar-se até a costa oriental e ter pôr portos atlânticos Cananéa e Santa Catharina (neste se mantendo o domínio castelhano durante 15 anos) — pertencia à provincia do Rio da Prata.

Naquele citado ano (1617) o vice rei do Perú informando a Felipe III sobre as condições do domínio espanhol na América do Sul, sugeriu-lhe que Guairá constituísse uma Governación própria, o que foi determinado por Carta.

Esta providência, ao que parece, não deu os resultados esperados; pois em 1620 nova sugestão era feita ao soberano espanhol a respeito das dificuldades constantes na administração da sua colonia americana.

Era então o governador paraguaio Hernando Artas de Saavedra quem sugeria ao rei uma nova modificação na divisão das provincias meridionais do Vice Reino do Perú, após ter compreendido que a provincia que lhe fôra confiada pouco além lá, em grande parte dos descobrimentos feitos até então, pois ainda era decidida Insubmissão a atitude das populações originárias em várias zonas de enorme extensão.

Era sua opinião que se possibilitasse um trabalho mais nacional e ativo na conversão e civilização dos índios e "que fôsse dada ao depositário da autoridade real uma ação menos vasta e portanto mais direta sobre todos os pontos desse imenso território e uma vigilância mais restritiva e ao mesmo tempo mais fácil sobre todos os ramos dos serviços públicos (Demersay, obr. cit., 55).

Ainda esta sugestão foi prontamente atendida. Decreto régio de 1620 se compôs as divisões provinciais "O Paraguaio foi entregue à administração de dois governadores independentes um do outro, mas ambos submetidos à autoridade do Vice Rei do Perú e à jurisdição da Audiencia de Charcas.

A cidade de Buenos Alres tornou-se capital do segundo governo e sede de um bispado. Consumado este desmembramento, Hernando de Saavedra pode afinal gosar do repouso devido a seus serviços: — acabou seus dias em Santa Fé de la Vera Cruz, no meio da estima e da consideração pública". (Demersay, ob. cit., 55).

Creio que, o chamado caminho do Pequirí seja o passo do rio Paraná, na foz do rio Pequirí. Aí, justamente, o grande caudal se estreita sobremaneira, para precipitar-se, do alto da serra de Maracajú, nas Sete Quedas.

Por êsse passo, talvez, Barreto tenha entrado no Paraguai penetrando, também, a enorme área boliviana, em plena cordilheira andina (35).

(35) O professor Taunay, a propósito da bandeira de Nicolau Barreto, descobriu valiosíssimo documento espanhol que, de modo absoluto, confirma a retificação do Itinerário dela. Com a vênha do prezado mestre, reproduzo aqui o seu artigo de 20 de agosto de 1923, no "Correio Paulistano", sobre êsse documento, n aparte referente à bandeira citada:

*"A propósito da bandeira de Nicolau Barreto, de 1603, acabo de demonstrar, com o auxilio da documentação paulista, quanto se enganou Derby ao localizar o roietro dessa entrada para o norte do vale do São Francisco, findando a jornada em Paracalú. Muito ao invés disso, foi Nicolau Barreto ter à região do Guairá. Um documento espanhol serve de contraprova aos paulistas aduzidos por Ellis. E um papel que se acha incorporado aos manuscritos intitulados Paraquariae Historia, em dots in folio pertencentes à Biblioteca Nacional de Madrid, segundo relata o sábio Pablo Pastells. É uma carta do padre Justo Mansillea van Surck, dirigida na Bata, e de 2 de outubro de 1629, ao Gerat da Companhia de Jesús, documento relativo ao assalto das reduções do Guairá pelos paulistas.*

*"Toda aquella Villa de San Pablo es gente resalmada y aleuantada, que no haze caso ni delas leyes del Rey ni de Dios, ni tienen que veer con justicias maiores deste estado, y quando no las puede ganar á sua voluntad con dadluas d oro ó Indios, las atemoriza con ameaças, ó si son pocos los culpados huyen-se á los sus heredade y sementoras, y allí se detienen, en quanto las justicias ostulrem en la Villa.*

*"Los años passados ueron de aqui á San Pablo unos desembaradores, que llaman, con orden del gouernador, por razon no só de que delltos, y no pudleron acabar con nadie.*

*"Otra vez fue un desembargador llamado Antonio Misquita, hombre entero y de muchas partes, y como él les apertaba algo el negocio, tirandole unas flechas á sua ventana, com un escrito, que aquellas luan á la ventana, pero que otras le auian de yr al coraçon si no desista de apertar el negocio.*

*"De suerte que no só si en este particular acabarán con algunos do que se buelan los yndios; porque ne tienen consciencia.*

*"Y mas digo que quando se vieran apertados con alguna mano poderosa á que no pudlessen resistir, desampararan sus casas y heredades y se fueran con sus mujeres, hijos, esclaves y toda sua hacienda, (á) meterse por aquellos desiertos montes nueas tierras; porque dexar suas casas no se les da nada, porque no so sino de tierra y tapias; y en cualquier parte que estuierem pueden hacer otras semo (ja) ntes.*

*"Dexar la Villa tampoco se les da nada; porque fuera de 3 ó 4 principales fleata, muy pocos, ó hombres ó mujeres, estan en ella; si no siempre, ó en suas heredades por los bosques y campos, en busca*



Teriam, assim, Nicolau Barreto e sua gente anticipado de meio século, no início do seu itinerário, o famoso Raposo Tavares, que por essa região teria entrado para sair em Gurupá, no Amazonas? Essa teria sido a zona atingida pela razia de que ora trato? Talvez tenham êles andado um pouco mais ao sul da que deveria ser, mais tarde, percorrida pelo Mestre de Campo Raposo Tavares.

---

de Indios, en que gasetan sua vida... Toda sua vida dellos, desde que salen de escuela hasta su vejez, no es sino yr traer y vender Indios (con que se visten de mangas y medias de sede; beuen vino, y compran todo lo que les viene de tener). Y en toda la Villa de San Pablo no abrá mas de uno ó 2, que no vayan á captiuar Indios, ó embien sus hijos ó otros de su casa, con tanta libertad, como si fueron minas de oro ó plata, de que S. M. vüera dado licencia, que cada uno sacassa quanto pudiesse hasta las mismas justicias y clérigos de la Villa.

“Y para que tengan alguna capa ó excusa deste su atreulment contra las leyes del Rey, los que han de ser Capitanes de la entrada, compran una prouissionses del Capitan de la tierra, ó para yr á descubrir minas ó á confirmar las pazes con los Indios gentiles, ó en busca de algunos Indios suyos, que injustamente pssedian por esclauos, huydosé é en busca de algunos portuguezes vezinos de su Villa, que años aua estnuan aquellos soledades y montes cautinuando Indios sim boleuar a su casa, o en alcanzes de los poco aua se nuian ydo a capitularres, o en busca de herejes metidos por allá, o otros semejantes, que nunca les faltan para llegar al cabo de sus intentos.

“Y con esse salem todos con sus armas y municiones de baias e pouuera, etc., ni les falta otra cosa que tocar caja para que publicamente vayan justos, aunque luego despues de salidos en o (1) erto parage se juntan en suas companhias y leuantan sus Capitanos, Alferes, Sargentos y otros officios Reales; y sin hazer diligencia alguna para cumplir con las prouissionses que flován, van d'rechos á las tierras de Indios, yllagados allá, hazen su fortaleza o cerca de palos, y en eie sus casas o choças, y uogo com (i) ençan a dar assatos a las aldeas que allaram y capitular a quando pudieren, o por engaños o por fuerça; por engaños, dizlendoles mil y mil mentiras, prometiendolos que en San Pablo han de estar todos juntos en sus aldeas y libertad, como estauan en sus tieras, y que allá han de tener mucha ropa y hyerro etc.; y para mejor hazer su negocio, vuo los años passados, quien se pusieron vuas sotana largas, como si fueran de Nuestra Compañia, por el crédito que tenemos entre los Indios, y en esta entrada que muchos juntaron pod via del demonio, como apuntamos en nuestra relacion. Pero no bastando los engaños les hazen fuerça (como ahora hizieran a los que salihrem de nuestras reducciones), hyriendo y matando con mucha crueldade, poniendo a veses a espada a aldeas enteras de Indios, no perdonando grandes ni a pequenos, matando a vezes mas gente que no eran los que truzeran cautinos, como si no fuesen si no perros e caballos, trayendolos en cadenas, azotandolos y dandoles de palos y amenazandolos de matar y matando los que se huyessen dejando solos por aquellos caminos tan esteriles, sin comida, a los que cayron en-

Infelizmente, não tenho base para sabor qual o ponto extremo alcançado pela bandeira, mas é de crer tenha ido ela muito ao fundo, até às possessões espanholas, ferindo de rijo a linha demarcadora de Alexandre Bórgia. (35-a).

O documento citado, como denunciador da verdadeira direção tomada pela expedição, parece que, foi

fermos, apartando los maridos de sus mujeres, hijos de sus padres, etc., quando los reparten entre si y quando los ven. dne

"Todos estes y otros maiores son los agraulos y violencias que ordinariamente en todas entradas suelen cometted.

"Una cosa, de que pame mucho, me conto el P. Francisco Carneiro, que fue Rector del Collegio de Rio de Henero, y la lei escripta en vnos papeleos del P. Sebastian Gomez, grande Apostol de los Indios aqui, que Dios tenga en gloria, y es que en el año de 1602 fue San Pablo a buscar y traer Indios Nicolas Barreto, con licencia de su hermano, Roque Barreto, de la tierra, con capa de buscar minas; y lleve en su compania 270 portugezes. y 3 clerigos. Unos 40 dellos diaro npor aquellos montes con unos indios Christianes, que embiados de nuestros Padres dela Villa Rica de Espiritu Santo, avian ydo buscar sus parientes y traerlos para nuestras aldeas, y con lleuauan la para ellos vias 700 almas; pero estos portugezes los tomaron a todos; aunque estos Indios Christianos los dizian que nuestros Padres les auian embiado, y que alli cerca aula otros muchos infieles que lleur, etc. Y para que estos Christianes despues de huetos no se quelxassen, los ahorcaron, negandoles confession que pedian, auiendo entre ellos vi clerigo que los pedia confesar. Y que para tantos desordenes, que ya de 40 años atras continuamente hicieron, y aun todavia hazen en tierra Christianas haya castigo ninguno ni en mienda...

Ciudad del Salvador, Bahía, 2 Octubre de 1629".

• • •

Na sua monumental "História Geral das Bandeiras Paulistas", o nosso insigne mestre Prof. Taunay teve, a propósito da bandeira de Nicolau Barreto, as seguintes palavras, depois de haver mencionado o que eu disse sobre a mesma na 1.ª edição do meu "*Bandeirismo e o Recuo do Meridiano*":

"Teria Barreto transposto o Paraná? E' o que, com o material até hoje conhecido, não se pode afirmar.

"Fora de dúvida é que a suposição de Derby não se mantém, nem quando, a reforçá-la, diz que o Guabiú mencionado nos inventários do sertão pertencentes à bandeira, deve ter sido Guaicui ou Velhas. A retificação cabal de Ellis fundada na documentação paulista, vem servir de contraposição o documento espanhol divulgado por Pastells no tomo I de sua obra".

A seguir, reproduz um trecho da carta que citei acima.

(35-A) Pesquisas feitas pelo insigne historiador português Prof. Jayme Cortezão, nos documentos da coleção De Angelis, conservados inéditos, confirmam de modo impressionante todas minhas previsões, feitas profeticamente vinte anos antes, como se fossem adivinhadas. Oxalá eu veja confirmadas assim todos as hipóteses que levanto!

visto pelo Dr. Derby, que o englobou no seu estudo sobre a empreitada era objeto destas linhas (*“Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo”*, vol. VIII, págs. 422-3), não tendo podido, infelizmente, decifrá-lo na parte referente ao caminho do Pequirí, na província do Rio da Prata. E assim ficou o saudoso cientista impossibilitado de tirar uma conclusão, que, sem dúvida, modificaria, por completo, a sua orientação no estudo que procedeu, aliás com invulgar brilhantismo.

Isso fez com que, o Dr. Derby se deixasse levar pela indicação de Paracatú, encontrada nos inventários dos bandeirantes falecidos no sertão, não se lembrando de que muito outro poderia ter sido o Paracatú, das referências documentais e muito diversa poderia ter sido a região assim designada, coisa muito comum nas nomenclaturas topográficas de outras éras (36).

Foi, sem dúvida, hipnotizado pela falsa designação de Paracatú que, o Dr. Derby chegou à ilação de que o rio Guabii, mencionado nos inventários, era o rio Guaicuí, nome primitivo do rio das Velhas. Nenhum dos argumentos empregados pelo saudoso historiador pode resistir a um confronto com os que estampeei, baseado na documentação arquivada municipal, publicada pelo benemérito Washington Luis. Graças, pois, a essa publicação, fica retificado o itinerário de uma das mais importantes bandeiras jamais saídas de São Paulo.

---

(36) Pequirí era, sem dúvida, o rio que hoje tem esse nome. Na época, e mesmo em tempos bem anteriores, encontra-se esse nome nos documentos. O rei da Espanha, que nessa ocasião era Filipe II, dirigiu em 1558, de Valladolid, uma carta a Irala, da qual se destaca o seguinte tópico:

“...anos se ha hecho relacion que la provincia del Pequry y del rio Iguazú...” (Enrique de Gandia, *“Las Misiones Jesuíticas y los Bandeirantes Paulistas”*, Buenos Aires).

Eis, portanto, como a bandeira de Nicolau Barreto se deveria ter orientado pelo rumo de Sudoeste e não de NNO, como fôra pensado até então.

Além de tudo, a explicar o erro de Derby, havia uma referência à bandeira de Nicolau Barreto no magnífico e nunca assás louvado trabalho de Azevedo Marques: "*Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Provincia de São Paulo*".

"1602 — Agosto — Parte de São Paulo numerosa bandeira, ao mando do capitão Nicolau Barreto, em direção a Mogi das Cruzes, com o fim ostensivo de descobrir ouro.

"Dela fizeram parte pessoas importantes daquela época, tais como Simão Borges de Cerqueira, fidalgo da casa real, Ascenço Ribeiro, Pedro Leme, Manuel Preto, Francisco de Alvarenga e outros (Cartório de Órfãos de São Paulo, inventário de Ascenço Ribeiro).

Mas, além dessa explicação de como o ilustre sábio norte-americano teria cáido em êrro, não se lhe pode conceder outra desculpa, pois a favor a obsoleta têsede de Derby, de haver sido Nornoroeste o rumo da expedição de Barreto, militam os seguintes argumentos: 1.º) a orientação dada por Dom Francisco de Sousa às procuras de riquezas seria a região do Alto São Francisco, como provam as demais expedições que fez partir anteriormente; 2.º) a toponímia de Paracatú<sup>(37)</sup> contida dos inventários, a qual é igual à de um afluen-

(37) Diz Basílio de Magalhães no seu "*Expansão Geographica*", 241:

"Mas o certo é que foi José Rodrigues Frões quem, em 1744, denunciou a Gomes Freire de Andrada o descobrimento das minas de ouro de Pyracatú (elevada em 1798 à categoria de villa, com o nome de "*Paracatú-do-Príncipe*"), onde desde logo correu a nova de também se encontrarem diamantes".

Logo o nome de Paracatú não era referente ao rio da margem esquerda do S. Francisco, pois só século e meio depois de Nicolau Barreto, o rio Paracatú, teve esse nome.

te esquerdo do São Francisco em Minas Gerais; 3.º) a referência de Azevedo Marques, que fala em Mogí das Cruzes. Esta só se refere ao segundo dos períodos da sua notícia, estribada no inventário de Ascenço Ribeiro, o qual não foi encontrado, nos arquivos paulista, não obstante as buscas de Washington Luis.

Já tivemos mais acima, ocasião de fazer um estudo descritivo da mudança psicológica do governador, no tocante à buscas de ricos pactôlos.

Dom Francisco, precisamente, por ter feito partir inúmeras expedições em direção ao Alto São Francisco, só obtendo delas desilusões, não teria querido persistir no êrro e mudou de direção nas suas buscas. Assim agem os inteligentes! Dom Francisco tinha um raciocínio extraordinariamente ágil! Por isso, talvez teria êle mudado de orientação. Enfim, não me parece de grande fôrça êsse argumento em favor da ideia de que a exposição de Barreto tenha tomado o rumo Nornoroeste! E' provável, também, que, substituído Dom Francisco por Diogo Botelho, tenha havido modificação na orientação bandeirante!

Além do exposto, havia, em São Paulo, uma premente necessidade do apresamento do gentio, que escasseava nas regiões de além-Mantiqueira e do rio São Francisco, o mesmo não se dando no Guairá, onde os jesuítas já haviam iniciado um trabalho de catequização e de agremiação. /

Com isso, a gente de São Paulo, tinha forçadamente de ir buscar nos sertões o remédio, para a sua pobreza, como rezam os documentos, — pois não podia contar com outra qualquer fonte de riqueza econômica, porque o açúcar e o páu-brasil estavam monopolizados pelo Nordéste, e por várias outras circunstâncias, que já deixámos expostas.

Além disso, havia ainda a atração, que sobre os paulistas exercia o natural renome das riquezas da América espanhola, particularmente do Potosi, para onde já se tinham passado, mais ou menos nessa ocasião, muitos moradores do planalto de Piratininga. Entre êstes, Antônio Castanho da Silva, que ali faleceu em 1622, (V. Silva Leme, vol. IV). Ora, o caminho para essas ricas minas castelhanas, nos Andes, era precisamente o que, segundo os documentos, havia sido seguido pela expedição de Nicolau Barreto, isto é, via Guairá e Paraguai. Eis, pois, como é muito possível e provável mesmo que, Dom Francisco, tendo visto fracassar várias tentativas de descobertas na região do Alto São Francisco, orientasse Nicolau Barreto para as proximidades de onde os espanhóis se empaturravam de prata! (37-A).

Eis como se poderiam interpretar aquelas palavras da carta, que a Câmara Municipal paulista dirigiu a Lopo de Sousa (Registro, vol. VII), na qual se diz que, a bandeira de Barreto chegara ao Perú por terra (38).

Assim, pois, não aproveita à tese de Derby o primeiro dos argumentos supra.

---

(37-A) A documentação De Angells, analisada pelo emerito historiador português Jayme Cortesão, mostra que o Planalto paulista teve contacto assiduo com Potosi, de modo que a minha hipótese, de Barreto ter chegado até lá, se reveste de muitos indícios e probabilidades. Talvez ela venha a ser provada!

(38) A carta é a seguinte:

*“Com o Capitão João Pereira de Sousa, que Deus levou, recebemos nesta Camara uma carta de Vmc. o anno passado na qual nos manda que lhe escrevamos mludamente tudo que apparecer. Alguns traslados de cartas se acham aqul das que escreveram a Vmc. mas parece que não lhe foram dadas. O que de presente se poderá avisar muito papel e tempo era necessario, porque são tão varias e de tanta altura as cousas que cada dia succedem que não falta materia de escrever e avisar e se poderá dizer de chorar. Só faremos lembrança a Vmc. que se sua pessoa ou cousa muito sua d’esta Capitania não acudir com brevidade pode entender que não terá cá nada, pois que estão as cousas d’esta terra com a candêa na mão e cedo se despovoará, porque assim os capitães e ouvidores que Vmc. manda, como os que cada quinze dias nos mettem os governadores geraes em outra cousa não entendem, nem estudam sendo como hão de esfolar, destruir e affrontar, e n’isto gastam o seu tempo, elles não vem nos governar e reger, nem augmentar a terra*

O segundo argumento versa sobre a toponímia de Paracatú, (37).

Seria natural que, os portugueses dessas eras priscas, e principalmente os indígenas, apelidassem da mesma maneira os vários acidentes geográficos, que lhes despertassem as mesmas impressões, de modo que, o Paracatú, que Derby viu nos inventários mencionados, poderia estar situado a milhares de quilômetros de distância do Paracatú de hoje. Poderia ser outro! Havia muitos lugares com esse nome.

Paracatú é uma palavra tupi-guarani que significa "rio bom", ou "mar bom", segundo o padre Montoya (*"Arte de la Lengua Guarani", o mas bien, Tupi*", págs. 94, 122-3 e 262). Não sei o que mais abundava em terras de índios: rios bons, formosos, ou mares bons. Esses acidentes geográficos, repetindo-se ante

---

que o Sr. Matim Affonso de Sousa ganhou e S. M. deu com avantajadas mercês e favores. Val isto em tal maneira e razão, que pelo ecclesiastico e pelo secular não ha outra cousa sendo pedtr e apanhar, e um nos pedem e outro que nos tomam tudo e seu e ainda lhes ficamos devendo. E se fallamos prendem-nos e excommungam-nos, e fazem de nós o que querem, que como somos pobres e temos o remedio tão longe não ha outro recurso sendo abalzar o cerviz e soffrer o mal que nos põem.

"Assim Senhor, acuda, veja, ordene e mande o que lhe parecer, que muito lem a terra que dar: é grande fertil de mantimentos, muitas aguas e lenhas, grandes campos e pastos, tem ouro, muito ferro e assucar, e esperamos que haja prata pelos muitos Indcios que ha mas faltam mineiros e fundidores destros. E o bom governo é o que nos falta de pessoas que tenham consciencia e temor de Deus e valla, que nos mandem o que for justo, e nos favoreçam no bem, e castiguem o mal quando o merecemos, que tudo é necessario.

"Diogo de Quadros é ainda provedor das minas, até agora tem procedido bem, anda fazendo um engenho de ferro a tres leguas d'esta villa, e como se perdeu no Cabo Frio tem pouca posse e vai devagar, mas acabal-o-ha e será de muita importancia por estar perto d'aquél como tres leguas e haverá metal de ferro; mas ha na serra de Byraçotaba 25 leguas d'aquél para o sertão em terra mais larga e abastada, e perto d'alli como tres leguas está o Cahatyba d'onde se tirou o primeiro ouro e desde alli ao Norte haverá 50 leguas de Cordilheira de terra alta, que toda leva ouro principalmente a serra de Jaraguá de N. Senhora do Monte-Serrate, a de Voturuna, e outras. Pode Vmc. fazer aquél um grande reina a S. M., ha grande menelo e trato para Angola. Perú e outras partes, podem-se fazer muitos navios, que só o bem se pode trazer de lá, pois ha muito algodão, muitas madeiras e outros achegos. Quanto á conservação do gentio que não convem termos a

os olhos extasiados dos indígenas, eram assim conhecido só o foi no setecentismo. Antes disso êsse rio não tinha êsse nôme.

Assim, fácil nos é mostrar que, a identidade da toponímia não socorre ao argumento da velha tésede Derby. Restaria a esta o último argumento, que seria o de se haver manifestado de maneira idêntica o velho mestre Azevedo Marques, cujo texto, como se verifica, parece, à primeira vista, dar alguma razão à interpretação de Derby, pois êle se estribaria em um documento hoje inexistente. Mas, si formos ler, com mais atenção, o texto de Azevedo Marques, veremos facilmente que, em nada poderá socorrer o modo de en-

*avexarem-nos, assim como nos fazem a nós e faremos a elles e os christãos visinhos são quasi acabados mas no sertão ha uma infimidade d'elles e de muitas nações, que vivem a lei de brutos animaes, comendo-se uns aos outros, que se os descermos com ordem para serem christãos, será causa de grande proveito, principalmente o gentio Carijó, que está a 80 leguas d'aqui por mar e por terra e se affirma que podem ser 200.000 homens de arco.*

*"Esta é uma grande empresa e a Vmc. ou cousa muito sua lhe estava bem que S. M. lhe concedesse, e lhe importaria mais de 100.000 cruzados fóra e de seus vassallos, o que pelo tempo em diante pode redundar a esta Capitania, além do particular do mesmo gentio vindo ao gremio da Santa Madre Igreja. Tornamos a lembrar, acuda Vmc. porque de Pernambuco e da Bahia, por mar e por terra lhe levam o gentio do seu sertão e districto, e muito cedo ficará tudo ermo, com as arvores e hervas do campo sómente; porque os portuguezes, bem sabe Vmc. que são homens de pouco trabalho, principalmente fóra do seu natural. Não tem Vmc. cá tão pouca posse, que das cinco villas que ca tem com a Cananéa pode por em campo para os Carijós mais de 300 homens portuguezes fóra os seus indios escravos, que serão mais de 1.500. gente usada ao trabalho do sertão, QUE COM BOM CAUDILHO PASSAM AO PERU' POR TERRA E ISTO NÃO E' FABULA; JA' VMC. SERA' SABEDOR COMO ROQUE BARRETO SENDO CAPITÃO. MANDOU AO SERTÃO 300 HOMENS BRANCOS A DESCER GENTIO E GASTOU DOIS ANNOS NA VIAGEM COM MUITOS GASTOS E MORTES, e por ser contra umalei de El Rei que os padres da Companhia trouxeram, o governador geral Dlogo Botelho mandou provisão para tomarem o terço para elle e depois veio ordem para o quinto; sobre isto houve aqui grandes devassas e ficaram multos homens encravados, que talvez ha n'esta villa hoje mais de 65 homislados, não tendo ella mais de 190 moradores; se lá for alguma informação de que a gente d'esta terra é indomita, creia Vmc. o que lhe parecer com o resguardo que deve aos seus que não ha quem soffra tantos desafforos.*

*"Nosso Senhor guarde a pessoa e a familia de Vmc., etc." (Assinados os vereadores e juizes ordinários da época. Seguem-se as assinaturas dos vereadores. — Arquivo da Câmara de São Paulo, livro de vereança, tit. 1606)". — (Apud Azevedo Marques, loc. cit.).*



carar a bandeira de Nicolau Barreto, exposto por Derby no seu citado estudo (*Revista do Inst. Geogr. de São Paulo*, vol. VIII, pág. 422).

Estou de pleno acôrdo com Taunay e Washington Luis, a propósito do alto conceito em que deve ser tido Azevedo Marques. Ver Taunay "*Hist. Geral*", vol. I, in fine. Penso haver sido o emérito publicista paulista um dos cronistas mais honestos e escrupulosos que se conhecem. A-pesar disso, creio que o mestre oitocentista errou, mesmo porque errar é humano, e Azevedo Marques não era divino!

Por mais que considere o eminente cronista paulista, não posso orientar a minha opinião pelo lema do magister dixit. A autoridade dêsse magno escritor do século passado é, por certo, muito grande, mas não consegue abalar os documentos, a lógica, a razão natural das cousas e a interpretação racional, que cunharam fortemente o meu pensamento, de tal maneira que, não posso me curvar ao que Azevedo Marques doutrinou e foi aceito por Orville Derby.

Como qualquer outro cronista, Azevedo Marques errou, e, até no período inicial, ao tratar da bandeira de Nicolau Barreto, comete um erro, que de forma alguma poderia ter sido baseado no inventário de Ascenso Ribeiro. Refiro-me ao fato de ter Azevedo Marques asseverado que a bandeira de Nicolau Barreto partiu para o sertão em agosto de 1602. Ora, nesse mês e nos primeiros dias de setembro, estavam ainda os bandeirantes, companheiros de Nicolau Barreto, a ultimar os seus preparativos em São Paulo, como se pode verificar nos documentos. (39).

Assim, pois, a autoridade de Azevedo Marques não é intangível. Ele errou patentemente, ao afirmar

(39) O próprio Basílio de Magalhães não reproduz integralmente o que reza Azevedo Marques, pois à pág. 112 da "*Expansão Geographica*", dá a partida de Nicolau Barreto:

"...em dias pouco posteriores a 8 de setembro de 1602".

uma coisa sôbre a qual há prova exuberante em contrário! Pode constatar-se isso, com grande facilidade, passando em revista a documentação da época. Além disso, há, ainda, a seguinte coordenação de raciocínios.

Em 1602, ainda não havia a vila de Mogi das Cruzes, só fundada mais tarde, em 1611, segundo afirma o próprio Azevedo Marques, à página 77 dos seus "Apontamentos":

"De então em diante, fôram-se ali aglomerando moradores emigrados da vila de São Paulo, entre êles Braz Cardoso, natural de Portugal, e sua mulher Francisca da Costa, de São Paulo, aos quais se deve, principalmente, o incremento da povoação que foi elevada a vila, a 3 de Setembro de 1611, pelo capitão-mor Gaspar Conqueiro".

Dir-se-ia que, si ainda não existia a vila de Mogi das Cruzes, o lugar já teria êsse nome; mas, nem ao menos isso poderá ser sustentado, pois é o próprio Azevedo Marques, na mesma página do seu livro, quem diz:

"No comêço da povoação, como se vê do livro 3.º de registro de sesmarias, existente no cartório da Tesouraria desta provincia, O NOME DESTA LOCALIDADE ERA O DE SANTANA DE BOÍGÍ-MIRIM". (40)

Fica, assim, provado que não havia vila dêsse nome quando morreu Ascenço Ribeiro, e nem sequer havia êsse nome designando o lugar onde mais tarde existiu essa vila, e mesmo,  $\frac{3}{4}$  de século depois da ban-

(40) Em 1640 no documento da expulsão dos Jesuitas, ainda não havia o nome de Mogi das Cruzes e sim o de Santana de Mogi Mirim. Quer dizer que, meo século depois da bandeira de Nicolau Barreto ainda não havia êsse nome. Assim, era impossível que o inventário de Ascenço Ribeiro fizesse em Mogi das Cruzes. "Rev. Inst. Hist. S. Paulo", vol. IV, Toledo Piza.

Em 1645, ainda não havia o nome de Mogi das Cruzes, segundo se verifica de "Registo", vol. VII, 216, coisa já citada por mim, no meu "O Bandeirismo", 212, 2.ª edição.

Em out. de 1672, ainda o lugar não tinha o nome de Mogi das Cruzes. V. Azevedo Marques, loc. cit. 77.

deira de Nicolau Barreto, ainda não havia vila de Mogí das Cruzes.

Acreditar-se-á, nesse caso, que o insigne escritor não mereça muita confiança? Teria êle citado em falso um documento? Não: é que o texto de Azevedo Marques precisa ser bem interpretado, para que nenhuma dúvida paire sobre a honestidade dêsse estudioso do passado piratiningano. A interpretação é que foi mal feita.

Não me parece que, o texto invocado, para servir de base à crença de que, Azevedo Marques citou um documento inexistente, deva ser interpretado, sem reflexão. A direção tomada pela bandeira não tem referência no citado documento. E' um período! O inventário de Ascenço Ribeiro refere-se apenas, aos componentes da bandeira. Não se refere à direção de Mogí das Cruzes, — que, como vimos, não existia, — e sim, unicamente, cita alguns nomes de paulistas que participaram da expedição.

E' o que nos leva a concluir, um exame atento do texto de Azevedo Marques, o qual tem dois períodos distintos:

1.º) “Parte de São Paulo numerosa bandeira, ao mando do capitão, Nicolau Barreto, em direção de Mogí das Cruzes, com o fim ostensivo de descobrir ouro”.

2.º) “Dela fizeram parte pessoas importantes daquela época, tais como Simão Borges de Cerqueira, fidalgo da casa real, Ascenço Ribeiro, Pedro Leme, Manuel Preto, Francisco de Alvarenga e outros. (Cartório do Órfãos de São Paulo, inventário de Ascenço Ribeiro)”.

Vê-se, pois, claramente, decompondo o texto, que o primeiro período, que diz haver Nicolau, com sua gente, tomado a direção de Mogí, é fruto ÚNICAMENTE do modo de encarar a bandeira, por parte de Azevedo Marques. Opinião puramente pessoal! Não

se referia a essa primeira parte do texto, a citação do documento. Nem poderia referir-se, pois era ainda inexistente Mogi das Cruzes, como deixei evidenciado.

Essa opinião inteiramente pessoal de Azevedo Marques baseava-se unicamente na sua autoridade. E' possível que, se tivesse formado por ter o insigne cronista paulistano visto os topônimos de Paracatú e de Guabiú, nos inventários de Braz Gonçalves e de Manuel Chaves.

Azevedo Marques, estribado apenas no seu modo de ver, teria precedido Orville Derby, no seu modo de encarar erradamente o roteiro da bandeira de Nicolau Barreto. O insigne cronista dos oitocentos teria, igualmente, sido hipnotizado pelos nomes de Paracatú e de Guabiú.

Tratar-se-ia, assim, de mera opinião pessoal!

O segundo período, sim, seria inteiramente diferente!

A êle, e somente a êle, se referiria o documento citado por Azevedo Marques, isto é, o testamento de Ascenço Ribeiro.

Êste só, teria servido de base, à citação dos nomes dos paulistas que tomaram parte na expedição. (41).

Não sei, aliás, porque deva tal citação servir para todo o texto!

E' inteiramente arbitraria a interpretação, que quer englobar a todo o texto, a citação de um documento que só se refere, evidentemente, ao segundo período, porque, no que concerne ao primeiro, a referência seria impossível, como já vimos.

(41) O próprio inventário de Ascenço Ribeiro não devia ter sido visto por Azevedo Marques, mesmo, porque em 1628 ainda era vivo esse bandeirante, constando o seu nome da "Relacion de los Agrablos" dos padres Mansilla e Maceta.

Poderíamos registrar a hipótese de terem havido dois paulistas com esse nome, mas Silva Leme é contra, porque só registra um.

Diante da argumentação supra, acho que fica perfeitamente por terra, sem o menor sustentáculo, a tésede Derby.

Até onde teria penetrado Nicolau Barreto?

Calógeras (42), concordando com a nova orientação, dada por mim, ao que deveria ter sido a direção tomada pela expedição de Nicolau Barreto, opina, no seu magnífico trabalho — “A Política Exterior do Império” — que eu dei muita largueza ao roteiro de Nicolau Barreto.

Mas, si o fiz, foi, estribado na documentação citada, a propósito da orientação da bandeira, e, si alonguei muito o raio de penetração da mesma, foi levan-

(42) Calógeras diz o seguinte, no seu livro citado, pág. 80:

“E’ característico o caso da bandeira de Nicolau Barreto. Levados a erro pela menção de Paracatu no rotelro, julgaram Orville Derby e outros escritores que o seguiram (fomos um deles) ter-se orientado a leva para o rio das Velhas e o vale do São Francisco, sendo o Guabibi, ou Guabli citado nos documentos, o Qualcul hodlerno. Desvlo estranho para o norte, que nada explica. Corrri glu o erro Alfredo Ellis Júnior, e demonstrou ter seguido o sertanista, em 1602, para o Guairá, em luta com os Tememlós, e andando pelo Pequiri, afluente do Paraná. Até esse ponto, perfeito o raciocínio. Dal, suggestionado pelo nome de Perú, conjectura tenha afundado rumo de Pofosi, atingindo um tributário do Madelra ou do Pilcomalo, que seria o já mencionado Guabibi. Ora, Perú, naquela época, era, técnicamente, e pelo direlto convencional, tudo quanto estivesse adstrlto ao vice-reino, e abrangia Charcas, Chile, Paraguai e Rio da Prata. Já em Guairá, Nicolau Barreto, embora na provincia do Paragual, se achava em território do Vice-reino. De Cananêa, queria Hernadarias de Saavedra fazer o pôrto de Perú. A solução é outra, mais próxima e mais prática. Qualrá era um centro de denso povoamento de índios e para lá fol e longamente perambulou Barreto. Não saiu da região e voltou, ou percorreu ao menos, a zona vizlnha do Guabibi ou Guabli, que é o Aguapel dos nossos dias.

“Poderíamos citar outros exemplos de suggestão, causada pela confusão de apelativos antigos e de seu conceito moderno, assim como pela idéia, não fundada, de uma função política primitiva das bandeiras. O influxo político pelas fol uma consequência de sua existência e de sua atividade. Não lhes presldiu a criação, instrumentos de formação espontânea que fôram, para solver necessidades e recriamos de carater economico. Quando tais expedições tiveram objectivos determinados por ordens réglas, e se tornaram instrumenta regni, constitulram as entradas. Ai, sim, agiram em obediência a pensamento político de pesquisa mineradora, de investigação geográfica, de defesa territorial”.

Calógeras tinha uma concepção de bandeira e de suas causas, completamente errada, pois ela teye não como base os “reclamos de caráter economico”.

Não foi por outro motivo que houve bandeirismo.

tando uma simples hipótese, em razão do grande lapso de dois anos, durante o qual esteve a gente de Nicolau Barreto no sertão (43).

Como poderiam eles afastar-se do povoado, pelo espaço de dois anos e caminhando na direção do rio Paraná, sem que este fôsse atravessado no "Caminho de Pequirí", em demanda das terras castelhanas do Perú? Foi apenas uma hipótese a que aventei, mas não foi uma hipótese arrojada e seria preciso um cérebro despido de imaginação, para só conceber que, a gente paulista, instigada pela gula de riquezas, que animava Dom Francisco, se detivesse às margens do Paraná, contentando-se com o apresamento dos tememinós. (V. nota 73-a).

E' certo que, êsse preamento era o negócio direto, imediato, da gente de Piratininga, mas não é crível que a expedição não haja destacado uma parte do seu todo, ao menos para ir às minas de Potosí ou às suas proximidades, tanto mais quanto o Pilcomaio era todo navegável, nessa época do ano. Já não o tinham feito os bandeirantes de Pero Lôbo, ou os de Aleixo Garcia, 70 anos antes? Já não haviam passado para essa região alguns moradores do planalto piratiningaio, entre os quais estava Antônio Castanho da Silva (44), (45)?

(43) Potosí fica a uma distancia de 2.000 quilômetros de S. Paulo via Ciudad Real e Pilcomaio. Assim, temos 4.000 para ida e volta.

Ora, os bandeirantes de Nicolau Barreto tendo estado no sertão 730 dias (2 anos), teria de andar apenas 5,1 quilômetros por dias para chegar a Potosí e voltar, o que é ainda pouco, pois a média de andar das bandeiras seria quasi duas leguas por dia, ou sejam 12 quilômetros.

(44) Os contatos tidos entre São Paulo e Potosí não se limitaram aos inúmeros planaltinos, que se passaram para essa região mineira de Espanha, mas foram mais intensos, como se verifica da seguinte passagem do escritor argentino Enrique Gandia, loc. cit., pág. 76:

"Ademais, los portugueses se iban avvicinando en aquellas regiones que, por estar relativamente cerca de Potosí, eran cousa de que por ellas se extravie mucha plata para el Brasil".

E' tambem Pedro Calmon, num capitulo (O Caminho do Perú), do seu livro "História da Civilização Brasileira", série Brasileira, Companhia Editora Nacional, quem assim justifica a minha tese:

Tudo leva a crer que, a expedição de Barreto, longe de perambular, perdendo tempo pelo Guairá, como nos ministra Calógeras (*"A Política exterior do Império"*, vol. I pág. 80), tenha feito qualquer coisa de mais eficiente no que concerne às procuras mineralógicas, nas quais estava tão empenhado Dom Fran-

*"Acomunicação por terra com o Perú constituiu, em algum tempo, um objetivo dos bandeirantes paulistas. Haviam de ser clandestinas aquelas viagens, temidas dos espanhóis, e que entretanto, enriqueciam, no século XVII, certas casas fidalgas de São Paulo, como a de Antônio Castanho da Silva, segundo Pedro Taques. Diz o nobiliársta:*

*"Tendo Antônio Castanho passado ao Perú, como então o faziam os antigos paulistas, penetrando o sertão do Paraguai, sem dependencia de buscarem o passo da cordilheira por Mendoza (Mendoza) e por inumeraveis nações de gentios barbaros chegavam ao Perú, donde traziam a prata, de que foi muito abundante a cidade de S. Paulo, e nela houveram casas com copa importante no peso, mais de 40 arrobas. Nas minas de Tatasi, provincia de Chichas, no reino do Perú, faleceu com testamento Antonio Castanho da Silva a 9 de Fevereiro de 1622..."* (*"NOBILIARQUIA PAULISTANA"*, ed. Taunay, I, 245).

*"Exatamente o mesmo caminho utilizavam os jesuitas das Missões, no fim do século XVII (CARTA DO GOVERNADOR DO RIO DE JANEIRO DE 26 DE MAIO DE 1694, ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, DOC., 1930. Confirma documento de 1617 In Anais do Museu Paulista, I, 163, S. Paulo, 1922). Aquela abundância de prataria no planalto (Vd. Taunay, "História Geral das Bandeiras Paulistas", IV, 62), apesar da pobreza bandeirante em todas as outras utilidades, tornar-se-a característica dos solares paulistas, como os do capitão André Fernandes, de Salvador Jorge Velho, ou Bartolomeu Bueno Cacunda (Alcantara Machado, "VIDA E MORTE DO BANDEIRANTE").*

*"Porém, desde 1550, as idas e vindas ao Perú tinham criado, no Brasil, uma designação especial para esse viajante, o "PERULEIRO", que, conforme o autor dos "Diálogos das Grandezas", fazia o percurso pelo Amazonas (DIALOGOS DAS GRANDEZAS", ed. da Acad., pág. 37). Convém, portanto, distinguir a penetração do Perú pelo Amazonas — CICLO NORDESTINO — e por Mendoza — CICLO SULISTA OU PAULISTANO, posterior àquela, e a que também aludem os "DIALOGOS DAS GRANDEZAS", pág. 144. Diogo Botelho, justificando serviços, em 1602, disse "mandou que se não tomasse dinheiro amercador nem a PERULEIRO e homens que vinham da India e do Perú" ("Revista do Instituto Histórico", vol. 73, parte I, pag. 47). As "Denúncias do Santo Officio", de 1591 - 94, revelam a transmigração, para o Perú, de vários homens nobres da Baía e Pernambuco (...estantes na cidade do Cusco no Perú...". v. g. den do cônego Bartolomeu de Vasconcelos, 20 de agosto ("DENÚNCIAÇÕES DA BAIÁ", págs. 262, 277, 281, ed. Capistrano). Na "Monarquia Indiana" se lê que, já em 1571, a Inquisição exterminará no México, muito judiaria "em especial de gente portuguesa" (Argeu Guimarães, "OS JUDEUS BRASILEIROS E PORTUGUESES NA AMÉRICA ESPANHOLA", "Journal de la Societé des Americanistes", XVIII, 302). Desde 1581, judaizantes portugueses aparecem nos "autos de fé" de Lima. Ricardo Palma nos "Anals da Inquisição Lima" nomela numerosos negociantes portugueses que, regularmente, eram presa dos tribunals eclesiásticos, por todo o século XVII; alguns (havia mais de*

cisco, que poderia ter transigido com os sertanistas paulistas a propósito da captura do gentio, mas não teria abandonado o sonho de encontrar riquezas.

A sua vida futura foi um atestado disso. E' possível, porém, que já estando Dom Francisco substituído na governança geral, tudo se tenha alterado.

seis mil, em 1646) possulam largos bens, e até pinas de prata, como Manuel Batista Pires, dono da "Casa de Pilatos", queimado a despeito de seu meio milhão de piastra (1639). Explica-se a afluência de portugueses e pessoas do Brasil àquelas paragens, pela situação criada com a união de Portugal à Espanha, entre 1580 e 1640; mas, a separação dos reinos não extinguiu o comércio entre as terras da prata e o interior do Brasil. Houve de ser autorizado por alvará de 14 de abril de 1646. "Seria vestígio dele — lembra frei Agostinho de Santa Maria — o culto de Nossa Senhora de Copacabana, predileto do Perú, na cidade do Rio de Janeiro ("Santuário Mariano", X, 15). Mesmo em Buenos Aires, nos séculos XVII e XVIII, os portugueses formavam uma espécie de elite de homens de negócio e colonos ativos e empreendedores. Em 1622, para 1.200 habitantes, abrigava a nascente cidade 370 lusitanos (R. de Lafuente Machain, "LOS PORTUGUESES EN BUENOS AIRES", 1934). A Colônia do Sacramento, entre 1716 e 1762, centralizou o contrabando do rio da Prata e desenvolveu as relações comerciais entre portugueses e espanhóis, até que a violenta reação do governo de Madrid (1763-1777) as impossibilitou (Enrique Barba, "HUMANIDADES", XXV, 277)".

(45) "Em princípios do século XVII foram numerosos os portugueses e paulistas que pelas terras vicentinas procuravam galgar o Paraguai, conta-nos um documento de Sevilha, o auto do governador Martin de Ledesma Valderrama, mandando que à sua presença comparecessem todos os súditos de Portugal entrados em terras de além Paraná pela via de S. Paulo. Vinte e cinco homens obedeceram à intimação..." (Taunay, "Na Era das Bandeiras", 88-89, apud Pedro Calmon, "História Social do Brasil", 196). "Em 1619, alguns deles chegaram primeiro ao alto Uruguai — segundo uma carta do governador Don Diego de Góngora" (Emílio A. Coni, in Boletim de la Junta de Historia y Numismática Americana), Calmon, loc. cit.

Taunay "Na Era das Bandeiras", 85, diz:

"Pedro Franco Torres confessou estar em Assunção desde 1607; "entram por el puerto de San Pablo a esta ciudad y provincia", desde 1613; Sebastião de Freitas, paulistano, desde 1620; Antonio Preto, santista, desde vários anos, e assim por diante".

Ainda a militar nessa ordem de idéias deve ser citado o documento seguinte, já mencionado por Taunay no vol. IV de sua "Hist. Geral das Bandeiras" o qual é uma carta denuncia do padre Montoya a Felipe IV:

"sus intentos de conquistar el Peru, consta papeles autenticos, y cartas de la Audiccia de Charcas; y de otras personas zelosas del servicio de V. M. por las quales consta haberem llegado al paso de Santa Cruz de la Sierra, tierra ya vecina a Potosi".

Vejam ainda a esse respeito "Los portugueses en Buenos Ayres", de R. Lafuente Machain; Martin Noel, "Boletim de La Junta de Historia e Numismática", XIII, 305, apud Pedro Calmon, loc. cit.



## CAPÍTULO IV

# CONCLUSÕES

De tudo quanto ficou dito, conclúe-se o seguinte:

1.º — O bandeirismo ofensivo iniciou-se, em Piratininga, na última década do quinhentismo, tendo então permanecido em tímida defensiva.

2.º — O bandeirismo de ofensiva teria sido a idade heróica do planalto, assemelhando-se ao fenómeno das cruzadas européias, tendo sido Dom Francisco de Sousa um simile de Pedro-o-Eremita sul-americano e a bandeira de Nicolau Barreto o primeiro degráu do bandeirismo, a primeira cruzada na qual o seu capitão teria sido réplica de Godofredo de Bulhão.

3.º — Essa expedição, ao invés de haver trilhado terras centro-mineiras do Alto São Francisco, como acreditara mDerby e outros, tomou o rumo sudoeste, tendo penetrado, mais ou menos fundamente, em terras castelhanas de Perú.

4.º — Foi essa expedição, pelo número dos seus componentes, uma bandeira mista de apresamentos e de pesquisas metálíferas, de modo a satisfazer as precisões imperiosas dos escravocratas planaltinos e os sonhos de riqueza dos portugúeses, especialmente de Dom Francisco de Sousa.

5.º — De riquezas, nada foi assegurado pela faina pesquisadora de Dom Francisco, em terras lusas, o que o teria levado a fazer partir Nicolau Barreto, para buscá-las em sólo da América espanhola, conciliando, assim, as necessidades economicas de preamento dos potentados paulistas.

6.º — E' provável que, a mudança na orientação governativa das colônias, com a substituição de Dom Francisco por Diogo Botelho, tenha ocasionado a modificação na diretriz bandeirante. Aquela teve lugar no princípio de 1602, enquanto que a bandeira de Barreto partiu na segunda metade do mesmo ano. (Azevedo Marques *loc. cit.* 224, "CHRONOLOGIA").

## PARTE II

### Guairá e sua destruição



## CAPÍTULO I

### DEPOIS DE NICOLAU BARRETO

Após a volta da expedição de Nicolau Barreto, em 1604, São Paulo permaneceu inativo por alguns anos. Pelo menos, silenciam os documentos a respeito de qualquer ação sertanista durante os primeiros anos, que se sucederam à empreitada de Nicolau Barreto. Foi como si uma grande colheita tivesse sido feita e, por êsse motivo, a terra tivesse ficado ressentida, os mercados saturados, e cansados os exploradores. Talvez a safra de apresamentos tenha causado uma superprodução, abarrotando os mercados!

O Nordeste consumidor da mão de obra apresada pelos planaltinos teria ficado momentaneamente satisfeito.

Não há dúvidas de que São Paulo tinha como fonte de rendas, apenas o bandeirismo apresador (Simonsen, *loc. cit.*). Além disso, os documentos nada mostram. A expedição de Nicolau Barreto, si não foi de modo algum produtiva, em matéria de esperanças sobre riquezas minerais, foi entretanto, um bom negócio para os cativadores do braço indígena.

Êste deveria ter sido trazido do sertão, em tal quantidade que, o minuscuro mercado interno teria ficado abarrotado e as exportações de índios escravizados teriam feito subir muito o poder aquisitivo da

gente planaltina (46). Mêsse fartíssima de índios teria sido trazida dos sertões longínquos sobretudo, os quais muito possivelmente, chegaram a atravessar o oceano.

Isso fazia com que os paulistas descansassem de sua faina, durante certo período.

Sucederia a êsse lapso de tempo, de magna e febril atividade, um sono letárgico que durou pelo espaço de alguns anos.

E eis que, por fim, a féra estremece! Pruridos de volta ao apresamento fazem-se sentir dois anos depois da chegada de Barreto e sua gente esfalfada.

Também, durante êsse período de catalepsia sonolenta, havia tomado outro rumo o famoso Dom Francisco. O fidalgo dos Sousas, que viera ao tempo de Filipe II da Espanha e curtira todos os padecimentos, que a união espanhola deveria acarretar a Portugal, acomodando-se finalmente com ela, fôra em 1602, substituído na governança geral do país por Diogo Botelho, como já tivemos oportunidade de ver em capítulo anterior (47).

Mas, mesmo sem a governança, vemos Dom Francisco exercer autoridade em São Paulo, como prova o documento seguinte, que é a ata da Câmara Municipal de São Paulo, de 23 de novembro de 1603:

(46) A quantidade de índios apresados parece ter sido de 3.000, o que resulta para cada expedicionário 10 peças, segundo Derby; "*Revista do Instituto Histórico de S. Paulo*", vol. VIII, 399-423.

(47) A êsse respeito diz Basílio de Magalhães na sua "*Expansão Geographica*", 89:

"D. Francisco de Sousa, regressando ao reino, animara, sem duvida, o soberano. Expedido o primeiro regimento das terras minerais, de 15 de agosto de 1603, para o Estado do Brasil, foi nomeado o ex-governador, a 15 de junho de 1608, para administrador geral da Repartição do Sul, constituída, a instigação do Conselho da Índia, pelas capitãncias do Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo. Este ato equivalia à separação administrativa, imposta pela expansão das minas de toda a importante região meridional, pois que o encarregado de superintendê-la gozava de jurisdição independente da do governador geral do Estado do Brasil e só respondia perante o rei".

"... o sendo assim junctos disse elle dicto capitão que hoje deante do senhor D. Francisco de Sousa se practicou em como os quatro companheiros que vieram da Villa Rica do Espirito Santo se queiram ir para sua terra, etc..."

Logo depois, ao findar-se êsse mesmo 1602, retirou-se Dom Francisco, para as minas de Monserrate, de onde só voltou a São Paulo para ter noticias da chegada dos expedicionários de Barreto.

Em 1605, Dom Francisco foi chamado ao reino por Filipe III, que, em data de 19 de março dêsse ano, escrevia a Diogo Botelho o seguinte:

"A D. Francisco de Sousa tive por bem mandar vir, como lhe escrevo pela carta com que esta irá, por entender não ser necessaria a sua assistencia. Encomendo-vos lh'a envieis logo e dois todo o favor e ajuda que lhe for necessaria para seguir". (Carvalho Franco, *loc. cit.*, pág. 35).

E em 1606, portanto dois anos após a volta da gente de Barreto, eis que Diogo de Quadros penetra no sertão em bandeira, tendo para isso se aprestado, conforme se vê dos documentos, constantes de "Atas", vol. II, págs. 161 e 169. Suponho que se trate de uma expedição de pesquisas metalíferas, muito embora o documento mencionado diga que Diogo de Quadros estava, em dezembro dêsse ano, "fazendo guerra aos gentios contra a ordem e regim. de sua mgde..."

Não tenho dúvidas quanto ao objetivo sulino da expedição de Quadros. Êsse foi aos carijós, como se pode verificar no documento constante em "Registr", vol. VII, pág. 151. Partiu em agôsto, de modo que, o seu destino tinha de ser o sul, afim de aí passar os meses mais quentes. Acredito, como dizia acima, que Diogo de Quadros tenha partido para buscar metais. Ele foi, mais tarde, um dos sócios de Dom Francisco,

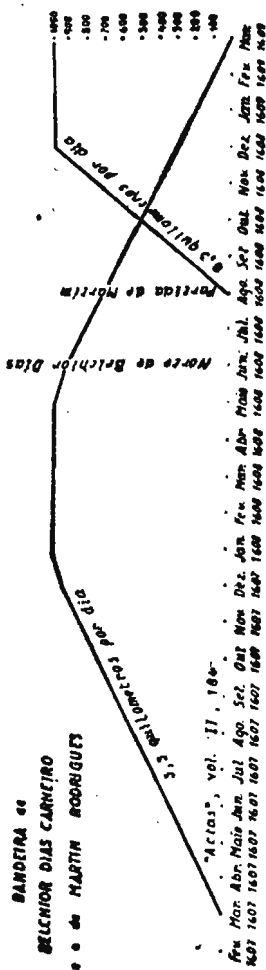
tendo firmado com o senhor de Beringel, uma sociedade para a exploração do ferro, na qual também entrava Francisco Lopes Pinto. E' o que nos conta Carvalho Franco, no seu tão citado trabalho, à página 35.

Esse Francisco Lopes Pinto, segundo o mesmo Carvalho Franco, *loc. cit.*, era cunhado de Diogo de Quadros, o que escapa às investigações genealógicas de Silva Leme ("Genealogia Paulistana", vol. IV), (47-a).

Ao iniciar-se o ano seguinte, era Manuel Preto quem regressava do Sul, carregado de índios, naturalmente para serem armazenados na sua fazenda de Nossa Senhora da Expectação ("Atas", vol. II, pág. 184).

No mês de março dêsse 1607, notava-se que a atividade irrequieta da gente de São Paulo recrudescia, com Belchior Dias Carneiro, que então fazia o seu testamento ("Inventários e Testamentos", vol II. pág. 114). Sabemos isso porque vimos um documento, datado de fevereiro de 1609, no qual se diz que, êle estava arregimentando cêrca de

(47-A) Parece que Diogo de Quadros não tinha parentesco algum com Bernardo de Quadros iniciador em S. Paulo da estirpe tratada genealógicamente por Silva Leme.



Actas, vol. II, 1607  
 Fev. Mar. Abr. Maio. Jun. Jul. Ago. Set. Out. Nov. Dez. 1607 1607 1607 1607 1607 1607 1607 1607 1607 1607 1607 1607  
 Fev. Mar. Abr. Maio. Jun. Jul. Ago. Set. Out. Nov. Dez. 1608 1608 1608 1608 1608 1608 1608 1608 1608 1608 1608 1608  
 Fev. Mar. Abr. Maio. Jun. Jul. Ago. Set. Out. Nov. Dez. 1609 1609 1609 1609 1609 1609 1609 1609 1609 1609 1609 1609



“corenta ou cincoenta homens branquos com os quaes forão mtã. parte dos índios desta vila e gastarão lá dous anos, e não são chegados ainda e os que chegarão trouxerão mto. gentio... e aqu estava hu mädado do capitão gaspar conqrº que luogo se apresentou em que manda toda a jente da jornada trazida conforme provisão de sua magestade por belchior carº do serfão...”, vol. II, pág. 235), (48).

Essa empreitada de caça aos índios foi para os “*bilreiros*”, conforme se vê do seu inventário (“*Inventários e Testamentos*”, vol. II, págs. 196 e 197), que, no ról de dívidas do finado, tem os seguintes trechos elucidativos:

“Mais a meu sobrinho Domingos Fernandes, um capote de crize azul para dar ao principal dos BILREIROS”.

E adiante:

“... e mais um facão para lhe comprar uma peça dos BILREIROS, a qual peça elle tem em seu poder pornome Guagaróba”.

Eis, pois, a convicção de que Belchior Carneiro, em 1607, demandou os bilreiros.

Entre os companheiros de Belchior, consegui identificar os seguintes. cap. Belchior Carneiro (cabo da tropa), Antônio Raposo-o-Velho (imediate), João Moreira, Manuel Ribeiro Boito, Pascoal Delgado, Manuel Rodrigues, Mateus Luiz Grou, Luiz Eanes Grou, Matias Gomes, Manuel Requeixo, Estêvão Raposo, Domingos Barbosa, Miguel Gonçalves, Jerônimo Gonçalves e Lourenço Cabreira.

---

(48) A bandeira de Belchior esteve 21 meses, ou 630 dias, fora do povoado. Andando na razão de 3 quilômetros por dia, temos que ella deveria ter ido a 1.890 quilômetros, longe de S. Paulo, o que abrangia o Qualrã, contando o percurso ida e volta.

O falecimento de Belchior deu-se em Junho de 1608, tendo assumido o comando da expedição Antônio Raposo-o-Velho, chefe da estirpe numerosa dos Raposo Bocarro, — que Silva Leme analisa no vol. III de sua monumental "Genealogia Paulistana", — o mesmo que, em 1601, fôra armado cavaleiro por Dom Francisco de Sousa e que aportara a São Vicente em 1583, na armada de Flôres de Valdez (49).

(49) A respeito dêsse povoador, assim se expressa Carvalho Franco, loc. cit., pág. 27:

"Antônio Raposo foi um dos mais prestantes companheiros de Dom Francisco de Sousa. Natural de Lisboa (Silva Leme, "Genealogia Paulistana", vol. III, diz que Antônio Raposo era natural de Beja), veio ao Brasil na armada de Diogo Flôres de Valdez, sendo deixado em Santos, afim de servir no forte da barra.

"Casou-se com D. Isabel de Gots, e quando D. Francisco chegou a São Paulo, acompanhou-o " a serra de Biraçoaba e Cahattiva e Bituruna, com sua pessoa e escravos e depois disto me acompanhou ds minas de ouro de Jaraguá e depois disto tendo eu aviso que na barra desta Capitania andavam alguns inimigos corsarios e indo eu de socorro ao porto e villa de Santos me acompanhou sempre com sua pessoa e armas e escravos e tornando eu outra vez de socorro a tomar uma urca hollandesa que no dicto porto estava, me acompanhou sempre na dicta tomada e, outrossim quando voltei terceira vez a fortificar o porto e a villa de Santos entre esta e outras vezes me acompanhou até eu tornar a esta villa de São Paulo".

"Exerceu os cargos de mamposteiro (1601), almotacel (599), vereador (1594-98, 1611-15), e foi armado cavaleiro por Dom Francisco, por serviços prestados, pelo alvará cujo trecho acima se transcreve, datado de vinte de maio de mil seiscentos e um. Obteve sesmarias em Juqueri, Nhumirú e cabeceiras d Ricanduva. Seguiu para o sertão em maio de 1607, como imediato na bandeira do mameluco Belchior Dias Carneiro, levando quarenta ou cincoenta brancos e muitos índios, importando para as regiões da bacia do Araguaia-Tocantins. Em junho do ano seguinte, feteceu Belchior, tendo assumido o comando da expedição Antônio Raposo que, em fins dêsse mesmo ano, regressava a São Paulo, com a maior parte da tropa. As peças trazidas foram de indias bilreiros. Tomou, depois parte na primeira invasão de Guaeté (1628). Faleceu em São Paulo em 7 de janeiro de 1633".

• • •

Belchior Dias Carneiro era, de fato, mameluco, pois sua mãe era Beatriz Ramalho, filha do fronteiro de campo e de M'Boy, filha de Tibiriçá com Lopo Dias, português, pai de Belchior, que, assim, teria ¼ de sangue indígena.

A respeito de Raposo, ainda paira um mistério. Quando esteve Fenton em Santos, em 1577, seis anos antes de Flôres de Valdez e, portanto, antes de haver Raposo aportado, já há uma referência a um certo Estevão Raposo, que esteve a bordo com Fenton e outros, entre os quais John Withall (Rocha Pombo, vol. IV, pág. 19, ed. Benj. Aguilã).

Em fins de dezembro de 1608, conduziu Raposo parte da bandeira ao povoado paulistano ("Atas", vol. II, pág. 235), ficando o restante fóra de São Paulo, até 15 de fevereiro, quando aportou ao povoado pla-

Que Estêvão Raposo teria sido esse?

Antônio Raposo teve um filho com esse nome! (Silva Leme, "Genealogia Paulistana").

Alás, a propósito de Flôres de Valdez e de Fenton, há evidente confusão, esposada por todos os historiadôres.

Si Flôres esteve aqui em 1583, como é patente, como poderia êle encontrar, em Santos, a Fenton, cuja viagem foi em 1577, isto é, seis anos antes?

E' que Fenton, o pirata inglês, tem a sua viagem em confusão com a do pirata inglês Withrington, que, em 1583, esteve, de fato, em Santos.

\* \* \*

Sobre Mateus Grou, da nominata citada, pode assegurar-se que foi o referido por Silva Leme, no vol. I da "Genealogia Paulistana", isto é, o niameluco, 1/2 sangue, filho de Domingos Luiz Grou e de Fulana Ouassú, que tomou parte na bandeira de Nicolau Barreto, aí sendo identificado na nominata conhecida. Mateus faleceu em 1658, devendo ter nascido, segundo todas as probabilidades, em 1580, mais ou menos pois que, para poder tomar parte, em 1602, na expedição do Barreto, deveria ter cerca de 20 anos. Tendo falecido em 1658, devia ter então, 78 anos, o que é verosímil. Eu crelo que, o nome — Grou — é uma corruptéla de inglês — Grew.

\* \* \*

João Moreira, da lista referida, é, crelo eu, João de Godól Moreira, filho de Baitasar de Godól, castelhano, e de Paula Moreira, filha de Jorge Moreira, galego do Rio Tinto, e de Isabel Velho, filha dos povoadôres Garcia Rodrigues e Isabel Velho. Baitasar, que fóra bandeirante, companheiro de Nicolau Barreto, em 1602-1604, deixou prole numerosa, que se destacou no decorrer de seiscentismo.

Sobre João de Godól Moreira, diz Silva Leme, no vol. VI de sua "Genealogia Paulistana", pág. 112:

"Segundo escreveu Pedro Taques, foi um cidadão que em São Paulo sua pátria, o primeiro voto no govêrno político e civil da República, como pessoa de grande autoridade, respeito e veneração. Foi abundante em cabedals e possui uma fazenda de cultura, onde as vinhas lhe davam vinho com fartura. Foi casado com Eufêmia da Costa, natural de São Vicente, irmã do capitão-mor de Itanhaém, Vasco da Mota, e do reverendíssimo padre Antônio Raposo, paroco colado da Igreja da vila de São Vicente, da qual tomara posse em 1611. Segundo escreveu Pedro Taques, foi Eufêmia da Costa filha de Atanásio da Mota, que levou em dote de casamento os officios de escrivão da fazenda real da alfândega da vila de Santos (de que era proprietário seu sogro), e de Luzia Machado, natural de Santos; neto paterno de Vasco Pires da Mota, natural de Portugal (filho do Dr. Aniceto Vaz da Mota e de Filipa de Sá), e de sua mulher Filipa Gomes da Costa, por esta bisneto de Estêvão da Costa, natural de Barcelos, senhor da quinta da Costa, e de Isabel Lopes de Sousa, esta filha natural do fidalgo Marim Afonso

naltino. Só se sabe, a respeito das regiões percorridas por essa bandeira, que ela foi aos bilreiros. Creio que essa gente indígena pode ser identificada com os índios ibiraiaras, localizados, segundo as probabilidades existentes, no baixo curso do Tietê e rio Guairá. (50).

---

*de Sousa, donatário da capitania de São Vicente, com 100 léguas de costa; neto materno (por Luzia Machado) de Simão Machado, um dos primeiros e nobres povoadores da vila de São Vicente, vindo com Martim Afonso em 1531, a cujo filho ou filha fez el-rei Dom João III mercê dos supraditos ofícios, e de Maria da Costa, natural de São Vicente; por esta, bisneta de Martim da Costa, natural de Barcelos, e de Maria Colaço, natural de São Vicente; por esta, trinota de Pedro Colaço, natural de Viana do Minho capitão-mor e governador da capitania de São Vicente, de 1561 a 1565, e de Brígida Machado, natural de São Vicente; esta, filha de Rui Dias, que veio, em 1531, com o dito Martim Afonso, e de sua mulher Cecília Radrigues. (Autos de genere do padre Antônio de Godói Moreira). Faleceu em 1665, em São Paulo (com dois testamentos: o primeiro, escrito em 1653 e o segundo, em 1661, de caminho para a ilha Grande. Teve 12 filhos.) (C. O. de São Paulo).*

Com esses dados, eu calculo que João de Godói Moreira tenha nascido em 1590, mais ou menos, a ponto de ter tomado parte na bandeira referida com 17 para 18 anos e ter falecido com cerca de 75 anos, aproximadamente.

• • •

Estêvão Raposo era casado com Isabel da Cunha, filha de Manuel Francisco Pinto e Juliana de Oliveira. Esse filho de Antônio Raposo-o-Velho, que teria aportado à capitania de São Vicente em 1583, na armada de Diogo Fiores Valdez, teria nascido, aproximadamente, em 1590, devendo ter cerca de 17 a 18 anos, por ocasião da bandeira referida. (Silva Leme, "Genealogia Paulistana", vol. III, pág. 4).

• • •

Pascoal Delgado Lóbo foi primo-irmão de Estêvão Raposo, pois era filho de Filippa Gago e de Pascoal Delgado (Silva Leme, loc. cit., vol. VIII, pág. 516), tendo nascido, aproximadamente, entre 1585 e 1590, pois faleceu em 1650, antes de sua mãe, que nessa ocasião teria cerca de 75 a 80 anos.

(50) Bilreiros eram Ibiraiaras. Quem nos ensina é Gentil de Moura. Segundo Gentil de Assis Moura ("O Caminho do Paraguai e Santo André da Borda do Campo", 15), tendo assento em Simão de Vasconcelos, "liv. 1, n.º 171", os "bilretros", eram os mesmos que os "ibiraiaras", localizados ao sul do curso do Tietê, os mesmos, diz Gentil de Moura, que foram encontrados por Ulrico Schmelde, antes de sua chegada a Santo André da Borda do Campo.

Aurelio Porto, no seu "Hist. das Missões Orientais do Uruguai", 84, diz a mesma cousa.

Assim, só nos restaria saber onde ficavam os Ibiraiaras. Pelo livro "El Guairá", de Ramon Cardoso, em diversas passagens e no mapa

Depois dessa empreitada, temos a assinalar a que chefiou Martim Rodrigues Tenório, que, em agosto de 1608, desceu o Tietê com os seguintes companheiros, dentre os muitos, que compunham a expedição: Antônio Nunes, Baltasar Gonçalves, Braz Gonçalves, Diogo Martins, João de Santana, João Pais, Manuel de Oliveira e Lourenço Gomes de Ruxaque. ("Inventários e Testamentos", vol. II, pág. 357; vol. III, pág. 255; e vol. IX, pág. 23), (51).

Não sei, com certeza absoluta, por onde tenha peregrinado essa expedição. Os documentos, ainda que não o afirmem de modo positivo, dão a entender que, seguiu às pégadas de Belchior, na direção dos bilreiros ou de Guairá. Saiu a bandeira no mês de agosto.

Foi essa expedição exterminada, de modo que, só em 1612, fôram feitos em juízo os inventários dos seus

---

inicial, registra *Ibirataras*, no Guairá, exatamente em conformidade com a citação de Taunay. Segundo Ramon Cardoso, ob. cit., os *Ibirajaras* se localizavam entre o Pequiri e o Ivaí. (Taunay, "Hist. Geral das Bandeiras" II, 29.

Ficam assim reconstituídos com mais exatidão e mais probabilidade as marchas de duas importantes expedições saídas do planalto.

(51) Não posso garantir si seria Braz Gonçalves-o-Velho o português desse nome, assinalado por Silva Leme à página 23, vol. I, da sua "Genealogia Paulistana". Era esse individuo demasiado idoso para tomar parte nesses empreendimentos sertanejos.

Não se pode, deixar de concluir que, o sertanista da nominata da bandeira de Martim Rodrigues foi Braz Gonçalves-o-Neto, que teria, então cerca de 15 a 20 anos.

Havia em Ciudad Real, no Guairá, um Braz Gonçalves morando. E' o que se verifica de Ramon Cardoso, "El Guairá", 100, quando diz: "...y en la Ciudad Real, Blaz Gonzales, casado com mujer natural". Que Braz Gonçalves seria esse?

E' possível que esse Braz Gonçalves tenha sido o bandeirante de Martim Rodrigues, tendo sido a bandeira dissolvida no sertão, êle se tendo fixado em Ciudad Real e mais tarde tornado ao planalto. O Baltasar Gonçalves-o-Moço, sendo portanto tio de Braz Gonçalves-o-Neto acima referido. Foi esse o único Baltasar Gonçalves mencionado por Silva Leme, de modo que, se fica na imperiosa contingência de atribuir-se-lhe o nome, que figura na lista dos sertanistas de Martim Rodrigues. E' verdade que, há outros Baltasar Gonçalves, mas com nomes mais complicados, como Baltasar Gonçalves Málio, onde há a interferência de novos elementos. Não seria esse o nosso caso?

componentes . (“Inventários e Testamentos”, vol. II, pág. 357; vol. III, pág. 255; e vol. IX, pág. 23).

Em seguida a êses empreendimentos, vamos encontrar outro feito paulista, no ano de 1615, isto é, sete anos depois das bandeiras anteriores.

Nessa época, a orientação bandeirantista era nitidamente para o Sul, de modo que, marcando estranha exceção nessa série de empreendimentos deparamos com um surto notável na direção Norte, ou antes, Noroeste. Pelo menos é suposição ter a expedição de Alvarenga tomado essa direção. Será essa a verdade?

Trata-se da expedição comandada por Antônio Pedroso de Alvarenga, que saíu de São Paulo na primeira metade de 1615, tendo ido até ao sertão do Parapava e demorando-se cêrca de 3 anos fóra do povoado (52) (52.<sup>a</sup>).

(52) O chefe dessa expedição era filho do povoador português Antônio Rodrigues de Alvarenga, natural de Lamego, vindo aproximadamente em 1550 e falecido em 1614, e de Ana Ribeiro, filha dos povoadores Estêvão Ribeiro Baião Parente, português de Beja, que teria vindo, aproximadamente, com Martim Afonso de Sousa, e de sua mulher Madalena Fernandes Feljó de Madureira, portuguesa do Pôrto.

Pedroso de Alvarenga era cunhado de Sebastião de Freitas, já nosso conhecido e do capitão Salvador Pires de Medeiros, um dos destruidores do Quairá, mameluco, provindo da estirpe de Piquerobi. De Pedroso de Alvarenga, que teria cêrca de 30 anos e que também, 13 anos depois, foi um dos destruidores do Quairá, diz Pedro Taques, em sua “Nobiliarchia” o seguinte, que parece chapa de elogios identicos “para todos os seus biografados:

*...foi nobre cidadão de S. Paulo com grande respeito e potentado em arcos de indios que conquistou no sertão que penetrou em varias entradas. Depois do falecimento de Dom Francisco de Sousa em 1611, que havia chegado em 1609 feito governador administrador geral das tres capitancias: do Rio de Janeiro, do Espirito Santo e de S. Paulo, trazendo a mercê de marquez das minas com 30.000 cruzados de juros herdade e “com” mais amplos poderes que até então não se tinham concedido a vassallo algum sem subordinação ao governador geral do Estado, e com alvará do rei para dar habitos de Christo aos mineiros, dar o foro de fidalgo da casa, o de cavalleiro fidalgo e o de moço da camara; ultimamente para em sua ausencia deixar em seu lugar a quem entendesse, nada conseguindo porque a morte atalhou o progresso dos descobrimentos a que tinha vindo; e nomeando em se ulugar a seu filho dom Lulz de Sousa este tomou posse d’esses cargos em S. Paulo e no mesmo ano da morte de seu pai, em 1611. Animando aos paulistas mais poderosos e experientes dos sertões para a empresa de intentarem descobrimentos de minas de ouro ou prata, se encarregou desta impor-*

Onde era êsse sertão do Paraupava? Em Goiaz no Araguaia? <sup>(53)</sup> No Guairá?

Não posso aceitar a opinião de Diogo de Vasconcelos ("História Antiga de Minas Gerais"), que quer identificar Paraupava com Paraopeba, restringindo muito a penetração da bandeira.

Parece provável que esta tenha entrado muito a fundo no continente sul-americano, porque, tendo partido de São Paulo na primeira metade de 1615, atingia ela o Paraupava em abril do ano seguinte. (Ver o testamento de Pedro de Araujo, *loc. cit.*). Ora, para que a expedição levasse um ano, para atingir seu termo, seria preciso que estivesse muito distântel

---

*tantissima conducta Antonio Pedroso de Alvarenga que, formando uma grande tropa à sua custa, com ella penetrou distante de S. Paulo mais de 300 leguas, e se achou em 1616 postado no centro do sertão do grande rio Paraupava ao norte da capitania, hoje Goyazes, e encaminha o curso de suas aguas para o caudaloso rio do Maranhão*".

(52-A) Hoje estou na plena convicção de que essa bandeira esteve percorrendo o Guairá. Não só se mostra dessa opinião o eminente Carvalho Franco ("*Bandelras e Bandeirantes*") como também militam nesse sentido os indícios muitos que, a esse propósito encontrei na documentação dos inventários e testamentos.

• • •

Tivemos em S. Paulo, nada menos de 3 pessoas, com o nome de Pero Domingues:

A primeira foi o português povoador que chegou ao planalto, mais ou menos, em 1570 ou 1575, aí se casando com Clara Fernandes. (Silva Leme *loc. cit.*, vol. VIII, pág. 102).

A segunda foi o filho dêsse casal, com 60 anos em 1638 e que, portanto, em 1615, isto é, 23 anos antes, devia ter 37. Seria êsse o companheiro de Pedroso Alvarenga? E' provavel.

Finalmente, a terceira foi um sobrinho dêsse, filho de um irmão dêsse nome Amaro Domingues, o qual, falecendo em 1636, teria cerca de 40 anos em 1615, e seu filho Pero Domingues-o-Neto cerca de 15 a 17 anos; portanto com pouca idade para tomar parte em empreendimentos sertanistas. Acho possível, todavia, que a êle se refira o nome da nominata da expedição de Alvarenga. O padre Serafim Leite estuda documentos referentes a um Pero Domingues ("*Paginas de Hist. do Brasil*", *Brasillana*).

(53) O padre Serafim Leite no seu livro "*Paginas de Historia do Brasil*" trata exaustivamente dêsse empreendimento, tendo descoberto documentos que reconstituem o itinerário dessa bandeira de Pedroso de Alvarenga que teria ido até o Pará via Goiaz, devendo ter sido a segunda bandeira que atingiu essa zona brasileira, tendo a primeira sido em 1613. E' preciso recordar aqui que, Belem do Pará só foi fundada

Inclino-me decididamente a ter como possível que, tenha a expedição chegado até ao Paraguai ou ao Rio Grande do Sul.

E' de notar-se a alta significação do feito, que toma proporções maiores ainda si considerarmos que, nessa época, o bandeirismo se achava preocupado com as primeiras expedições ao Guairá, contra os castelhanos e os jesuítas.

Graças aos documentos existentes e que citei acima, consegui identificar os seguintes nomes de paulistas, membros dessa expedição que, pelo caminho percorrido, pela extensão da região devastada, tanto enalteceu os feitos do bandeirismo: cap. Antônio Pedroso de Alvarenga (chefe), Pedro Domingues, Francisco Roiz da Guerra, Francisco de Baldim, Diogo Barbosa de Rêgo, Francisco Dias Pinto, Gonçalo Gil, Vicente Alvares, Pedro Alvares, Francisco Preto, Ascenso Luiz Grou, Francisco Duarte, Miguel Gonçalo Correia, Alonso de Gaia, Crisóstomo Alvarez, Manuel da Fonseca, João Fernandes, Rafael Dias, Domingos Marques Requeixo, Melchior de tal, Lourenço Rabelo, Pero de Araújo e Francisco de Almeida (êstes dois últimos, falecidos no sertão e cunhados do capitão), (53-bis).

---

em 1615, quando Castelo Branco aí estabeleceu o forte de Presepe, depois da expulsão dos Franceses do Maranhão e do combate de Guaxindiba em 1614.

Apesar de tudo isso creio que o sertão do Parahupava era no Guairá, pois a documentação que a ele se refere, fala em índios — *temiminós* — e *carjós* — cujo habitat era, com absoluta certeza, o Guairá. Os índios guaianazes — que aparecem nos documentos referidos em sinonímia com — "*tapés*" — ou "*tapulas*" (Basillo de Magalhães "*Expansão Geog.*") habitavam todo o Sul e hoje são designados como *Kalengangs* ou *bugres* do Paraná.

(53-bis) Silva Leme, na sua portentosa "*Genealogia Paulistana*" não menciona Francisco Preto, da lista acima, entre os filhos do povoador Antonio Preto!

Seria outro tronco com o mesmo nome?

Pedro Taques, que serviu de base a Silva Leme errou muito.

Carvalho Franco diz que em S. Paulo havia outro tronco com o nome — Preto —.



Muitos desses acima nomeados figuravam na bandeira comandada por André Fernandes, da qual foi possível se organizar uma nominata, graças à morte e consequente inventário de vários bandeirantes, entre os quais Domingos Requeixo, Pero Domingues, etc. ("Inv. e Test. XXXI, 8 e seguintes).

O que isso significa?

De fato, as duas bandeiras foram identificadas na mesma época fóra do povoado, trilhando, com todas as probalidades o mesmo sertão, com vários componentes figurando em suas nomitnatas, não seria o mesmo empreendimento?

Creio que sim!

## CAPITULO II

# GUAIRA (53,a)

A gente moradora do planalto piratiningano não tinha fonte de renda. Era paupérrima! O açúcar — fonte de renda, que constituía a imensa riqueza do Norte — colocava essa região colonial num plano de imensa superioridade econômica, financeira e demográfica sobre os demais núcleos coloniais. A inferioridade de ordem econômico-financeira e demográfica de São Paulo repercutia, além disso, de modo proporcional, nas demais esferas, ou campos de ação, de maneira que, o planalto vicentino-paulista apresentava um aspecto, sob todos os pontos de vista, dos mais desoladores, (53-b).

O páu-brasil, sem vegetar com intensidade ao sul do Cabo Frio, não proporcionava aos vicentinos nenhuma

---

(53-A) Parece que os primeiros assaltos dos paulistas contra Guairá foram de 1552 a 1553, sob o governo de Irala no Paraguai. (Enrique de Gandía "Las Misiones Jesuíticas y los Bandeirantes Paulistas", pág. 21).

A Alvaro Nunes Cabeça de Vacca em 1548 sucedeu Irala, que foi o governador do Paraguai até 1557, falecendo em 1558.

Hernand Arias de Saavedra foi governador nas duas primeiras décadas do seiscentismo. A seguir foi Manoel de Frias e depois D. Luiz de Cespedes Xerfa, a seguir o gov. Martim de Ledesma Valderrama e depois o gov. foi Pedro Esteban d'Avila.

Talvez compreendendo a impossibilidade de se firmarem, os espanhóis, em uma villa na foz do Prata, quiz Irala buscar para o Paraguai uma saída pelo Atlântico. Daí o haver ordenado a fundação de Ontiveros, em 1554, e de Ciudad Real, dois anos depois.

(53-B) Já estudamos, em varias publicações, as causas de haver e industria-agrícola do açúcar se fixado no Nordeste, ("*Raposo Tavares e sua época*", Liv. José Olimpio; "*Amador Bueno e a evolução de psicologia planaltina*", Boletim n.º 52 da Fac. de Filas. Ciências e Letras).

Foi a primeira batalha do açucari

O planalto a perdeu e o Nordeste a ganhou!

fonte de riqueza, que era outorgada aos demais coloniais situados ao norte dêsse acidente geográfico. Por outro lado, devido a várias circunstâncias capituladas na primeira batalha do açúcar, êste dava ao Norte aquela prosperidade que impressionava Fernão Cardim ("Narrativa Epistolar") e se refletia, dominadora, em todas as facêtas rebrilhantes da civilização, a pulsar, vigorosa, na parte nordestina da América portuguesa.

Relegados ao mais completo abandono da fortuna, os vicentinos não dispunham de elementos com que pudessem emergir da sotoplanura em que viviam, e, assim, fôram obrigados a recorrer à fonte de renda, que se lhes deparava e, que dêles apenas exigia esforço, tenacidade, energia, bravura, espírito de aventura e de sacrificio. Lançaram-se ao apresamento do gentio, o que lhes proporcionava uma fonte de recursos, pois exportavam a mercadoria humana, apresada nos sertões, para as demais regiões da América portuguesa, onde havia trabalho organizado, auferindo dalf elementos de importação, com os quais continuavam no viver modesto, em que iam vegetando. Daí, as repetidas palavras escritas, num doloroso tom de amargura mal contida, nos documentos que tratam da ida dos planaltinos "ao sertão, em busca de remédio para as suas pobrezaas", (53-c).

Os planaltinos tiveram a ventura de ver conjugar-se a sua necessidade, e a necessidade de braços dos nordestinos, com outra fôrça propulsionadora do bandeirismo, que provinha da gula de riqueza que empolgava todas as imaginações, principalmente reinóis.

---

(53-C) E' preciso que se compreenda que o bandeirismo não foi como o vulgo ignorante pensa, uma epopéa aventureira, mas — um ciclo econômico, tangido pelas circunstâncias imperiosas das necessidades vitais.

Os pianaltinos, homens como os demais, colocados em face de certas circunstâncias, foram obrigados a lançar mão do bandeirismo para resolver o "primo vivere..."

O brilho ofuscante das riquezas prodigiosas, que a Espanha auferia no seu quinhão ocidental das Américas, cegava as ambições lusitanas, que não cessavam de demandar, aos coloniais, esforços, no sentido de serem desvendadas as Lagôas Douradas, as Manôas e os Pactolos da entranhas terrenas.

Fôram, pois, duas as fôrças que se uniram para realizar a penetração no continente virgem das selvas americanas: a) a necessidade imperiosa, de ordem econômica, no planalto, desprovido de outra fonte de riqueza, a exigir o apresamento do gentio, sincronizada com a precisão de braços por parte do Nordéste; b) a gula de riquezas, por parte dos elementos portugueses e coloniais, que exigiam a exploração do subsólo.

Eis os elementos de fôrça, que levaram o morador planaltino a penetrar nos sertões, durante o século XVII.

Mas, pergunta-se porque não se realizou o bandeirismo em outra parte da região portuguesa da América? Si os restantes luso-coloniais eram mais numerosos, mais aparelhados, mais pujantes em recursos, porque permaneceram "arranhando o litoral como caranguejos", na expressão de frei Vicente do Salvador, enquanto os planaltinos devassavam os sertões, em obediência àquelas duas fôrças conjugadas?

E' que, aquelas fôrças conjugadas só deveriam influir no planalto; porque, si a segunda existia em todos os núcleos coloniais, a primeira só se fazia sentir no planalto e no litoral vicentino. Os outros coloniais tinham outras fontes de renda que ocupavam as atividades, não permitindo que elas fossem distraídas com o apresamento (53D).

---

(53-D) Além desses motivos, o fato de os estabelecimentos jesuíticos de catequização se localizarem perto do Planalto paulista, deveria também ter pesado. Se, porventura, os jesuítas não tivessem se postado, com o seu império teocrático em regiões tão acessíveis, é

Além dessa, havia uma circunstância que tornava o bandeirismo obrigatório, na capitania vicentina e o dispensava de existir alhures na América portugueza. E' que os cultivadores da cana de açúcar no Nordeste, opulentos como eram, enriquecidos pela indústria rendosíssima do fabrico em monopólio de uma mercadoria tropical não precisavam ganhar com o apresamento e podiam comprar escravos africanos, em regra mais caros, mais efficientes, etc., do que os americanos, que, mais à mão, se tornavam mais fáceis de serem apre-sados, (54), (54-A).

possivel que o apresamento se tenha dado, mas teria sido, por certo, um fenomeno inteiro e completamente diferente, como de vulto e proporções muito menores.

(54) Os próprios portuguezes, que até a descoberta de uma fonte de riqueza qualquer, em terras dos bandeirantes, não davam a estes a menor importância começaram, depois disso, a dèles, se arrecear, como se verifica de uma carta ao rei Dom Pedro II, dirigida pelo vice-rei Dom João de Lencastro, a qual dizia o seguinte, em 7 de jan. de 1700.

"...tambem me parece, é muito conveniente que se levante outro terço de infantaria e um esquadrão de dragões para se metter na villa de São Paulo com o pretexto de que é para assegurar a mesma villa e della se poder soccorrer facilmente a villa de Santos; sendo o fim particular deste negocio segural-a dos seus mesmos moradores, pois estes tem deixado, em varias occasiões suspeitosa a sua fidelidade, na pouca obediencia com que observam as leis de V. Mage e ser gente por sua natureza absoluta e varia e a maior parte della criminoso; e sobretudo amantissima da liberdade, em que se conservam a tantos annos quantos tem de creação a mesma villa; e vendo se hoje com opulencia e riqueza que a fortuna lhes offereceu no descobrimento das ditas minas, me quero persuadir sem o menor escrupulo, são capazes de apeteer sujeitar-se a qualquer nação estrangeira, que não só os conserve na liberdade e insolencia com que vivem, mas de que supponham podem ter aquellas conveniencias que a ambição costuma facilitar a semelhantes pessoa, sendo a principal e a que elles mais suspiram a da escravidão dos Indios".

A verdade é que os cronistas do tempo, tambem não manifestavam idéas diversas sobre os paulistas.

E' assim que, Froger, no trabalho, "*Relation d'un voyage fait en 1695, 1697 aux cotes d'Afrique, Brésil, etc., par une esquadre comandé par Mr. des Gennes*", diz a pág. 80-82:

"Cette ville de Saint-Paul qui este a dix lieues dans les terres tire son origine d'un assemblage de brigans de toutes Nations, qui peu a peu ont formé une grande Ville & une espèce de Republique, ou ils se font une loi de ne point recontre le Gouverneur".

(54-A) Seria muito mais comprehensivel que o bandeirismo, principalmente o das descobertas, em Minas Gerais, fosse realizado do lado da Baía. Tinham os habitantes, não só muito mais recursos, como uma magnifica via de acesso, que era o rio de S. Francisco, que conduzia, com exatidão, da Baía até o coração da região do ouro. Além disso, os

Isso tudo fazia com que o bandeirismo tivesse origem no planalto paulista-viceentino, e não no Nordeste açucareiro, êsse Nordeste opulento, grosso em cabedais, que tão rico era, que não podia fazer outra cousa que não fosse açúcar, etc.

E tudo isso fazia com que se fôsse formando, no quinhentismo, no planalto piratiningano, um núcleo bélico-econômico, cheio de "vis propulsiva", destinado a indiretamente dilatar a esfera de ação lusitana na América, — ferisse essa dilatação a quem ferisse, fôsem as regiões percorridas as espanholas, ou fôsem simplesmente as selvas americanas.

Indiretamente, a zona luso-americana, isto é a capitania viceentina se foi dilatando, com a depressão correspondente da zona espanhola e com sacrificio da zona selvagem da América.

E' certo que, êsse avanço luso-paulista não obedeceu a impulsos imperialistas, a função política pre-determinada a uma intenção consciente prestabelecida, — no que me alinho de inteiro acôrdo com Calógeras ("A Política Exterior do Império"), (55).

---

planaltinos ainda tinham a os separar das minas a gigantesca Mantiqueira! Apesar dessas desvantagens todos êles foram os descobridores do ouro!

(55) Não há menor dúvida de que o bandeirante não avançava pelos sertões com o fito de aumentar as terras portuguesas, que só indiretamente e involuntariamente fôram acrescidas. Profundamente incultos, os planaltinos visavam, apenas, ao objetivo material de conseguir uma fonte de renda, que lhes desse algum poder aquisitivo, afim de não serem obrigados a voltar à selvageria. Não tiveram êles a fonte de riqueza do pau-brasil, que só medrava, vigoroso, em uma latitude ao norte do Cabo Frio. Não tiveram tão pouco, a riqueza do Nordeste açucareiro. Buscavam, por isso, o apresamento do gentio, que organizado como indústria, lhes proporcionaria elementos para que houvesse, no planalto, algum poder aquisitivo.

Eis porque, vendiam a mercadoria humana, como o atestam os próprios castelhanos, a ponto de autorizar um autor argentino a afirmar:

"Los indios esclavos que no trabajan en las fazendas de San Pablo eram conducidos a los puertos del Brasil. Allí se los embarcaba y se los iba vendiendo en las principales ciudades de la costa". (Enrique de Gandia, loc. cit., pág. 45).

E' incontestável, aliás, que os planaltinos avançavam pelo sertão, porque iam dando desenvolvimento à sua industria de apresamento, cujo

Por outro lado, nas terras castelhanas do Paraguai nesse Paraguai de Alvar Nuñez, de Ayollas, ou de Irala, se haviam fixado os jesuitas, ordem católica, destinada a ser uma reação contra a reforma religiosa, que lavrara, carniceira e intensa, na Europa (56), (56-a).

---

produto forneciam à industria do açúcar, que não podia funcionar sem mão de obra. Simonsen, loc. cit., estuda essa questão de modo convincente, mostrando que o apresador buscava a mercadoria, não só para o planalto paulista, mas ainda para os núcleos do Atlântico, empurrando-os de escravos índios, que então eram vendidos, até para Portugal.

Eis o que diz o Prof. Taunay, loc. cit., a esse propósito:

"Sabia o padre Mancilla que estava o Espírito Santo abarrotado de índios gualrenhos".

E em outro local:

"Já pelas diferentes praças brasileiras se espalhavam os cativos do Guairá, denunciavam os jesuitas".

E mais:

"E, ainda agora, sabiam os padres que de Santos partira um navio cheio de "peças" destinados às lavouras de Pernambuco".

(56) Os jesuitas que se haviam fixado no Paraguai, com o objetivo de realizar o poder temporal, à custa do índio, que civilizavam, foram encarniçados adversários dos paulistas, aos quais não poupavam os epítetos mais ferinos e da mais entranhada e evidente paixão. E por eles que, se conhecem os eventos referentes a esses dolorosos capítulos do passado, no vale do rio Paraná. Eram os reverendos, pessoas de cultura notável, para época, situando-se, por isso, do ponto-de-vista intelectual, em nível muito acima do mediano. Sua inteligência superior se aprimorava em cultura, que se fazia sentir no fervor com que sabiam defender a causa, que haviam abraçado com abnegação e grande altruísmo. Não posso deixar de dedicar a esses homens superiores, que foram os loiolanos, uma grande e profunda admiração! Mostraram-se sempre ser pessoas de incomparável estofo moral! Sim, porque abandonar a própria pátria, com um desprêso completo por todos os prazeres da vida, para viver, durante dezenas de anos, numa região completamente despida do menor conforto e do menor recurso, em contacto exclusivo com os selvagens americanos, — isso demandava uma ténpera que não encontrei igual em todas as minhas peregrinações pelo es-

---

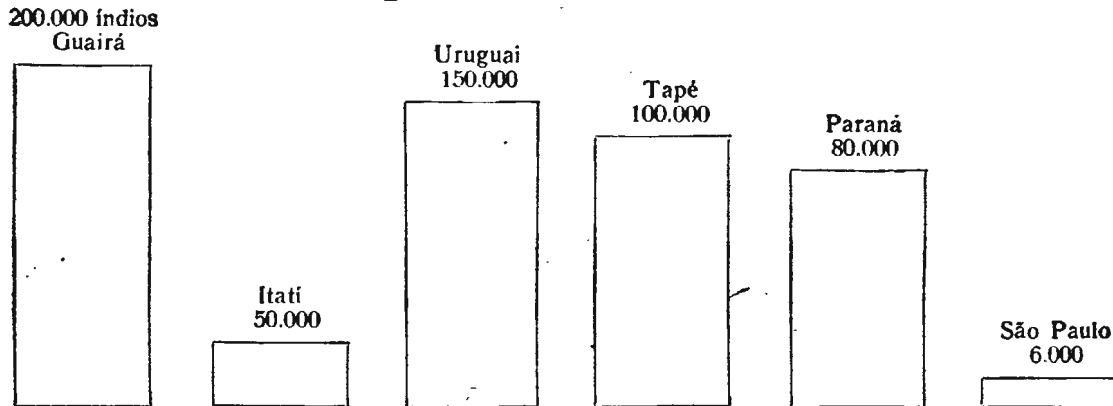
(56-A) Eu estou na firme crença de que, sem embargo de tudo isso, os jesuitas não eram "anjinhos".

Eles combatiam os paulistas com o maximo ardor e estavam sempre melhor armados que seus inimigos. Estou certo que a causa deles não era a melhor, e que a noção que Calogeras espalhou de que eles tram os grandes caluniados da história do Brasil, não é a verdadeira.

O futuro me dará razão! Estou certo disso!

Tenho acertado muitas profecias em historia! Esta não será a ultima!

## Organização Jesuítico-Guaraní em terras Castelhanas comparada demograficamente com S. Paulo



Os reverendos jesuitas realizaram, na América do Sul, obra gigantesca e benemérita de cristianização do ameríndio.

Não sei como melhor encarecer o valor desses abnegados seguidores de Loyola, além de classificá-los como superhomens, expoentes que foram da humanidade, pelas altas virtudes que revelaram em dose elvadíssima.

Trouxeram eles, à civilização, cerca de 1.000.000 de ameríndios, distribuindo-os nas dezenas de aglomerações reunidas nas 6 províncias que constituíram a sua prodigiosa organização.

Naturalmente, visavam eles salvar esses ameríndios do apresamento bandeirante que fazia deles, como todos sabemos, a base econômica da sua vida na América.

O que mais avulta o trabalho homérico dos paulistas, grandioso na sua estúpida concepção e tão formidável como magnífico na sua realização material, é o pequeno vulto da população paulista a qual, subindo a poucos milhares de habitantes, inclusive os índios administrados, não podia sofrer confronto com a população das províncias jesuíticas. Isso mais avulta ainda em se tendo em conta que o jesuíta não era o inimigo passivo e manso como supõe Calogeras ou Capistrano. Eles sempre tiveram enorme superioridade de armas de fogo na luta contra os paulistas que eles atacavam sempre.



Já vimos, em outro capítulo, como tiveram ingresso no Paraguai os primeiros loiolanos, que fôram os primeiros perigrinos da religião em selvas sul-americanas.

Entretanto, só no começo do século seiscentista, teve lugar o início da organização teocrática em terras

---

tudo da história do homem! Essa é a grande homenagem que presto aos jesuitas!

Os jesuitas eram homens intelectual e moralmente superiores.

Quanto a isso, não tenho a menor dúvida! Estou também certo de que um espírito de bondade, e de caridade cristã, coroa todas as virtudes, que de muito bom grado, reconheço em todos êles.

Como intelectualmente superiores aos rudes desbravadores das selvas e caçadores de índios, que foram os paulistas, possuíam os jesuitas todos os elementos históricos para a reconstituição das epopéias sertanejas das províncias do Guairá, Itati, Tape e Uruguai e o fizeram segundo os seus pontos de vista. Só hoje, graças à publicação dos documentos paulistas, levada a efeito por ordem do eminente estadista que é o benemérito Washington Luis, — passo dos mais acertados para a elucidação do nosso passado, — podemos deitar um pouco de luz imparcial aos feitos de nossa história. Infelizmente, porém, os nossos antepassados eram de um laconismo espartano, coisa que attribuo à falta de cultura, em que viviam os mesmos.

Eis porque provinham dos jesuitas os mais pormenorizados informes sobre as atividades dos pianaltinos, contra os defensores dos índios!

E não podiam os jesuitas deixar de ser humanos e, nestas condições, apaixonados defensores do ponto-de-vista indianófilo, não podiam escrever imparcialmente! Isso é humano e compreensível! Ninguém pode recriminá-los por isso!

Em seu lugar, talvez, eu me mostrasse ainda mais parcial, no que tivesse de escrever. Já tive, aliás, oportunidade de manifestar-me, quando ainda esbraseado pelo calor das trincheiras de 321 E com que paixão o fiz, a despeito de toda a minha imparcialidade! Creio que os reverendos de Santo Inácio também assim agiram, quando, molhando suas penas nas lágrimas vertidas com sincera piedade e no sangue do índio americano das reduções, ainda quente das depredações, levadas a efeito pelos paulistas, tiveram de escrever os relatos, que tem servido de base ao juízo da posteridade sobre a luta travada no vale do rio Paraná. Penso, por conseguinte, que todos os informes dos reverendos Mansilla, Mazeta, Montoya, Crespo, Domenech, Alfaro, Durán, Trujillo, Ernotto e tantos outros não podem servir de peças comprobatórias, de vez que os seus autores fôram partes importantíssimas nas contendas ardidas, que se desenrolaram pelos herveais do Guairá, ou pelos descampados do Itati ou do Tape. Os próprios escritos do padre Simão de Vasconcellos, aparecidos algumas décadas depois de se haver encerrado a luta infrene entre paulistas e jesuitas, não podem refletir a verdade imparcial. Esta ainda está por investigar, dando-se o necessário desconto às apaixonadas crônicas dos reverendos.

Não podemos erigir em sentenças os depolimentos das partes! Até muito contemporaneamente, vemos que os historiadores se têm deixado

espanholas (57). A população mais adensada dos índios da região a leste do rio Paraná, — nessa parte compreendida entre o grande caudal e o oceano Atlântico, onde já existiam dois burgos espanhóis, Villa Rica del Espíritu Santo e Ciudad Real de Guayrá, — encontrou os seus centros de catequêses e neles foi levada ao seio da civilização. Em 1609, foi fundada a redução ou núcleo de Santo Inácio Meri, acima da

levar por tais crônicas, sem usar do filtro que aconselho. Enrique de Gandia, por exemplo, no seu interessante trabalho intitulado "*Las Misiones Jesuíticas y los Bandeirantes Paulistas*", trata de assunto dessa maneira como si o mesmo por acaso, fôsse desconhecido para nós. Ao contrário, essas crônicas já nos são familiares, através dos trabalhos do ilustre Prof. Taunay, que a elas se tem referido em seus escritos.

Não obstante o grande e reverencioso culto e a profunda e sincera admiração que tributo a esses super homens, que foram os jesuitas, não posso deixar de atribuir a eles grande dôse de imperialismo nas intenções.

Eles visavam o domínio material, com a imensa massa demográfica de índios que civilisavam.

Os planaltinos tinham precisão incoercível e inelutável de apresar esses índios.

Dessas diretrizes contrárias e antagônicas de objetivos, político dos jesuitas e econômico dos planaltinos, a luta, entre eles, a qual era intermitentemente mais ou menos virulenta, segundo as circunstâncias.

Caso os planaltinos não tivessem agido, os jesuitas ter-se-iam expandido pelos Parapanema e Tistê, talvez só parando na Mantiqueiral. Então o que seria do Brasil-Sul? Um Paraguai gigante te-lo-ia enguldo!

Evitar isso teria sido, talvez, o malo serviço ao Brasil, prestado pelos planaltinos! Tomaram a ofensiva antes que fosse tarde!

Esperassem mais 50 anos o bocado seria garde demais!

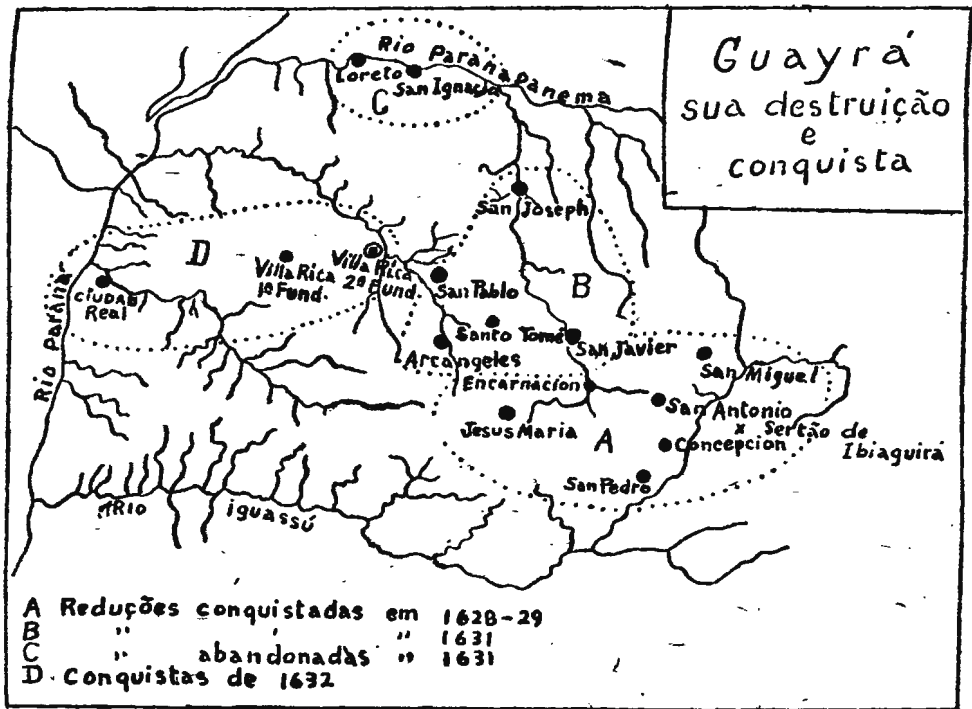
(57) "*Duas foram*" diz Basílio de Magalhães na sua "*Expansão Geográfica*", 185, "*com efeito as grandes tentativas dos loyollistas no sentido de formarem um imperio indiatico em territorio actualmente nosso:*

*A primeira, ao sul, desde o Parapanema até o Ibicuy, donde os bandeirantes os expelliram na primeira metade do seculo XVII e a outra ao norte, no antigo Estado do Maranhão, abrangendo para o interior as duas margens do Amazonas, na segunda metade do seculo XVII, tendo elles prolongado por lá o seu dominio, até que Pombal os bantissem em 1759"*.

\* \* \*

Taunay: "*Hist. Geral*" I, 58, diz:

*E, si, em relação ao embate generoso então levantado entre jesuitas e traficantes, não cabe à gloria dos ignacianos uma aureola sem jaça, é porque, aos olhos de multos na resistencia por elles opposta aos escravizadores muito entrava da ardua disputa em prol da formação do sonhado imperio Theocrático Sul-americano; visão pertinazmente acarinhada pelos proceres como pelos humildes membros da companhia.*



foz do rio Pirapó; e, de 1610 a 1628, cêrca de 12 reduções a mais fôram estabelecidas, ao longo dos inúmeros cursos que banham essa região. Assim, sôbre o rio Pirapó, além da redução de *Santo Inácio*, foi estabelecida, logo abaixo, a de *Nossa Senhora de Loreto*, cujas ruínas aí estão, testemunhando o esfôrço e a grandiosidade dos estabelecimentos jesuíticos em terras do Guairá; sôbre o Tibagi, firmaram-se os núcleos de *San José* e de *San Xavier*, no médio curso dêsse rio; os de *San Pablo*, *Encarnación*, *Santo Antonio* e *San Miguel*, no Alto Tibagi; no rio Ivaí, foram localizadas as reduções de *San Tomé* e *Jesus Maria* nas nascentes dêsse rio; e, por sôbre o Alto Pequirí, foram fixados os núcleos de *San Pedro*, *Angeles* e de *Concepcion* (58). Formavam todos êsses estabelecimentos a província de Guairá, que pertencia à organização jesuítica, que possuía as provincias do Paraguai, do Tape, de Itatines, do Paraná, do Uruguai, etc. (59).

E' natural que, tendo diante de si índios já cristianizados, para além do Paranapanema, não fôsem os paulistas-vicentinos contentar-se com a busca de índios ainda bravos nas selvas sertanejas. (Basilio de Magalhães, 117 in-fine "*Expans. Geog.*", citando Capistrano).

(58) Romario Martins, "*História do Paraná*", pgs. 89 e segs.

Encontramos no magnífico livro do intelectual Ramon Cardozo, "*La Antigua Provincia del Guairá*", uma situação dos estabelecimentos jesuíticos um pouco diferente:

*Loreto* estava na foz do rio Pirapó e *Sto. Ignacio*, um pouco mais para cima, ambas no baixo Paranapanema; *San José*, no Tibagi; *San Xavier* no médio e *Encarnación*, no alto Tibagi; *San Miguel de Ibiaguay*, *Sto. Antonio do Ybiti*, *concepcion* e *San Pedro*, no divisor das águas Ribeira, do Tibagi e do Iguassú; *Santo Tomé*, *Arcangeles* e *San Pablo* no alto Ivaí; finalmente *Jesus Maria* nas cabeceiras do Tacuary, afluente do Tibagi.

(59) Ciudad Real de Guairá foi fundada em 1556 por Ruy Diaz de Melgarejo, já tendo Garcia Rodriguez de Vergara, em 1554, fundado Ontiveros. (Enrique de Gandia, "*Las Misiones Jesuíticas y los Banderantes Paulistas*"). Ver: Taunay, "*Hist. Geral*", I, 58, sobre imperio teocrático. Ver: Aurelio Porto, "*História das Missões Orientais do Uruguai*".

Com isso, é claro que teria de haver luta entre as duas fôrças, que tendiam a atritar-se, com os seus desenvolvimentos. Eram duas orientações contrárias que, nas suas expansões, deveriam encontrar-se antagonicamente.

Foi o que se deu no decurso do seiscentismo, como iremos ver.

A bandeira de Nicolau Barreto, no alvor primeiro do século, foi, sem dúvida, o primeiro acorde conhecido nessa luta, que se iria desencadear, fragorosa, no decorrer da primeira metade do seiscentismo.

Mas, nesse tempo, ainda que, não estivessem estabelecidas as reduções loiolanas, a ação dos sertanistas paulistas, felizmente, não passou incólume ao registro das lamúrias dos inacianos, e a melhor prova disso está na carta de Mancilla, que o Prof. Taunay fez publicar e que reproduzimos acima: nela se consubstancia a orientação da empreitada de Barreto, (capítulo III — 1.<sup>a</sup> parte) em 1602-1604.

Foi em seguimento a êsse alto feito do bandeirismo que, em 1606, encontramos, cátiando índios e voltando de uma perigrinação em Guairá, o famoso capitão Manuel Preto, que teria trazido de Villa Rica, bojudado carregamento de índios apresados, como se pode verificar em "Atas", vol. II, pág. 184. Nesse mesmo ano de 1607, no mês de fevereiro, preparava-se em São Paulo muita gente "que hya ao sertão carijó ao resgate com tendas de fereiro" (60). Naturalmente, êsse sertão dos carijós era o Guairá, que

---

(60) Deve ser essa a bandeira de Belchior Carneiro que saiu em Março desse ano para os Ibyrayaras ou bilreiros, (capítulo 1.<sup>o</sup> da 2.<sup>a</sup> parte).

Esses índios "Ibyrayaras", se localizavam no Guairá, segundo se vê de um mapa dessa região de Ramon Cardozo, "*La Antigua Provincia del Guairá*" e conforme ensina Aurelio Porto no seu precioso "*Hist. das Missões Orientais do Uruguai*".

se fazia bem conhecido dos planaltinos, desde o século anterior.

Creio que, igualmente nessa direção, teria penetrado um tal João Pereira, de quem falam os documentos e que foi até onde pairavam os índios "biobebas" (pés chatos).

Em 1611, em continuação a essas empreitadas, e sob as investigações de Dom Luiz de Sousa, foi ao Guairá, em missão de preamento de índios, Pedro Vaz de Barros. A respeito desse alto feito de apresamento, do qual foi protagonista o lusitano-paulista Pedro Vaz de Barros, esgota o assunto o Prof Taunay, que a ela se refere, na sua "*História Geral das Bandeiras Paulistas*". Infelizmente, não segue essa trilha a documentação paulista, razão por que, não se podem colher outros informes.

Nessa ocasião, Diogo Fernandes levou ao sertão dos "pés chatos", uma expedição, que suponho tenha trilhado as selvas guairenas, à cata do selvícola.

No ano seguinte, em bandeira no Guairá, estava o capitão Sebastião Preto, filho do povoador Antônio Preto, o qual teria vindo em 1562, com seus filhos, o que faz com que esse Sebastião, em 1612, tivesse pelo menos 50 anos. Nesse ano de 1612, estava o morador do planalto, em terras de Guairá, segundo estuda o Prof. Taunay, na sua "*História Geral das Bandeiras Paulistas*"; Basílio de Magalhães (*loc. cit.*) afirma que, então, Sebastião Preto prendeu cerca de 900 índios e com eles, voltava para São Paulo, quando o governador espanhol de Ciudad Real, com forças superiores, foi no seu encalço e lhe retomou cerca de 500 guaranis, metade dos quais, fugindo, foi de novo juntar-se aos paulistas, o que é indício da nenhuma crueldade dos habitantes desta terra para com os índios. Não é sintomático esse sucesso?

Ainda com destino ao sul guaireno e talvez mesmo ultrapassando-o, partiu em 1615, assinalando-se como tendo tomado armas contra os carijós, o capitão Lázaro da Costa, com grande acompanhamento, como certificam os documentos das publicações paulistas.

De acôrdo com um dêles, pudemos reconstituir alguma coisa a respeito da composição da expedição de Lázaro da Costa. Eis os nomes recompostos: cap. Lázaro da Costa, cap. Francisco de Siqueira, Baltasar Gonçalves (o mesmo que acompanhou Martim Rodrigues aos "bilreiros", em 1608?), Francisco Nunes Cubas, Alonso Pérez Calhamares, Pero da Silva, Romão Freire, Aleixo Jorge, Simão Fernandes, João de Sousa, Manuel Rodrigues, Luiz Delgado, Gaspar dos Reis, Martim do Prado, Felipe de Véres, Francisco Alvares e Pero Sardinha ("Inventários e Testamentos", vol. III, pág. 394, inventário no sertão de Pero Sardinha, e vol. IV, pág. 435, inventário de Martim do Prado), (61).

A bandeira esta, em dezembro dêsse ano de 1615, no sertão dos carijós, como se vê do testamento de Pero Sardinha ("Inventários e Testamentos", vol. III, pág. 394). Creio que êsse sertão dos carijós foi, na verdade, o Guairá, que ainda era conhecido por êsse nome pelos planaltinos.

O mapa das bandeiras, de autoria do Prof. Taunay, faz essa empreitada, não sei porque, figurar em território catarinense, (61.<sup>a</sup>).

---

(61) É muito interessante constatar que, pessoas tais como Manoel Rodrigues, aparecem na nominata acima e constante da lista dos que acompanharam a bandeira do capitão André Fernandes, assinalada na mesma época e no mesmo lugar, segundo se ve de "Inv. e Testamentos", XXX.

Em outro capítulo, eu comento com mais minúcias esse feito de sertanismo.

(61-A) Entretanto, o fato, acima mencionado, de figurarem os mesmos nomes nas nominatas das Bandeiras dos capitães Lázaro da

Em abril do ano seguinte, estava a gente de Lázaro da Costa no povoado piratingano, pois aí foi feito, então, o inventário do sertanista morto.

Em 1619, prosseguindo na campanha entre o grupo planaltino e o hispano-jesuíta-guaraní, encontramos o sertanista Manuel Preto, — segundo nos relata Basílio de Magalhães (*“Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”*, tomo especial, vol. II, pág 980), — tirando grandes contingentes de índios das aldeias de Jesús Maria e de Santo Inácio (62).

Nessa ocasião, deveriam “ser constantes as arremetidas dos caçadores de escravos no rumo do sul, por toda a segunda década do século XVII, porquanto, a 5 de julho de 1619, era expedido um alvará régio mandando tirar devassa aos culpados de fazer entradas no sertão dos patos, a resgatar gentios” (Basílio de Magalhães, *“Rev. do Inst. Hist. e Geog. de São Paulo”*, vol. V, pág. 185”).

Os paulistas não deram sinais de que tivessem estado em empreendimentos de bandeirismo durante os anos de 1620, 21 e 22.

---

Costa, Pedroso de Alvarenga e André Fernandes, nos dá o indício veemente de que essas três bandeiras, aparentemente autônomas, não passavam de destacamentos do mesmo empreendimento agindo no Quairá.

(62) Uma das acusações mais frequentes contra os bandeirantes é a de que eram perversos e procediam com crueldade. Dizem os cronistas espanhóis:

*“Los portugueses, em menos de seis años, habian destruido más de trescientas aldeas de indios que habia en los arredores de San Pablo, haciendo perecer unas doscientas mil almas. En la excursión que hemos reseñado del año 1628, la sola compañía de Antonio Raposo Tavares habia traido veinte mil indios. Todo el camino desde las misiones hasta San Pablo estaba así despoblado. Asimismo, los portugueses llevaban sus excursiones hasta el río Marañon y el de San Francisco. Los indios esclavos que no trabajan...”*

Não sou dos que levam muito a sério as acusações de crueldades praticadas pelos paulistas, escritas pelos jesuítas. Estes estavam apaixonados como era natural! Ainda afoqueados pela luta, escreveram com o ódio a embeber-lhes a pena, de mistura com as lágrimas e, talvez o sangue aborigene derramado.

Certo, os paulistas não eram seres de grande delicadeza!

Eles eram rudíssimos! Todavia, seria preciso crer que fossem muito estúpidos para admitir-se que deteriorassem de propósito, a mercadoria,



Não creio que, a sua faina estivesse paralisada durante esse lapso de tempo, e penso mesmo que, a atividade dos nossos antepassados tenha sido ingente na penetração dos sertões do Guairá. Mas, os documentos dessa época silenciam a respeito de qualquer feito, não deixando a menor fimbria pela qual se pudesse elucidar alguma empreitada nesse período.

Em 1623, porém, noticiam os documentos, teria havido qualquer coisa da máxima importância em matéria de bandeirismo:

“...que esta vila estava despejada pelos moradores serê idos ao sertão, pella qual rezão se não podia fazer o caminho do mar por não aver gente pera o poder fazer côforme este mandado... (“Atas”, vol. III, pág. 41).

Não se sabe a que bandeira, se refira êsse feito sertanista, nem quais os paulistas nele empenhados.

Seria devéras de estranhar-se que, a gente do planalto não se tenha importado com os negócios internacionais entre a Espanha e a Holanda, pois que, então, a trégua entre êsses países vinha de expirar, de modo que, em breve, teriam de fazer-se ouvir as vozes ribom-

---

que iam vender e que era a base de sua economia! Ora, isso não seria plausível!

Não posso, pois, dar muito crédito às lamúrias dos jesuítas. Eles poderiam ser testemunhas e jamais jogadores. Depunham sôbre uma causa em que eram partes! Como erigi-los em juizes, quando não poderiam ter isenção de ânimo, Eram humanos!

Eis porque, em parte, os seus relatos não são verosímeis! Não é crível que os paulistas, pela crueldade, fôsem diminuir os resultados dos seus esforços, tornando mais escassa a mercadoria ou prejudicando-lhe a qualidade.

Como já disse, os paulistas não podiam ser muito delicados, na faina de apresamentos e tinham de empregar a violência. Mas, estou certo de que esta era empregada sómente em último recurso. Peio menos, a inteligência e o bom-senso aconselhavam essa norma de ação, que era a mais verosímil. Eu penso que os paulistas é que foram os grandes caluniados da historia brasileira.

<input type="checkbox"/>	S. Vicente	<b>Situação demográfica das Capitâ- nias no quinhentismo segundo Anchieta, "Enformações"</b>
<input type="checkbox"/>	Itamaracá	
<input type="checkbox"/>	Ilhéos	
<input type="checkbox"/>	Porto Seguro	
<input type="checkbox"/>	Espírito Santo	
<input type="checkbox"/>	Rio de Janeiro	
<input type="checkbox"/>	Pernambuco	
<input type="checkbox"/>	Baía	

Quando se deu o povoamento no Brasil, os motivos econômicos e, portanto, em parte, geográficos dosaram quantitativamente esse povoamento que se concentrou em núcleos, maiores ou menores, segundo a respectiva importância econômica de suas fontes de renda.

Temos o depoimento de Anchieta quanto ao quinhentismo, de como se procedia o crescimento dos núcleos de povoamento.

O açúcar fazia com que o nordeste atraísse muito mais gente, concentrasse em seus núcleos muito mais população, mais que S. Vicente que se arrastava em uma inferioridade demográfica constristadora.

Sem a cultura do açúcar, sem a riqueza extrativa do pau-brasil, S. Vicente se viu fatalizado à caça ao índio e à miséria demográfica. Daí a explicação da famosa Estatística Anchieta.

O século seguinte não mudou essa situação.

O açúcar, no Nordeste, continuou a dar preponderância a Baía e a Pernambuco. Quanto a isso ninguém duvida.

Mas a interrogação que subsiste é referente à proporção dessa preponderância.

Em que grau a superioridade econômica e demográfica?

No século XVI, a Estatística Anchieta nos mostra bem essa diferença. Para o século XVII, temos a estatística do quanto coube ao Brasil no pagamento da paz com a Holanda e a referente ao dote da infanta D. Catarina de Bragança que se casou em 1661, com o rei Carlos Stuart da Inglaterra.

O conhecimento dessa desproporção tem um utilíssimo valimento na compreensão da evolução histórica das partes do país.

bantes dos canhões e das colubrinhas, bem como as dos arcabuzes e dos mosquetes! (62<sup>a</sup>).

Em fins desse ano, pois encontramos, internada no sertão dos carijós, talvez o Guairá, uma bandeira da que faziam parte: Henrique da Cunha Gago (falecido no sertão, graças ao que se conseguiu assinalar a bandeira), João Gago da Cunha (filho do falecido), Jerônimo da Veiga, Mateus Luiz Grou, Jerônimo Alves, Diogo Barbosa do Rêgo e João de tal (Inventários e Testamentos", vol. I, pág. 215).

E' possível que, êsses sertanistas tivessem feito parte da mesma bandeira que, nessa mesma ocasião, foi assinalada no sertão dos índios "abueus".

Nesse caso é possível que se trate de uma expedição contra os guaicurús, gente cujas tribus tinham nomes semelhantes a êsse. Isso me faz arraigar, ainda mais, a crença de que seja o Guairá a região trilhada por todas as expedições saídas de São Paulo nessa época. Sebastião Preto parece ter sido o chefe da expedição: foi flechado e, vindo a morrer, procedeu-se ao inventário de suas posses, ficando a expedição marcada por êsse fato. (62<sup>b</sup>). Fôram os seguintes os seus componentes, segundo me foi possível identificar nos documentos: Pedro Vaz de Barros, Francisco Alva-

---

(62-A) Eu já deixei evidente, em outras publicações, a causa desse indiferentismo da gente do planalto, pelo que se passava alhures em relação à Holanda e às demais colônias.

E' que os interesses econômicos dos planaltinos não se afinavam com as demais colônias. (Ellis, "Raposo Tavares e a sua época").

(62-B) Se fossemos dar crédito absoluto ao que diz Pedro Taques na sua "Nobiliarchia". Sebastião Preto estava, no mínimo, com 50 anos, por ocasião da bandeira dos "abueus".

Entretanto, é preciso se ter o quediz o nobiliarista dos setecentos em conta de que êle não passou de um honesto lusitano registrador da tradição verbal da gente planaltina que êle fez força por enobrecer.

Querer emprestar mais fé, a Pedro Taques do que êle faz jús com isso, é errar voluntariamente.

Devemos tributar confiança em maior dôse a Pedro Taques, só quando êle fala estribado em documento. Quando êle apenas doutrina baseado na própria autoridade, quer me parecer que êle é fraquíssimo. Não tem êle errado tanto?

renga, Antônio Pedroso de Alvarenga, Rafael de Oliveira, Domingos Cordeiro, Paulo da Silva, Francisco Álvares, Ascenço de Quadros ("Inventários e Testamentos"; vol. XI, págs. 73-4).

É possível, ainda que se trate da mesma expedição que, nesse ano, chefiava, no Guairá, o capitão Manuel Preto, que atacou várias reduções jesuíticas, apresando cêrca de 1.000 índios e levando-os para a fazenda de Nossa Senhora da Expectação, em São Paulo (Basílio de Magalhães, "*Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasil*", tomo especial, vol. II, pág. 98, e Pedro Taques, "*Nobiliarquia Paulistana*").

Concorre para, ainda mais, corroborar o ocorrido com êsses feitos do sertanismo a passagem seguinte, constante da nossa documentação arquivada, na qual se faz referência a Fernão Dias Leme, tio do futuro Governador das Esmeraldas, que, desejando penetrar no sertão, provocou por parte dos poderes da governança a referência citada "*Atas*", vol. III, pág. 14):

"... queria ir ao sertão e levar consigo, segundo se dizia, alguns moradores e q era o grande prejuizo deste povo por aver pouqua jente por respto dos moradores estarem no sertão..."

Em dezembro de 1623, a quasi totalidade da população máscula de Piratininga, ainda estava no sertão, segundo se depreende do seguinte texto documental ("*Atas*", vol. III, 14):

"... q indá a gente não era toda chegada do sertão q é elles vindo se faria o dito caminho e pontos" ("*Atas*", vol. III, pág. 84).

Em abril dêsse ano de 1624, porém, já haviam retornado os moradores do planalto. Ei-los, assinando

um protesto indignado, contra uma provisão da governança, que queria taxar exageradamente os índios que traziam do sertão (*"Atas"*, vol. III, pág. 101). A tomada da Baía foi em março de 1624. Não houve na documentação do planalto a menor repercussão disso! Pelo menos os documentos nada registram. Indiferença geral e completa!

E' de estranhar a falta de solidariedade entre as colônias luso-americanas, onde o doloroso acontecimento, que vitimára o heróico Mendonça Furtado, deveria ecoar com muito maior ressonância! (63).

---

(63) Caso não houvesse indiferença ao Nordeste, os paulistas teriam se absterido completamente do bandeirismo, nossa época de extrema angústia para essa região luso-americana e se concentrado em expedições repetidas de auxílio a essa parte ocupada da America portuguesa. Entretanto as expedições que se conhecem de auxílio, providas do planalto em direção ao Norte, em guerra com o batavo são muito poucas e se resumem:

1.º — Em 1625, quando a Baía sofrera a invasão dos hollandos de Willeckens e Piet-Heyn, nada mais se sabe sobre esse feito paulista, nem quanto ao seu vulto, nem quanto ao que fizeram no Norte. E' duvidoso que tenha havido esse auxílio! Os documentos nada dizem!

Temos noticia dela, apenas por Frei Gaspar.

2.º — Em 1639, Antonio Raposo Tavares, chefiou uma expedição de auxílio ao Conde da Torre. Essa expedição seria muito míngua, pois conhecem-se apenas 14 nomes de bandeirantes e 10 índios. Ela, em parte, teria tomado lugar na luta do Conde da Torre contra os hollandos de Huygens e de Loos. Os documentos são muito laconicos sobre ela.

3.º — Em 1647, supõe-se que tenha havido um novo esforço dos governantes da Baía, no sentido de ser promovido novo auxílio paulista contra os hollandos. Os escritores falam em Antonio Pereira de Azevedo, mas no meu *"O Bandeirismo"* deixei bem evidenciado que, se houve uma expedição ao Norte, essa não deveria ser chefiada por esse sertanista, que na ocasião estava se dirigindo para direção oposta. Talvez para o assalto a M'Botetey no sul de Mato Grosso! *"O Bandeirismo Paulista"*, 225, v. pág. 18.

• • •

A esse respeito pois, resume-se todo esforço dos planaltinos a favor dos nordestinos nas seguintes palavras:

*"...da afirmativa de Euclides da Cunha de que essa luta do norte contra o estrangeiro se realisava "com o divorcio das gentes meridionaes"*, Gilberto Freyre, *"Casa grande e Senzala"* 39.

Além dessas 3 ou antes 2 empresas de auxílio do planalto ao Nordeste, não ha outras. Isso é pouco! Isso é ridiculo!

A Inglaterra interferio mais na França, ou na Espanha!

(63-A) Parece que, não tendo havido cooparticipação de vulto dos planaltinos na expulsão dos flamengos, entretanto, da Capitania Vicen-

Explica-se, porém, essa verdadeira indiferença dos planaltinos pela sorte trágica dos baianos, em virtude do isolamento em que estavam segregados os habitantes desta parte do continente. Muito pouca coisa tinham êles com as demais colônias lusas. Além da similitude de idioma, etnia e religião, pouco as prendia umas às outras. Os interesses econômicos, então, eram profundamente diferentes. Não havia comunicações que tornassem mais intimas, constantes e repetidas as influências, as trocas, as lições entre as regiões geográficas da América lusitana. (64), (64.<sup>a</sup>).

tina teriam sido enviados viveres. A quantia destes seria porém, quasi nulas, pois a população dessa região brasileira era minúscula e a agricultura regional planaltina era ridiculamente pequena, cousa de que temos certeza absoluta não só pelo diminuto das áreas cultivadas, mas ainda pelos numerosos das ferramentas imprescindíveis para a produção de gêneros agrícolas. (Gerson Costa e Eli Pícolo, *Boletim da Fc. de Fillos. Ciências e Letras*, n.º XIII).

Além disso as dificuldades de transporte, através da Serra do Mar, limitavam qualquer exportação.

Aliás não há documentação a respeito desse fornecimento de viveres, que possivelmente teria existido, em escala microscópica!

(64) Eu penso que, os paulistas apesadores nunca tiveram seus interesses comerciais afinados pelos das demais circunscrições luso-americanas. Eles tinham o maior interesse na continuidade do domínio holandês no Nordeste. Sim, porque, com o tráfico africano interrompido, a mercadoria de sua indústria se valorizava mais e eles podiam vendê-la melhor. Eis o que se segue:

Há um documento muito interessante a esse assunto. E' o depoimento da testemunha Juan Rodriguez Vaes na "*Petição apresentada pelo padre Urena ao almirante Arosli, sobre a batalha de M'Bororé*", depoimento esse sintetizado pelo Prof. Taunay na sua "*Historia Geral*", vol. II, 350, e qual diz:

"Havia em S. Paulo muita falta de escravos pelo facto de estar Angola com a exportação de negros paralyzada e isto era um incentivo fortissimo às entradas.

Pagava-se por peça adulta 50 pesos".

Oliveira Vianna tambem parece ser da mesma ordem de idéas ou ao menos concordar com as nossas premissas, na sua "*Evolução do Povo Brasileiro*", pag. 85, quando diz:

"Na primeira metade do século II, a guerra com a Hollanda chega mesmo a interromper, por algum tempo, o transporte dos negros para o Brasil. De maneira que os colonos luzos são forçados a recorrer ao trabalho dos indios".

(64-A) Eu bem sei que essa indiferença, que eu ponho à mostra não val satisfazer muito o sentimentalismo pléguas de muita gente, que ainda faz idéa de história como uma série de inverosímels panegiricos de alguns medalhões, destinados a manter o orgulho cívico. Entretanto, história não é isso. Temos que reconstituir a verdade cien-

Aliás, êsse desinterêsse por tudo quanto se passava fóra do planalto fere a atenção de quem percorre a documentação paulista (65). Nem mesmo quando as colônias do Nordeste açucareiro se angustiavam com os flamengos, nas guerras holandesas, tomavam os platinos algum interêsse por elas. Sabemos que foi por esforço dos coloniais nordestinos que, os flamengos fôram expulsos, não tendo a metrópole lisboeta de Dom João IV se interessado em livrar as colônias de além-mar das garras holandesas. Sabemos mais que, os metropolitanos, levados pelas superior vidência do padre Antônio Vieira e pelo amor desmedido e egotístico à dinastia que se aterrorizava ante as bravatas ameaçadoras da Espanha, — que ainda se via às voltas com a França e a quem o estrépito de Montijo não lograva acalmar, — chegaram a pensar em entregar todo o Nordeste à Holanda. Eram os efeitos anestesiadores da cocaína do “papel forte” de Viêira.

Fôram os coloniais nordestinos, que se encarregaram de expulsar os invasores. (65-A). Só êles se esforçaram nesse objetivo.

---

tífica e honestamente, mesmo à custa da nossa vontade, fira quem ferir!

(65) Já Euclides da Cunha dizia no seu imortal “Sertões”, coisa lembrada por Gilberto Freyre no seu “Casa Grande e Senzala”, 39:

“essa lucta do norte contra o estrangeiro se relizdra com divorcio completo das gentes meridionaes”.

Essas palavras são confirmadas por Oliveira Vianna no seu “Evolução do Povo Bras.”, 263, que diz:

“...o resto da colonia, fora da drea do dominio hollandex, não lhe sente o choque nem lhe soffre a repressão. Sómente quando o grande período platino se abre, é que a nossa historia militar, de local que é começa a revestir uma feição nacional e isso já no século da Independencia, em pleno II Imperio.

Durante os tres seculos coloniais nada ha que signifique um levante geral da colonia para defrontar e bater o inimigo commum”.

(65-A) De fato, os espanhóis, no decorrer de 16 anos se limitaram a mandar 4 expedições de auxilio à reação brasileira, contra os flamengos.

Aliás, êles, ocupados na Europa, na guerra dos Trinta Anos, não puderam fazer mais.

Os portugueses, no decorrer de 29 anos, não fizeram muito mais! Quiseram entregar o Nordeste ao flamengo e tê-lo-iam feito, não fosse a ação dos valentes nordestinos!

Perante êsse esforço, na verdade homérico, dos pernambucanos, não encontramos o menor interêsse das planaltinos, para os quais era indiferente que se conservasse a tradição ibérica, ou que fôsse substituída pela flamenga. Tenho a nitida impressão, — pela leitura atenta da amplã documentação paulistana, — de que os habitantes desta região não tinham o menor apêgo à estirpe lusa, pouco lhes interessando que a política passasse a ter as côres da Holanda.

Tanto lhes fazia pertencesse a capitania vicentina a Portugal como à Espanha, ou à Holanda! Não procediam êles de belgas que se chamavam Taques Pompeu, Arzam, Lems, Bandedorg? Não tinham êles muita mistura com inglêses, franceses, espanhóis, etc.

O apêgo que neles descubro, ao ler os documentos da época, é o referente à religião católica. Nessa particular, eram, na verdade, extraordinariamente aferados e mesmo intolerantes. Essa intolerancia cessava entretanto, diante dos interêsses econômicos, que egoisticamente tudo sobrepujava. Mas, no que concerne à política, havia neles profundo indiferentismo.

Pois, não estavam isolados, como sentinelas avançadíssimas, num oceano de florestas virgens? Alguém se preocupava com êles? Não eram os únicos que sabiam sair de suas dificuldades?

Como exigir-lhes apêgo maior ao espirito de lusitanidade, si procediam de diversas gentes, vivendo secularmente isolados, em estado de independência de fato, pois só a governança da terra intervinha e com extrema raridade a governança reinol, mas nunca a que estacionava na Baía? (65-b).

---

(65-B) O fato da Capitania de S. Vicente ser pauperrima determinava que fiscalmente nada rendesse à Portugal. Desse desvalor fiscal se originava o desinterêsse metropolitano pela região vicentina, que, olvidada e abandonada era como se não fôsse terra de Portugal. Com isso, o Brasil se resumia às colonias ao norte da Baía. Só depois,



Era, pois, natural, na rude gente planaltina, a indiferença pelo sofrer dos demais. Nunca os demais se haviam lembrado dos planaltinos, nos momentos de felicidade. Como, pois, desejar que os rudes desbravadores das selvas tivessem afeição pelos ibero-americanos de outras capitanias?

A sociologia explica-nos êsse indiferentismo, aplicando ao caso em apreço a seguinte observação que faço: "Os núcleos humanos se atraem na razão direta das massas e das similitudes étnico-econômico-sociais, e inversa das distâncias".

Não é isso mesmo que ressalta, com evidencia, do que ensina Oliveira Viana, no seu magnífico "*Evolução do Povo Brasileiro*", 234 e seguintes?

Isso nos explicaria a situação, que transparece dos documentos, situação tanto mais grave, quanto as distâncias não se mediam, então, pela quilometragem, mas pelo tempo de ordinário gasto em percorrê-las. E as massas eram mínimas, pois o planalto não teria mais que uns 6 a 7 mil habitantes, enquanto o Nordeste possuía cêrca de 170 a 180 mil. Certo, as similitudes étnico-sociais existiam, de vez que era a mesma cêpa formadora e que ainda não havia tempo para que o processo mesológico de diferenciação pudesse agir muito intensamente; mas, as distâncias eram imensas, levando-se cêrca de um mês ou mais para se ir ao planalto ao norte das colônias lusas. (66).

---

com o ouro, Portugal lembrou-se do Centro e do Sul. Então enviou para a terra de Piratininga, seus mais ferozes cães de fila. Com isso, a região só então se integrou no Brasil, mas nessa etapa começou ela a sua "via crucis".

(66) O brigadouro Machado de Oliveira, "*Revista do Inst. Hist. de S. Paulo*", publica a seguinte estatística sôbre a população paulista:

1592 . . . . .	2.500 habitantes (pop. livre)
1653 . . . . .	3.000 "
1777 . . . . .	116.975 " (Saint Hilaire)

1801 . . . . .	169.122	h .
1813 . . . . .	209.208	"
1826 . . . . .	258.201	"
1835 . . . . .	338.000	"

O meu calculo, acima, está de acôrdo com a estatística de Machado de Oliveira, que apenas computa a população livre, enquanto que, eu o faço para o total.

E' certo que, o calculo do brigadeiro, é comprehendendo o litoral, mas dando que cada habitante planaltino tivesse em média dois escravos, o que não é muito, chegamos à cifra que apresento.

Além disso, temos que, no seiscentismo as bandeiras saídas de São Paulo andavam por um efetivo de cêrca de 3.000 a 3.500 pessoas. Se multiplicarmos por dois esse total, pois que apenas a metade da população é masculina e adulta, sendo a outra composta de mulheres, crianças e velhos, chegamos à conclusão de que a população planaltina não podia ser muito diversa da que apresento.

D. Lulz de Cespedes Xeria, diz em carta a Felipe 3.º de Portugal e 4.º da Espanha (Taunay, "Historia Geral", II, 8), que havia em S. Paulo 400 soldados. Ora, isso significa, pelo menos, 800 habitantes, se computarmos mulheres, crianças e velhos. Com os demais nucleos planaltinos como Mogi, Parnaíba, etc., chegaremos a 2.000. Isso seria natural, pois o mesmo Cespedes (Taunay, loc. cit., 10), diz que a expedição de 1628 contra Gulairá se compunha de 900 homens de S. Paulo e seus termos.

Se dermos uma média de 2 escravos, per capita, o que não é muito, teremos 6.000 habitantes.

Contreira Rodrigues, citado por Simonsen, loc. cit., 2.º vol.; 55, publica as seguintes avaliações sobre a população brasileira:

	1550 .....	15.000
	1576 .....	17.100
	1600 .....	100.000
	1660 .....	184.100
	1690 .....	184.000 a
	300.000	
	30.000 brancos	
	70.000 mestiços, negros e índios	
	74.000 brancos e índios livres	
	110.000 escravos	
1780 .....	2.523.000	
1798 .....	3.250.000	
1819 .....	4.306.132	
	brancos	1.000.000
	índios	252.000
	libertos	406.000
	pardos	221.000 (escravos)
	negros	1.361.000 (escravos)
	brancos	2.488.743
	índios	800.000
	escravos	1.107.387

"A guerra dos emboabas", diz Roberto Simonsen no 2.º vol., 59, de seu livro citado, "e o seu desfecho tem a nosso ver uma explicação demográfica. A POPULAÇÃO DAS CAPITANIAS PAULISTAS, EM 1700, PARECE QUE NÃO ALCANÇARIA 15.000 ALMAS. Com a divisão em datas..."

A esse propósito diz Simonsen, na sua "Historia Economica do Brasil", I, 346:

"De facto apesar de serem escassas as informações estatísticas da época, não é demasiado attribuir-se ao Brasil de 1690, uma população livre acima de 100.000 habitantes. Mas as capitanias paulistas não tinham 15.000 e o Rio de Janeiro mais de 20.000 almas. Cerca de 70 % da população brasileira concentrava-se nas regiões nordestinas.

São Paulo, Santo Amaro, Guarulhos, Santos, São Vicente, Mogy das Cruzes, Jacarehy, São José, Taubaté, Guaratinguetá, Araçarygua-  
ma, Ytú, Atibaia, Nazareth, Juquery, Parnahyba, Sorocaba, Jundiahy, Ubatuba, São Sebastião, Itanhaem, Cananéa, Paranaguá, São Francisco, Laguna, Curitiba, eram villas, povoações, logarejos varlando de 30 a 500 almas.

Santos e São Vicente, reunidas, feriam 1.500 e Piratininga 3.000 habitantes.

Quantos desses Paulistas poderiam se deslocar para o povoamento das regiões em que se minerava?

Pouco mais de um milhar. Ora, para se aquillatar da invasão que soffreram as zonas central e sulina, decorrentes dos descobertos, basta a constatação de que nesse seculo a população total subiu da casa dos 200.000 para mais de 2.500.000 habitantes e que de menos de 30 %, passou o Sul a possuir acima de 80% da população colonial.

Esse surto demográfico, não podia deixar de abater a influencia paulista nas Minas Geraes e alterar profundamente o facies da sua evolução, pois que S. Paulo tambem soffreu comquanto em muito menor escala, a invasão das populações adventicias".

\* \* \*

A inferioridade econômica de S. Vicente, ainda persistiu durante o seiscentismo, pois em 1662, ao se fazer a distribuição do pagamento do dote da Infanta D. Catarina e da paz da Holanda, ficou assim estatuido, a respeito de contribuição anual: (Capietrano de Abreu, "Ensaio e Estudos", 2.a série, 138).

Baia .....	70.000 cruzados anuais
Pernambuco .....	} 30.000 " "
Itamaracá .....	
Paraliba .....	} 26.000 " "
Rio de Janeiro .....	
S. Vicente .....	} 4.000 " "
Ilhéos .....	} quebras
Porto Seguro .....	
Espirito Santo .....	
	140.000 " "

Essa quantia anual seria em moeda atual, no seu poder aquisitivo 22.400 contos

Nessa estatística, a Baía, que então era 50% do total brasileiro, figurava com uma importância 18 vezes maior do que a de S. Vicente, que era 8 vezes menor que a de Pernambuco e capitanias nordestinas e 6½ vezes menor do que o Rio de Janeiro. É a força do açúcar!

## CAPITULO III

### A TRAGEDIA DO GUAIRÁ

Em 1628, soou a hora trágica para a “florida cristandade” do Guairá.

Nesse ano, a densa aglomeração indígena dessa região castelhana sofreu os mais duros assaltos da gente de São Paulo de Piratininga. Do ninho das águias bandeirantes, saiu, nessa data, em rapínico vôo, o abutre voraz que deveria exterminar o viveiro que os jesuítas, com tanto carinho, haviam erguido em terras castelhanas. Foi nesse ano que Antônio Raposo Tavares, — homem perfilado nos contornos dos “conquistadores” espanhóis, maior mesmo do que Córtez e do que Pizarro, tendo perigrinado em aventuras mais memoráveis do que as dêsses super-homens, herói autêntico, que, — ao lado do capitão Manuel Preto, organizou, no planalto de Piratininga, uma bandeira com o objetivo de conquistar o Guairá (67), (67<sup>A</sup>).

---

(67) Já nessa data, Manuel Preto, teria pelo menos 68 anos. Sim, porque, se tendo êsse planaltino aqui aportado, em 1562, vindo de Portugal com seu pai Antônio Preto, já deveria ter, no mínimo, dois anos. E isso na hipótese de que não fôsse o mais velho dos irmãos. (Pedro Taques, “*Nobilitarchia*”; Silva Leme, “*Genealogia Paulistana*”, vol. VIII).

Caso, porém, Manuel Preto tenha sido o mais velho dos 6 filhos de Antônio Preto, vindos em 1562, então a sua idade seria mais avançada.

Carvalho Franco, baseado no Padre Pastell's, que nos dá uma lista dos que participaram da Armada de D'ogo Flores de Valdez, acha, com razão que, Antônio Preto veio 20 anos depois do que diz Pedro Taques.

(67-A) O caso dos Preto, no planalto, é um dos mais chelos de Interrogação de todo o passado dessa região. Estou convencido de que Pedro Taques lançou sobre esse caso um tecido de idéias, à ponto de

Informam as crônicas jesuíticas que essa expedição gigantesca se compunha de cêrca de 900 mame-lucos e 2.000 índios, dirigidos por cêrca de 70 paulistas e europeus. (*“Relacion de los Agrabios”*).

A tropa estava organizada como si fôra um pequeno exército; e aqueles que, na Europa, seguiam o mando de Tilly, Mansfeld, ou Wallenstein, ou marchavam às ordens de Gustavo Adolfo, na guerra dos 30 anos, não tinham mais disciplina do que os rudes comandados de Raposo Tavares. Não tenho por méta estudar a expedição em suas minúcias cronológicas, mas afirmam essas crônicas que eram seus chefes Pedro Vaz de Barros, Salvador Pires de Medeiros e Pedro de Alvarenga, todos nossos conhecidos. E' o que nos ensina o Prof. Taunay, baseado na *“Relacion de los Agrabios”*, (*“Hist. Geral das Bandeiras”*), (67-b).

O estranhavel é que, no momento em que o batavo de Piet Heyn, o terror dos mares, em 10 de junho de 1627, isto é, pouco antes, penetrava arrojadamente na Baía, tomando aos lusos vários navios carregados e permanecendo, no pôrto da capital das colônias, cêrca de quatro semanas, — no mesmo momento em que os piratas Dirk Simonszoon e Pieter Adrianson Ita, exerciam sua ação nos mares do Norte (Hermann Watjen, *“O Domínio Colonial Holandês no Brasil”*, coleção *“Brasiliana”*, Comp. Editora Nacional), — os paulistas

---

fazer com que se reconstitua desacertadamente êsse importante capítulo do povoamento planaltino. Penso com Carvalho Franco, que foram dois os povoadores de nome Preto, que se firmaram no Planalto.

Essa convicção não só resalta dos documentos, como, ainda do trabalho histórico-genealógico de Americo de Moura, *“Os povoadores do Campo de Piratininga”*, saído na Revista do Arquivo Municipal, XXV.

(67-B) Salvador Pires de Medeiros, nasceu aproximadamente em 1580.

Antonio Pedroço de Alvarenga nasceu, mais ou menos, em 1578.

Raposo Tavares, entretanto nascera em 1598.

Com isso, segue-se que os sub-chefes tinham de 46 a 50 anos, enquanto que, o chefe geral tinha 30 anos!

se tenham agitado, de um modo extraordinário, na sua indústria de preamento do gentio.

E' o indiferentismo plana Ptino pelo que ocorria fôra de seu meio?

Fica, apenas, consignado que, essa fôrça planalina esmagou a organização jesuítica-guaraní de Guairá, esvaziando essas terras espanholas dos seus posseiros, — que, por fôrça das Tordesilhas, se haviam constituído em legítimos proprietários, — fazendo recuar o meridiano divisório e deixando que, essa vasta extensão territorial pudesse, mais tarde, livre de ocupantes, como ficou, receber os povoadores seiscentistas e setecentistas, que nela se fixaram, incorporando-a à corôa de Portugal, sendo tudo, em 1750, sancionado pelo tratado de Madrid, (67-).

Os índios, componentes e habitantes das reduções jesuíticas, fôram apresados, e os padres expulsos pelo rio Paraná abaixo, indo reunir-se aos da província de Tape, mais para o sul (68).

(67-C) E' clarissimo que, os apresadores, ao realizar o fenômeno de prodigioso alargamento territorial, não tinham a intenção de alargar fronteiras de Portugal. Eles só visavam o seu interesse econômico e se, porventura das suas ações, resultou algum alargamento territorial, esse foi da capitania vicentina, que Portugal pouco depois desmembrou, chegando ao paroxismo da ignominia de suprimi-la.

(68) Com a ocupação batava de Nordêste, e portanto livres da concorrência do escravo africano à sua mercadoria americana, viram os planalinos, ao que parece, a necessidade de fazer recrudescer o bandeirismo de apresamentos. Seria a oportunidade de realizar bons negócios na indústria a que se dedicavam. E, assim, fôram preparando terreno, de modo a parecer que eram os agredidos.

Logo em 1627, quando Piet Heyn dava uma séria batida no Recôncavo baiano, causando angustiosas apreensões a Diogo Luiz de Oliveira, começaram os sertanistas as suas manobras, como se sangrando em saúde, alardeando na Câmara:

“Os ispanois de villariqua e mais povoasols vinhão dentro das teras da croa das teras de portugall e cada ves se vinhão aposuando mais dellas de sendo todo o gentio que nesta coa... (“AtasLLL, vol. III, pág. 282).

Como que, colocados em prudente defensiva, os paulistas deram, então, início aos preparativos da grande empreitada, que visava à destruição do Guairá. Antônio Raposo Tavares começou a movimentar-se aliciando gente, a ponto de surgir na Câmara uma denúncia, que levou aquela corporação a resolver:

Parece que, em 1629, os paulistas saíram novamente em bandeira, assaltando as reduções de San Miguel, San Antonio,õ Jesus Maria, Encarnación, San José e San Xavier, no Alto Tibagi. E, em 1632, teriam destruído os burgos castelhanos de Villa Rica e de Ciudad Real, ficando indiretamente incorporada à capitania de São Vicente toda a imensa área que ia do oceano ao rio Paraná, sôbre os paralelos de 23 a 26 graus.

...prender Ato. raposo tavares e paullo do amarall por serem amotinadores deste povo e mandarem allevar gente pa iren ao sertam..." ("Atas", vol. III, pág. 281).

E mais adiante:

"...não nos podendo prender lhe tomarão a pollvora o xumbo qu levão, os coals irão até o termo de maraxubava.

"...e assim prendera a todos os mais que achar que vão a sertam... que estão em Cajuha, no curall dos padres..." (Loc. cit., Atas).

Os espanhóis não se desprezavam. Enrique de Gandia transcreve, no seu livro citado, pág. 25, um dos documentos espanhóis, já publicados (Taunay, "*História Geral das Bandeiras Paulistas*"), dizendo:

"Llegamos, de este modo, al primer quarto del siglo XVII, y el 12 de septiembre de 1628, el rey de España (Felipe IV) se dirigió al gobernador del Río del aPlata, Don Francisco de Céspedes, para poner en su conocimiento que el padre freil Francisco Crespo, procurador general de la Compañía de Jesus en las indias, había presentado un memorial en el cual referia que el padre Nicolas Durán, provincial de la Compañía en la provincia del Paraguay, le había hecho saber, por medio de una carta fechada el 24 de septiembre de 1627, que al visitar las reducciones indigenas, había comprobado que los portugueses de São Pablo, "contra toda piedad cristiana", todos los años cautivaban los indios del as misiones "y los llevan y venden en el Brasil como si fueran esclavos". La crueldad que los portugueses mostraban en estas cacerias de hombres era tan grande que "a los mismos viejos que no pueden caminar les matan e dan de comer a sus perros". Según las últimas noticias habidas por el padre Durán, en Sam Pablo se estaban preparando cuadro compañías de soldados para ir despo-blar las misiones. Por ello, el rey recomendaba a Dom Francisco de Céspedes que "procureis por todas las vías posibles aber a las manos y castigar con grandes demonstraciones los delinquentes y personas que se ocupan y entienden en las dichas y otras qualesquiera con que se perturbe la paz a quietud de la republica".

De nada valeria estarem os espanhóis tão prevenidos. Não oporiam a minima resistência aos planaltinos, que entraram no Guairá como uma faca quente em um bloco de manteiga!

Como quase tudo no livro de Gandia nada inova o citado autor, pois já conheciamos esse documento espanhol, através do que nos ensina o professor Taunay ("*História Geral das Bandeiras Paulistas*", vol. II, págs. 170-71).

- Essa expedição, talvez fôsse a comandada pelos capitães Manuel Preto (então já com cêrca de 68 a 70 anos, pelo menos, pois seu pai teria vindo de Portugal, com os filhos, segundo a "*Nobiliarchia*" de Pedro Taques, em 1567 (v. nota 67).

Ela já tem sido tratada por muitas publicações, de modo que, nada adiantaria repetir o que já está dito por muitos. Veja-se, por exemplo, o que escreveu a respeito magnificamente, o prezado mestre, prof. Taunay, na sua "*História Geral das Bandeiras Paulistas*". Limite-me, pois, a trazer alguma achega ao que já acha conhecido.

Na documentação paulista, dentre as novidades publicadas, quero fazer ressaltar a que talvez se refira à bandeira de Raposo e de Manuel Preto, ou ao menos, à daquela sómente. Tirarei daí, alguma coisa, que parece dizer respeito à gente comandada por êsses dois titãs dos sertões da América sulina.

Nos "*Inventários e Testamentos*", vol VII, pág. 425, encontra-se referência a uma bandeira paulista que, comandada por Mateus Grou (um dos mais intrépidos mamelucos planaltinos, talvez de origem britânica, se internou no sertão de Ibiaguira, que era e é o Alto Ribeira de Iguape, onde hoje, aproximadamente, se assenta Curitiba. Em 10 de janeiro de 1629, como se verifica no documento, estava essa bandeira no Assungí (como nos mostra o inventário de Luiz Eanes, ali falecido).

Ora, êsse lugar era, precisamente, o marcador da rota, por onde deveria ter seguido a grande exposição de Raposo Tavares, em 1629. Ela não podia ter começado a sua faina apresadora sinão pelo Alto Tibagi, proximo do qual se localizára a gente de Mateus Grou, em 10 de janeiro de 1629. Vejamos, pois



onde poderia ter estado a grande bandeira de Raposo, nessa ocasião, (69).

Saída de São Paulo em agosto de 1628 (ou em 18 de outubro desse ano, segundo Basilio de Magalhães, *loc. cit.*), deveria estar, dois meses e meio depois, ou sejam 75 dias depois, a cerca de 750 quilômetros de São Paulo, si cuidarmos que, as bandeiras andavam 10 quilômetros por dia, ou sejam quase duas léguas. Ora, seria essa, mais ou menos, a distância, que separa de São Paulo, a região da bandeira de Mateus Grou. E' possível que, então, já a grande bandeira de Raposo estivesse algo mais adiantada, mas não poderia estar muito distante de um raio de 100 quilômetros, ou sejam dez dias de marcha (70) (71).

---

(69) O prof. Taunay não é favorável a esta minha tese. Diz êle, a propósito, à pág. 74, do vol. II, de "*História Geral*".

"A recente publicação de "*Inventários e Testamentos*" vem revelar a existência de uma outra bandeira contemporânea da grande expedição de Raposo Tavares, levada a cabo por Mathews Lutz Grou, esta indubitavelmente localizável nas cabeceiras da Ribeira, segundo a brilhante exegese de Alfredo Ellis Júnior, para quem a expedição de Grou formou sistema com a de Tavares, o que é perfeitamente possível, embora achemos razões do jovem e erudito autor não de todo convincente, tanto mais quanto partem da premissa de que discordamos: o itinerário aventado por Basilio Magalhães pela costa e valle da Ribeira".

(70) Quanto ao número de índios apesados, parece que teria ultrapassado centena e meia de mihar, si bem que apenas vinte mil tenham chegado a São Paulo, — proporção essa evidentemente exagerada, leita com o intento de ampliar a crueldade bandeirante. Entretanto, assim o rezam as fontes castelhanas, todas elas abeberadas nos escritos jesuítas chegados até nós. Eis o que diz, por exemplo, Enrique de Gandia ("*Las Misiones Jesuíticas y los Bandeirantes Paulistas*", pág. 45), ao citar um documento, já muito anteriormente mencionado pelo Prof. Taunay, em sua "*História Geral*":

"Los portugueses, en menos de seis años, habian destruido más de trescientas aldeas de indios que habia en los alrededores de San Pablo haciendo perecer unas doscientas mil almas... En excursión que hemos reseñado del año de 1628, la sola compañía de Antonio Raposo Tavares habia traído veinte mil indios. Todo el camino desde las misiones hasta San Pablo estaba casi despoblado. Asimismo, los portugueses llevaban sus excursiones hasta el rio Marañon y el de San Francisco. Los indios esclavos que no trabajaban en las fazendas de San Pablo eran conducidos a los puertos del Brasil. Allí se los embarcaba y se los iba vendiendo en las principales ciudades de la costa".

A confirmar essa minha suposição, temos também um documento paulista, que me parece peremptório. É o testamento de Jerônima Fernandes, mulher de Baltasar Gonçalves Málio, que foi parte integrante da bandeira de Mateus Grou, várias vezes assinalado no inventário de Luiz Eanes, feito em janeiro de 1630

Mais adiante, à página 79 do mesmo livro, vem a seguinte referência:

"De las trescientas mil almas que según diversos cálculos, dos portugueses habian sacado del Paraguay, no habian llegado al Brasil más de veinte mil, pues las restantes habian hallado la muerte en ei camino de trescientas y quatrocientas leguas que tenian que hacer "presos en colleras y cadenas", cargados con "carga silvestre, madera y otras cosas".

Vejamos, agora, o que diz Taunay em sua "*História Geral das Bandeiras Paulistas*":

"Só Antônio Raposo Tavares, era voz corrente, escravizára vinte mil almas!" (Vol. II, pág. 92).

Mais adiante, a página 121 do mesmo volume, diz o sábio mestre o seguinte:

"Ia encerrar a carta o licenciado Espinosa, quando lhe chegaram graves rumores: nova invasão de paulistas que voltavam do Guairá no Guairá mais de uma centena de milhar de índios. A esse respeito, a São Paulo, com QUINZE MIL PRISIONEIROIS"

Eis que, se firma a crença de que os paulistas teriam, realmente, diz ainda Taunay, à página 182 do referido volume:

"Continuando as suas entradas, faziam-nas os paulistas, uma e às vezes duas por ano, em bandos de 400 a 600 homens. Despovoara-se o sertão, por êles talado. Falava-se que haviam arrebanhado duzentos mil cativos. Só de uma vez, mais de dez mil, — afirmara Dom Manuel de Frias (governador do Paraguai antes de Don Luiz de Céspedes)...

"Os assaitos em 1629, êstes lhes valeram 40 a 50 mil escravos. Haviam-nos acompanhado as maiores perversidades".

• • •

Que fizeram os paulistas de tantos índios apresados? Para que êles apressavam tantos?

A pequeníssima agricultura planaltina teria absorvido, no máximo, uma décima parte dos apresados, tão pequena era eja! V. Gerson Costa e Eli Pícolo no Bol. XLII da Fac. de Filosofia, Ciências e Letras.

Pelo número de ferramentas, pela área cultivada, pela população diminuta, etc., conclue-se o vulto insignificante da agricultura planaltina! Porque então o apresamento se fazia em escala tão grande?

É claro que para exportação!

O único mercado que poderia absorver e consumir tanto braço, era o Nordeste açucareiro.

Isso é evidente!

Só não vê, quem não quer.

(71) Em regra as bandeiras andavam muito menos. Se a bandeira de Nicolau Barreto, no início do século andasse nessa média, teria percorrido duas vezes a distância até Potosi de S. Paulo, pois ela esteve 2 anos fóra do povoado planaltino.

("Inventários e Testamentos", vol. VIII, pág. 237). Diz êsse documento:

"... e porque o dito meu marido de presente está no sertão na companhia de Manoel Preto..." (72).

Ora, si Balthasar Gonçalves Málio estava com Manuel Preto, como participe da bandeira de Mateus Grou, claro está que, se tratava da mesma bandeira, a de Preto e a de Grou. E daí, também, conclue-se que, os companheiros de Balthasar Gonçalves Málio também o eram de Manuel Preto.

Fica, assim, demonstrada cabalmente a tésse que aventei. Longe de ser aventura, reveste-se ela de tais requisitos, que não sei o que lhe falte para chegar à certeza. Data venia, creio que, o emerito Prof. Taunay não pesou bem a argumentação sôbre isso.

Para confirmar o que sustento, existem nomes da bandeira de Grou, que figuram numa lista tirada da documentação espanhola da Relación de los agrabios, tido como certa relativamente às pessoas, que tomaram parte na destruição de Guairá, ou antes na grande bandeira raposiana de 1628.

---

(72) A êsse respeito, o autor argentino Enrique de Gandia, *loc. cit.*, diz o seguinte, estribado no que escreveram os padres Mancilla e Mazeta:

"En efecto: en los primeros dias del mes de agosto de 1628, habian salido de villa de San Pablo unos novecientos portugueses armados com escopetas, espada, rodeias, machetes, balas y otras armas, en compañía de unos dos mil doscientos indios..."

O Prof. Taunay, *loc. cit.*, também reproduz êsse documento, com uma enorme precedência sôbre Gandia. Aliás, o escritor argentino quasi nada consigna que não seja do conhecimento nosso, através dos trabalhos de Taunay, que esgota o assunto em tôrno das bandeiras, aprofundando-se de modo exhaustivo, principalmente no que se relaciona com a documentação jesuitica.

Cita o escritor argentino diversas fontes referentes à questão, tratando-as como si fôsem novidades para nós, quando já as conhecemos de longa data. Prefiro, pois, citá-la apenas para mencionar alvém do mundo hispânico que tenha lembrado as vitórias paulistas, si bem que, às vezes, com acrimônia. Isso seria, aliás, inevitável, de vez que os documentos citados provêm das penas lacrimosas que escreveram a "*Relación de los Agrabios*", "*Insignas Misioneros*", etc.

Confirmada a minha tése, podemos aumentar a lista dos personagens, que participaram dêsse feito. Fôram, num total de 23: Pero Domingues (o Velho, talves), Luiz Eanes Grou (sobrinho de Mateus) Mateus Luiz Grou (cabo da tropa), André Botelho, Antônio Dias Grou (também na lista da grande bandeira raposiana, de acôrdo com a nominata da "*Relación de los Agrabios*"), Domingos Luiz Grou, Antônio Dias de Oliveira, Ascenço Luiz Grou, Manuel de Oliveira, Antônio Fernandes, Miguel Garcia Carrasco, Jácome Nunes, Isaque Dias Grou, Jerônimo Luiz, Bernardo Fernandes, Rui Gomes Martins, Domingos do Prado, Baltasar Gonçalves Málio (marido de Jerônima Fernandes), Antônio do Prado, Sebastião Rodrigues Velho, João Lopes, João de Oliveira e Antônio da Silva, (72<sup>a</sup>).

Nossa época, a destruição do Guairá, não estaria ainda completa. Faltavam as reduções do Ivaí, do Pequirí, os burgos de Villa Rica e de Ciudad Real. Quando fôram êsses estabelecimentos destruídos?

Creio que em 1631, de novo penetrou no sertão uma leva de planaltinos, comandada talvez pelo capitão Simão Alvares, pois Manuel Preto havia sido morto e Raposo Tavares havia permanecido em poviado. (73), (73<sup>a</sup>) (vêr nota seguinte).

---

(72-A) Eu insisto em dizer que — Grou — deveria ser um aportuguesamento de nome britânico — Grow — e Mallo — talvez fôsse uma corruptéla do italiano "Maglio".

(73) Onde teria morrido Manoel Preto?

A 22 de julho de 1630 o padre Maceta escrevia ao padre Crespo, contando que Manoel Preto havia sido flechado pelos "*Indios contra quítenes yva*", e parece que isso se deu em Sta. Catharina, que Preto dizia ir colonizar. Depois disso, Jarque o Deño de la Cathedral de Sta. Maria de Albarracín afirma, os Padres Mansilla e Maceta, foram a Loreto se encontrar com Montoyn, a quem acharam preparando o êxodo geral dos catecumenos para o Sul, pois estava o Parapanema ameaçado pelos paulistas, (Taunay, *loc. cit.*, II, 113).

Assim fica-se sem saber onde Preto tenha morrido.

(73-A) Ellis, "*Raposo Tavares e sua época*", 181, José Olympio Editora).

Acredito que, a história desse capítulo teve essa evolução, porque, do contrário, não teriam participado da destruição total de Guairá, vários sertanistas, cujos nomes ignoram no "*Relación de Posgrabios*". Eis que, não arredaram pé de São Paulo, segundo atas municipais de vereação, os seguintes paulistas (cujos nomes constam da lista espanhola, de modo que, não se sabe, ao certo, quando teriam eles penetrado no Guairá): Antônio Bicudo, Fradique de Melo, Pero Madeira e Antônio Raposo-o-Velho, "*os quais estão em São Paulo desde 25 de janeiro de 1630*" ("*Atas*", vol. IV, pág. 46); Sebastião de Freitas e Manuel Pires, "*desde 29 de maio de 1630*" ("*Atas*", vol. IV, pág. 55); Dom Francisco de Lemos, Alvaro Neto, Domingos e Sebastião Bicudo, Onofre Jorge, Gaspar Maciel Aranha, Manuel Alvares Pimentel, Matias Lopes, Manuel Morato, Pero Morais Madureira, Bernardo de Sousa, Pero da Silva, Simão Alvares "*e o próprio Antônio Raposo Tavares, que achei assinando vereações, desde 17 de junho de 1630*" ("*Atas*", vol. IV, pág. 58).

Como encontrar uma fímbria nesse cipóal? Saiu a bandeira em 1628, e, quando estava Manuel Preto sendo flechado, já muitos dos seus companheiros tinham vindo para São Paulo. Então, Villa Rica ainda não fôra destruída, bem como as reduções do Ivaí e do Pequirí, assim como Ciudad Real. Raposo em São Paulo, em junho de 1630 e em 1631, não podia evidentemente estar no Guairá!

Fico, pois, na crença de que a grande bandeira, saída em agosto de 1628, voltou a São Paulo em 1629, dela se desgarrando um destacamento chefiado por Manuel Preto, flechando nesse mesmo ano ou talvez em princípios de 1630 (74).

Após esses eventos, nova e gigantesca expedição, teria ido ao Guairá em 1631, ou fins de 1630, ali destruindo os restos das organizações jesuíticas e as espanholas (75), (76), (76.<sup>a</sup>).

Teria essa nova bandeira passado o Paranapanema, arrasando os estabelecimentos jesuíticos do Ivaí, e, passando ao sul de Mato Grosso, teria destruído Itatines, assim como o burgo espanhol de Santiago de Xerez, e voltado a São Paulo antes de junho de 1632, data em que Raposo é novamente aí assinalado, como se verifica pela leitura do inventário de sua mulher Beatriz Bicudo ("Inventários e Testamentos", vol. IX, págs. 89-95)? (75.<sup>a</sup>).

Então, teria partido outra expedição bandeirante para o Guairá, onde teria destruído as reduções jesuíticas do Pequirí e os burgos espanhóis de Villa Rica e Ciudad Real.

(74) Manuel Preto morreu flechado no fim de 1629, ou no começo de 1630, em expedição, que pretendia ir colonizar Sta. Catharina. Quem o diz é o Padre Maceta, em carta, que tem a data de 22 de Julho de 1630, ao Padre Crespo, procurador da província de Portugal. Ora, para em 22 de Julho já se saber em S. Paulo desse acontecimento é porque ele se teria passado, 6 meses antes, Taunay, *loc. cit.*, 112.

(75) Descobri, graças ao inventário feito no sertão por falecimento de Antonio Silveira um documento precioso, que nos revela vinte nomes de bandeirantes, que tomaram parte na destruição de Vila Rica, com seu chefe o capitão Simão Alvares, tão nosso conhecido, "Invent. e Testis.", XXX, 143).

(75-A) Ha uma ata municipal, de 17 de junho de 1631, ("Actas" IV, 59), assinalando Raposo Tavares, em S. Paulo.

(76) A respeito do numero total dos apresados em Guairá, é bom se reproduzir um documento, que se encontra no volume V, pág. 25, da "História Geral das Bandeiras", de Taunay, o qual foi reproduzido al da coletanea de Pastells, 4, 86; e é da autoria do padre Altamirano, Procurador da Prov. Jesuítica do Paraguai junto à corôa:

"...a despojar la provincia dela guayrá con las ciudades llamadas Guayra, Serez y otras poblaciones que tentan allí los castellanos, y llevaran en varias voces cautivos más de 300.000 indios, já reducidos por las misiones de la Companhia de Jesus, que tentan cristianos en pueblos de 4 y 5.000 familias en las sieras del Tape, Tayoba etc....

(76-A) Não parece restar a mínima dúvida de que os paulistas apresaram várias centenas de milhares de índios! Todas as testemunhas

Quer-me parecer que esta é a solução melhor para o caso diante da minha descoberta a propósito e Simão Alvares. Sim, porque esta, destruída e conquistada em na segunda metade de 1632 (77), não o poderia ter sido por Antônio Raposo Tavares, que em junho de 1630, de 1631 e de 32 é assinalado em São Paulo (78).

A não ser essa hipótese, não posso compreender como se fixem os delineamentos da conquista total de Guairá pelos paulistas. A documentação paulista só essa hipótese admite. Si a documentação castelhana lhe opõe óbices, teremos de variá-la ligeiramente, dentro da lógica e do bom senso.

concordam nisso. E' o que apura o eminente Prof. Taunay! E' o que depõem todas as crônicas espanholas e todos os relatos jesuíticos!

Então, porque apresaram tanto, se as lavourinhas planaltinas, mingudas como eram, não poderiam absorver senão a décima parte?

As ferramentas encontradas nos documentos bem como o mínimo vulto da Agricultura planaltina, isso estabeleceram V. trabalho de Gerson Costa e Eli Picolo, no Boletim n.º 4 de Hist. da Civ. Bras. da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que isso prova.

Dai conclue-se que o apresamento em tão grande escala, só poderia ser feito para a exportação.

Que mercado poderia consumir tanta mercadoria humana do Planalto?

O único era o Nordeste açucareiro.

Logo, vê-se daí, o comércio como era feito!

(77) Em 1631 na sua segunda metade, se realizou o exodo dos jesuítas e 12.000 habitantes que restavam do Guairá. V. Taunay, *loc. cit.*, II, 135 e seguintes.

(78) "Penso que Raposo ainda estaria cheftando os paulistas", diz Taunay, à páginas 126-27 do seu volume II; e, continuando:

"Mas, em 1631, recrudescem as entradas, obedecendo à inspiração de Antônio Raposo Tavares, no dizer dos jesuítas".

E mais adiante:

"Corria o ano de 1631, e Antônio Raposo Tavares encetara as operações da segunda fase da agressão aos estabelecimentos jesuíticos.

"Talavam várias bandeiras o território ao sul do Paranapanema, que os espanhóis tinham como seu. Informados da presença de diversos desses bandos, saiu de Villa Rica, em junho de 1631, o mestre de campo em ação de guerra "a poner remedio en los grandes atrevimientos, rovos y maldades que os portugueses del Brasil (andavam) haciendo en estas dichas provincias y reducciones deste rio del Ubal" (Ival)".

Mais adiante, à página 148, diz o seguinte:

Quando começara esse cerco é que o documento não conta, assim como nada diz sobre o chefe paulista que o dirigia, e provavelmente SERIA ANTONIO RAPOSO TAVARES".

Mais adiante, à página 148, diz o seguinte:

Note-se aqui, ainda, a completa indiferença dos planaltinos pelo que acontecia em Pernambuco, a partir de 1630. Não estranho a indiferença dos planaltinos pelos tumultuosos sucessos da Europa, que então assistia, estarecida, à luta frenética que foi a guerra dos Trinta Anos, nessa época em seu período suéco, com a descida triunfante de Gustavo Adolfo, nos costas da Pomerância e a derrota de Tilly nas planicies de Leipzig. Mas, é de amargurar a falta de solidariedade das colónias luso-americanas.

Em Pernambuco, o almirante batavo Hendrick Corneliszoon van Lonck faz desembarcar o coronel Waerdenburch, com seus 3.000 soldados, no Pau Ama-

---

"Seria António Raposo Tavares o promotor dessa pressão continua exercida sobre os espanhóis? Provavelmente".

Quanto a mim, respondo à interrogação dizendo que, era impossível a assistência de Raposo na continuidade da campanha do Gualrá, que se desenvolveria até fins de 1632. Raposo achava-se em São Paulo em junho de 1631 e em junho de 1632, de maneira que, durante todo o ano de 1630, 1631 e de 1632, o grande sertanista não deveria ter ido ao Gualrá. Ele levaria pelo menos um mês na viagem e, sendo assim, temos de considerá-lo inativo a partir de maio de 1630. No começo do ano de 1633 esteve ele em São Paulo, pois, em meados desse ano, foi nomeado ouvidor, tendo se destacado, a seguir, no assalto aos jesuítas de Barueri.

Assim, só em 1634, Raposo poderia ter realizado qualquer coisa em relação ao sertão do Gualrá e do Itati, mas, nesse ano, já os jesuítas teriam abandonado essas regiões e os paulistas já teriam esmagado os burgos catelehanos. V. Ellis, "*Raposo Tavares e sua época*", ed. José Olympio.

• • •

A tomada e a destruição de Villa Rica e das reduções de Ival e talvez as do Pequiri, bem como de Ciudad Real, foram realizadas, segundo penso, por uma bandeira — que foi identificada por mim graças ao inventário feito no sertão, que eu firmemente creio ter sido do Gualrá, em junho de 1632, precisamente na data em que Taunay, documenta ter se dado a conquista de Villa Rica ("*Hist. Geral das Bandeiras*", II, 146). A bandeira que identifiquei graças ao inventário de António Silveira ("*Inv. e Test.*", XXX, 143), é chefiada pelo grande sertanista Simão Alvares e tinha entre os seus componentes os seguintes nomes:

Francisco de Almeida — Diogo Barbosa do Rego — Lourenço Castanho — Bartholomeu de Quadros — Francisco de Siqueira — Jeronymo Ferreira — Miguel Ferreira de Melo — Manuel de Góes — Lojo Fernandes — Diogo Dias — João Pedroso — Domingos Alvares — Romão Freire — Amaro Alvares — Francisco Vaz — Bento Rodrigues — Manuel Vaz — Matias Peres — Simão Borges — Francisco de Paiva.



relo, e toma Recife e Olinda, instalando-se nas terras mais opulentas das colônias luso-americanas. E, não obstante o heroísmo de Matias de Albuquerque, o invasor logra firmar-se, e os belgas tomam pé, mais uma vez, no continente sul-americano.

Nada disso perturba a algidez marmôrea dos planaltinos, que plácidamente continuam as suas entradas de apresamentos, deixando desamparado o núcleo colonial nordestino, como si nada estivesse acontecendo!

Não é eloquente?

Explica-se, sem justificar, essa indiferença planaltina pela lusitanidade de Nordéste, pelo interesse econômico do Planalto, em que o flamengo não fôsse expulso desse Nordéste onde os apresadores desejavam manter o monopólio da venda de escravos para o açúcar.

## CAPITULO IV

# CONCLUSÕES

De tudo quanto ficou dito, nessas últimas páginas, pode se concluir, em resumo, o seguinte:

1.º — Com a chegada a bandeira de Nicolau Barreto em 1604, teria havido uma espécie de torpor amarrador da atividade sertanista dos paulistas. Os documentos dão essa impressão, parecendo que, os mercados de braços, saturados por superprodução da mercadoria, só aos poucos, foi suprindo as exigências dos consumidores.

2.º — Os paulistas, que não eram tão crueis, como querem os cronistas jesuítas, logo após o descanso, que teria durado cêrca de três anos, depois da expedição de Nicolau Barreto, puseram-se novamente em atividade, dirigindo-se para o Sudoeste, em busca de “bilreiros” ou “ibiraiáras”.

3.º — Entre o índio selvagem, bruto, despido do menor raciocínio, e o índio manso e cristianizado dos jesuitas, os paulistas, no apresamento preferiram êstes, desencadeando a avançada sôbre a florida organização jesuítica-guaranítica, em terras des Castela, de maneira que, o rumo das bandeiras continuou a ser o Sul e o terreno trilhado pela gente de São Paulo e do atual Paraná. Com êsse farto celeiro, tão próximo e tentador, de índios mansos, trazidos ao grêmio da ci-

vilização pelos jesuítas, — que mostraram as mais elevadas morais, nesse mister, — cevaram os paulistas a sua faina apresadora.

4.º — O planalto, na ausência de fonte de riqueza econômica, imperiosamente dedicou-se ao bandeirismo apresador, buscando no sertão o braço escravo e industrializando o preamento do gentio, que, suprindo as necessidades do pequeno meio agrícola planaltino, era exportado, em maior escala para as demais capitânicas do opulento Nordéste, onde havia não só precisão imperiosa e abundante de braços, mas também gente de elevado poder aquisitivo, capaz de absorver com facilidade a mercadoria, que lhe era oferecida pelos paulistas, a preços relativamente baixos.

5.º — Completamente obcecados por essa faina, os planaltinos não tiveram olhos para os sucessos, que se desenrolavam, muitas vezes dramaticamente, em outras paragens das colônias ou do além-mar europeu.

6.º — Realizando o seu trabalho, os planaltinos caíram como milhares sobre Guairá, começando a arrasá-lo em 1628, quando houve uma grande bandeira, comandada por Antônio Raposo.

Manoel Preto só teria partido de São Paulo em fins de 1628, tendo sob suas ordens diretas uma bandeira à parte, cujos componentes fôram, assinalados no inventário de Baltasar Gonçalves Málio e no testamento de Jerônima Fernandes. Ficaram, assim, mais 23 paulistas identificados entre os comandados de Manuel Preto, como tendo participado da conquista do Guairá (79).

---

(79) De fato a bandeira de 1628 chefiada por Manuel Preto — Raposo Tavares só poderia ter agido contra Guairá respeitando os seguintes pontos fixos:

1 — Manoel Preto, foi o chefe intelectual da bandeira. Taunay, "Hist. Geral", II.

2 — A bandeira partira em agosto de 1628. Taunay, "His. Geral", II.

7.º — A grande bandeira de 1628 não realizou, só por si, a destruição total do Guairá. Para êsse fim, saíram de São Paulo, em 1629, 31 e 32, outras expedições, chefiadas por outros cabecilhas.

3 — Manoel Preto não poderia ter partido em agosto de 1628 porque acompanhou Céspedes, que saiu de S. Paulo em 16 de julho de 1628. Taunay, *loc. cit.*, II, 7 e 16.

Preto em poucos dias, não poderia acompanhar Céspedes e voltar para comandar a grande bandeira.

4 — A bandeira em 8 de setembro estava no Tibagi, isto é, a 650 quilômetros de S. Paulo. Isto significa que em 30 dias a bandeira teria percorrido 22 quilômetros por dia, o que é um absurdo, pois a de Nicolau Barreto, indo a Potosí teria percorrido 5,1 quilômetros por dia. Não é crível que Preto-Raposo tenham percorrido, diariamente, 4 vezes mais terreno, Taunay, *loc. cit.*, vol. II, 79.

5 — Durante 4 meses, isto é, até fins de dezembro de 1628, estiveram os paulistas parados aí, onde fizeram um campo entrincheirado. Taunay, *loc. cit.*, II, 79, 80.

6 — Em 20 de março de 1629, isto é, 2 meses e meio, ou sejam 75 dias, naturalmente depois da batalha da redução de Sto. Antônio, a bandeira fraconada assaltou Jesus Maria, ainda no Alto Tibagi situada a cerca de 80 quilômetros de campo entrincheirado. Taunay, *loc. cit.*, II, 85. Jarque, "*Insignes Misstoneros*".

7 — A 10 de janeiro de 1629 a bandeira de Mateus Grou, pertencente à de Manoel Preto, procedia o inventário de Luiz Eanes, no sertão de Ibiaguira, cujo nome é o mesmo que o da Redução de San Miguel de Ibiaguí (Cardoso, "*El Guairá*", mapa; Ellis, "*O Bandeirismo*").

8 — A 30 de janeiro de 1629, Raposo Tavares ataca a redução de Santo Antônio de Ibiticaralba, a cerca de 50 quilômetros de Ibiaguira, e a 23 de março de 1629 ataca S. Miguel de Ibiaguí. Taunay, *loc. cit.*, II, 81, 83. Cardoso, "*El Guairá*".

9 — Estava Manoel Preto de saída de S. Paulo à frente de nova bandeira a 1.º de Maio de 1629. Taunay, *loc. cit.*, II, 92.

Com isso êle não podia estar bandeirando Tibagi abaixo, pois a redução de Jesus Maria, situada a 750 quilômetros de S. Paulo, fôra atacada 40 dias antes. Para Manoel Preto correr a S. Paulo, êle precisava andar à razão de 19 quilômetros por dia, o que é muito, pois Nicolau Barreto, indo a Potosí, teria andado quase 4 vezes menos.

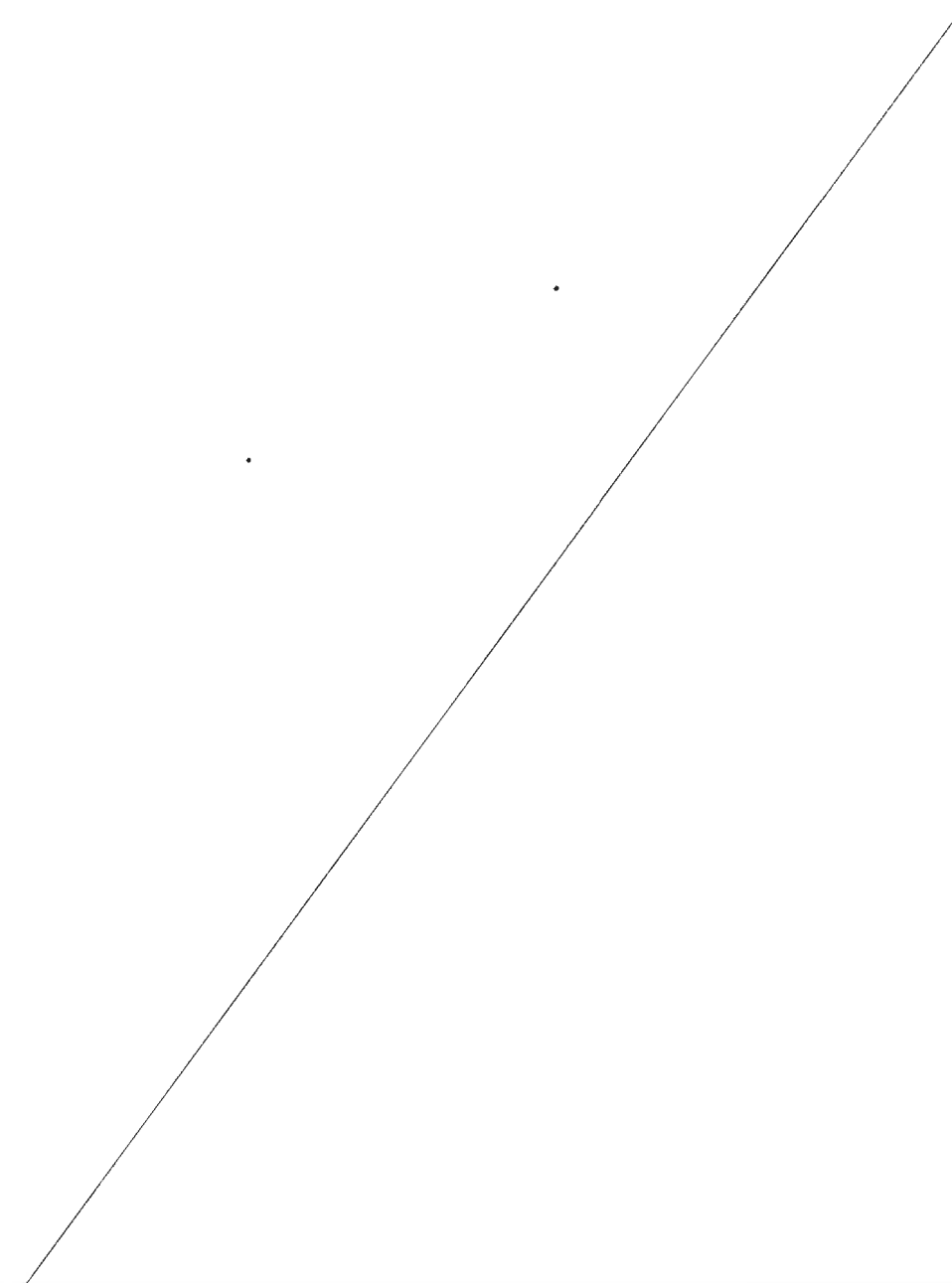
10 — A bandeira de 28 estaria de volta em agosto ou princípios de setembro de 1629. Taunay, *loc. cit.*, II, 92.

As bandeiras deveriam ter uma marcha média de 15 a 16 quilômetros por dia, no máximo, pois o padre Maceta, acompanhando os prisioneiros, levou 47 dias a percorrer os 750 quilômetros da redução de Jesus Maria a São Paulo, o que dá uma média de 15,9 quilômetros por dia.

PARTE III

No Rio Grande do Sul

Handwritten text, possibly a list or notes, consisting of several lines of illegible characters.



## CAPÍTULO I

### ITATI-TAPÉ

Entre as repartições constituidoras da formidável organização jesuítica em terras espanholas, havia a província de Otaí, ao norte da serra de Maracajú, isto é, ao sul de Mato Grosso. Aí se erguiam as aglomerações gentílicas de San Pablo, Concepción de los Guachos, San José, Angeles, Santa Maria la Mayor, Natividad de Araraí, em tórno do burgo castelhano de Santiado de Xerez <sup>(80)</sup>.

Confesso que tenho estado em semi ignorância a respeito de muita cousa sôbre a destruição dessa parte da ação jesuítica em terras castelhanas.

Sôbre isso, Taunay limita-se a concluir, na sua já citada *"História Geral das Bandeiras Paulistas"*, vol. II, pág. 195, o seguinte:

"Sôbre a destruição dos estabelecimentos de Itati pelas bandeiras de São Paulo, pouca documentação existe, e a mais lacônica. Mesmo a espanhola é muito omissa".

---

(80) "Em 1632 e 33, "diz Basilio Magalhães, *"Expans. Geographica"*, 12"os paulistas, transpondo o alto Paraná, não só tomaram Santiago-do-Xerez, estabelecimento espanhol sito perto das nascentes do Aquidauna, como também destruíram as tres reduções de San José, Angeles e San Pedro y San Pablo, que os jesuitas tinham acabado de formar, com indios Itaitines, a oeste do rio Pardó, ao atual Estado de Mato-Grosso".

O prof. Taunay também diz, por engano, que a conquista do Itati foi em 1632 — *loc. cit.*, 194, vol. II, porque mais adiante, no mesmo trabalho, prova que essa destruição foi em 1633.

Apenas, se sabe, com certeza, terem os planaltinos destruído a província de Itatí, em 1633-35.

Supõe-se erradamente que, o chefe das empreitadas bandeirantes, nesse terreno, tenha sido o mesmo Raposo Tavares. Teria sido esse mesmo o chefe das empreitadas planaltinas contra essa região mato-grossense? (80<sup>a</sup>).

Tenho certeza que não foi, a menos que esse evento haja ocorrido em época que não a até então suposta.

Raposo Tavares é assinalado em São Paulo, em junho de 1630 o nosso mesmo mês de 1631.

Depois encontro Raposo em São Paulo, por ocasião do inventário de sua mulher, Beatriz Bicudo, em 1632, no mês de julho. Em 1633, encontro igualmente o tigre dos nossos sertões em São Paulo, tomando posse do cargo de ouvidor da capitania de São Vicente, e, logo a seguir, agredindo os jesuítas de Barueri; em 1634, defendendo-se contra a suspensão da ouvidoria, de que foi vítima. Seria possível mas não provável que, tal sucesso se tenha verificado em 1635, tendo a expedição bandeirante partido de São Paulo em fins de 1634, quando se anunciava o verão, que deveria ser passado em terras frias do velho Guairá devastado, pois estou na crença de que os expedicionários, para atingir o sul mato-grossense de Itatí, tenham passado através das ruínas do Guairá, ainda a fumejar, pelos acontecimentos de 1628-32, chegando às Sete Quédas, para daí atingir o Paraguai e o M'botetei! Mas contra isso existe documento, citado pelo Prof. Taunay, na sua "*Hist. Geral das Bandeiras*", II, 199.

---

(80-A) Pesquisas realizadas pelo emérito historiador português Professor Jayme Cortezão, na ampla documentação sobre o bandeirismo paulista da coleção De Angelis, mostram que o chefe bandeirante que realizou essa façanha foi Ascenço Ribeiro.

Isso mostra que Ascenço não morreu, por ocasião da bandeira de Nicoláu Barreto!



**BANDEIRA DE RAPOSO PRETO, DE 1620**

Quadro sincrónico da grande expedição com os respectivos componentes, em sincronização com o grupo bandeirante dos Grov cuja relação de 19 nomes, encontrados na documentação paulista, viria aumentar a relação conseguida pela documentação espanhola.

Bandeira dos Grov  
Invent. e teste. V-VII, 425

Quatro meses acampado em campo fortificado permaneceu a bandeira  
Taunay - "Hist. Geral" II - 80

Ataque à red. Jesus Maria no alto Tibagi

Ataque a S Miguel da Ibiaguira  
Taunay - "Hist. Geral" - 83-11

Ataque à redução de S<sup>o</sup> Antonio nas nascentes do Tibagi  
Taunay - "História Geral" - II, 81

Chegada às nascentes do Tibagi Sertão do Ibiaguira. Taunay - "Hist. Geral" - II, 79, 80.  
12 quilômetros por dia

Volta geral da Bandeira  
Taunay - "Hist. Geral" II - 92

770 -  
700 -  
600 -  
500 -  
400 -  
300 -  
200 -  
100 -

Agosto - Setembro - Outubro - Novembro - Dezembro - Janeiro - Fevereiro - Março - Abril - Maio - Junho - Julho

Esgotado o manancial de índios a apressár, com a destruição do Guairá e do Itatí, os planaltinos tiveram de ampliar o raio de sua penetração, para alcançar o lugar onde se encontrasse a mercadoria humana, já cautequizada pelos jesuítas, que constituía a matéria-prima de sua indústria apresadora. <sup>(81)</sup>.

Os planaltinos tinham de ir até ao Sul, no paralelo de 29 a 30 graus de latitude, a uma distância de cerca de 2 a 3 mil quilômetros do Planalto.

No território sulino, no vasto sistema fluvial do rio Uruguai, os jesuítas haviam estabelecido uma organização tremenda, pela sua capacidade de reunir uma população densíssima, como logo o foi a dos gentílicos nessa parte da América.

O território dessa região está debruçado sobre duas vertentes potamográficas: a do Atlântico e a do rio Uruguai. Os jesuítas aproveitaram as duas vertentes para edificar, na galharada dos rios, que as consti-

---

(81) O mistério em torno da destruição de Xerez origina-se da falta de informes sobre esse feito. Não há documentos que o elucidem.

Não se sabe, por exemplo, com certeza, em que dia de julho de 1633, teria ocorrido essa destruição!

"O documento contemporâneo da tomada de Xerez pelos paulistas, e que a nosso alcance chegou, é o MEMORIAL do padre Juan Bautista Ferusino, do ano de 1633, — diz Taunay (*História Geral das Bandeiras Paulistas*", vol. II, pág. 198). — mas não datado, de modo que VACAMENTE PRECISAMOS ADMITIR QUE A EXPUGNAÇÃO DE XEREZ HAJA SIDO EM 1632, OU MESMO EM PRINCÍPIOS DE 1633".



"Em julho de 1632", diz Taunay, loc. cit., II, II, 195, "ainda se não dera o assalto de Xerez por paulistas".

A 20 de maio de 1633, ainda não havia nada em Xerez. E' o que se depreende de uma carta de João Baptista de Irrazabal, do porto de Maracajú, ao padre Diogo de Alfaro. Taunay, loc. cit., II, 196.

Mas a 31 de julho de 1633 já o padre Provincial do Paraguai mencionava a destruição. Taunay, loc. cit., II, 199.

Isso quer dizer que Xerez foi destruído em junho ou julho de 1633. Raposo Tavares não podia ter chegado os paulistas então, porque nos primeiros dias do ano era feito ouvidor, cargo no exercício do qual estava quando os paulistas destruíram Xerez e em julho, nos primeiros dias, tomava parte saliente dos acontecimentos violentos contra os jesuítas (Azevedo Marques, "Apontamentos", 1633) ("Chronologia").

tuem, o seu vasto sistema. Sobre o Alto Ibicuí, em 1632, logo após a destruição do Guairá, levantaram os jesuítas a redução de San Miguel, como a relembrar o núcleo jesuítico-guaraní que existira, sob a mesma invocação, no Alto Tibagi. Ainda sobre o Ibicuí, mais para baixo, o padre Cataldino instalou a redução de San José de Itacoatiá, a recordar também outra, de igual nome, sobre o Tibagi.

Ao norte de San Miguel, sempre sobre o Ibicuí, assentava-se a redução de San Cosme y San Damián, e, mais para baixo, ainda nesse curso, a de San Tomé.

Sobre o rio Jacuí, na vertente atlântica, existiam várias aglomerações jesuíticas. Ali se encontravam Santa Teresa, Santana, Natividad de Araricã, San Joaquim e, mais ao norte, nas nascentes do Jacuí, a de Visitación. Para o sul do mesmo rio, estava Jesus Maria e, próxima a esta, San Chistóbal.

Mais antigas que as desse sistema, eram as situadas na parte plana do Rio Grande do Sul, isto é, a oeste da futura circunscrição brasileira. Ali estavam Candilária, sobre o Piratini, fundada em 1627; San Nicolau, sobre o mesmo rio; Caaró e Mártires del Japón, no Ijuí; e, a seguir, ainda sobre o Ijuí, as reduções de Apóstolos de Caazapaguassú, Assunción, San Carlos de Caapi e outras (Veloza da Silveira), (82).

Eram cerca de vinte reduções, reunindo uma população indígena de cerca de 200.000 almas, que se encontravam em área relativamente reduzida, pois era gente guaraní, tirada do primitivismo em que vivia, na infância da humanidade, em plena era da pedra polida, quando ainda gemia sob o regime da caça e da pesca, ou a da extração rudimentaríssima, com falta absoluta

---

(82) A respeito da organização jesuítica no Rio Grande do Sul o que existe de melhor é o excelente livro de Aurelio Porto. "*História das Missões Orientais do Uruguai*", págs. 47 a 78, com cujas linhas gerais se coaduna o que vai acima.

de condições sanitárias, para uma melhoria das normas de vida no seio da civilização e da cristandade (83), (84).

Com essa modificação, as populações indígenas, fatalmente, teriam de aumentar. Foi o que fatalmente se teria dado no Guairá, onde a população cristianizada teria chegado àquela cifra de 200.000 almas ou mais. E o mesmo havia de verificar-se no Tape, mais tarde.

E' fácil imaginar, a que ponto atingiriam essas organizações jesuíticas, no decorrer dos séculos, si porventura não tivessem encontrado a ação destruidora das bandeiras planaltinas! A criação de um país formidavelmente povoado e de sangue puramente amerindiano,

---

(83) Qual teria sido a população das províncias de Tape e do Uruguai? E' o que esclarece, de certa maneira, o livro de Enrique de Gandia, "*Las Misiones Jesuíticas y los Bandeirantes Paulistas*", pág. 79:

"Antonio Raposo Tavares habla comenzado a sacar del Ytapé y Uruguai, donde había vliente reducciones, más de "cuarenta mil almas".

Penso que, a população total do Guairá ia a mais de 200.000 almas. Ai, o índio, vivendo com os confortos da civilização, teria aumentado imensamente. Não só a mortalidade indígena teria diminuído muitíssimo, em virtude das condições sanitárias e médicas da civilização pouparem um sem número de vidas, antes expostas ao abandono e ás intempéries, como também a natalidade teria aumentado muito. Nas selvas, os índios viviam da caça e pesca, ou da coleta, sem o menor conhecimento da previdência, ainda que, em alguns dêes, se tenham observado rudimentos de agricultura. Mas, no convívio da civilização, o índio podia contar com grandes quantidades de elementos de alimentação. Assim sendo, a população indígena teria aumentado imensamente.

E' preciso se recordar que o ser organizado, quanto mais simples e primitivo, está mais sujeito ao ambiente geográfico ou físico. Pode-se mesmo estabelecer que o individuo no seu primitivismo e simplicidade está submetido, em razão diréta ao meio geográfico. Na medida em que esse individuo se complica, se civilisa, se humanisa enfim, êle se subtrai ás forças geográficas.

Como o ambiente geográfico proporciona maior ou menor quantidade de meios alimentícios, e o índio primitivo e simples, temos que êle teria estado muito dependente do meio geográfico que proporcionava pouca quantidade de alimentação; pois "in natura", o ambiente geográfico por mais farto e generoso que pudesse ter sido, não podia facultar muita alimentação aos que nêle vivessem.

A população planaltina andava, em 1630-35, por 6.000 a 7.000 almas mais ou menos. Os meus cálculos se estribam não só no que ficou determinado a respeito da população da capitania vicentina no século quinhentista, como ainda no que seria preciso, para o envio ao sertão de exércitos de 900 mamelucos e 4.000 índios, como diz Taunay, pág. 46 do vol. II da "*História Geral das Bandeiras*". Uma população in-

seria forçosamente de acontecer no sul do Brasil! Eis um gigantesco Paraguai, a compreender todo o território de Santa Catarina, Sul de Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Paraná, com cerca de um milhão de quilômetros quadrados e uma população de vários milhões de habitantes! Eis o futuro desse país, si não fôsse a atividade infatigável do sertanista planaltino, obrigado a ir ao sertão em busca do remédio para a sua pobreza!

Si o açúcar tivesse medrado vitoriosamente em São Paulo, com a vitória vicentina da primeira batalha do açúcar, ou si o paulista encontrasse o seu habitat mais ao sul, ou, ainda, si o ouro tivesse sido encontrado um século mais cedo, por certo a "hecatombe" trágica dos servos de Loiola, em terras castelhanas e com gente indígena, não se teria verificado! Como seria diferente o futuro! Quanta meditação nos proporciona o acaso!

Como a evolução histórica pode se modificar, por uma eventualidade aparentemente insignificante, cuja

---

ferior àqueles totais não podia evidentemente mandar para o sertão corpos armados desse vulto. A guerra holandesa no Nordeste não apresentou contingentes muito superiores!

Além de tudo isso, eu venho, durante muitos anos, observando a gente paulista, desde os seus primórdios, e encontro S. Paulo cidade com, mais ou menos, o mesmo perímetro urbano em volta do triângulo, no século XIX que o dessa primeira metade do setecentismo!

(84) Vivendo nas selvas, o índio não podia ser muito numeroso pelos seguintes motivos, ainda:

1) *Muito maior mortalidade.* Sem as condições higiênicas que a civilização outorga e sem as defesas contra as hostilidades do ambiente, o índio se expunha muito mais às intempéries.

2) *Muito menor natalidade.*

O aumento da população selvagem está sempre, em seres primitivos, na proporção da quantidade de alimentação, a qual sendo oriunda da caça ou da pesca, ou ainda da extração, seria muito pequena. Portanto, a gente indígena não podia aumentar muito!

O índio macho era de ordinário frio e as mulheres amamentavam a criança até aos 7 anos, por lhes faltar leite de vaca ou de cabra, etc. Assim a nova concepção não se fazia, senão depois que a criança tivesse sido desmamada. Com tudo isso, a natalidade teria sido mínima!

causa é derivada do meio geográfico, determinando a economia e a evolução política!

Com a destruição dos estabelecimentos jesuíticos e castelhanos do Guairá e do Itatí, tornou-se mais rara a mercadoria humana nas redondezas da vila. Mas, um escravo índio valia cêrca de 4\$ a 70\$000, segundo nos ensina Simonsen, na sua "*História Econômica do Brasil*", vol. I, pág. 199. Isso servia de acicate ao paulista, que, espicaçado pelas necessidades econômicas do apresamento, não se detinha ante as dificuldades tremendas de expedições bélicas a milhares de quilômetros do planalto, através de todas as arestas encontradas nessas imensas caminhadas, grande parte delas em terrenos ingratos, cheios de ásperos obstáculos, além da natural resistência do selvicola, quer o selvagem, quer o amansado nas reduções jesuíticas (85).

A indústria paulista de apresamentos deveria encontrar, nessa época, logo após a destruição do Guairá e de Itatí, sérias dificuldades. Ali, teriam sido apresados cêrca de 60.000 índios, que teriam sido vendidos às demais capitânicas e à Europa (Enrique de Gandia, *loc. cit.*). Mas, nessa mesma época, não era normal a situação política, com a enorme atividade dos holandeses, que se haviam assenhoreado do Nordeste

---

(85) Na província mesopotâmica paraná-uruguaia, onde hoje é a província argentina de Corrientes, ensina-nos o prof. Taunay ("*História Geral das Bandeiras Paulistas*", vol. II, pág. 190), havia 9 reduções, com os seguintes nomes: Concepción, São Nicoláu de Piratini, Candelária, Santos Mártires do Caró, São Pedro e São Paulo, São Carlos, São Xavier de Céspedes, Assunção e Santos Reis, contando 1.800 famílias e 23.000 indivíduos, sendo Candelária e Mártires as maiores, com 550 e 600 famílias, respectivamente.

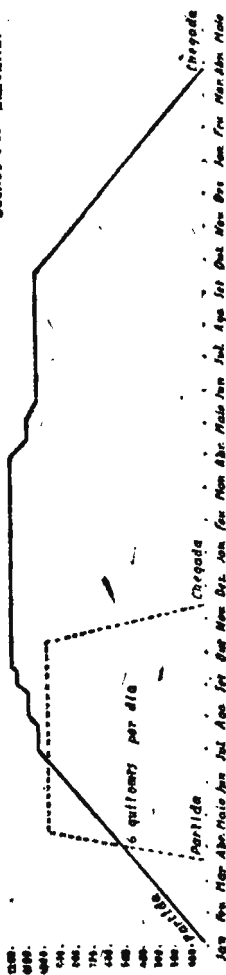
O curioso é que, essas reduções, segundo o prof. Taunay, têm os mesmos nomes que outras erguidas no Rio Grande do Sul, à margem esquerda do Uruguai e sobre o Ijuí, o Ibicuí e outros. Eu, entretanto, organizei as províncias de Tape e de Usuguaí, tais como os apresento em outro capítulo, de acôrdo com o que encontrei em Veloso da Silveira, "*As Missões Orientais e seus Antigos Dominios*", pág. 10, que reproduz o que doutrina o padre Lozano.

Desse propósito, consulte-se ainda Aurelio Porto "*Hist. das Missões Orientais do Uruguai*".

brasileiro. Isso iria influir, por força, na situação econômica, pois os belgas não deixavam que se operassem, com regularidade, as importações de africanos, cujo tráfico, si não ficou inteiramente interrompido, foi certamente muito prejudicado, acarretando grande diminuição do número de escravos negros. Assim a indústria dos paulistas, mesmo com a destruição do Guairá e do Itati, não entrou em superprodução, pois não precisava enfrentar, na concorrência, a competição dos africanos, que habitualmente se avantajavam aos americanos, oferecidos pelos paulistas (86).

— Bandaeira dos Buenos cujo chefe supremo parece ter sido o Capitão André Fernandes partindo de S. Paulo em Janeiro de 1637, só voltou em Março de 1639.  
 - - - - - Bandaeira de Aracambi que partindo de S. Paulo em Abril de 1635, voltou em Dezembro desse ano.

SINCRONIZAÇÃO DAS MARCHAS  
 das BANDEIRAS dos  
 BUENOS e de ARACAMBI



(86) Era natural que os holandeses não realizassem com tanta intensidade o tráfico africano de escravos. Eles não possuem possessões na África, e só em 1642 adquiriram Angola, que perderam em 1648. Simonsen na "História Econômica do Brasil", vol. I, pag. 202, diz que o Nordeste em meados do século, isto é, quando os holandeses tomaram Pernambuco, teria 33.000 escravos, segundo Vieira, 40.000 segundo Varnhagen, e Gaspar Dias Pereira afirmava 50.000.

Os holandeses apenas importaram 23.000 escravos, durante 24 anos, de que resultava uma importação média de 960, por ano. Ora, as exigências coloniais seriam necessariamente de acordo com a produção de açúcar, de 4.000 escravos por ano; dado que a produção do açúcar, no Nordeste fosse de 2.500.000 arrobas anuais e que cada escravo produzisse em média 60 arrobas por ano e que a duração média de trabalho de cada escravo fosse de dez

Não fôra, pois a ocupação batava do Nordêste, o planalto teria sofrido uma rude crise econômica, da qual não sei si teria logrado se safar, com galhardia. Em todo caso, vê-se bem que, o que faria os nordestinos se alucinarem de dôres, fazia também com que houvesse uma euforia econômica no Planalto!

Desde muito antes das invasões flamengas, conheciam os planaltinos as veredas, que conduziam ao habitat dos índios Patos, no atual Estado de Santa Catarina e na região serrana do Rio Grande. Com efeito, encontramos uma provisão, passada em junho de 1619 pelo capitão-mór do Rio de Janeiro, Gonçalo Correia de Sá, e registrada em São Paulo, dando ordens a Sebastião Fernandes Correia para tomar um navio, que saíra do Rio de Janeiro (naturalmente de modo clandestino):

“... sem estar para ir resgatar aos Patos, mandou prender toda a gente e que não deixasse algum nos Patos”.

Depois disso, os paulistas ficaram entretidos com as aventuras generosas do Guairá e do Itatí, de modo que, não molestaram os sulinos durante cêrca de 16 anos.

Eis, porém, que logo se esgôta o relativo sossêgo em que haviam os sulinos ficado, em razão das opulentas colheitas feitas no Guairá e no Itatí. E' que

---

anos. Segue-se que havia um deficit de 3.140 por ano, durante o tempo em que os belgas ocuparam o Nordêste.

Em parte esse deficit era suprido pelo tráfico luso-hespanhol através do Atlântico pela Baía, e mais portos livres da ocupação flamenga. Mas estes eram poucos e o dominio holandês nos mares tornava o tráfico transatlântico difícil, senão impossível.

Dir-se-á que esse tráfico era viavel pois os espanhóis continuavam a importar metais preciosos da América, nas suas famosas frotas de prata. Mas isso se dava, sabe Deus, com que grandes prejuizos e sacrificios. Daí a Espanha caminhar por uma acelerada decadência!

Eis a batalha naval ds Dunas em 1633, em que Martim Tromp esmagou Antonio de Oquendo! Eis a derrota do Conde da Torre, em 1640?



os mercados de braços do Nordeste açucareiro, sem os suprimentos africanos de escravos, que valiam de 50\$ a 300\$000, — segundo Simonsen, *loc. cit.*, pág. 199, — logo começaram, imperiosamente, a exigir mais gente, obrigando os planaltinos a volver aos sertões.

Foi em 1635, segundo nos assegura a documentação paulista, que teve início a penetração do sul, pelos planaltinos. Mostram as “*Atas*”, vol. IV, pág. 253, a propósito dos Patos: !

“... serem nossos amigos e de nosso antepassados avia mais de sem anos...”

Não há dúvida de que a governança vicentino-paulista, bem como a governança geral, tinha muito má vontade para com a faina bandeirantista de apressamentos, pois procurava impedir, de todos os modos, a saída da gente planaltina para os sertões, desamparando a colônia, que nessa ocasião atravessava uma época perigosa. O cumprimento da lei luso-espanhóla assim exigia. A não ser que, tudo não passasse de logomaquia hipócrita!

Na verdade, os invasores flamengos não haviam sido atraídos pela potencialidade econômica vicentino-planaltina, que era, mais ou menos, vinte vezes mais obscura que, a do opulento Nordeste açucareiro, onde abundava o dinheiro e brilhava a pujança, como nos atestam as cronistas.

Essa extraordinária região, predestinada à riqueza, havia chamado a atenção dos inimigos da Espanha! Nessa época, a Holanda, que se havia desgarrado dos territórios dos Filipines, procurava ferir nos mares os seus inimigos, de raça, idioma, religião e feitura econômica diferentes. As tréguas assinadas em 1609, com a Espanha haviam terminado. Ia começar a tragédia!

Naturalmente, a presa mais fácil para os batavos eram os domínios portugueses, que a Espanha não teria tanto interêsse em defender, como, de fato, não defendeu. Dentre êsses domínios, os holandeses iriam, naturalmente, preferir os mais opulentos economicamente. Não seria de esperar que, os batavos fôsem buscar as terras espanholas, que mereceriam muito mais cuidados da côrte de Madrid, muito mais carinho do duque de Lerma e do conde-duque de Olivares, do que as que caíram em poder de Felipe II em 1580, em virtude do ouro espalhado pelo quinta coluna português, Dom Cristóvão de Moura e do aço manejado pelo Duque de Alba.

Não seria, também, de esperar que os batavos fôsem buscar, dentre os domínios lusos, os de menor projeção econômica. Ejs o que explica a série de esforços, que constituíram as invasões flamengas, no Nordêste brasileiro. Mas, nem por isso, deveriam os planaltinos sossegar, quanto à segurança do seu território, pois que, de um momento para outro, poderiam os invasores cair sôbre essa parte do litoral luso-americano e aí se estabelecerem. Seria uma diversão na guerra, que moviam aos ibero-americanos, para tomar-lhes o território. O Dr. Pedro Calmon até parece mostrar ser de opinião que os batavos deveriam se fixar em região menos opulenta. (*"Hist. da Civilização Brasileira"*). Foi assim que, o capitão Pedro da Mota Leite, então capitão-mor, baixou o seguinte aviso:

"... os inimigos rebeldes holarádeses e outros de sua facção estão sôbre esta barra com duas naus grossas de guerra, que poderão vir..." (*"Registo Geral da Câmara Municipal de São Paulo"*, vol. I). (87), (88).

---

(87) Os espanhóis telmavam em chamar os batavos de rebeldes, porque não queriam reconhecer a independência da Holanda, o que só fizeram em 1659, pelo tratado dos Pirineus, não tendo, por êsse motivo, querido assinar o tratado de Westfália, (1648).

As esculcas navais batavas, como nos contam os documentos, já haviam capturado, em águas vicentinas, quando em caminho para o Rio de Janeiro, a embarcação de Paulo Marques, carregada de fazendas. Ora, isso ampliava extraordinariamente os terrores. Era necessário que, a população máscula da terra planaltina não a desamparasse, pois podia ser que, de um momento para outro, tivessem de concentrar-se, armados, para repelir alguma agressão batava.

Dai os numerosíssimos “bandos” e “quarteis” expedidos tonitroantemente pela governança, durante todo o ano de 1635 e no início de 1636, como se verificam da documentação oficial publicada. Foi por êsse motivo que, logo no mês de maio de 1635, partiu de São Paulo, para o litoral vicentino, toda a gente masculina dos índios reduzidos das aldeias, que rodeavam a vila de São Paulo, comandada pelos capitães Francisco de Rendón e João Raposo Bocarro, (88-a).

Mas, nêsse mesmo mês de maio, sub-repticiamente, preparavam-se, para ir ai sertão dos índios Patos, numerosos paulistas, que agiam sob a vista do próprio capitão-mor. E’ o que nos mostra o seguinte documento:

---

(88) Pedro da Motta Leite era português vindo em Janeiro de 1626, com o Governador Geral Diogo Luiz de Oliveira, aportado depois da restauração da Baía, e em substituição de Francisco de Moura, que se conservára como simples capitão mor de terra, (Rocha Pombo, “História do Brasil”, vol. 40, 151, nota, edição Benjamin de Agulha, Rio de Janeiro). Então Pedro Motta Leite era simples capitão do Itamaracá.

(88-A) Francisco Rondon é o espanhol, vindo em 1625, na Armada de Dom Fradique de Toledo Osorio, genro e aclamador de Amador Bueno, que em 1628 se defrontou, no Quairá, com o Padre Montoya e proferia as famosas palavras nativistas, que denunciavam o estado de alma do Planalto, (Taunay, “História Geral das Bandeiras Paulistas”, II).

Raposo Bocarro, é o filho do velho Antonio Raposo, mencionado por Silva Leme na “Genealogia Paulistana”, III, 4, como o Coronel João Raposo Bocarro.

"...enformados que o seu capitão mór, pero da mota leite, por seus particulares interesses dava lisensa para irem aos patos e estas pessoas não levavão mais polvora e chumbo e corentes sendo contra a lei de sua magde. estando em auto de guerra indo mais de dutos homens aos ditos patos sem os ditos índios de sua parte darem ocasião pera serem molestados e serem nosos amiguos o de nosos antepasados avia mais de sem anos..." ("Atas", vol. IV, págs. 252-3).

Esse texto é confirmado por outro nestes têrmos:

"... com tanto escandalo desta capitania e serem elles mais de duzentos homens que eram bons para esta ocasião de guerra e assim vossa merce fez contra o serviço de sua magestade..." ("Registo Geral", v. I; pág. 499).

Mas, o que transparece dos documentos é que a expedição já havia partido em março dêsse ano, só se referindo aqueles textos ao passado de alguns meses, pois o documento seguinte prova que, a expedição partiu no mês de março e no dia 17:

"... os ofisiaes da camara aõ juntarão em camara para fazer a votos hun vereador em AUSENCIA DO VEREADOR FERNANDO DE CAMARGO durante sua ausencia..." ("Atas", v. IV, págs. 246 e 251).

A bandeira foi marítima, segundo se depreende dos seguintes documentos, (88-b):

"... como se não fossemos christãos nem vasallos de el rei nós o não fomos quando em tal ocasião deixaramos ir BARCOS E BARCOS com polvora e pelouros e correntes a dar guerra no gentio dos Patos que está ha tantos annos de paz e alguns christãos, e que protestamos" ("Registo Geral", v. I, pág. 499).

"... pois tendo vossa mercê tantos avisos como na súa nos diz assim de sua magestade como do senhor governador geral, de inimigos, deixar ir para fóra da

---

(88-B) Não seria possível outra especie de bandeira, dado o curtissimo período de tempo, em que essa expedição fóra do planalto.

capitania tantos BARCOS AOS PATOS com tantos escandalos desta capitania" ("Registro Geral", v. I, pág. 499), (89).

Ora, com isso, fica evidêntemente provado que, a 17 de março de 1635, houve uma bandeira paulista a tocar o prelúdio da sinfonia da guerra, no sertão sulino dos Patos. Onde precisamente ficava esse sertão?

Duas são as hipóteses: a) no sul de Santa Catarina, tendo a bandeira em questão se dirigido para Laguna onde se internou até onde se achavam os Patos, — tése esta pela qual se batem, com incontestável brilho e notável erudição, os historiadores gaúchos Olinto Sanmartim, Walter Spalding, Aurelio Porto, Padre Iager e outros; b) no Rio Grande do Sul.

Quanto à primeira, embora possível e até, mesmo provável, devo dizer que não me convenceu inteiramente a magnífica argumentação de Sanmartim.

Parece-me fóra de dúvida que, essa empreitada é a mesma, que foi identificada pelo inventário de Juzarte Lopes, feito no sertão por ocasião do seu falecimento, ocorrido junto à aldeia do principal do Aracambí, como veremos mais adiante.

Menciona o Professor Taunay, ("*Era das Bandeiras*", pág. 51), uma carta de Madrid, dirigida pelo rei Dom Filipe IV ao marquês de Mancera, vice-rei do Perú, e datada de 16 de setembro de 1639, que dizia que os vizinhos e moradores de São Paulo realizavam, desde 1614, várias entradas pela terra a dentro, "como por el puerto de Patos y Rio Grande" (90).

(89) Aliás, essa não deveria ser a primeira bandeira marítima. O prof. Taunay assinala outra, que deveria ter partido em 1.º de maio de 1629 sob o comando de Manuel Preto, (Taunay, "*Hist. Geral*", vol. II, 92). Infelizmente nada se sabe a respeito desse feito!

(90) Existe em Taunay, "*Hist. Geral*", vol. I, 223, um tópico que confirma ter sido a região do Rio Grande vitimada por essa bandeira paulista.

E' o fato em que esse mestre, grande autoridade no assunto, diz:

Ora, si a cotação acima não identifica o pôrto dos Patos com o do Rio Grande, — que talvez fôsse a Lagôa dos Patos, ou o rio Jacuí (porque em Santa Catarina, na Laguna, o único rio existente não tem porte bastante, para poder ser chamado de Grande, como acontece à Lagôa dos Patos ou ao Jacuí, que se apresentam bem mais volumosos), mas se limita a estabelecer a alternativa, — confirma, entretanto, que o pôrto do Rio Grande era muito frequentado pelas entradas paulistas, desde 1614. Que entradas fôram essas?

Não o sabemos, pois que, até o ano de 1633, estavam os paulistas preocupados com a debelação do Guairá e do Itatí, não sendo provável que se tenham afundado pelo sul, distante milhares de quilômetros, quando tinham farto celeiro de mercadoria humana a algumas centenas de quilômetros, apenas.

Ocupados com o Guairá desde os primórdios do século, não iriam alongar o seu raio de penetração, criando novas dificuldades, para se aproveitarem do "puerto de Rio Grande". E' possível que, o tenham

---

"Substituiu elle o fundador de S. Christovão, Padre Contreras, como cura do puebio, quando soube que haviam apparecido paulistas na Lagoa dos Patos e no Guaiba, vindos do mar". Isso me parece se reveste de muita importância para a tésse do Rio Grande, isto é a offenção — b —, acima mencionada, pois foi em 1635.

Em um mapa antigo datando de 1634, da região, reproduzido pelo padre Teschauer na sua "*História do Rio Grande do Sul*", o qual se vê do Livro do Gal. Tasso Fragoso, "*A Bat. do Passo do Rosario*", 31, o rio Guaiba tinha o nome de Rio Grande.

Diante disso quer me parecer que não está bem ciaro, quanto ao local da designação nos documentos, Rio Grande seria o rio Guaiabal. Enquanto isso, em Sta. Catarina não havia Rio Grande algum, que pudesse ser assim denominado! Esse argumento, quer me parecer, é muito forte! Além disso temos a favor da localização do "*sertão do Rio Grande*" mais para o sul, isto é em pleno Estado do Rio Grande do Sul, várias menções a essa região, feitas em inventários paulistas, como nos de Antonio Silveira e de Sebastião Gonçalves, as identificando com o território gaúcho, ou pelos menos menções feitas em documentos identificadores de bandeiras que estiveram em território riograndense, como a de M'Bororé por exemplo.

feito, mas penso que, só depois da conquista do Guairá e do Itatí. Estarei em erro?

Sim, porque não pode restar a menor sombra de dúvida, diante da carta de Filipe IV ao marquês de Mancera, de que os paulistas atacavam, desde 1614, não só o pôrto de Patos, mas também o do Rio Grande. E' essa a alternativa, segundo o ilustre historiador gaúcho Olinto Sanmartim, que milita em favor da tésé que coloca o sertão dos Patos, em Santa Catarina.

Mas, admitindo que os paulistas, desde 1614, se utilizassem do pôrto do Rio Grande, quero crer que, o tenham feito, depois da conquista do Guairá, quando impelidos econômicamente a novos apresamentos. Não fariam entradas no extremo sul, tendo a mesma mercadoria mais perto. Eis o que me parece lógico!

Continúo, pois na suposição de que a bandeira de Aracambi possivelmente tenha trilhado o Rio Grande. E' possível que, sejam apresentados, mais tarde, argumentos tais, que, de um modo completo, me convençam do contrário! Não sou tão rígido nas minhas opiniões que não ceda à fôrça de argumentos. Mas, por enquanto, até que surja uma nova ordem de fatos, que que ainda não conheço, mantenho a hipótese de que os sertanistas de Aracambi possivelmente tenham estado no Rio Grande do Sul.

Sapientis est mutare concilium! Por isso aguardo! (90-a).

Graças ao inventário de Juzarte Lopes, a que se procedeu no sertão, junto à aldeia do principal de Ara-

---

(90-A) Aurello Porto, *loc. cit.*, também se mostra defensor da tésé que faz com que a bandeira de Aracambi tenha desembarcado em Laguna e agido em Sta. Catarina. Admite a possibilidade de estarem certos os historiadores gaúchos!

Entretanto é preciso ficar consignado que, todos os mapas antigos da região, como o de Ernot (1631), o de Hernald (1640), o de Anville (1735) etc., constantes do "El sistema lacustre Sud Rio Grandense Oriental" de Walter Spading e José Aguiar, mencionam "Rio Grande" a coincidir com a foz da Lagoa dos Patos, no território riograndense!

cambi, podemos identificar os seguintes componentes dessa bandeira: Luiz Dias Leme (notável paulista, que parece ter sido o chefe da expedição, tio do futuro governador das Esmeraldas e futuro aclamador do duque de Bragança), Fernão de Camargo, o tigre; Juzarte Lopes, o falecido; Domingos Vieira, Domingos Dias-o Moço, Francisco de Camargo, Cristóvão de la Cruz, Francisco de Oliveira, João de Santa Maria, Simão Leitão, Pero Lopes de Moura, Estêvão de la Cruz, João Rodrigues de Moura e Francisco da Costa ("Inventários e Testamentos", v. IX, pág. 468, e v. X, pág. 249) (91) (92).

(91) Os índios reduzidos possuíam armamentos e deles se utilizavam, de modo que, não eram pombas inofensivas, como transpiram os documentos dos jesuítas. Possuíam até maior quantidade de armas de fogo do que os bandeirantes.

Comentando a defesa de Don Luiz de Céspedes, diz Taunay, na sua "*História Geral das Bandeiras Paulistas*", vol. II, pág. 175, a propósito de estado de alerta em que estava o Guairá, quando foi assaltado:

"Soubera então, pelos moradores, que os padres estavam perfeitamente preparados. Dispunham de mais de cem índios arcabuzelros, muito bem apetrechados; fabricavam pólvora em abundância, tendo adquirido dos espanhóis armas de fogo".

E mais adiante, na mesma página:

"Enquanto isto, armava êle jesuíta, mil e quinhentos soldados, com que ia entrar em campanha contra os paulistas".

Com êsses elementos, os padres não ficavam inativos!

Davam combates! Reagiam! Resistiam!

Só, quando foram vencidos, entraram a lamuriar e a escrever crônicas insultando os vencedores. Tudo isso é compreensível e humano! O que eu não concordo, é se também êsses depoimentos por sentenças históricas! Com essa nefasta e injusta mentalidade jesuítotita interpretaram a historia do bandeirismo, Capistrano, a Clogeras e escrevem os do doutores Pedro Calmon e Afranio Pelxoto.

Quem atesta a primeira parte do que asseverô é Taunay, loc. cit., pág. 44:

"Contra êles (os paulistas), haviam se armado mil e quinhentos índios (reduzidos) de uma refrega já ocorrida com a gente de São Paulo tinham participado 1.200 apenas, porque o contingente de Los Angeles não chegara a tempo para pelear. Agora estavam todos entregues à falna de recolher os índios foragidos pelas matas, de medo da invasão paulista".

Vê-se, por aí, que, os jesuítas não eram cordeiros mansos e pacíficos. Travavam batalhas, estavam armados e defendiam-se!

Das minhas pesquisas nos documentos paulistas, constatei um total de armas de fogo muito inferior a êsse mencionado pelo prof.



Não foi demorada a permanência dessa expedição fóra do povoado paulistano, pois o inventário de Juzarte Lopes foi iniciado judicialmente, em São Paulo, a 10 de dezembro de 1635 ("Inventários e Testamentos", vol. IX. pág. 463).

Durou oito meses a viagem da bandeira. Seria o suficiente para executar a sua tarefa entre os guardas-avançadas da província de Tape, que não tenho certeza si foi atacada pelos expedicionários.

Estou inclinado a acreditar que, só em 1636 tenha começado o verdadeiro assalto à província de Tape

---

Taunay. A mesma conclusão chegaram Gerson Costa e Eli Picolo, loc. cit.

• • •

As agressões paulistas provocaram reacções, além do que se viu acima. Taunay diz ainda o seguinte:

*"O padre Moloya arregimeitava forças para enxotar de Guairá esses invasores, a quem provavelmente ministrarla dura lição. "Puzimos en campo mil y quinientos yndios, contra elles (os portugueses) aunque a lapelea no llegaram mais de mil docientos. Lo que subcedjo en la batalla daremos quantas a su tiempo". Dizia em carta a D. Luiz de Céspedes o padre de Espinosa"*.

*"Infere-se destas palavras", diz Taunay, loc. cit. — "nem é possível dúvida alguma — que se travou refrega sería entre espanhóis e paulistas"*.

(92) Juzarte Lopes, nascido aproximadamente em 1600, era filho do português aMtlas Lopes, vindo em 1585 (Silva Leme, "Genealogia Paulistana"), mais ou menos, e de Catarina de Medeiros, filha de Salvador Pires e de Mecla Ussú, mameluca de ¼ de sangue índio.

Com isso, Juzarte era primo de Amador Bueno-o-Aclamado, e sobrinho de Salvador Pires de Medeiros, um dos chefes da bandeira de 1628, contra o Guairá; e era primo do capitão aMnuel Pires.

• • •

Creio que o bandeirante Leme da lista citada foi o colaboracionista e lusitanófilo e o último filho de Lucrecia Leme e de seu tio Fernão Dias Leme, nascido em 1591, pois o outro Luiz Leme, então existente em São Paulo e neto de Mateus Leme (Silva Leme, vol. I, pág. 311), seria, na ocasião, muito jovem ainda, para chefiar empresas como a de que trato.

• • •

O Francisco de Oliveira da lista citada foi, possivelmente, o Sutil de Oliveira, que Silva Leme menciona no seu vol. I, pág. 59, op. cit. E' possível que, se trate do seu neto desse nome, (Silva Leme, loc. cit., pág. 76), filho de Maria Sutil e de Gaspar Sardinha, mameluco filho de

(93). Isso teria de ser levado à conta de Raposo Tavares e sua bandeira, levada a cabo êsse ano, (93-a). Dela faziam parte os seguintes paulistas, que puderam ser identificados, graças aos inventários de Braz Gonçalves e Pascoal Neto, bandeirantes falecidos no sertão: Antônio Raposo Tavares (cabo da tropa); Diogo de Melo Coutinho (imediato), Pero Leme-o-Moço, Antônio Rodrigues (?), Silvestre Ferreira, Gaspar Maciel Aranha, Estêvão Fernandes-o-Moço, Alberto de Oliveira, Rafael de Oliveira-o-Moço, Domingos Borges de Cerqueira, Gaspar Vaz Madeira, Luiz Feio,

Afonso Sardinha-o-Moço, mas êsse teria, na ocasião, muito pouca idade, de modo que, prefiro a hipótese de ter sido o bandeirante de Aracambi, o primeiro Sutil de Oliveira.

• • •

Penso que o João de Santa Maria, citado, tenha sido João do Prado Santa Maria, filho de um povoador dêsse nome, que veio como secretário de Dom Francisco, — não sendo provável que, o povoador, com mais de 60 anos, fosse então ao sertão. Tendo João do Prado Santa Maria nascido, mais ou menos, em 1610, com 25 anos em 1635, podia ter tomado parte na bandeira de Aracambi, tanto mais quanto foi cunhado do capitão Fernão de Camargo, o Tigre, um dos chefes da bandeira. (Silva Leme, *loc. cit.*, vol. 1).

• • •

Francisco de Camargo, da lista referida, teria sido um dos 8 filhos do povoador Jusepe de Camargo e marido de Isabel da Ribeira, irmã de Amador-o-Aclamado. Assim Francisco de Camargo era primo-irmão e cunhado de Amador Bueno.

(93) O prof. Taunay não crê tenha a bandeira de Raposo coincido com o que diz o padre Teschauer, a propósito do início da luta no Sul. "*História Geral*", vol. II, 234. Invoco em abono do que deixei afirmando o que escreveu a propósito aBasilio de Magalhães, na sua "*Expansão Geographica*", pág. 122.

• • •

Sobre isso ha ainda de se considerar o seguinte:

De fato Teschauer a págs. 164 do vol. I, figura o ataque a Jesus Maria como em 1637, um ano depois de, haver Raposo Tavares ter avançado para o Rio Grande do Sul.

Acho que, foi um lapso nas fontes informativas do illustre historiadador gaúcho, pois êle diz a pág. 172:

"*Convem aqui advertir o leitor da confusão e disturbios, de que são cheios esses annos: parece ter-se communicado às relações historicas dos mesmos; tanto à chronologia como a condenação dos factos laboram em confusão. Sentiu isto tambem Quevara ("Hist. del Paraguay", "Annales de la Bibliotheca", I, VI, p. 333. Buenos Ayres, 1910) que se queixa:*

João Maciel (valente), Mateus Netto, João Machado, João Rodrigues Besarano, Paulo Pereira, Antônio Pedroso de Freitas, Pascoal Neto, Pascoal Leite-o-Moço, Baltasar Gonçalves, Braz Gonçalves-o-Moço (?), João de Godói, Baltasar de Godói-o-Moço, Fernão de Godói, José de Camargo, Antônio de Faria Albernaz, Simão da Costa, Miguel Nunes, Jerônimo Rodrigues, Duarte Borges, Francisco Chaves e Pero de Oliveira, (94).

"as relações destes annos, diz elle, participam de não pequena parte da confusão dos tempos e não poucos successos se referem com indicação do anno defeito transcendental de muitas historias".

Assim se justifica o haver o emérito sacerdote gnúcho, atrazado a crônica de um ano. E essa opinião se consolida em se tendo em vista que, b próprio Teschauer, na pág. 155 de seu I vol., em um quadro em que figuram as datas das destruições e conquista de cada redução, dá à de Jesus-Maria, a data de 1636.

Além disso, no Relatório do Padre Ruyer, referente a M'Bororé, reproduzido por Taunay, 323, vol. II, da "Hist. Geral", ha a seguinte passagem de uma carta do chefe da expedição paulista, o capitão Manoel Pires, aos jesuitas.

"E não seja o que se deu a Antonio Raposo Tavares em Jesus Maria e V. Pes. muito bem sabem..."

Ora, isso faz certo que, a bandeira que atacou Jesus Maria era a de Raposo Tavares, como Teschauer assegura que teve lugar, de modo que, podemos ver sua "História do Rio Grande do Sul".

Assim fica provada a asseção supra de que a bandeira de Raposo Tavares era a mesma cuja ação é descrita por Teschauer, loc. cit.

(93-A) De fato, a não ser no Tape, onde teria, então, trilhado a bandeira de Raposo Tavares? Vê-se facilmente que, não seria possível se atribuir outra região!

(94) José Ortiz de Camargo foi irmão mais moço de Fernão Ortiz de Camargo, filho de Jusepe de Camargo, espanhol, que teria aportado ao planalto na segunda metade do século quinhentista. É provável que, a chegada de Jusepe se tenha dado em 1583, quando veio a São Vicente a armada de Diogo Flores Valdez, que teve em Santos uma luta ardida contra o corsário inglês Withrington. A grande parte de elemento espanhol no planalto veiu nessa ocasião. Pelo lado materno, Ortiz de Camargo era filho de Leonor Domingues, irmã de Bernarda Luiz, que foi casada com o aclamado Amador Bueno e que era de procedência de Tibiricá, de maneira que José era mameluco com 1/3 de sangue americano. Parece que José Ortiz de Camargo foi, com seu irmão Fernão, um dos chefes do grupo nativista, em oposição do grupo dos Pires, que eram os lusitanófilos ou colaboracionistas.

Tivemos, em São Paulo, vários moradores com nome idêntico.

Braz Gonçalves-o-Velho já seria muito idoso em 1602, quando da bandeira de Nicolau Barreto. Em 1636, deveria ele ter, si vivo fôsse, cerca de 100 anos, de modo que, não poderia ter sido esse o companheiro de Raposo Tavares.

Essa expedição deveria ter sido a mesma, que foi identificada no Rio Grande pelo ilustre historiador gaúcho padre Carlos Teschauer (*"História do Rio Grande do Sul"*), composta de 120 paulistas e 1.000 índios tupis. Na nota 93, eu dou as razões nas quais me baseio para isso afirmar.

A bandeira teria sido aprestada às pressas, porque, contrariando todos os hábitos de então, partiu ela em janeiro para o sul, conforme nos asseveram os documentos seguintes:

"... o ouvidor desta capitania de são vte. antonio rapozo tavares e bem assim o juis frco. nunes de sigra, e o vereador jeronimo de brito e o procurador do conselho de ano passado amaro domingues por ser ausente o que sahio no pelouro frco. dias e sendo todos juntos en camara pelo dito ouvidor (Raposo Tavares), foi dito aos ditos ofisiaes da camara que visto averse

---

O filho d'ele, de nome Braz Gonçalves-o-Moço, teria, por ocasião da bandeira de Raposo Tavares, em 1636, cêrca de 70 a 80 anos, não sendo provável, nessas condições, que, tivesse penetrado no sertão. Mas, êle teria falecido na bandeira de Nicolau Barreto, de forma que não poderia pertencer-lhe o nome surgido na bandeira de Raposo em 1636.

Temos, pois, por exemplo, que, só restaria o Braz Gonçalves, companheiro da expedição de Martim Rodrigues, internada em 1608 no sertão dos "bitreiros" e que não voiveu ao povoado, tendo sido exterminada pelos índios. Sendo assim, teria Braz Gonçalves escapado do morticínio de 1608, para vir novamente surgir em São Paulo e tomar parte na bandeira de 1636! E' êsse o único recalcínio admissível, porquanto o quarto Braz Gonçalves que houve em São Paulo só teria nascido em 1637, segundo Silva Leme (*"Genealogia Paulistana"*, vol. I, pág. 25), e era filho de Margarida Gonçalves, casada em 1634 com Manuel Alvares Preto.

\* \* \*

Pero Leme-o-Moço, da nominata citada, crelo ter sido Pero Leme do Prado, que batizou seus filhos de 1632 a 1646, como assinala Silva Leme, loc. cit., vol. I, pág. 209, e era filho de Pero Leme e de Helena do Prado, tendo nascido, aproximadamente, em 1600, de modo que, teria cêrca de 36 anos, por ocasião da bandeira de Raposo Tavares, às reduções de Tape.

\* \* \*

Baltasar de Godói, da nominata citada, é o moço, filho do outro de igual nome, que tomou parte na expedição de Nicolau Barreto, no principio do século. Este Baltasar nasceu, aproximadamente, em 1604

dado juramentº a antonio pedroso e não. mostrar melhoramentº de sua apelação e faltar hu vereador e procurador do conselho por serem ausentes e ele dito ouvidor estar de caminho para fora a acudir ao serviso de sua magde...” (Ata da vereação de 1.º de janeiro de 1636 — “Atas”, vol. IV, pág. 281).

“... e por respeito do ouvidor capitão mor antonio raposo tavares levar fora da vila o escrivão da camara e tabalião a cuja falta se deixou de faser a dita eleição...” (Vereação de 7 de janeiro de 1636 — “Atas”, v. IV, pág. 85). (94,a).

Só em fins de 1636, no mês de novembro, essa bandeira se assinalou no Rio Grande do Sul, pois de acôrdo com o inventário de Braz Gonçalves, no dia 10 de outubro dêsse ano, ela se achava no sertão, provavelmente na entrada da província de Tape.

O saudoso historiador Revmo. Padre Carlos Teschauer (*loc. cit.*) refere que, a 3 de dezembro do mesmo ano, uma bandeira paulista atravessou o Baixo

---

a 1610, tendo cerca de 26 a 30 anos, ao fazer parte da bandeira de Raposo, contra a província de Tape.

João de Godól era um seu irmão, igualmente filho do primeiro Baltasar de Godól, povoador espanhol, e de Paula Moreira, Fernão de Godól não mencionado por Silva Leme, mas creio tratar-se de um irmão de Baltasar-o-Moço e de João.

• • •

O nominado João Maciel, da lista citada, foi, creio eu, João Maciel Valente, que teria nascido em 1578, segundo Silva Leme, vol. VIII, pág. 230, devendo ter cerca de 58 anos de idade em 1636, o que não era demasiado para o exercicio de bandeirismo. Na época, não havia outro morador com êsse nome em Piratininga.

(94-A) O ilustre historiador gaúcho, o Revmo. Padre L. G. Jager, no seu magnifico “*Invasões Bandeirantes*”, 34, diz que houve equívoco da minha parte em estabelecer a saída da bandeira de Raposo no mês de janeiro de 1636.

Para contrariar tal asserção, o insigne jesuita invoca as investigações do Sr. Silveira Avancini.

Pode ser eu tenha incorrido em erro, mas estou ainda na crêncã de que acertel, pois os documentos, mencionados pelo Sr. Avancini, não tem localização e poderiam ter sido feitos no sertão. De fato, os documentos que servem de base ao Revmo. Padre Jager, são datados dos meses de abril e maio de 1636, mas nada dizem sobre o local em que fôram passados!

Não é prudente a cercearmos-nos nisso só! Uma conclusão baseada nisso só, seria arriscada!

Taquari e atingiu, em seguida, a redução de Jesús Maria, à margem esquerda do Jacuí. Teria sido assaltada, então, a redução cujo nome está grafado de modo idêntico nos documentos paulistas ("Inventários e Testamentos", vol. XI, pág. 143). Assim, não só pela identidade do mês, como também pela do lugar e do nome, podemos concluir que, se trata da mesma bandeira, a que se refere o padre Teschauer, que consta dos documentos paulistas, por mim mencionados (*O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano*, pág. 150).

Segundo conta o padre Teschauer, os paulistas teriam, então, ocupado a redução de San Cristóbal, sobre o Jacuí e, depois de vencer os jesuítas em uma refrega ardida, repetindo a vitória sobre os mesmos em Jesús Maria, fizeram numerosos prisioneiros. A bandeira chegou a São Paulo, pouco antes de 20 de junho de 1637, pois que, nessa data se iniciou o inventário de Pascoal Neto ("Inventários e Testamentos", vol. XI, pág. 153).

Não sei quantos índios teriam sido apresados nessa empreitada, mas o seu número não deveria ter sido pequeno, pois os planaltinos porfiavam em obter o máximo possível de rendimento da sua faina belico-econômica, tanto mais quanto, graças aos flamengos em Pernambuco, estavam livres da concorrência africana, como afirmamos acima.

\* \* \*

Em 1637, saiu de São Paulo, em direção ao Rio Grande do Sul, outra expedição grandiosa de preamento do gentio. Parece que, o chefe dessa empreitada sertanista foi Francisco Bueno. Os seus componentes seriam cêrca de uma centena de moradores do planalto, entre os quais, membros das famílias Cunha,

Bueno e Preto (irmão e sobrinhos do velho leão dos sertões, Manuel Preto, morto em 1630, no Guairá), (94-b).

A expedição teria atacado a província de Tape, que a bandeira anterior, comandada pelo capitão Raposo Tavares, já começara a derrocar.

Em meados de 1637, deveria ela estar reiniciando sua penetração pelo vale do Jacuí pois saiu de São Paulo no começo do ano. O erudito historiador que foi o padre Carlos Teschauer, de tão saudosa memória, assinalou, na sua "*História de Rio Grande do Sul*", uma grande bandeira paulista em meados de 1637, a marchar pelo rio Taquarí, em direção às reduções do rio Jacuí, depois de haver esmagado os índios Caamós e Caaguás (95) (96).

De fato, — com a morte de João Preto, a 8 de junho de 1637, de Manuel Preto-o-Moço, a 2 de julho do mesmo ano, e de Gaspar Fernandes, a 26 de maio também do mesmo ano, todos inventariados sumária-

---

(94-B) O capitão André Fernandes parece ter sido o chefe da bandeira, que seguiu para a conquista do interior da província do Tape, depois da morte de seu primitivo chefe, capitão Francisco Bueno. Pelo menos, parece ser dessa opinião Aurelio Porto ("*Terra Farroupilha*", I, 66-68; citado pelo Revmo. L. G. Lager, "*Inv. Bandeirantes*", 44.

Restaria se saber, com exatidão, a que André Fernandes se referem os ilustres escritores rio-grandenses, pois tivemos, no planalto paulista, muitos moradores com o nome de André Fernandes! Para se verificar o acerto da minha objeção, veja-se o que diz, a propósito, o excelente trabalho de Americo de Moura "*Os povoadores de Campo de Piratininga*", publicado na *Revista do Arquivo Municipal*, vol. 25, 12 a 111. Infelizmente esse magistral trabalho de Americo de Moura, que constitui muitas e robustíssimas provas a favor da minha tese, sobre a pouca fé que nos merece o ingênuo Pedro Taques, não foi ainda publicado em livro.

Por aí se vê, entretanto, a imensa confusão que havia na terra à propósito dos muitos André Fernandes aí existentes.

E' possível que o chefe da bandeira da conquista do "Tape", fosse André Fernandes Ramos, que faleceu em 1641, mencionado por Silva Leme, na "*Genealogia Paulistana*" VII, 225).

(95) O prof. Taunay, em sua "*História Geral das Bandeiras Paulistas*", vol. III, pág. 209, identifica o chefe da bandeira paulista vencida em Caazapaguassú com Pascoal Leite Pais. Há, aqui, uma questão interessante. O combate de Caazapaguassú teve lugar em janeiro de 1639, segundo Taunay, *loc. cit.*, Pascoal Leite Pais, participe

mente no sertão (*"Inventários e Testamentos"*, loc. cit.), — chega-se à convicção de que a bandeira, em meados daquele ano, deveria ter travado um combate sério naquele local, perdendo assim alguns dos seus componentes. Por conseguinte, a bandeira assinalada por Teschauer, no referido local e na referida data, não pode deixar de ser a de Francisco Bueno (eu a denomino bandeira de Francisco Bueno, sem a menor preocupação de chefia, que eu acho que poderia estar sendo exercida por outrem), cujos companheiros identificados são os seguintes: João Preto, Manuel Preto-o-Moço, Gaspar Fernandes, Estevão Gonçalves, Francisco Bueno, seu irmão cap. Jerônimo Bueno, seus sobrinhos Amador Bueno-o-Moço, Antônio Bueno (filhos de Amador Bueno-o-Aclamado) e Lázaro Bueno (não mencionado pelos linhagistas); Henrique da Cunha; João Preto, Gaspar Fernandes Preto, Domingos Garcia, Miguel Garcia Rodrigues, Baltasar Gonçalves Málio e seu filho Estevão Gonçalves, João Pais Málio, Antônio Ferreira Málio, Gregório Ferreira, Francisco de Siqueira, Antônio de Siqueira, Sebastião Mendes, Diogo Aros, Antônio Ribeiro, Bernardo da Mota, Antônio Cordeiro Pôrto,

---

da bandeira de Fernão Dias, deveria, nessa ocasião, estar de regresso a São Paulo, onde chegou a bandeira de Fernão, no começo desse ano, isto é, em março ou abril, juntamente com a bandeira dos Buenos. Como se poderia solucionar essa questão?

Ou Pascoal não foi o chefe da bandeira derrotada em Caazapaguassú mas, nesse caso, temos pela frente o relatório do padre Cláudio Ruyer, citado por Taunay; ou a bandeira de Fernão Dias é que foi derrotada em Caazapaguassú, sendo seu partícipe Pascoal Leite, que foi aprisionado por Don Pedro do Lugo. A ela teriam pertencido os bandeirantes: Domingos Cordeiro, Fernão Dias Borges, Matias de Oliveira e Pedro de Oliveira (*"Inventários e Testamentos"*, vols. VIII e IX), dos quais faço menção no capítulo seguinte, e que nunca mais apareceram em São Paulo.

Uma dessas pontas do dilema se impõe.

(96) A bandeira na ida, tendo saído de S. Paulo nos primeiros dias de 1637 em maio ou junho estava no Rio Grande do Sul tendo percorrido, na ida, apenas em 180 dias 1.000 kilometros com uma média de quasi 6 kilometros por dia.



Pero Vidal, Antônio Botelho, João Fernandes e Antônio Dias Carneiro ("*Inventários e Testamentos*", vol. XI, págs. 200, 217 e 166).

Os paulistas de Francisco Bueno teriam, segundo Teschauer, tomado a redução de San Joaquim e, mais tarde, a de Santa Teresa. Depois de haverem internado no rio Taquari, onde possivelmente teriam falecido vários dos seus componentes, feridos nos primeiros combates, os planaltinos teriam proseguido até às reduções do Ijuí e do Piratini, tendo, aí, travado dois encarniçados combates com os índios chefiados pelos, jesuítas do pádre Alfaro. E, uma vez vitoriosos, tendo derrotado Nhienguirú, teriam arrazado as reduções de San Carlos de Caapi, de Apóstoles de Caazapaguassú, Candelária e Caaró, tomando fim a redução de San Nicolas, no Piratini (97).

---

(97) A propósito dessa bandeira, diz Aurelio Porto, no seu precioso volume "*Hist. das Missões Orientais do Uruguai*" 106 e seguintes: "Pelos documentos jesuíticos referentes a essa bandeira, adiante incertos, pode-se acrescentar à lista mais seis nomes além dos de Jerônimo Bueno e um dos Pretos (fulano?) que deles constam. São os de André Fernandes, cabo da tropa que destruiu Santa Tereza; capitão Antônio Pedroso, capitão Domingos Alvares (irmão ou sobrinho do famoso Simão Alvares), capitão Francisco de Palva, capitão João Raposo (deve ter sido João Raposo Bocarro, filho de Antônio Raposo o velho), capitão Jerônimo Bueno um dos Pretos (fulano?) e Baltasar Gonçalves.

Perfeitamente identificada pelo ilustre historiador paulista, essa bandeira deveria ter saído de São Paulo em princípios de 1637, e, no sertão do rio Taquary, teria morrido o bandeirante Gaspar Fernandes, em 26 de maio. Em junho e julho se procedem aos inventários de João e Manuel Preto, o moço mortos também no sertão do rio Taquary.

Estabelece os seus quartéis de Inverno, aproveitando, provavelmente, as paliçadas construídas pela tropa de Raposo Tavares que, nessa época estaria de regresso a São Paulo. Percorre a bandeira o mesmo itinerário de desbravador de Ibaça e Tape, isto é, Caamo e Caágua, que assola levando cativos para o Taquari grande número de índios apresados nessas regiões.

Mas, só em fins desse ano de 37, depois de transposto o rio Taquari, aparecem nas antigas reduções do Tape. E' certo, porém, que uma grande parte, conduzindo a preta, aliás volumosa, da província de Ibaça, haja tornado a São Paulo, onde aparecem em 1638 alguns componentes dela, como Amador e Antonio Bueno, que ali se casam nesse ano.

A outra parte, que depois se divide em duas colunas, tendo como chefes os capitães Jerônimo Bueno e André Fernandes, dirige-se para a

Como resultado dessa razia devastadora, teria essa bandeira, — composta, segundo Teschauer, de 260 paulistas e cêrca de 3 a 4 mil índios auxiliares, — feito um apresamento fartíssimo, pois só a redução de Santa Tereza tinha cêrca de 4.000 catecúmenos. Penso que, pelo menos, 20.000 índios fôram apresados e conduzidos ao planalto.

A bandeira chegou a São Paulo, de volta de sua peregrinação pelo Sul, a 19 de março de 1639, quando surge um dos expedicionários, João Pais Málio, que

redução de Santa Teresa, onde se separa, seguindo a tropa comandada pelo cap. Jerônimo Bueno para as reduções do Ijuí.

Não resta a menor dúvida de que, transposto o rio Taquari, essa bandeira já tinha como cabo principal o capitão André Fernandes que substituiria o capitão Francisco Bueno, morto no sertão, em 1637, e cujo inventário só foi procedido em 1639, "por razão de se esperar pelo testamento de defundo pelo trazer seu irmão Jerônimo Bueno e até agora não é chegado nem novas dele", (Inv. Test. IX, 35. Ellis, *Bandeirismo*, 93). Todos os documentos de origem jesuítica-espanhola e atestam, embora a esse bandeirante não se refiram as peças arquivais paulistas. E a prova de que a bandeira era a mesma que salu de São Paulo, sob o comando do capitão Francisco Bueno, está no fato de juntarem os jesuitas aos nomes de André Fernandes e outros notáveis proceres piratiniganos, o de Jerônimo Bueno, assinatado nas paliçadas de Caaçapamiri.

Em carta de 4 de janeiro de 1638, o padre Simão Maceta, que está em Corrientes, pede socorros aos três ao governador de Buenos dizendo "que o padre commissario (Diogo de Alfaro), por duas cartas suas, datadas das reduções de Tape e Caró, me mandou viesse a esta cidade e pedisse, supplicasse e requeresse a V. M., dando-lhe relação como os portuguezes haviam entrado pelas ditas reduções do Tape e por seu caudilho André Fernandes, com ânimo de assolar todas aquelas reduções da provincia do Urugual, jurisdição dêste governo e de fato destrulram a redução de Santa Tereza" etc. (B. N. Mss, 1, 29, 1, 69). Em 19 de fevereiro, em Caaçapamiri, a primeira pessoa referida na excomunhão notificada pelo padre Alfaro, aos paulistas é o capitão André Fernandes. (B. N. Mss. 1, 29, 1, 83).

. . . . .

Demorada foi a volta a São Paulo, pois, em fins de janeiro de 1639, não havia noticias da bandeira em que vinha o capitão Jerônimo Bueno, motivo porque não se fizeram partilhas no inventário de seu irmão capitão Francisco Bueno, morto no sertão

Mas grande parte dela teria voltado anteriormente, como já se referiu páginas atrás"...

Assim, em síntese, Aurelio Porto, no seu portentoso trabalho citado, (*Hist. das Missões Orientais do Urugual*"), 107 a 115, acha que:

A bandeira do capitão Francisco Bueno, tendo perdido o seu chefe nas margens do rio Taquari, prosseguiu, pelo território riograndense

figura no inventário de Francisco Bueno, a que então se procedeu judicialmente, pois morrera no sertão ("*Inventários e Testamentos*"), vol. XIV). Parte da bandeira, porém, desgarrou-se e voltou ao povoado muito antes, por isso que diversos dos seus membros figuram em São Paulo desde o ano anterior (1638) (99). Isso é facilimo de concluir!

Eis que Amador Bueno-o-Moço e seu irmão Antônio Bueno se casam, nesse ano, respectivamente, com Margarida de Mendonça e Maria do Amaral Leme, "*Genealogia Paulistana*", vol. I, págs. 419-20), (99-a).

Dois longos anos levou a expedição de Francisco Bueno no sertão, sustentando, durante esse período, as mais bravas refregas, como atestam, os numerosos falecimentos de seus componentes (100). (V. gráfico, anexo). Foi ela, sem dúvida, uma das mais

---

sob a chefia dos capitães André Fernandes e Jerônimo Bueno, cujo destacamento foi operar no rio Ijuí, tendo a outra parte da bandeira, sob o comando do cap. André Fernandes tomado o rumo diferente, saindo da base de operações que era a antiga redução de Sta. Teresa, para realizar as tropelias e assaltos referidos pelos documentos jesuíticos.

Acho que todas as conclusões tiradas por Aurelio Porto sobre a bandeira de Francisco Bueno — André Fernandes — Jerônimo Bueno, são mercedores do mais alto apreço e fé e eu as incorporo ao conhecimento das lutas dos paulistas no Rio Grande do Sul.

(98) Também é preciso não deixar de mencionar a possibilidade de ter sido essa bandeira de Domingos Cordeiro a de Fernão Dias, a que me referi em capítulo anterior, pois dela faz parte Pascoal Leite Pais, que o prof. Taunay ("*História Geral das Bandeiras Paulistas*", vol. III) assinala como tendo sido o derrotado em Caazapaguassú.

(99) A respeito dessa bandeira dos Buenos, diz o prof. Taunay: "*História Geral*", II, 242:

"Assim, pois convencidos pelos argumentos de Ellis *in totum* approvamos as suas conclusões".

(99-A) Esses paulistas, citados acima, deveriam ter voltado ao planalto antes de haver a bandeira, sob o comando de André Fernandes, entrado no Tape, segundo ensina Aurelio Porto, no seu tão citado "*Hist. das Missões Orientais do Uruguai*", 107.

(100) A bandeira para percorrer 1.000 quilômetros na ida, mais 1.000 na volta e cerca de 500 quilômetros no Tape, levou 2 annos e 2 mezes, ou sejam 790 dias. Isso nos resulta que a bandeira percorreu uma média de 3,1 quilômetros por dia, durante a viagem toda. Ora,

notáveis façanhas em toda a história do apresamento e um dos mais memoráveis capítulos da história da conquista do Rio Grande do Sul pelos paulistas, contra o jesuíta e o castelhano. Por muito tempo, esteve essa bandeira desconhecida dos fastos do bandeirismo, e ultimamente, vários fôram os historiadores que pretenderam vê-la no sul matogrossense. Felismente, documentação paulista, tirada da poeira dos arquivos pelas beneméritas publicações oficiais, veio dar à bandeira de Francisco Bueno o lugar que merece, como um dos primeiros passos na conquista do sólo do Rio Grande do Sul e um dos mais eficientes feitos do bandeirismo de apresamento. (100-a).

tendo na ida, a bandeira tido uma velocidade dobrada, isto é, percorrido o percurso a uma média de 6 quilômetros em etapas diárias, conforme se vê acima, pergunta-se porque na volta não houve a mesma velocidade? Pode ter havido; mas nesse caso, o percurso no Rio Grande, deveria ter sido maior, ou aí nessa região sulina, os bandeirantes de Francisco Buenos deveriam ter feito um longo descanço. Podemos pensar em atribuir à bandeira de Francisco Bueno, para lhe dar uma média maior de velocidade, 1.000 quilômetros para a ida, 1.000 quilômetros para a volta e 2.200 quilômetros de percurso no Tape. Isso nos daria os 6 quilômetros por dia.

(100-A) Um argumento de grande valor a favor de haver esta bandeira percorrido o Rio Grande do Sul, "*Hist. das Missões Orientais do Uruguai*", 109. De acôrdo com essas declarações faziam parte da bandeira do capitão André Fernandes, a qual não seria outra senão a do capitão Francisco Bueno já falecido e que percorria o Rio Grande do Sul, então província de Tape, segundo a excomunhão notificada pelo Padre Alfaro aos jesuítas, Auiello Porto, *loc. cit.* 107), vários paulistas, entre os quais:

*Balthazar Fernandes, o fundador de Sorocaba?*

*Capitão Francisco de Paiva.*

...Pedroso, que poderia ter sido qualquer dos irmãos Pedroso de Barros.

*Domingos Alvares, irmão do famoso Simão Alvares?*

...Preto, que foi um dos Pretos da nominanta acima da bandeira dos Buenos, vários dos quais morreram no sertão.

Quanto à identidade desse capitão Francisco de Paiva, suponho ter sido um filho de Domingos Cordeiro e Antonia de Paiva, escapo às investigações de Silva Leme. O dr. Leite Cordeiro, um dos paulistas contemporaneos, que com mais brilho e afinco tem se esforçado no esclarecimento dos dramas homéricos do nosso imortal passado, pensa porém com grande justeza de argumentação que, esse Francisco de Paiva era filho de Custodio de Paiva, tio de Antonia de Paiva, mulher de Domingos Cordeiro, (Dr. Leite Cordeiro, "*Diário Carioca*", 28-11-43).

## CAPITULO II

### FERNÃO DIAS PAIS (101)

Estava conquistado Tape, invadido o Rio Grande, expulso o jesuíta, escravizado o índio, esmagado o castelhano, e recuado o meridiano de Tordesilhas. O paulista, porém, não se mostrava satisfeito. Ou antes, o nordestino é que não estava satisfeito, pois ainda tinha fome de braços. Ainda queria mais! Parece que, a fome econômica dos mercados de escravos não se satisfazia com os milhares de índios trazidos dos sertões pelos bandeirantes! (102).

Vê-se, por aí, que a paralização do tráfico negreiro, determinada pelo domínio holandês nos mares, influenciou poderosamente no sentido de fazer crescer a atividade sertanista do apresador. (Simonsen, *loc. cit.*, pág. 199).

---

(101) A bandeira de 1638, sobre a qual se refere Teschauer nas págs. 175 e 176 do vol. I da sua "*História do Rio Grande do Sul*", venceu a batalha de Caaró, tendo tomado as reduções de Caasapaminí e de Caaró, depois de ter devastado e conquistado as reduções de S. Carlos e Apostolos, e de ter vencido o chefe Nhenguru na batalha de San Nicolas de Piratini. A seguir Nhenguru passou o rio Urugual, em ofensiva e, recebendo um reforço de 1.500 homens do Padre Romero, deu nova batalha, sendo vencedor.

(102) O natural crescimento das colônias e o desgaste no elemento servil, obrigava uma absorção anual aproximadamente de 4.000 escravos novos (Simonsen; "*História Económica do Brasil*", I, 202). Onde o Nordeste açucareiro podia os encontrar?

O tráfico afro-brasileiro ainda estava semi-impedido pelos holandeses, que só depois de 1652, ficaram em condições de não poder o prejudicar na navegação no Atlântico sul.

No ano de 1638, punham os paulistas, de novo, uma expedição no sertão, não obstante ainda de lá não ter voltado a de Francisco Bueno — André Fernandes — Jerônimo Bueno. De fato, a 1.º de janeiro de 1638, já deveria ela ter partido, pois alguns dos seus membros, como Gaspar da Costa, tendo sido eleitos para cargos da governança municipal, não puderam tomar posse, fazendo-o outros por eles (Atas, vol. IV, págs. 370-1).

Teria sido essa bandeira, comandada pelo "condotieri" futuro herói das pedras verdes, a que o padre Teschauer assinala no Rio Grande do Sul, como tendo conquistado, em fins de 1638, as reduções do Ibicuí, isto é, as restantes da província de Tape, tais como San Cosme y San Damian, San José, San Tomé, San Miguel e Natividad? Segundo Teschauer, ficaram essas reduções inteiramente arrastadas pelos paulistas (103) (104).

---

(103) Eu crelo que, a bandeira de Fernão Dias foi ao Tape, por vários motivos:

a) Ha uma referencia feita por Simão Pereira de Sá de que Fernão esteve em luta contra os castelhanos no Sul. (E' verdade que Simão não merece muita fé).

b) No mapa das Bandeiras do Professor Taunay figura Fernão Dias como tendo estado no Uruguay. Não sei em que se baseou o prof. Taunay, para isso.

c) Analsada cronologicamente a vida de Fernão Dias, como eu affirmo no "O Bandeirismo", só nessa data (1638), poderia ter o heroe paulista se ausentado para o Sul. Em outra ocasião qualquer, esse fato teria sido impossivel.

d) A tendencia da epoca, entre os paulistas, era apresar indios no Rio Grande.

e) Ha coincidencia de datas entre a bandeira de Fernão Dias, identificada no Rio Grande, pelo testamento de Antonio da Silveira e uma bandeira paulista aí assinalada pelo historiador padre Carlos Teschauer.

f) A localização "*Rio Grande*" da designação contida no testamento do bandeirante Antonio Silveira deveria ter sido no Tape, pois as bandeiras de Jeronymo Pedroso assinalada com identica localisação, sabe-se que, se situou no Rio Grande do Sul. V. Mapa de 1634, em Tasso Fragoso "*A Bat. Passo do Rosario*", 31.

g) O prof. Taunay na sua "*Hist. Geral*" afirma que Pascoal Leite Pais, irmão mais velho de Fernão, foi o derrotado em Caasapaguassú, talvez centrificado pelo Inquerito de D. Christobal de Valhusena y Ocampo, e principalmente na carta do padre Ruyer, page. 255, 292, 299

Graças a um inventário, que se procedeu no sertão, em consequencia da morte de Antônio Silveira, assim como ao seu testamento, feito igualmente no sertão; podem conhecer-se alguns nomes de bandeirantes que participaram dessa entrada: Cap. Fernão Dias, seus irmãos Pascoal Leite Pais (105) e Pedro Dias Leite, seu tio Luiz Dias Leme (o mesmo bandeirante da entrada de Acarambí, o colaboracionista e lusitanófilo, aclamador de D. João IV, Valentim Pedroso de Barros (primo do chefe), Domingos Leme da Silva, Mateus Leme, Pascoal Leite Fernandes (primo do chefe não mencionado por Silva Leme), Salvador Simões, Romão Freire, João Nunes da Silva, Sebastião Gil-o-Moço, Pedro Agulha de Figueiró, An-

---

e 300, vol. II. Ora, Pascoal Leite era parte da Bandeira de Fernão Dias e estaria onde esta estivesse. Se ele Pascoal estava no Tape, claro que, a bandeira também estaria. Assim, é o próprio Prof. Taunay, quem sustenta a minha tese, de que a Bandeira de Fernão foi a derrotada no Rio Grande do Sul. Ele o faz estribado em uma carta do Padre Claudio Ruyer.

(104) O eminentíssimo prof. Taunay, contraditoriamente, não se mostra convencido de haver essa bandeira de Fernão percorrido o Tape. Porisso, diz o mestre citado na sua "História Geral", vol. II, 252:

"São estes indícios dignos de nota, não ha duvida, mas ainda os achamos deficientes por provirem de indicação vaga como a do testamento de Antonio Silveira.

Se no nosso ensaio biographico sobre o grande sertanista nos inclinamos a localisar a sua entrada de 1636 em terras paranaenses foi porque "sertão do Rio Grande" era muito mais a zona Guayrenha e a margem matto grossense do Paraná do que o território hoje chamado riograndense. Ha porem um argumento dos Inventarios do sertão que nos parece corroborar o modo de ver de Ellis; é a referencia ao "Sertão do Rio Grande", no inventario de Sebastião Gonçalves a 9 de Setembro de 1641 soldado da bandeira de Jeronymo Pedroso um dos cabos baldos na grande refrega de M'bororé.

Ora, sabendo como sabem os que a bandeira vencida de Jeronymo Pedroso se moveu em territorio rio grandense e missioneiro as indicações toponymicas; sertão do Rio Grande são preciosas como elementos fixadores. Em todo o caso é com reservas que admittimos a dedução pela qual tanto se empenha o nosso distincto e talentoso confrade".

Apesar disso, o mestre, às vezes manifesta-se a favor do que sustento, ("Hist. Geral das Bandeiras Paulistas", II, 225).

(105) Quem quizer encontrar mais minúcias, a propósito dessa entrada e desse combate de M'bororé, recorrerá à monumental "História Geral das Bandeiras Paulistas", vol. II, do insigne prof. Taunay.

tônio da Silveira (o falecido), João de Santa Maria, Cristóvão de Aguiar Girão, Maurício de Castilho-o-Moço, Manuel de Castilho, Gaspar da Costa, Ba. . . . , Paulo da Costa, João Favacho, André Bernardes, Frutuoso da Costa, Antônio Gonçalves Perdomo, Francisco Alves Marinho, João de Oliveira (talvez sutil de Oliveira) e Domingos Barbosa (Calheiros?), (105-a).

Essa expedição, que trilhou as sendas rio-grandenses, deveria estar de volta ao povoado piratinigano nos primórdios de 1639, devendo a sua chegada ter coincido, aproximadamente, com a da bandeira de Francisco Bueno.

---

(105-A) Aurelio Porto, *loc. cit.*, 115 e seguintes, baseado em ampla documentação jesuítica, a propósito da bandeira que êle designa por de "Caazapaguassú", a qual é a que eu chamo de "bandeira de Farnão Dias" concorda com todas as minhas afirmativas, principalmente com o que eu assevero no "O Bandeirismo" de que essa bandeira foi a derrotada em Caazapaguassú, onde morreram 4 paulistas, que parecem ter sido Domingos Cordeiro e seus companheiros, os quais nunca mais voltaram a S. Paulo.



## CAPITULO III

### M'BORORÉ (106), (106,a)

Os paulistas estavam intensamente empolgados pela sua indústria de apresamento do gentio, sem aperceber-se dos demais acontecimentos que interessavam a lusitanidade, ou antes, a ibericidade, pois Portugal ainda se achava sob a tutela da Espanha, no duro cativeiro, que vinha desde 1580, ou se quizerem, desde 1598, quando Felipe II faleceu se iniciando o duro período de Felipe III.

Nessa ocasião, na Europa, a catolicidade, representada pelos "tercios" espanhóis, pelos espadas dos

---

(106) *"Teve M'Bororé importantissimo papel e as consequencias mais notáveis nos factos da história Sul-americana.*

*Não houvessem os hespanhóis al conseguido deter o avanço paulista e talvez tivessem as bandelras chegado apossar-se não só da mesopotamia parano-uruguaya, ou pelo menos feito na zona entrerriana o que haviam conseguido no Guayrá". Taunay "Historia Geral", vol. II, 309.*

Além disso:

O prof. Taunay, v. II, 348 da "*Hist. Geral*", diz, se referindo a M'Bororé:

*"Graças a esta victoria não fora Buenos Ayres tomada pelos paulistas nem o Paraguay, Santa Cruz de la Sierra e o Perú Invadido".*

(106-A) E' evidente e escapa o limite estreito de mera opinião que, a máxima importancia de M'Bororé, na história planaltina, reside na forma indireta como atuou na gente paulista.

Sim, porque reteve, a uma distancia imensa do planalto piratiningano a quase totalidade da população válida da região (cêrca de 300 a 600 moradores com 3 a 4.000 índios), justamente no momento nevrálgico, em que passavam os acontecimentos mais decisivos no evoluir histórico do planalto, como a restauração politica de Portugal.

Então se decidia se o planalto ficava ou não atreído ao carro português e nessa ocasião a região tinha que deliberar sem que pudesse dar opinião a quase totalidade dos moradores válidos.

Só os colaboracionistas e os Inválidos resolveram.

Essa gente não poderia resolver doutra forma!

Foi o fracasso da aclamação de Amador Bueno e a aclamação de D. João IV.

Tilly ou dos Wallenstein, encarniçava-se na mais tremenda luta, que o mundo já vira, nas batalhas cruentas da guerra dos Trinta Anos. A Espanha, pelejando contra a Holanda, a França e a Suécia, principiava a ver, no céu do seu destino, as fulgurações de Breda, mas além disso também, as notas tristes de Évora, como a pronunciar a derrota naval das Dunas, a revolta da Catalunha, a conspiração Pinto, etc. A Pernambuco chegára Maurício de Nassáu, e com êle houve um período de grandeza para o domínio holandês no Nordeste. Logo depois, velejando para o sul, com cêrca de 40 navios e 5.000 homens, e transpondo a barra baiana, a 16 de abril de 1638, no afã de levar além a conquista, permanece o príncipe batavo, por mais de um mês, defronte à capital das colônias luso-hispano-americanas.

Nada disso interessava aos paulistas, cuja atenção estava toda voltada para as entradas no sertão e o apresamento indígena <sup>(107)</sup>. A indiferença era evidente, (Taunay, "*Hist. Seiscentista da Villa de São Paulo*").

Em 1638, três grandes expedições bandeirantistas, ou, pelo menos duas empenhavam-se concomitantemente nas asperesas do sertão agreste, além da luta tremenda, levada a efeito contra o gentio, que se defendia do apresamento planáltino. Afóra essas cinco empreitadas de caça ao índio, acima mencionadas, nas quais se destacavam os nomes aureolados dos chefes, Raposo Ta-

---

(107) O eminente prof. Taunay, sempre em sua *Historia Geral das Bandeiras Paulistas*, no volume II, pág. 302, conseguiu iluminar esse capítulo do nosso memorável passado, descobrindo o nome de mais um chefe paulista dessa bandeira derrotada no combate de M'Bororé. Foi o nome de João Pires, segundo a testemunha Manuel Vidal, que depôs em um processo de inquerito mandado realizar em Buenos Aires, pelo almirante Don Luiz de Aresté. Esse João Pires teria sido irmão de Salvador Pires de Medeiros, mameiucó com 1/8 de sangue americano e tio de Manuel Pires, outro chefe da bandeira derrotada em M'Bororé, segundo o prof. Taunay, *loc. cit.*, pág. 305. Essa opinião do mestre entretanto não condiz com os documentos. V. nota III-A.

vares, Francisco Bueno, André Fernandes e Fernão Dias, contra o extremo sul, aprestava-se uma outra, composta, entre outros, dos seguintes sertanistas, que consegui identificar, graças a documentos arquivais paulistas: Domingos Cordeiro, Fernão Dias Borges, Matias de Oliveira e Pedro de Oliveira. ("Inventários e Testamentos", vols. VIII e IX), (107-a).

Manuel Pires teria sido o filho de Beatriz Pires (Silva Leme, vol. II, pág. 4), irmã por parte de pai de Salvador Pires de Medeiros e de João Pires, acima nomeado.

Entretanto o João Pires, acima nomeado, poderia também e com muito mais probabilidades, ter sido o capitão João Pires Monteiro, então com cerca de 40 anos, filho de Salvador Pires de Medeiros, mencionado na "Genealogia Paulistana" I, 132. O seu nome consta do ról da bandeira, identificada pelo falecimento de Sebastião Gonçalves.

Salvador Pires de Medeiros, nasceu aproximadamente em 1580, de modo que seu filho, João Pires Monteiro, teria nascido em 1600 e falecido em 1667, apud Silva Leme, *loc. cit.*

Salvador Pires de Medeiros, em 1602, fez parte da bandeira de Nicoláu Barreto, de modo que, o seu nascimento em 1580, é verosímil.

(107-A) Fernão Dias Borges era filho de Simão Borges de Cerqueira e de Leonor Leme e portanto primo de Fernão Dias Paes, "o caçador de esmeraldas" e primo também de Pascoal Leite Paes, da bandeira assinalada em Caacapaguassú, em 1638. Isso reforça a minha suposição de que Fernão Dias Borges e seus companheiros estavam na bandeira dos primos referidos quando foram batidos em Caacapaguassú e aprisionados pelos jesuitas vencedores, teriam sido entregues a D. Pedro de Lugo, governador do Paraguai. Mas Borges era também, cunhado do grande Raposo Tavares e isso, se não destrói a hipótese acima, faz com que, outra seja mais provável.

Matias de Oliveira era filho de Juliana de Oliveira, neto de Tristão de Oliveira e bisneto do cavaleiro fidalgo Antonio de Oliveira, (Silva Leme, "Genealogia Paulistana", VIII, 483). Eram portanto, já quatro gerações do Brasil. Que após a Portugal deveria ainda subsistir?

Pedro de Oliveira, filho de Raphael de Oliveira, o velho, era genro de Domingos Cordeiro, sobre quem é altamente recomendável um magistral estudo feito pelo Dr. J. P. Leite Cordeiro, publicado no "Diário Carióca" de 28-11-43.

A estes é preciso se acrescentar Valentim Cordeiro, nome que segundo prova o Dr. Leite Cordeiro (*loc. cit.*), também deveria fazer parte dos desventurados companheiros do valoroso Domingos Cordeiro.

Os paulistas continuavam a sua invasão, buscando o peramento onde este se afigurava promissor. Os espanhóis se indignavam, ante esse procedimento e tudo faziam por atalha-lo. D. Juan de Lisarazu, presidente da Audiencia de Charcas escrevia ao rei D. Felipe IV, extra vasando todo o seu apaixonamento em data de 10 de agosto de 1637.

"*Vayan abrindo paso y camino al Perú como lo hacen y de manera que han llegado menos de ochenta leguas de la ciudad de San Lorenzo de la Varranca en Santa Cruz de la Sierra*".

Não sei que bandeira tenha tomado essa direção quando toda a falsa bandeirante estava concentrada no Tapo e no Uruguay!

Dirigindo-se ao sertão do Rio Grande do Sul, foi essa bandeira, entretanto, infeliz, a ponto de serem mortos os bandeirantes seus componentes, acima mencionados, não havendo em São Paulo mais notícias a seu respeito, o que dá a entender que tenha sido aniquilada.

E' o que se vê das inquirições a que se procedeu em São Paulo, (Inventários e Testamentos", vol. VIII pág. 138, e XIV, págs. 199, 253 e 213): "...conforme afirmam e juram numero de testemunhas de experiencia que bem sabem o risco e perigo do dito sertão...", (107-b).

A-pesar-de não possuir elementos que positivamente o assegurem, acho que essa expedição tenha sido aniquilada na luta travada com os jesuítas de Tape, porque, nessa época, as razias bandeirantes se orientavam, indiscutivelmente, para essa região rio-grandense. Além disso, na data em que deveria ter

---

(107-B) O caso da bandeira desaparecida de Domingos Cordeiro, constitue um mistério insoluvel!

Diversas são as hipóteses, surgidas para se explicar essa página da tragédia do apresamento.

Essas hipóteses são as seguintes:

a) Domingos Cordeiro e seus desventurados companheiros desapareceram quando na bandeira de Raposo Tavares em 1636.

A favor dessa hipótese militam as datas em que foram procedidos os inventários, feitos, segundo dizem os documentos, sete anos depois do desaparecimento. Ora, como os inventários de Domingos e dos seus companheiros foram feitos em 1643, quer dizer que, sete anos antes temos 1636, exatamente quando teve lugar a bandeira de Raposo Tavares. Além disso, é de registrar que Fernão Dias Borges era cunhado de Raposo Tavares.

b) Domingos Cordeiro e seus companheiros teriam feito parte da bandeira derrotada em Caaçapaguassú e aí teriam sido mortos ou aprisionados e levados ao Paraguai e tendo morrido.

c) Domingos Cordeiro e seus companheiros teriam constituído uma bandeira autonoma, entre 1635 e 1640.

Tambem esta hipótese é muito provável.

Devemos resolver o caso, dentro dessas hipóteses, não perdendo de vista que, a documentação jesuítica, afirma que, quando na expedição de M'Bororé, os paulistas eram unanimes em dizer que procuravam os desaparecidos seus companheiros, (Aurelio Porto, *loc. cit.*) que haviam deixado familias no planalto, etc.

Estes, eu penso, seriam Domingos Cordeiro e seus parceiros.

Estarei certo?

sido destroçada a bandeira sob exame, — segundo nos ensina o padre Teschauer, na sua "História do Rio Grande do Sul", — iniciava-se entre os jesuítas, índios e castelhanos, uma enérgica reação, contra as incursões audaciosas da gente de São Paulo, tendo sido travados combates, em que os jesuítas, com seus índios armados, lograram, por vezes, levar de vencida os bandeirantes, que tão longe avançavam do seu ninho planaltino.

De fato, em 1639, teriam conseguido os índios e jesuítas, dirigidos pelo guerreiro Nhienguirú e pelo padre Alfaro, esmagar uma bandeira paulista, num combate em que foi morto o padre Alfaro, tendo perdido a vida, igualmente, grande quantidade de paulistas, ao passo que outros, prisioneiros, fôram pelos padres entregues ao já célebre Pedro de Lugo y Navarro, governador do Paraguai, então em visita às missões da margem direita do Uruguai.

Ter-se-ia dado êsse combate nas proximidades de Caaçapaguassú, em começo de 1639, quando a bandeira avançava pela margem direita do Uruguai, segundo diz Teschauer; Aurelio Porto, *loc. cit.* Os prisioneiros teriam sido levados por Don Pedro de Lugo para Assunção, onde teriam sido libertados (108).

Acho possível que, a bandeira de Domingos Cordeiro e de seus companheiros tenha sido nessa oca-

---

(108) Basilio de Magalhães na sua "Expansão Geographica", 122 diz que:

Em 1638 assenhorearam-se os paulistas da "Provincia do Uruguay" Vencedores em Caaró. EM CAAZAPAGUASSU' em Caazapamint e em San Nicola, expulsaram da região aos jesuítas, os quaes, com os restos dos indigenas não aprisionados e com as relliquas das demais aldeias evacuadas, foram incorporar-se ás reduções já existentes entre o Uruguay e o Paraná, ou formar novas missões nesse territorio mesopotamico, donde mais tarde de 1687 a 1707, — quando os bandeirantes trocaram a caçada humana pela caça do ouro, — voltaram a fundar os SETE POVOS, famosos pelas luctas a que deram ensejo no melado do seculo XVIII e só definitivamente integrados na soberania portugueza em 1801".

sião, a esmagada por Nhienguirú, perecendo no combate os bandeirantes, que não mais tornaram ao povoado paulistano.

A propósito dessa bandeira, existe, entretanto, uma curiosidade notável, que é o fato de Domingos Cordeiro e Fernão Dias Borges, dois sertanistas dados como desaparecidos, figurarem como signatários do testamento de Sebastião Gonçalves, feito no sertão em 163... (talvez 1639) ("Inventários e Testamentos", vol. XI, pág. 500). Ora, Sebastião Gonçalves faleceu no ano de 1641, no sertão, em companhia da bandeira chefiada por Jerônimo Pedroso de Barros, da qual tratarei em breve. Esse fato me leva a supor que, houvesse ligações entre a bandeira desaparecida de Domingos Cordeiro e a de Jerônimo Pedroso!

Ou, então, o que me parece mais provável, Sebastião Gonçalves fez o testamento no sertão, quando aí penetrou, anteriormente, em companhia da infeliz bandeira de Domingos Cordeiro, (108-a). A falta de

O prof. Taunay se refere a esse feito na sua "*Hist. Geral*", II, 254 e segs., dizendo que de acordo com documentação existente, abundante e inêdita o vencido pelo governador D. Pedro de Lugo em Caszapamini foi Pascoal Leite Pais, irmão de Fernão Dias e assinalado na nominata da bandeira de Fernão acima referido.

Isso faz supor que:

a) A bandeira de Fernão, qual pertencia Pascoal, foi a batida por D. Pedro de Lugo.

b) A bandeira de Fernão foi a mesma que a dos acima nomeados, que caíram prisioneiros, enquanto que, Fernão se salvára e voltára para S. Paulo, com o grosso da bandeira.

(108-A) Essa hipótese me parece muito viável, porque o testamento de Domingos Cordeiro ("*Inv. e Tests.*" VIII), feito em setembro de 163. (provavelmente de 1635, diz o Dr. Leite Cordeiro, *loc. cit.*), prova que ele, nessa ocasião estava em aprestos para seguir em bandeira para o sertão. Estou de pleno acôrdo com o emérito Lr. Leite Cordeiro.

Ora esse testamento foi assinado por Sebastião Gonçalves. Isso não prova, mas oferece um indício forte de que ambos faziam parte da mesma bandeira, tanto mais que, depois Domingos Cordeiro, também assinou o testamento de Sebastião Gonçalves, ("*Inv. Tests.*" XI). Com esses indícios tão veementes, não é demais se concluir que Sebastião e Domingos militaram juntos na mesma quadrilha de assalto, antes de

outros elementos impede, porém, que as conheçamos amplamente, e deixa na escuridão do mistério um informe mais completo sobre essa bandeira que encontrou a desdita no sertão, provavelmente de além-Tordesilhas.

Até o ano de 1641, haviam já os paulistas conseguido expulsar os jesuítas de todo o território do Tape, bem como assenhorear-se das reduções do Uruguai. Eis que sai do planalto uma algára bandeirante que não voltaria aureolada com os louros da vitória!

Não é difícil avaliar que essa bandeira planaltina, que, em 1641, iria defrontar-se, a cerca de 2 mil quilômetros de São Paulo, com os seus inimigos instalados em suas bases, deveria ser muito volumosa em efetivos (109).

Toda a população válida do planalto teria ido combater em M'Bororé!

Sim, muito poucos se teriam abtido da empreitada!

---

1640, a qual possivelmente teria sido chefiada por Raposo Tavares, Pascoal Leite Paes, ou por Fernão Dias; como possivelmente teria sido uma bandeira autónoma.

(109) O padre Ruyer no seu famoso Relatório, diz que, o numero dos paulistas era de 400 brancos e 2.700 índios, diz Taunay a pág. 332 do vol. II da "*História Geral*", tendo anteriormente afirmado que Ruyer reduzia o total paulista a 350 brancos e 1.200 "tupys".

O irmão Simon Mendes, em uma carta a outro leigo da Companhia, Diogo Molina também reduz o numero dos paulistas, dando o total destes 400 brancos 2.000 índios.

O padre Diaz Taño em carta ao padre Diogo Montiel consigna o total paulista em 400 brancos e 2.500 índios. (Taunay 337, 338, 339, vol. II; "*Hist. Geral*").

O padre Teschauer eleva esses numeros para 500 a 600 brancos em mais de 4.000 índios com 700 armas de fogo. (Taunay; *loc. cit.*, 311, II vol.).

Os jesuítas eram muito mais numerosos.

Só índios tinham 4.200, poucos brancos, mas cerca de 700 armas de fogo. (Taunay, *loc. cit.* 311 e segs.). A população planaltina não era muito maior.

Parece que no Rio Grande do Sul, combatendo em M'Bororé estava a totalidade da população masculina de S. Paulo, não contando os velhos, crianças, enfermos, inválidos e tímidos. Os documentos paulistas fêzo afirmam. Assim a aclamação de D. João IV, que teve lugar no planalto, enquanto os habitantes da região estavam ausentes, só reunia 30 assinaturas.

A aclamação de D. João IV era feita apenas por uma trintena de moradores.

Uns pouco de combatentes teriam ido ao Nordeste, a reforçar as hostes desanimadas do infeliz conde de Tôrre. Cerca de cincoenta paulistas, (é o que dizem os documentos), foram nesse ano ampliar os lusos que se empenhavam na restauração do Nordeste, (109-a).

De tão grande monta imediata foi o combate de M'Bororé que, os jesuítas, ainda aterrorizados, pela audácia mameluca, não tiveram coragem de tornar a atravessar o Uruguai, sinão muito tempo depois.

Mas, os efeitos imediatos dessa súbita e encarniçada resistência dos jesuítas ao preamento planaltino fôram imensos, pois ela delimita o máximo da penetração sulina dos moradores de Piratininga. Não fôra essa resistência, que então se manifestou mais eficiente e enérgica, os paulistas teriam dilatado mais para o sul a sua penetração!

Dai, a maior importância, para nós, do conhecimento pormenorizado dos sucessos que delimitaram a penetração dos nossos maiores em terras castelhanas, (110).

Qual teria sido a expedição paulista estacada no combate infeliz do M'Bororé? (110-a).

---

(109-A) Isso prova exuberantemente que o planalto não tinha gente para realizar êses capítulos, pois a sua gente masculina válida devia estar ausente, empenhada em outras atividades, em região muito distante.

(110) Por mais importante que diretamente tenha sido o combate do M'Bororé, de muito maior importância, para nós, foi o que esse encontro bélico, indiretamente determinou. Foi o fato de estar combatendo em M'Bororé, o grosso, ou antes a quase totalidade da população masculina do Planalto que determinou o fracasso do movimento nativista de Amador Bueno. Então só uns poucos planaltinos puderam fazer valer as suas vontades e o fizeram no sentido de continuar o Planalto preso ao carro português. Os outros planaltinos estavam em M'Bororé e não foram ouvidos a propósito de matéria de tanta monta.

(110-A) Parece que, militarmente, o combate de M'Bororé não teve grande vulto, pois a 13 de Março de 1641, isto é, depois do combate, quando as hostes da parte vencida deveriam estar desfalcadas, enfra-



Até à década passada, nada se sabia em tôrnò dêsse feito, no tocante à sua autoria. Quando publiquei a primeira edição do meu "*O Bandeirismo*", vistoriando a documentação paulista, levantei a probabilidade de haverem sido os paulistas chefiados por Jerônimo Pedroso de Barros. Mais tarde, o insigne mestre e meu prezado amigo Professor Taunay, comentando a documentação espanhòla, obteve a confirmação absoluta de que, na verdade, se tratava de Jerônimo Pedroso de Barros (*O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano*, de minha autoria, e Taunay, "*História Geral das Bandeiras Paulistas*", vol. II, pág. 302). Baseava-me eu, para chegar àquela conclusão, no fato de que, em 1641, Jerônimo Pedroso se encontrava no sertão dos "índios Gonaíazes e do rio Grande" (*Inventários e Testamentos*, vol. XI). Ora, segundo o mapa da época, do padre Nicolau Henard, de 1640, os índios gonaíazes localizavam-se precisamente na região serrana do Rio Grande do Sul. O mesmo afirma Teodoro Sampaio (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo especial, vol. II, pág. 593) sòbre os guanás, nome do qual gonaíazes é, evidentemente, uma corruptela <sup>(111)</sup>. A êsse propósito, v. ainda Aurelio Porto, *loc. cit.*

Graças ainda à documentação paulista que analisei, e que se consubstancia no inventário de Sebastião

---

quecidas, desorganizadas, batidas, moralmente rebaixadas, etc., o capitão Manuel Pires, chefe paulista, escreveu uma carta aos jesuitas, cujos termos o prof. Taunay reproduz na sua já tantas vezes citada "*Hist. Geral das Bandeiras Paulistas*", II, 322.

Por essa carta, vê-se que o exercito paulista estava intato, com a sua organização material perfeita, o seu moral excelente, sem perdas materiais.

Disso conclue-se que o combate de M'Bororé, se teve funda repercussão política, entretanto não passou de simples escaramuça, sem vulto militar. O tom da carta aílirma isso.

Os escritos jesuíticos, com o fito de ampliar, os méritos da companhia e de seus índios é que deram o volume de combate encarniçado a um simples encontro de patrulhas, sem estrondo, sem mortos numerosos, etc.

Gonçalves, podem ser identificados os seguintes nomes de sertanistas planaltinos que tomaram parte no combate: cap. Jerônimo Pedroso de Barros (cabo da tropa) e seu irmão cap. Antônio Pedroso de Barros, cap. Antônio da Cunha Gago (o Gambeta), Baltasar Gonçalves, Bartolomeu Alvares, Sebastião Gonçalves (o falecido), Antônio Rodrigues (?), Clemente Alvares, Simão Borges, (o néto e filho de Maria Borges e de Francisco Barreto?), João Leite, Matias Cardoso (de Almeida?), Pero Nunes Dias, Domingos Furtado, Miguel Lopes, Mateus Alvares, Pero Lourenço, Amador Lourenço, *João Pires Monteiro*, Pedro Cabral, Domingos Pires Valadares, Sebastião Pedroso Baião, Antônio de Aguiar, Antônio Fernandes Sarzedas, Antônio Carvalhais e João de Pina. ("Inventários e Testamentos", vol. XI, págs. 500-507), (111-a).

Essa bandeira, no sertão em setembro de 1641, só deveria ter chegado ao povoado paulistano, em agosto do ano seguinte, data em que, judicialmente, foi iniciado o inventário de Sebastião Gonçalves. Outros contingentes dessa bandeira, derrotada em M'Bororé, chegaram em outras datas posteriores.

(111) O professor Taunay obteve ciência a respeito dessa bandeira derrotada em M'Bororé por um relatório do padre Claudio Ruyter, o qual, com a data de 6 de Abril de 1641, relata todos os detalhes desse sucesso. O que é extranhavel é que esse relatório já era conhecido do público, tendo sido publicado em 1905 no tomo X da Revista do Inst. de São Paulo, pags. de 528 a 552!

Alfás esse relatório fala apenas de um modo vago. O que parece dar um cunho mais positivo ao nome de Jeronymo Pedroso, é uma carta do Padre Ruyter ao Padre Zurbano cousa referida por Taunay na pág. 302 do vol. II da "*Historia Geral*".

(111-A) O Prof. Taunay, na sua "*Hist. Geral*", II, 303, diz que João Pires teria sido um dos chefes paulistas em M'Bororé. Esse João Pires, teria sido *João Pires Monteiro*, da lista supra, filho do grande sertanista Salvador Pires de Medeiros.

João Pires Rodrigues, como identifica o Prof. Taunay, estava em S. Paulo a 10 de Março de 1641, como se vê em "*Atas*", vol. 5; 76.

Este João Pires era extremado leuitófilo e isso nos oferece uma probabilidade de que não tivesse sido ele o bandeirante de M'Bororé.

## CAPÍTULO IV

### AINDA M'BORORÉ

Derrotada a bandeira paulista, de forma que acima descrevemos, ela se encaminhou para o Planalto, parceladamente. Parte da bandeira chegou ao povoado paulistano em agosto de 1641, quando foi procedido judicialmente, na Vila, o inventário de Sebastião Gonçalves, como vimos no capítulo acima.

Outros grupos das forças planaltinas só arribaram ao Planalto, muito mais tarde, em virtude de marcha mais lenta, ou qualquer outra circunstancia.

Assim, em dezembro desse ano, fez testamento no sertão Luiz Dias, identificando um dos grupos retardatários de M'Bororé, o qual era composto dos seguintes planaltinos:

Vicente Bicudo <sup>(112)</sup>. Luiz Dias, Francisco Correia, Antônio Gil, Sebastião Gil, Pedro Furtado, . . . Batista, Antônio Lopes Mello, (*Inv. e Tests. XIII, 434*).

Este grupo, acima mencionado, só chegou ao povoado em setembro de 1642, quando foi processado, em juizo o inventário de Luiz Dias.

Outros bandos deveriam ter aportado à vila, em épocas diferentes.

---

(112) Este Vicente Bicudo deve ter sido o segundo dêsse nome, mencionado por Silva Leme, como Vicente Annes Bicudo, filho do povoador Vicente Bicudo, o velho, e de Anna Luiz Grou, cujo nome eu suponho fôsse o inglês Grew, corrompido em Grou, estirpe que se amalucou.

Não foi porém diretamente a derrota militar de M'Bororé, a que determinou maior dano ao Planalto!

O maior prejuizo à região decorreu da ausencia do elemento masculino, afastado, no sertão do Rio Grande do Sul, justamente quando se desenrolavam, no Planalto, os sucessos mais decisivos na vida colonial da região, que foram os que rodearam as aclamações de Amador Bueno e do Duque de Bragança, e os que constituíram a primeira tentativa americana de libertação da Metrópoli européia.

De fato, a campanha de apreseamento no Rio Grande do Sul, em 1641, da qual foi capítulo o infeliz encontro de M'Bororé, levou para fóra da região planaltina a totalidade quase que absoluta da população masculina, bem como a qualidade mais eficiente para uma ação política, como a que fez falta no Planalto.

Esta teria sido a maior desgraça, causada ao Planalto pela perrota de M'Bororé.

## CAPITULO V

### M'BOTETHEY - MARACAJÚ - M'BOY M'BOY

Feita a restauração da soberania lusa, com o sucesso da aclamação de D. João IV, e ocorrido o retumbante fracasso do primeiro movimento nativista americano, que foi a aclamação de Amador Bueno, houve, também o reerguimento das fronteiras hispano-lusas, na America sulina.

Com isso, o apresamento, nas reduções jesuíticas em terras hispano americanas, se não ficou inteiramente impossibilitado, entretanto ficou muito prejudicado e muito dificultado.

Mas apesar disso, ainda o Nordeste açucareiro, ocupado pelo batavo, continuava a exigir imperiosamente a continuação do fornecimento do braços para as suas lavouras, sempre famintas de mão de obra.

Assim os planaltinos, máu grado as dificuldades, tiveram de continuar o apresamento.

Para isso, eles, não podendo continuar a agir no Rio Grande do Sul, tiveram a subita fortuna de encontrar no Paraguai, um magnifico auxiliar. Foi o Bispo D. Bernardino de Cardenas, inimigo dos jesuítas, elevado em 1640 a Bispo da Diocese do Paraguai e mais a governador do Paraguai.

Assim a atividade apresadora se transmudou ao Paraguai e disso passamos a ter notícias.

Logo em 1644, Jerônimo Bueno, segundo Pedro Taques na "*Nobiliarchia*", sofreu grande derrota no Paraguai. Em 1645, encontramos nos documentos paulistas, uma grande bandeira ("*Inv. e Tests.*", XI, 347 a 370), chefiada por João Mendes Geraldo (genro de Vicente Bicudo), e composta de um número grande de paulistas, quinze dos quais identificados (Ellis, "*O Bandeirismo Paulista e o Recúo do Meridiano*", 1.<sup>a</sup> ed., 132).

Em 1646, os documentos paulistas assinalam outra importantíssima bandeira saída do Planalto (Ellis, "*O Bandeirismo Paulista e o Recúo do Meridiano*", 1.<sup>a</sup> ed. 133), a qual provavelmente se dirigiu ao Paraguai aproveitando-se de ação anti-jesuíta do Bispo Cardenas.

Em 1647, encontramos, de acôrdo com os documentos paulistas, a bandeira de Antônio Nunes que vávelmente, também, agiu no Paraguai, (Ellis, "*O Bandeirismo Paulista e o Recúo do Meridiano*", 1.<sup>a</sup> ed. 144).

Em 1648, encontramos entre as muitas expedições que foram ao Paraguai, as quatro seguintes: <sup>(112-A)</sup>.

a) — *A do Capitão Antônio Domingues*, da qual sabemos de 26 nomes de paulistas identificados, (Ellis, "*O Bandeirismo Paulista*", 144).

b) — *A do Capitão Antônio Pereira de Azevedo*.

(Ellis, "*O Bandeirismo Paulista*", 146.

Carvalho Franco "*Bandeira e Bandeirantes*", 74).

---

(112-A) Essas quatro bandeiras seriam partes da mesma expedição rapostana, é o que penso.

c) — *A do Mestre de Campo Raposo Tavares e do Capitão André Fernandes.*

d) — *A do Capitão Francisco de Paiva.*

Depois dessa investida no Paraguai, feita pelos planaltinos, em virtude do período em que esteve no governo do Paraguai o inimigo dos jesuítas, bispo Bernardino de Cardenas, deposto êste e reintegrados os inacinos, os apresadores abandonaram o Paraguai, e volveram ao Sul, para aí tentarem o proseguimento da faina da sua indústria.

## CAPITULO VI

# CONCLUSÕES

De acôrdo com o sustentado neste trabalho, posso sintetizar tudo nos seguintes postulados, que enuméro, além de outros, que aí já se acham assinalados:

1. — O homem — como fator na história brasileira é elemento de grande valor, pois é êle quem realiza o único fenômeno de civilização sôbre o Equador, aí estabelecendo o único país independente, e o único núcleo de povo civilizado. O fator ambiente geográfico brasileiro é que é o responsavel não só pela heterogeneisação da gente ao longo deste país, como no seu desnivelamento em matéria de eficiência.

2.º — Com isso, há disparidade nas evoluções históricas das partes luso-americanas, não havendo ligação entre elas, mesmo porque, não havia comunicações multiplas, faceis e baratas, entre as mesmas. Eis o que diz Capistrano de Abreu no seu "*Capitulos de História Colonial*", Oliveira Viana no seu "*Populações Meridionaes*", e Vicente Licinio Cardoso, no seu "*A Margem da História do Brasil*", 62 a 64.

3.º — Assim sendo, o meio geográfico não oferece grandes riquezas ao Brasil, que, longe de ser um país rico, encontra toda a sorte de dificuldades para o seu desenvolvimento, onde um homem privilegiado, porfia contra toda a especie de inimigos e arestosidades. Precisamos banir o espirito do meufanismo do



estudo da História, que deve ser científico e imparcial a não panegirista e ditirâmico. (112-a).

4.º — O bandeirismo só teve lugar em São Paulo. Ele fez falta alhures.

Esse fato inegável, teve lugar, porque aqui não medrou vitoriosamente a indústria extrativa do páu brasil, ou a indústria agrícola do açúcar, ao contrário do que aconteceu em outras partes do Brasil.

5.º — O homem prosperou no planalto paulista de uma forma muito diversa de que alhures. Aqui êle manifestou sempre capítulos diferentes no cenário histórico. Aqui houve o bandeirismo, e desde então, o homem no planalto paulista vem sempre dando mostras do heterogeneidade, até que hoje êle apresenta um índice médio de produção per capita, muito diverso do de qualquer outro no país. Pergunta-se: porque?

Causas biológicas, atuando sobre o homem e sobre os demais seres orgânicos, talvez tenham influido nessa diferença que se manifesta inequívoca.

Sim, porque se todos partiram igualmente do ponto zero, o único fator a assim produzir, só poderia ter sido um que agisse ininterruptamente sobre o homem e sobre os demais seres orgânicos. Esse fator só poderia ter sido o meio geográfico ou o ambiente físico, e depois o meio social.

---

(112-A) Certo já ha, entre nós, uma campanha eficiente, no sentido de banir do estudo da Geografia esse enganador, ilusionador e mistificador espirito do "me ufanismo".

Já não é sem um sorriso de mofa que se houve os panegiricos despidos de senso, de inteligência, de lógica, etc., ao "maior rio do mundo" às "ribombantes catadupas de Paulo Afonso" ao "maior parque industrial da America do Sul", etc.

Não basta isso, porém!

E' preciso se rever a nossa história e não persistir em mante-la nessa atmosfera de inverdades, cultuando ditirambos encadeados por medalhões, o que representa a politica da avestruz com todas as suas más consequências.

Oliveira Viana têm se mostrado de opinião que, para aqui veio uma gente selecionada. "*Evolução do Povo Brasil*". — "*Pop. Meridionaes*").

Paulo Prado, acha que o fator isolamento, teria produzido isso aqui, e não, onde êle não atuou. Êle isolamento geográfico, só se fazendo sentir no planalto, em virtude das deficientes comunicações, então existentes com o litoral, a gente planaltina teria se refinado em isolamento sanguíneo, econômico, social, etc., que não seria<sup>o</sup> de se observar alhures. ("Paulística"), (113).

Paulo Prado se estriba em que, a decadência já teria se implantado em Portugal no reinado de D. João III, quando se iniciou o povoamento.

Não creio! Eu penso que foi o meio geográfico, o responsável pelo desnível desigulador.

Eis o clima! Eis o sôlo! Eis a posição geográfica! Eis as demais manifestações do ambiente, a agir dirêta ou indiretamente, sôbre as demais circunstâncias da evolução econômica, dos acontecimentos políticos, etc. de cada aglomerado brasileiro!

6.º — O Norte das colônias lusas, era opulentíssimo enquanto que o Sul era pauperrimo. (Roberto Simonsen, "*História Econômica do Brasil*", vol. 1), justamente porque S. Vicente não podia explorar o pau-brasil e perdera a primeira batalha do açúcar (114).

7.º — A bandeira de Nicoláu Barreto teria tomado o caminho do Guairá e nunca o do Norte, como

---

(113) O próprio idioma falado popularmente no planalto paulista, não era o português, usado nos demais núcleos coloniais luso-brasileiros, mas sim o guaraní.

Eis a toponímia planaltina nos mostrando isso, com os nomes de Anhemby, Anhangabahú, Tamandautehy, Jaraguá, Patuahy, Apotribú, Itamburé, Cutly, Ajubá, etc.

Os nomes de santos da religião católica foram apostos à nomes ameríndios emprestando o caráter religioso à toponímia.

queria Derby. Foram muitos os documentos descobertos pelo professor Taunay e por mim. (V. nota 37).

8.º — A bandeira de Nicoláu Barreto, teria ido até ao Perú, com possibilidade, até Potosi. Calogeras na sua "*Política Exterior do Imperio*", vol. I, se manifesta contra isso, mas eu penso que não haveria impossibilidade, uma vez que, a bandeira esteve tanto tempo, fôra do povoado. De fatol Onde teria ela estado? O que teria ela estado fazendo?

9.º — Entre a escravidão do índio bravo das selvas, ainda não civilizado e o índio manso das reduções jesuíticas, já catequizado, já chamado a si pela civilização, os bandeirantes, evidentemente, preferiam estes. E' a própria razão natural das cousas que isso faz raciocinar. Também assim se manifesta Basilio de Magalhães, "*Expansão Geographica*", 117, citando Capistrano.

10.º — Os escritos jesuíticos não podem ser tidos, senão como depoimentos de testemunhas informantes, porque êles são naturalmente apaixonados, como provindo de participos, que tomaram intima parte na luta e não como julgados de juizes.

11.º — Os paulistas não eram tão malvados e cruéis como os autores históricos, baseados nos escritos jesuíticos, querem os pintar. Eles teriam interesse em poupar a mercadoria humana, que era os apresamentos de índios, que realizavam, de modo que, não pdiam destruí-la, como mostram os escritos dos jesuítas.

12.º — A marcha média dos sertanistas seria de 12 a 15 quilometros por dia, sendo que, excepcionalmente elas andariam pouco mais que isso, mas a regra geral era isso e muitas delas caminhariam apenas 5, 6, 7 ou 8 quilômetros por dia.

13.º — Crcio que as duas bandeiras de Belchior Carneiro e de Martim Rodrigues que em 1607-1608, foram aos Ibirayaras, tomaram o caminho do Guairá, onde ainda se não haviam estabelecimentos jesuíticos, entretanto já havia farto celeiro de índios a apresar.

14.º — O pirata inglês Fenton não coincidiu, na sua vinda à Santos, com a esquadra de Diogo Flores de Valdez, a qual provavelmente encontrou em Santos o pirata inglês Withrington, que atacou Santos em 1582-1583. Fenton teria agido em 1577, portanto cinco a seis anos antes. Evidentemente não podia se tratar d'ele, por mais que demorasse a sua ação com a repressão de Valdez que só saiu da Europa em 1582. Por não ser ainda a Inglaterra inimiga de Portugal, que ainda não estava incorporado aos Felipes, inimigo dos ingleses. Fenton teria procedido, em Santos, não como um inimigo e sim como um simples visitante.

15.º — A invasão de terras castelhanas, a conquista de Guairá, a expansão geográfica paulista, não teve lugar guiado por fins políticos, mas unicamente econômicos. Os paulistas não tiveram como objetivo aumentar as terras portuguesas. Unicamente êles tinham em mente o apresamento do gentio. Êles só pensavam em buscar remedio para suas necessidades econômicas. E' também o que diz Calogeras na "*Politica Exterior do Império*", I.

16.º — Os jesuítas em terras castelhanas teriam visado a constituição de um império teocratico, isto é, êles tinham em vista um objetivo político.

O Prof. Taunay, diz isso na sua "*História Geral das Bandeiras Paulistas*", vol. I, 58.

17.º — Os planaltinos manifestaram a mais absoluta indiferença pelas agruras dos nortistas, quando

êstes guerreavam os holandeses. Os interesses economicos dos paulistas não se afinavam pelos dos demais coloniais, pelo contrário, êles tinham interesse em que demorasse a ocupação batava no Nordêste, para que tivessem monopólio no mercado de escravos e mais valesse a sua mercadoria, com a supressão do tráfico negreiro, em virtude da supremacia naval flamenega.

18.º — Da bandeira de 1628 que assaltou o Guairá, foi chefe Antônio Raposo Tavares, e foram seus componentes também os bandeirantes assinalados no sertão de Ibiaguira, pela morte de um dos seus, que foi o sertanista Luiz Eanes.

19.º — Essa expedição esteve em campanha de Agosto de 1628 a Maio de 1629, só destruindo os estabelecimentos jesuíticos do alto Tibagy, retornando ao povoado paulistânico.

20.º — Raposo Tavares não foi o chefe da conquista paulista no Guairá, em 1630 na sua segunda metade, em que êle é continuamente assinalado em São Paulo; em 1632, porque estava em São Paulo, por ocasião do inventário de sua 1.ª mulher Beatriz Bicudo, e em 1633, porque estava em São Paulo, por ocasião das violencias contra os jesuítas, cousa em que tomou parte ativa, tendo sido ouvidor. Manoel Preto também não podia ter sido o chefe, porque faleceu em fins de 1629 a principios de 1630, tendo a noticia chegado a São Paulo, a ponto de em 22 de julho de 1630, o padre Maceta escrito isso ao padre Crespo. Raposo Tavares só poderia ter agido contra Guairá em 1628, até Maio de 1630 na sua 1.ª metade, ou em 1631.

21.º — Vila Rica del Espiritu Santu, só foi tomada pelos paulistas em 1632; as reduções do baixo

Paranapanema, como Santo Inacio e Loreto só foram ocupadas pelos paulistas nêsse ano; o Itatí, com o burgo castelhano de Santiago de Xerez, só foi tomado, pelos paulistas, em 1633 nos seus meados, sendo que, para atingi-lo era preciso passar por Ciudad Real, que assim se faz mister haja sido ocupada antes pelos paulistas. O chefe dos paulistas teria sido, então o Capitão Simão Alvares com todas probabilidades.

22.º — Em 1635 teve início a luta contra os índios do Rio Grande do Sul, pela bandeira marítima de Aracambí. Os documentos por mim exibidos evidenciam isso. Eu estou mais pela hipótese de que teria sido o Rio Grande o atacado porque existe um mapa da época, constante do Padre Teschauer, na sua "*História do Rio Grande do Sul*", reproduzido pelo Gal. Tasso Fragoso, na sua "*Batalha do Passo do Rosario*", o qual se refere ao Rio Grande, como sendo o Guaíba. Por outro lado Laguna em Santa Catarina, não deveria ter sido o "puerto" dos Patos e do Rio Grande, porque aí não ha rio nenhum de grande porte.

Em 1636, teve lugar o ataque dos paulistas, contra os estabelecimentos jesuíticos do Tape, com a bandeira de Antônio Raposo Tavares, que esmagou a redução de Jesús Maria, a qual segundo o Padre Teschauer foi destruída em 1637, mas, em outra passagem de seu trabalho, êle diz que foi em 1636. Ha um documento referente a M'Bororé reproduzido pelo Prof Taunay ("*História Geral*", vol. II, 323) que, ligando mais uma vês o nome de Raposo ao da redução de Jesús Maria, confirma o feito.

23.º — Em 1637, a bandeira chamada dos Buenos esteve no Rio Grande do Sul, coincidindo a sua localização no Rio Taquary, com uma assinalação do

Padre Teschauer. O professor Taunay na sua "*História Geral*", encampa esta asserção e Aurelio Porto a amplia.

24.º — Em 1638 esteve no Rio Grande do Sul, ou no Tape, e no Uruguai, uma bandeira paulista da qual era chefe Fernão Dias. O que diz respeito a Pascoal Leite, irmão de Fernão que foi derrotado em Caazapaguassú, no Rio Grande, segundo o inquerito de D. Christobal de Valbuena e da carta do Padre Ruyer é igualmente irrespondível. (Taunay, "*História Geral*", vol. II, 254 e seguintes).

25.º — Havia em São Paulo o mais completo desinteresse pela sorte das mais colonias, na primeira metade do seiscentismo, angustiadas pelos holandeses, ao que assistiam indiferentes os paulistas, preocupados unicamente com o seu interesse.

26.º — Os índios e os jesuítas, na sua tremenda luta contra os paulistas, não se conservavam em tímida e indeclinável passividade; elles reagiam à mão armada e muitas vezes levavam a melhor em prelios que travavam ardidis. Essa reacção foi desde o inicio, pois segundo Taunay, comentando a defesa de D. Luiz de Cespedes a isso se refere na sua "*Hist. Geral*", II, 175.

27.º — Os paulistas derrotados no combate de M'Bororé, estavam comandados por Jerônimo Pedroso, segundo atesta Taunay, na sua "*Hist. Geral*", II, 302, a confirmar o que eu já havia firmado como hipótese no meu "*O Bandeirismo e o Recúo do Meridiano*".

28.º — O encontro de M'Bororé marca à expansão paulista para o Sul, delimitando nessa direcção a força de penetração bandeirante. (V. Taunay, "*Hist. Geral*", II, 309). Mas teve como maior consequência para o Planalto no fato de haver impossibilitado de, a maior e melhor parte da população planaltina, ter

tomado parte no movimento nativista da aclamação de Amador Bueno e ter, com isso determinado o fracasso do mesmo, fazendo com que o Planalto continuasse na nação portuguesa.

29.º — Penso que a população do planalto paulista no início dos seiscentismo, não iria a mais, nem seria menor que 6.000 habitantes, dos quais 2.000 brancos e mamelucos. Uma gente que faz partir para o sertão expedições numerosas como a dos bandeirantes, não poderia ter uma população inferior. A relação entre a Capitania de S. Vicente e a Baía, seria de 1 para 17, e a de S. Vicente para Pernambuco seria de 1 para 8.

30.º — O número de índios apresados em estabelecimentos jesuíticos, segundo todos os elementos de que dispomos, subiu à várias centenas de milhares.

Ora, para que tanto se as lavourinhas do Planalto não absorveriam, no século XVII, em que a maior miséria lhe batia às portas, nem a décima parte? Não haveria precisão de o apresamento enfrentar tanto esforço, sacrifício, lutas hostilidades, etc. para realizar tanto apresamento, se os planaltinos não precisassem de tantos apresados, para os enviar para fóra, vendendo para quem lhes pagasse (114).

(114) A proposito da miséria vigente no Planalto paulista, a qual eu considero como extrema, em virtude da absoluta falta de riqueza económica nessa região, o erudito historiador português Jayme Cortezão acha que tem sido exagerada. Em torno da sua opinião, o Professor Cortezão, em artigo publicado no jornal "Estado de S. Paulo", cita uma carta de um morador do Planalto, Manoel João, dirigida em 1636 a Felipe IV. Essa carta contém um tópico precioso para a constituição económica do Planalto, pois ela diz que a produção anual de trigo no Planalto subia ao total de 120.000 alqueires. Restanos verificar o que representava esse total sob o ponto de vista de valor em dinheiro da época; eu, depois de muitas pesquisas nos inventários do século XVII, concluí que, o trigo valia em media 200 réis cada alqueire. Com esses dados eu estabeleci que a safra anual de trigo no Planalto, isto é, os 120.000 alqueires valiam 24 contos, ou sejam 50 mil cruzados.

E' muito? E' pouco?

Para se fazer uma ideia desse total, é preciso recordar que Fernando Cardim e Gabriel Soares nos contam que Pernambuco, de meio



A única atividade trabalhosa que, em grande escala, exigia um número tão grande de apresados era o Nordéste açucareiro.

Dai, conclusão de que o Planalto foi o abastecedor de braços indígenas para o Nordéste.

---

seculo antes, tinha fortunas individuais que subiam de 60 a 80 mil cruzados. Com isso, temos que Pernambuco apresentou um quadro economico, em que as fortunas individuais eram quase o dobro do que valia o total da produção anual do trigo no Planalto.

Pasmem pois os leitores, ante isso!

Assim, pelo argumento apresentado pelo Prof. Cortezão, a miséria Planaltina ainda era maior do que eu pensava. Vejamos agora outra face da questão. Quantos litros seriam 120.000 alqueires? De accordó com Costa Lobo, "*Hist. da Sociedade em Portugal no seculo XV*", 268-269, no tempo do rei D. Sebastião (1557-1578) o alqueire tinha 138 litros. Disso resulta que a safra anual de trigo no Planalto era de 1.656.000 litros, que tinham de ser consumidos in loco, porque não havia exportação, não só pelas imensas dificuldades na travessia da serra de Paranapiacaba, mas ainda pela falta de mercado consumidor.

Assim o Ilustre Prof. Cortezão, querendo nos mostrar que a situação econômica do Planalto não era de miséria tão grande, nos ofereceu um documento que demonstra justamente o contrario. Isto é, que, de acordo com a nossa tése, a miséria planaltina alem de franciscana era também vicentina.



# ÍNDICE

Introdução . . . . .	Pág. 7
----------------------	--------

## PARTE I

### A BANDEIRA DE NICOLAU BARRETO E SUA ÉPOCA.

#### CAP.

I — A chegada de Dom Francisco de Sousa . . . . .	27
II — André de Leão. . . . .	41
III — Nicolau Barreto . . . . .	50
IV — Conclusões . . . . .	81

## PARTE II

### GUAIRÁ E SUA DESTRUICÃO.

I — Depois de Nicolau Barreto . . . . .	85
II — Guairá . . . . .	98
III — A tragedia do Guairá . . . . .	124
IV — Conclusões . . . . .	138

PARTE III  
NO RIO GRANDE DO SUL.

CAP.	Pág.
I — Itati - Tapé . . . . .	143
II — Fernão Dias Pais . . . . .	173
III — M'Bororé . . . . .	177
IV — Ainda M'Bororé . . . . .	187
V — M'Botetey — Maracajú — M'Boy M'Boy . . .	189
VI — Conclusões . . . . .	192